O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

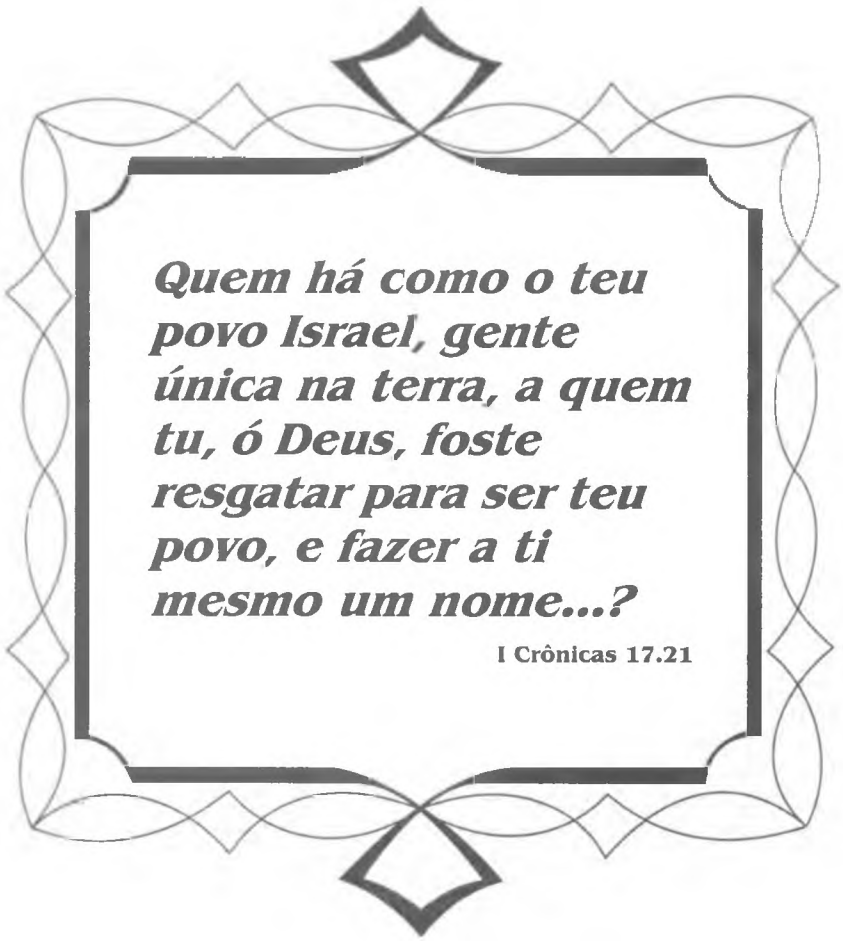
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

1 CRÔNICAS

HAGNOS

I CRÔNICAS

O Livro que Descreve as Façanhas de Davi


Quem há como o teu povo Israel, gente única na terra, a quem tu, ó Deus, foste resgatar para ser teu povo, e fazer a ti mesmo um nome...?
I Crônicas 17.21

I Crônicas

29 Capítulos
942 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Declaração Geral
II. Título
III. Autoria
IV. Data
V. Autenticidade Histórica
VI. Fontes Informativas Literárias
VII. Motivos e Propósitos
VIII. Filosofia e Teologia
IX. Canonicidade
X. Alguns Problemas
XI. Conteúdo
XII. Bibliografia

I. Declaração Geral

I e II Crônicas são livros históricos do Antigo Testamento, contidos na terceira e última divisão do cânon hebraico, *os Escritos e os Hagiógrafos*. Originalmente, esses livros formavam um único volume. Eles narram desde Adão até Ciro (538 A.C.), dando atenção especial a Davi e aos reis subseqüentes de Judá. Essas obras têm sinais de ser uma revisão de livros anteriores e canônicos do Antigo Testamento, sobretudo com base em I e II Samuel e I e II Reis, de acordo com os interesses e idéias do autor. O autor exibe interesse especial pelo templo de Jerusalém, com sua adoração e ritos. Também demonstra interesse especial pela doutrina da retribuição divina. A tradição judaica atribui a obra desses dois livros a Esdras; mas muitos eruditos modernos supõem que eles pertençam a um período posterior, isto é, à primeira metade do século III A.C., do mesmo autor que escreveu os livros de Esdras e Neemias. Se Esdras viveu na primeira metade do século IV A.C., entretanto, não é impossível que ele tivesse sido, realmente, o autor sagrado. Além dos livros canônicos históricos (Gênesis a II Reis), parece que outras fontes também foram usadas. O valor especial dos livros de Crônicas reside nas explicações e avaliações feitas pelo autor sagrado acerca das idéias e instituições do judaísmo de sua época. Alguns estudiosos supõem que esses livros sejam escritos suplementares no espírito dos escritos sacerdotais, *P.(S.)*, embora representem um estágio posterior. Ver o artigo sobre as fontes informativas do *Pentateuco*.

II. Título

O título "Crônicas" foi usado pela primeira vez já nos fins do século IV D.C., em seu equivalente latino, por Jerônimo. A LXX, a versão grega do Antigo Testamento compilada no século II A.C., emprega o nome *Paralipomena*, que significa "coisas omitidas", a saber, omitidas de outros livros do Antigo Testamento, e que o autor sagrado desejava suprir. O nome hebraico desses livros é *Dibre Hayamim*, que significa "anais" ou "história". Nas Bíblias grega e latina e na maioria dos idiomas hebraicos, os livros de Crônicas aparecem entre os livros de Reis e de Esdras, ou entre os livros de Esdras e Neemias. Porém, na Bíblia hebraica, aparecem no fim dessa coletânea. Originalmente, eles formaram um único volume. A divisão retrocede à LXX, o que não foi adotado na Bíblia hebraica senão já na Idade Média. Entretanto, não há evidência de que, originalmente, os livros de Crônicas e Esdras-Neemias formavam um único volume.

III. Autoria

A tradição judaica atribui os livros de Crônicas a Esdras, o escriba que é personagem nos livros de Esdras e Neemias (Esd. 7.6). A tradição talmúdica (Baba Bathra 15a) confirma essa opinião. O trecho de II Macabeus 2.13-15 indica que Neemias reuniu uma extensa biblioteca, a qual provavelmente esteve à disposição de Esdras, para ser usada como fonte informativa. O relato de Esdras-Neemias cobre aproximadamente o primeiro século do estado judeu restaurado, após o retorno do exílio babilônico em 539 A.C., aludindo, principalmente, às atividades de Esdras e Neemias, após uma breve narrativa sobre o retorno dos judeus e a reconstrução do templo de Jerusalém. É bem provável que Esdras tenha sido o autor de ambos os livros. Também é possível que ele tenha sentido que um relato atualizado da história de Israel seria útil para conscientizar a sua geração sobre a importância do templo e da tradição judaica em geral. Os livros de Crônicas, segundo parece, resultam desse desejo. O elo entre o final dos livros de Crônicas e o começo do livro de Esdras, bem como a similaridade de ponto de vista desses livros, sugere que eles formam uma unidade. E isso, por sua vez, sugere uma autoria única. Adições de natureza histórica, muito tardias para Esdras, podem ser explicadas como obra de escribas posteriores, que atualizaram os livros. Assim, nas genealogias, em I Crô. 3.19-25, os nomes dos descendentes de Zorobabel, até a sexta geração (na LXX, até a décima primeira geração), e a lista dos sumos sacerdotes, em Nee. 12.22, continuam até Jadua, que, conforme Josefo explica, viveu na época de Alexandre, o Grande, tendo falecido em 333 A.C., o que ultrapassa a época de Esdras, pelo que deve representar essas adições às quais acabamos de nos referir. Em favor da autoria de Esdras temos igualmente o fato de que nenhum dentre os demais nomes sugeridos adapta-se tão bem aos fatos, como um todo, como o nome de Esdras.

IV. Data

Esdras retornou a Jerusalém em 457 A.C. O templo de Jerusalém foi reconstruído em 520-515 A.C., mas a lassidão geral prevalecia no tocante à observância apropriada das instituições judaicas. Portanto, Esdras anelava por melhorar a situação. Neemias retornou à Palestina em 444 A.C., e novamente, em 432 A.C., como governador do novel estado judaico, provendo a liderança necessária no tocante à reconstrução das muralhas da cidade. Provavelmente, foi durante esse período de ajustamento e reorientação que Esdras escreveu os dois livros de Crônicas. O arqueólogo W.F. Albright defendeu a autoria de Esdras, datando a escrita desses livros entre 400 e 305 A.C. Porém, alguns estudiosos pensam em uma data tão tardia quanto 250 A.C., supondo que escribas posteriores tivessem feito uma compilação, incluindo algum material que obviamente dizia respeito a um período posterior ao de Esdras. No entanto, esse material pode ser justificado como adições feitas por escribas posteriores, com o intuito de atualizar a obra.

V. Autenticidade Histórica

O autor sagrado aventura-se a incluir material ainda não contido nos livros canônicos anteriores do Antigo Testamento. Os críticos têm posto em dúvida a historicidade desse material adicional. Todavia, W.F. Albright dá-nos a seguinte garantia: "Os livros de Crônicas contêm grande quantidade de material que aborda a história de Judá, e não se encontra nos livros dos Reis e... o valor histórico desse material original está sendo confirmado pelas descobertas arqueológicas" *(Bulletin Am. School of Oriental Research* 100, 1945, pág. 18). É verdade que o autor sagrado usou muitas fontes informativas (ver o ponto sexto, abaixo), mas parece que ele se mostrou cuidadoso na seleção que fez. Acresça-se a isso que é bom lembrar que os hebreus eram muito sensíveis à história, e pelo menos desde 1000 A.C. em diante os relatos apresentados por ele têm sido achados bastante exatos.

VI. Fontes Informativas Literárias

O próprio autor sagrado refere-se a vários escritos que contêm novas informações sobre a história de Israel; e, apesar de não afirmar especificamente que se utilizou deles, é isso o que se pode deduzir. Os livros de Crônicas distinguem-se por serem as obras do Antigo Testamento que mais alusões fazem a fontes externas aos livros sagrados.

Muitas dessas fontes informativas estão agora perdidas.

As Fontes Informativas:

1. *Registros oficiais*, talvez existentes na biblioteca de Neemias, incluindo outros livros do Antigo Testamento:

a. A história do Rei Davi (I Crô. 27.24).
b. Os livros canônicos dos reis (II Crô. 16.11; 25.26; 27.7; 28.26; 32.27; 35.27 e 36.8).
c. O livro da história dos reis (II Crô. 24.27).
d. A prescrição de Davi, rei de Israel, e a de Salomão, seu filho (II Crô. 35.4).
2. *Escritos e registros proféticos:*
a. Samuel (I Crô. 29.29).
b. Natã (I Crô. 29.29 e II Crô. 9.29).
c. Gade (I Crô. 21.9).
d. Ido (II Crô. 9.29; 12.15 e 13.22).
e. Aías (II Crô. 9.29).
f. Semaías (II Crô. 20.34).
g. Jeú, filho de Hanani (II Crô. 12.15).
h. Isaías (II Crô. 26.22; 32.32).
i. Hozai (II Crô. 33.19).
3. *Diversas outras fontes.* Listas genealógicas e documentos oficiais (II Crô. 32.10-15); as cartas de Senaqueribe (II Crô. 32.10-15); as palavras de Asafe e Davi (II Crô. 29.30); o documento com planos para a construção do templo de Jerusalém (I Crô. 28.19). Essas fontes informativas não são, necessariamente, todas elas, documentos separados. Além dos escritos canônicos do Antigo Testamento, que contêm a essência da mensagem dos profetas, também há um número regular de escritos que lhes são semelhantes, mas nunca fizeram parte do cânon do Antigo Testamento.

VII. Motivos e Propósitos

Esdras já vinha atuando ativamente em Jerusalém, como mestre da lei, por mais de uma década, antes que Neemias chegasse como governador, em 444 A.C. A obra de Neemias renovou os interesses espirituais do povo judeu, o que pode ter sido aproveitado por Esdras como a ocasião apropriada para reforçar esse avanço, pondo em dia os escritos históricos de Israel. Se o povo judeu adquirisse maior orgulho a respeito de sua história e de suas tradições religiosas, sentir-se-ia mais fortalecido em uma época de renovação. Alianças foram renovadas, festas religiosas foram celebradas (Nee. 8—10). O livro não declara especificamente o seu propósito; mas, com base em seu conteúdo, podemos obter uma boa idéia sobre ele. O autor sagrado não queria meramente repetir a história. Ele não apresentou fatos, deixando de mencionar muitos deles. Porém, por trás dessa sua nova narração da história, ele tinha certo propósito teológico e filosófico. Por exemplo, ao descrever o reinado de Davi, ele demonstrou a supremacia militar e os interesses religiosos desse grande rei de Israel. Relatou, com abundância de detalhes, as coisas que Davi realizou, como se estivesse dizendo obviamente ao povo: "É chegado o tempo de restaurar as coisas, em consonância com o estilo davídico". Ele retratou Salomão sob luzes favoráveis, visto que foi Salomão quem construiu o templo de Jerusalém. Sem dúvida é significativo que a apostasia de Salomão, tão cuidadosamente delineada no décimo primeiro capítulo de I Reis, seja inteiramente omitida nas Crônicas. É que o autor sagrado queria projetar um exemplo positivo, que pudesse ser seguido; e ele não queria obscurecer esse ponto, narrando os aspectos negativos do relato. E o autor sagrado usou do mesmo esquema ao relatar os atos de outros reis. As virtudes deles foram enfatizadas, para que pudessem servir de bons exemplos.

VIII. Filosofia e Teologia

A fim de transmitir a sua mensagem, o autor sagrado teve a inspiração de apresentar pontos de vista e propósitos específicos. Ele tinha uma filosofia a comunicar.

a. A *lei da colheita segundo a semeadura.* Deus ocupa-se da retribuição, de uma maneira ativa. A história não é algo que meramente acontece. Há uma reconhecida relação entre causas e efeitos, e essas causas e efeitos estão baseadas em condições morais. O vigésimo primeiro capítulo de II Reis, que é a base de II Crônicas 33, diz muita coisa má a respeito de Manassés. Porém, nas mãos do autor sagrado dos livros de Crônicas, esses atos errados não foram relatados, porquanto isso seria incompatível com o longo e pacífico reinado de Manassés. E o autor também teve o cuidado de narrar o exílio e o arrependimento de Manassés, mostrando como ele retornou a Israel a fim de levar uma vida caracterizada pela piedade (II Crô. 33.11-13).
b. A *questão da autoridade.* A fim de que a vontade de Deus seja cumprida entre o povo, é mister que haja uma autoridade apropriada, estabelecida entre os homens, com líderes legítimos. Os primeiros 405 versículos dos livros de Crônicas enfatizam esse tema.
c. *O davidismo.* Davi é o grande herói que o autor sagrado pintou com cores brilhantes, a fim de que pudesse ser o grande exemplo heróico para o povo judeu seguir. As questões éticas sempre foram importantes. O autor sagrado diz que Davi traçou planos cuidadosos para a construção do templo, algo que não é revelado em outras fontes informativas. No entanto, isso era importante para o propósito do autor sagrado. Ele precisava de exemplos claros sobre o uso apropriado do templo e de seus rituais. Davi e Salomão servem de exemplo sobre a preocupação apropriada a respeito dessas coisas. Precisamos estar interessados em cumprir a vontade de Deus.
d. *Uma ênfase exclusiva.* Os lances mais antigos do Antigo Testamento, como a história dos patriarcas, o êxodo, a conquista da Palestina etc., quase não são mencionados. Isso se harmoniza com o propósito do autor sagrado de salientar o templo de Jerusalém. Por essa razão, a sua narrativa não é proporcional, e, quanto a esse aspecto, deixou de ser história, para tornar-se muito mais uma crônica. Poderíamos chamar essa narrativa de história *selecionada,* compilada para servir a um propósito religioso e prático. Alguns eruditos fazem objeção a essa distorção, acusando o autor sagrado de ter reescrito a história. Porém, parece melhor supormos que essa porção do livro não tivesse o propósito específico de ser história, no seu sentido comum. Há porções dos livros de Crônicas que são mais tratados religiosos, baseados historicamente .

IX. Canonicidade

Desde que se completou o cânon do Antigo Testamento ou Bíblia hebraica, os livros de Crônicas foram adicionados. Esses livros foram incluídos por Josefo dentro dos vinte e dois livros em que consistia o cânon hebreu. Mas então a arrumação dos livros era outra, e esse número correspondia aos nossos mesmos trinta e nove livros. Segundo se pode depreender de seus escritos, parece que Josefo acreditava que o cânon do Antigo Testamento se havia completado por volta de 400 A.C. Os livros de Crônicas ficavam dentro da classe dos *Escritos,* a terceira divisão do cânon hebraico. Aparecem em último lugar dentro da coletânea da Bíblia hebraica original; mas isso parece estar de acordo com um arranjo histórico, não servindo de indicação de prioridade canônica. Quanto a maiores detalhes sobre a questão, ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Cânon do Antigo Testamento.*

X. Alguns Problemas

a. A questão da data e da autoria é criada pelo problema que cerca o trecho de I Crô. 3.19-24, bem como a lista dos sumos sacerdotes, em Neemias 12.22. Ambas as passagens ultrapassam a época de Esdras. Podemos encarar isso como indicação de que os livros foram escritos após a época de Esdras ou então como indicação de que a obra original foi expandida por escribas posteriores. Ver a discussão sob *Data* e *Autoria.*
b. Alguns críticos não se satisfazem com a implicação dos livros de Crônicas de que Davi fez todos os planos relativos ao templo de Jerusalém e estabeleceu as guildas de cantores. Eles supõem que isso promova uma espécie de davidismo, segundo o qual Davi seria manipulado como uma espécie de herói, a fim de inspirar o povo a interessar-se pelo templo e seu ritual. Porém, o

arqueólogo W.F Albright descobriu evidências em prol da assertiva de que essas guildas musicais não somente remontam aos dias de Davi, mas até mesmo aos tempos dos cananeus, muito antes da época de Davi *(The Old Testament and Archeology,* conforme citado por Alleman e Flack, em *Old Testament Commentary,* pág. 63). E há fontes informativas egípcias que se referem a músicos cananeus durante o segundo milênio A.C.; e os fundadores das guildas musicais nos registros do Antigo Testamento têm nomes cananeus.

c. *Novos informes históricos.* Nos pontos em que os livros de Crônicas vão além da história canônica do Antigo Testamento, têm sido levantadas algumas dúvidas. Sobre tais questões, entretanto, Albright declara que as descobertas arqueológicas têm confirmado coerentemente a historicidade dos livros de Crônicas. Ver o quinto ponto, *Autenticidade Histórica.*

XI. Conteúdo

I. *Genealogias de Adão a Saul* (I Crô. 1.1–9.44)
   1. De Adão a Noé (1.1-4)
   2. Dos filhos de Noé a Jacó e Esaú – (1.5-54)
   3. Os filhos de Jacó (2.1–9.44)
      a. Judá, a linhagem real (2.1–4.23)
      b. Outras tribos (4.24–8.40)
      c. Levi (6.1-81)
      d. Oficiais do templo (9.1-34)
      e. Saul (9.35-44)

II. *Davi, o Grande Exemplo* (I Crô. 10.1–29.30)
   1. Morte de Saul (10.1-14)
   2. A captura de Sião e os guerreiros de Davi (11.1–12.40)
   3. Davi como rei (13.1–21.30)
   4. Contribuição de Davi para o templo (22.1–29.30)

III. *História de Salomão* (II Crô. 1.1–9.31)
   1. Sua sabedoria e prosperidade (1.1-17)
   2. Construção do templo (2.1–7.22)
   3. Sua obra e sua morte (8.1–9.31)

IV . *Os Reis de Judá* (10.1–36.23)
   1. De Reoboão a Zedequias (10.1–36.21)
   2. O decreto de Ciro, o exílio e o retorno (36.22,23)

XII. Bibliografia

ALBR AM BRI IB KEI ND ROW Z

Ao Leitor

Na *Introdução* provi ao leitor informações sobre tópicos tais como caracterização geral, título, autoria, data, autenticidade histórica, fontes literárias, motivo e propósitos dos livros (I e II Crônicas), filosofia e teologia, canonicidade, problemas especiais e conteúdo. O leitor sério não começará a estudar a unidade literária de I e II Crônicas sem se informar, primeiramente, quanto a esses tópicos gerais. Uma única introdução foi provida para ambos os livros, visto que eles formam uma só unidade literária, e, de fato, na Bíblia hebraica original, formavam um só livro.

Ao que tudo indica, foi a versão grega, a Septuaginta, que separou pela primeira vez o material em dois livros, visando mais fácil manuseio. Esse arranjo tem sido seguido pelas traduções modernas.

"I e II Crônicas deveriam ser lidos juntos a fim de ser apreciada a *unidade* e o desenvolvimento progressivo do argumento dos livros" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Relações para com I e II Samuel e I e II Reis. Mais da metade de I e II Crônicas apresenta paralelos diretos com os quatro livros mencionados. É provável que esses livros não sejam citados diretamente. Antes, têm fontes informativas comuns, que cada autor-compilador utilizou em consonância com os seus propósitos. O principal entre eles foi o livro não-canônico da *História dos Reis de Israel e de Judá.* Esse livro é citado por 32 vezes em I e II Reis. Ver a introdução ao capítulo 24 de II Reis quanto a comentários a respeito. Vários outros livros informativos foram utilizados para compilar I e II Crônicas, e apresento uma discussão detalhada sobre essa questão na introdução à sexta seção, intitulada *Fontes Informativas Literárias.* Ver também a exposição sobre I Crô. 29.29, onde várias obras informativas são identificadas pelo autor sagrado.

Uma Filosofia da História. O texto de I e II Crônicas é mais do que uma simples narrativa histórica. O leitor que suponha estar lendo somente uma história pode achar esses livros embotados e repetitivos. Mas, quando se reconhece que eles representam um esforço de expor a filosofia da história dos hebreus, combinada com profundas afirmações teológicas, então os livros adquirem vida e, de fato, tornam-se uma produção literária ímpar do cânon bíblico hebraico.

O autor sacro escreveu depois do cativeiro babilônico e quis demonstrar que a tribo de Judá (que sobreviveu àquele evento) tinha autoridade tanto política quanto espiritual para dar continuação ao povo de Israel. A *dinastia davídica* provia a continuação política legal, e os *ministros levíticos* proviam a continuação espiritual. Tanto a dinastia davídica quanto o ministério levítico sobreviveram ao cativeiro.

Cinco Princípios Normativos da Filosofia da História:

1. *Deus* controla a existência humana e intervém na história da humanidade. Deus pôs o homem sob uma *obrigação moral.* Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário).*
2. Deus havia estabelecido formas de adoração que promoviam o yahwismo. Seguir o que era espiritualmente apropriado resultava em uma vida de bênçãos, ao passo que negligenciar a espiritualidade apropriada (governada pela legislação mosaica) acarretava a síndrome do pecado-calamidade-julgamento que, ao manifestar-se, era sempre destrutiva.
3. Deus se manifestava através da *revelação.* Ele assim se manifestou no passado e continua a fazê-lo no presente. Esse é um importante aspecto do *teísmo,* em contraste com o *deísmo* (ver sobre ambas as idéias no *Dicionário).* Deus faz intervenções contínuas entre os seres humanos.
4. Por toda a parte nos livros de Crônicas, a dinastia davídica é exaltada, porquanto foi com base nessa autoridade, após o cativeiro, que Israel pôde continuar como unidade política, a despeito do fato de que uma única tribo, Judá, provia a continuação. Além disso, visto que um número suficiente de levitas retornou do cativeiro, havia autoridade espiritual investida na tribo isolada de Judá, de modo que a história de Israel pôde continuar através dessa tribo. Assim, revestido de autoridade política e espiritual, Judá pôde continuar a história de Israel, a despeito de os dois cativeiros, o assírio e o babilônico, terem reduzido Israel a quase nada.
5. *A lei moral da colheita segundo a semeadura* (ver sobre esse assunto no *Dicionário*). A obrigação moral operava através da legislação mosaica. Essa lei fazia de Israel um povo distinto (anotado em Deu. 4.4-8), e esse povo foi considerado responsável por todos os seus atos. As calamidades, bem como os cativeiros, podiam ser explicadas com base na síndrome da colheita-semeadura. Os sucessos e as bênçãos também podiam ser explicados sobre essa mesma base.

Um Contraste. Os livros de I e II Reis apresentam a história dos reinos de Israel e Judá. Mas a unidade formada por I e II Crônicas limita-se ao reino unido (Saul-Davi-Salomão) e então aos reis de Judá.

Escopo. A unidade de I e II Crônicas cobre o período da morte de Saul (cerca de 1050 A.C.) até o cativeiro babilônico (597 A.C.). Esses livros oferecem um relato mais completo sobre os reis de Judá do que os livros de I e II Reis, a despeito de muito material repetido. Naturalmente, as genealogias (capítulos 1-9) retrocedem até Adão, mas dificilmente isso pode ser considerado parte do escopo histórico dos livros de Crônicas.

Capítulo Um

Genealogias de Adão a Saul (1.1 – 9.44)

De Adão a Noé (1.1-4)

O verdadeiro escopo histórico do livro de I Crônicas abrange somente da morte de Saul ao reino de Davi. Mas os capítulos primeiro a nono apresentam uma série de genealogias para vincular os reis do Reino Unido (e então aqueles de Judá) com os propósitos históricos e as operações de Deus. O autor sagrado enfatizou o fato de que *Deus* trouxe, da história antiga, um *povo escolhido.* Davi foi o *rei ideal,* a quem todos os reis deveriam imitar.

Na dinastia davídica (constantemente exaltada pelo autor sacro) o Israel pós-exílico tinha autoridade *política* que permitia sua continuidade, embora através de uma *única* tribo, Judá. Nos ministérios levíticos, residia a autoridade *espiritual* da nação.

Houve a criação física do mundo, e então houve Adão e a humanidade, mas da humanidade veio o *povo escolhido,* a nação de Israel. Os capítulos 10 a 29 são dedicados a Davi e ao seu reinado, visto que *em Davi* o propósito divino operou para a formação da nação, seu templo e seu culto.

"As genealogias foram dadas para mostrar que Davi e Judá foram escolhidos por Deus; que a seleção divina pode ser traçada de volta aos tempos patriarcais e até pré-patriarcais" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

É evidente, na maioria dos casos, que o autor-compilador *copiou* diretamente as genealogias, com pouquíssimas modificações, e deve ter usado outros livros do Antigo Testamento para fazer suas compilações. No primeiro capítulo de I Crônicas, as genealogias foram copiadas do livro de Gênesis, mas não foi propósito do autor meramente repetir nomes. Ele usou os nomes seletivamente para incluir nações, tribos e indivíduos que fossem relevantes ao seu desígnio geral.

Os Nomes Próprios e o Dicionário. No *Dicionário,* provi artigos sobre quase todos os nomes próprios das genealogias. As pequenas omissões são comentadas nos textos dos quais essas genealogias foram tomadas por empréstimo.

A história idealizada de Israel (Judá) começa com Saul, o primeiro rei do reino unido. Saul aparece dentro do propósito divino por meio de uma história passada das operações de Deus. As genealogias, pois, fazem-nos relembrar essa história.

"Essas listas originaram-se em um propósito sério e sagrado, pois estabelecem os direitos de várias famílias levíticas na Jerusalém do pós-exílio, para que pudessem cumprir suas funções sagradas. E também davam sustento às reivindicações de outras famílias importantes da comunidade judaica, as quais, por conseguinte, consideravam-se, verdadeiramente, filhos de Abraão e herdeiros da promessa divina. Significava muito para homens leais e devotados ler os nomes de seus antepassados em uma lista aprovada. O interesse genealógico não se relacionava *somente* a questões de dignidade e títulos de propriedades, vantagens e ofícios. Repousava sobre a profunda e honrosa crença de que o *povo eleito* tinha uma obrigação sagrada, em razão de seu conhecimento do Deus verdadeiro, e do *caminho certo* de adorar a Ele e servir à Sua justa vontade. Com a passagem do tempo, cada indício de informação genealógica digna de confiança foi recolhido, filtrado e, finalmente, coordenado, a fim de formar esses *nove capítulos* (supostamente desinteressantes)" (W. A. L. Elmslie, *introdução* ao primeiro capítulo).

Os vss. 1-34 foram copiados, de forma abreviada, de Gên. 5.3-32; 10.2-29 e 25.1-16.

1.1-4

Os primeiros treze nomes designam os patriarcas antediluvianos. Na seção seguinte, encontramos os fundadores das nações conhecidas pelo autor sagrado, que povoaram o mundo antigo. Em seguida, encontramos a partir do vs. 24 os primeiros ancestrais do povo hebreu. Dessa maneira, o autor sagrado estava desdobrando sua filosofia de história, conforme comentei nos parágrafos introdutórios ao primeiro capítulo de I Crônicas. Todos os nomes próprios recebem artigos no *Dicionário* ou, se omitidos ali, nos lugares de onde o autor sagrado os tomou por empréstimo.

"O ponto aqui salientado é que, quando um judeu adorava a Deus, ele acreditava estar adorando ao Criador e Pai de todos, e cujas 'ternas misericórdias permeiam todas as suas obras' (Salmo 145.9). O universalismo implícito permeia quase a totalidade da grande literatura do período judaico, dando-lhe uma qualidade desvinculada do tempo" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Os nomes que aparecem nos quatro primeiros versículos deste capítulo baseiam-se em Gên. 5.3-32. A história da raça humana é traçada desde Adão (o primeiro homem), passando por Noé e seus três filhos. Isso dá ao cronista uma raiz para o povo através do qual o propósito de Deus haveria de operar. A linhagem davídica seria o passo crucial para um importante estágio das operações divinas. A linhagem de Davi descenderia de Sem (Gên. 9.26,27). E, naturalmente, o Cristo, conhecido como Jesus em Sua vida terrena, teria origem nessa linhagem. Esse passo universalizou o *plano divino* de modo que o autor sacro só poderia ter previsto de forma preliminar. Os hebreus mostraram-se culpados de um nacionalismo às vezes cru. Mas isso não deteve a operação do plano divino. Algo operava neles, e era maior do que aquilo que eles já sabiam. O *caminho cada vez mais largo* foi-se tornando cada vez mais evidente, conforme o tempo foi-se passando.

Dos Filhos de Noé a Jacó e Esaú (1.5-54)

Genealogia de Jafé (1.5-7)

1.5-7

Cf. Gên. 10.2-4, de onde estes nomes foram tomados por empréstimo. Os vss. 5-23 são uma versão compacta do capítulo 10 de Gênesis. Os nomes próprios representam não apenas indivíduos, mas também povos e países. Somando esses nomes, os intérpretes judeus encontraram um total de setenta nações do mundo inteiro. Mas esse foi um cálculo ideal, e não literal, pois sabemos que, de fato, havia muito mais do que setenta povos e nações. Coisa alguma é dita sobre o mundo fora da área do mar Mediterrâneo e terras imediatamente adjacentes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Nações.*

Jafé figura no vs. 5 de nós na ordem reversa, quando comparamos com o modo usual de apresentação. Seus filhos foram os caucasianos, as raças brancas ou de tez clara. Até aqui a história já avançou a algum ponto após o dilúvio.

Genealogia de Cão (1.8-16)

1.8-16

Esta lista é quase igual à de Gên. 10.6-8 e 13.18, e inclui a narrativa abreviada acerca de Ninrode (ver I Crô. 1.10 e Gên. 10.8-12). Isto nos permite concluir que, ao compilar suas genealogias e comentários, o autor tinha diante de si o livro de Gênesis.

Presumivelmente, temos aqui a menção a povos de tez escura e queimada. Quanto a uma discussão detalhada a respeito das teorias envolvidas, ver sobre *Cão,* no *Dicionário.* Ver também sobre *Cuxe,* que na Bíblia é chamado ainda de Etiópia (ver Isa. 19.1). A versão árabe diz *Habesh,* isto é, a Etiópia.

Genealogia de Sem (1.17-27)

1.17-23

Foi de Sem, naturalmente, que se originaram os povos semitas, e isso nos conduz ao povo de Israel e às suas raças irmãs imediatas, incluindo assírios e babilônios. Os semitas eram descendentes de Noé. A história bíblica sobre eles passa por Abraão, por Davi e daí para o Cristo. A base da primeira porção da lista é Gên. 10.22-29. Quanto a notas adicionais, ver os comentários sobre os vss. 24-27.

O artigo do *Dicionário* denominado *Nações* provê um gráfico que nos ajuda a visualizar as informações dadas nessas listas. Esse gráfico fundamenta-se essencialmente sobre Gên. 10.1-32 e I Crô. 1.4-3.

1.24-27

Estes versículos incluem um breve sumário de nomes; os primeiros nomes citados (de Sem até Pelegue) são importantíssimos na apresentação da linhagem de descendência. Além desses, há cinco nomes adicionais oferecidos (de Reú a Abraão; Gên. 11.18-26). O autor sacro não fez menção alguma aos *irmãos* de Abraão, isto é, Naor e Harã (que figuram em Gên. 11.26). Curiosamente, em I Crô. 1.26, Naor é avô de Abraão, e não seu irmão. Os irmãos de Abraão foram deixados de fora por não estarem na linhagem de Davi. Presume-se também que o Naor de I Crô. 1.26 não seja o Naor que foi irmão de Abraão, embora certos intérpretes pensem que haja neste texto alguma espécie de confusão.

Genealogia de Abraão (1.28-34)

1.28-31

Os descendentes de Abraão foram dispostos nesta *primeira seção* de acordo com as mães envolvidas. Primeiramente temos os descendentes de Ismael, filho de *Hagar,* concubina de Abraão (cf. Gên. 25.12-16). Ismael tornou-se fundador de várias tribos ismaelitas e, finalmente, dos povos árabes. O autor sacro considerou importante esse ramo da descendência de Abraão, conforme sabemos de suas repetições. Cf. I Crô. 27.30; II Crô. 17.11; 21.16; 22.1; 26.7. Ver também Nee. 2.19; 4.7 e 6.1.

Os vss. 28 a 42 enumeram uma segunda série de *setenta* tribos ou povos derivados de Abraão. Esses povos originaram-se de três nomes representativos: Ismael, Quetura e Isaque. Os *setenta* povos anteriores derivaram-se de Noé, por meio de Sem, Cão e Jafé. As manipulações do autor sagrado dos nomes e grupos levariam a Isaque, e então a *Israel,* sendo esse o objetivo principal de todas as suas narrativas e listas.

1.32-33

Esta *segunda seção* lista os descendentes de *Quetura.* A seção anterior dava os descendentes da primeira mãe nomeada, *Hagar.* Dessa outra concubina, pois, surgiu outra linhagem. Cf. Gên. 25.2-4. *Doze* tribos derivaram de Quetura. A promessa do pacto abraâmico, de que Abraão seria pai de muitos povos, foi assim abundantemente cumprida. Ver sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18, onde são dadas notas expositivas completas.

O autor sagrado omitiu os descendentes de Dedã que aparecem em Gên. 25.3, talvez simplesmente para manter as listas abreviadas, ou por causa da distância geográfica que separava as terras de Dedã e Judá, o que os tornou desinteressantes para propósito de narrativa do autor sacro.

1.34

Este versículo isolado introduz a *terceira seção* dos descendentes de Abraão. Aqui encontramos a linhagem prometida, isto é, Israel, através de Isaque. Mas o autor sacro deveria primeiramente dar a descendência de Esaú, irmão gêmeo de Jacó (vss. 35-54). Em I Crô. 2.1,2 o autor sagrado chegará, finalmente, ao povo que era o foco de interesse de todas as suas manipulações genealógicas, a genealogia de Judá, de Davi e da dinastia davídica. Ver Gên. 25.19.

Genealogia de Esaú (1.35-54)

1.35

Os descendentes de Esaú estabeleceram-se nas terras de Edom, a leste e ao sul do mar Morto (ver Gên. 36.8). Duas listas distintas são dadas aqui, o que também se ocorre na fonte informativa, o livro de Gênesis. Primeiramente temos os filhos de Esaú (ver I Crô. 1.35-37); então são dados os reis que reinaram em Edom (vss. 43-54). Cf. Gên. 36.20-29 e os vss. 31-43 quanto às duas listas.

1.36-37

Algumas versões apresentam *Timna como* um dos filhos de Elifaz, mas a palavra hebraica é um nome próprio feminino. Timna era concubina de Elifaz, o qual, por sua vez, era filho de Esaú. Ver Gên. 36.12. Ela foi a mãe de Amaleque. O autor sagrado, quanto a esse ponto, foi um tanto descuidado, não deixando claros os detalhes.

Os vss. 38 e 39 dizem-nos que Timna era nativa de Seir (na verdade, filha de Seir), uma tribo pré-edomita. Suas conexões familiares aparecem nos vss. 38-42. Gên. 36.20-29 é a fonte, embora haja algumas leves variantes na forma de escrever os nomes.

As esposas de Esaú são mencionadas no capitulo 36 de Gênesis; mas aqui o autor, em sua condensação de material, deixou-as de fora de sua narrativa.

Filhos de Seir (1.38-42)

1.38-42

A comparação com Gên. 36.20-30 mostra que Seir representa os habitantes indígenas de Edom ("os moradores da terra", Jos. 7.9), *antes* de sua conquista pelos filhos de Esaú. Com o tempo, como é natural, houve a fusão desses povos, ou seja, dos descendentes de Esaú e dos pré-edomitas, resultando daí apenas um povo.

"*Filhos de Seir.* Esse homem e sua posteridade não pertenciam à mesma raça de Esaú, mas são mencionados porque eram uma família na qual Esaú e seus filhos se casaram, e cujas possessões suas famílias, finalmente, obtiveram. A narrativa, dali por diante, até o fim do vs. 42, é idêntica à de Gên. 36.20-28, com algumas variações nos nomes" (John Gill, *in loc.*).

1.43-54

Encontramos aqui as listas dos reis de Edom, e, excetuando alguma pequena variação na maneira de grafar os nomes, o trecho de Gên. 36.31-43 é uma duplicação. Pouco se sabe sobre esses reis, mas seu relacionamento com Israel e Judá era próximo, pelo que o autor sagrado lhes conferiu algum espaço.

Ver Gên. 25.30 quanto ao fato de o termo *Edom* se derivar de Esaú. Esse nome tornou-se a designação da terra das famílias de Esaú e seus descendentes. A mesma ordem dos chefes das tribos aparece aqui e em Gên. 30.31-43. Naturalmente, devemos lembrar que Esaú perdeu seu direito de primogenitura. Ele se tornou o antepassado dos edomitas, habitantes do deserto, mas não estava na linhagem que levou a Davi e, finalmente, a Cristo. Isso não significa, porém, que eles perderam o direito de primogenitura da vida eterna.

O livro de I Crônicas menciona apenas *onze* príncipes de Edom, ao passo que a fonte informativa (Gênesis) dá doze, ou talvez treze príncipes. Talvez um dos nomes tenha sido eliminado do texto antigo que o autor de Crônicas usou; ou então o próprio autor sagrado, em um momento de descuido, omitiu um desses nomes. Seja como for, sem dúvida é historicamente correto falar de *doze* como o número das tribos de Edom, tal como esse era o número das tribos de Israel. Cf. Gên. 36.15-19.

Capítulo Dois

Filhos de Jacó (2.1 – 9.44)

Judá, a Linhagem Real (2.1 – 4.23)

Todos os doze filhos de Jacó foram mencionados, mas, como é evidente, apenas as três tribos do sul — Judá, Simeão e Benjamim _ tiveram importância no plano do autor sagrado. Isso porque o propósito era, finalmente, concentrar a atenção naquela parte de Israel em que a dinastia davídica deveria ser localizada. Dos descendentes de Judá, após o cativeiro babilônico, Israel foi preservado, ao passo que as dez tribos do norte se perderam no cativeiro assírio para sempre. Os samaritanos cresceram nos territórios da antiga nação de Israel. Eles eram uma mistura de *alguns* indivíduos das dez tribos perdidas com um forte elemento pagão. Naturalmente, a preocupação do autor sagrado também envolveu Levi, que tinha deixado de ser uma tribo e se tornara uma casta sacerdotal. Ver no *Dicionário* os artigos *Tribo (Tribos) de Israel* e *Tribos, Localização das.*

Genealogia de Judá (2.1-55)

Filhos de Judá (2.1-4)

2.1-2

O autor sagrado chega agora ao seu destino. Ele mencionou as *doze tribos* de Israel, mas seu verdadeiro propósito era contar o que havia acontecido em Judá, onde Davi se estabeleceu e onde sua dinastia cresceu. "Davi e a dinastia davídica eram judeus, e assim é apenas natural que a genealogia de Judá seja traçada em primeiro lugar" (Eugene H. Merrill, *in loc.).*

Agora as *famílias dos hebreus* são destacadas. Cada indivíduo é salientado como "o filho de". Em contraste com os gregos e os romanos (e também conosco), o indivíduo era relacionado à sua família, e as genealogias tinham importância. A existência de um homem era um fragmento da existência de sua família. Para os hebreus, a *família* não era apenas uma unidade doméstica, mas a comunidade inteira; e a comunidade participava de uma série de pactos espirituais, que tornavam todos os indivíduos de uma família sujeitos às bênçãos especiais de Deus. Havia um forte relacionamento de pacto com todas as suas obrigações, e esse fato distinguia Israel das outras nações do globo.

2.3-4

O autor sagrado poupou seus leitores da sórdida história (Gênesis 38) dos filhos de Judá, dois dos quais (Er e Onã) foram mortos pelo julgamento divino, ao passo que o terceiro, Selá, foi impedido de casar-se com Tamar. O autor apressou-se para contar-nos sobre Judá (com Perez e Zera) a fim de seguir a linhagem através de Perez, até Davi e sua dinastia.

Judá. "A genealogia começa por ele, embora fosse o quarto filho de Jacó, porquanto, conforme disse Kimchi, o livro trata principalmente dos reis de Judá, e também porque (digo eu) Jessé e Davi vieram dele, como também o rei Messias" (John Gill, *in loc.*).

Tamar. Esposa de Er. A história de seu incesto com Judá, cujo fruto foram os gêmeos Perez e Zera, é contada em Gên. 38.8-30.

Genealogias de Perez e Zera (2.5-8)

2.5-8

O autor sacro apresenta uma condensação de sua fonte informativa, o livro de Gênesis, dando somente uma seleção de nomes. O versículo quinto baseia-se em Gên. 46.12. Um período de quase 500 anos é coberto em apenas quatro gerações, o que é claramente impossível. Datas: Zera (cerca de 1877 A. C.) até Acã (cerca de 1406 A. C., Josué 7).

Observações:

1. *Filhos* tem o sentido de *descendentes* em vários casos, como, por exemplo, o pai de Carmi nunca é mencionado, enquanto seu *filho* é chamado de Acã, o infame "perturbador de Israel" (Jos. 7.1).
2. Talvez Zinri (vs. 6) seja uma forma variante de Zabdi, porquanto na história do pecado de Acã (Josué 7) o "perturbador" é chamado de filho de Carmi, o qual, por sua vez, era filho de Zabdi (Jos. 7.1).
3. Zera foi um ancestral, e não o pai literal de Etã, Hemã, Calcol e Dada. O verdadeiro pai deles foi Maol (ver I Reis 4.31). Eles foram renomados sábios, aos quais Salomão foi comparado (I Reis 4.31; Salmo 89, no título).
4. Na história de Acã, diz o trecho de Jos. 7.25: "Por que nos conturbaste?" (no hebraico, *'achartanu*), o que demonstra que seu nome era, realmente, *Acar*. A palavra hebraica traduzida por "conturbação" é *acor*. Seja como for, houve um jogo de palavras para chegar à designação "perturbador".

Genealogia de Hezrom (2.9-20)

A linhagem escolhida continuou através de Hezrom, filho de Perez, o qual era, por sua vez, um dos filhos de Judá. Dali a descendência chega a Davi, conforme se vê também em Rute 4.18-21. A linhagem inclui aqui a família imediata de Davi, suas meias-irmãs (I Crô. 2.16,17). No artigo do *Dicionário*, chamado *Davi*, provi um gráfico ilustrativo sobre Davi e sua família, e explico como os vários ramos foram originados por certo número de mulheres. Ver também o gráfico em I Sam. 17.12, que traça a linhagem real de Abraão a Davi, onde vários nomes correspondem às listas do presente capítulo.

2.9-20

Observações:

1. Rão (vs. 10) foi um dos antepassados de Davi. Quelubai (vs. 9) não é o mesmo Calebe, companheiro de Josué, embora esta seja uma forma variante do mesmo nome próprio.
2. Os calebitas e jerameelitas (vss. 9, 25 e 42) originalmente não eram hebreus, mas edomitas que abandonaram seu estilo nômade de viver e se estabeleceram no território sul de Judá. Com o tempo, passaram a ser considerados hebreus por associação, casamentos mistos e fé religiosa.
3. Vss. 6 e 21. Nenhuma outra referência é feita aos filhos de Zera, nem ao fato de que os hezronitas entraram em Canaã com os hebreus de Gileade (vs. 21). Isso mostra que o autor do presente relato possuía mais material informativo diante dele do que apenas o livro de Gênesis.
4. Os vss. 9-41 traçam as linhagens dos filhos de Perez através dos hezronitas. Essa família originou-se de três linhagens: a de Jerameel, de Rão e de Quelubai. Os vss. 10-17 traçam a linhagem de Rão, visto que dele se derivou a linhagem real. Rute 4.18-22 dá a linhagem de Perez até Davi. Confira as genealogias em Mat. 1 e Luc. 3.
5. Cf. o vs. 11 com Mat. 1.4 e Luc. 3.32. Ocorrem diferenças quanto ao modo de grafar os nomes.
6. Os vss. 13-17 dão-nos a família de Jessé, pai de Davi. A forma de escrever o seu nome no hebraico é *Yishai* no vs. 12, mas *'Ishai* no vs. 13. Sete filhos são mencionados aqui, mas I Sam. 17.12,13 diz que houve *oito filhos*. Ver também I Sam. 16.6-10. O texto presente omite Eliú, o qual, na versão siríaca, é o sétimo filho, ao passo que Davi é o oitavo. Talvez Eliú possa ser identificado com o Eliabe de I Sam. 16.6. Ver também I Crô. 27.18.

2.21-24

Observações:

1. *Segube* foi outro filho de Hezrom, que nasceu da filha de Maquir, o qual era filho de Manassés (Gên. 50.23). Maquir era pai de Gileade (ver Núm. 26.29).
2. A história da conquista de sessenta cidades de Gileade, por Gesur e Arã, é registrada somente aqui, de forma que o autor sacro continuava a usar fontes informativas desconhecidas para nós hoje em dia, livros extracanônicos ou histórias isoladas.
3. Asur nasceu após a morte de seu pai, Hezrom. Sua mãe era Abia (vs. 24).
4. Os vss. 21-24 volvem nossa atenção para outros hezronitas, separados da casa de Quelubai. Eles apontam para um elemento hezronita na Gileade de Manassés. É demonstrada uma conexão entre Jair e as duas tribos de Judá e Manassés, conforme se vê neste quadro:

Judá	Manassés
Perez	Hezrom (que se casou com uma filha de Maquir, chefe de Gileade)
Segube	Jair

5. *Jair* tornou-se a designação de um grupo de famílias aparentadas ou clãs que ocuparam vinte e três cidades.
6. *Havote-Jair*. Ver sobre essa combinação de nomes próprios no *Dicionário*. É difícil reconciliar as diferentes declarações sobre *Havote-Jair*. Cf. Juí. 10.3,4; Jos. 13.30 e I Reis 4.13. O artigo mencionado tenta alcançar alguma reconciliação.

2.25-41

Observações:

1. *Jerameel*, filho mais velho de Hezrom, é mencionado em último lugar. Sua descendência familiar aparece somente aqui em todo o Antigo Testamento, e, ao que tudo indica, isso foi extraído de relatos extracanônicos. Os jerameelitas eram vistos como um clã intimamente relacionado a Judá no tempo de Davi (ver I Sam. 27.10).
2. Conforme vimos nos comentários sobre os vss. 9-20 (ponto 2), esse povo não era originalmente hebreu, mas tornou-se hebreu, com todos os propósitos práticos.
3. Consultar I Sam. 17.10 quanto a uma declaração paralela sobre esses povos.
4. O *Rão* do vs. 25 não é, naturalmente, o homem mencionado no vs. 9, que tinha o mesmo nome.
5. *Onã*. As ramificações do clã que se originaram desse homem aparecem nos vss. 28-34. De *Seiede* em diante não surgiram subdivisões, ou porque ele não teve filhos, ou porque seus filhos não se multiplicaram formando clãs.
6. Curiosamente, o total dos nomes dados, de Judá a Zaza (vs. 33), chega ao número místico de *setenta*. Cf. Gên. 46.27 e o primeiro capítulo deste livro. Ver também os comentários sobre I Crô. 1.5-7. Os cálculos, entretanto, são idealistas, e não literais, pois reduções os promoveram.
7. O vs. 34 contradiz o vs. 31. *Alai* é, provavelmente, o nome de um clã, e não de um indivíduo. Para reconciliar as declarações, alguns eruditos acreditam que Alai era uma filha, mas outros pensam que as duas afirmações tenham vindo de fontes informativas diferentes, que já estavam em conflito.
8. Os vss. 35-41 traçam treze gerações da linhagem de Sesã-Jará. Coisa alguma se sabe sobre os membros desses clãs, à parte do texto presente. *Elisama* (vs. 41) foi a vigésima quarta geração a partir de Judá. A lista prolonga-se por cerca de 720 anos. Se supusermos que o êxodo ocorreu em cerca de 1330 A. C., então chegamos a cerca de 610 A. C. como a data de Elisama. Cf. Jer. 36.12 e 41.1.

Genealogia de Calebe (2.42-55)

2.42-55

Observações:

1. Estes versículos voltam aos ramos calebitas. Ver o vs. 9, onde temos *Quelubai*, uma forma variante do mesmo nome. Mas não está em foco aqui Calebe, companheiro de Josué, e provavelmente Quelubai não era descendente direto de Calebe. O homem deste versículo era o terceiro filho de Hezrom. Ver também os vss. 18-20, onde ele é introduzido de modo breve. Seguem-se agora os detalhes.
2. Vários dos nomes pessoais dados aqui (Zife, Jos. 15.24; Tapua, Jos. 15.34; Maressa, Jos. 15.44; Hebrom, Jos. 15.54; Requém, Jos. 18.27; Samai, I Crô. 2.44 etc.) tornaram-se nomes locativos. A maioria desses lugares ficava dentro do território de Judá, sendo provável que calebitas estivessem envolvidos na fundação de vários deles. Os calebitas e os jerameelitas originalmente não eram hebreus, mas tornaram-se virtualmente hebreus por motivo de casamentos mistos, associações e adoção da fé religiosa.
3. "De particular interesse são as referências a Belém (I Crô. 2.51,54), lugar do nascimento tanto de Davi quanto de Jesus. A cidade foi ou fundada ou nomeada de acordo com o nome do bisneto de Calebe, através da esposa de Calebe, Efrata (vs. 50). A combinação de Belém e Efrata aparece também na história da morte de Raquel, quando ela dava à luz (Gên. 35.19), onde o nome é usado de maneira anacrônica. É usado em Rute 4.11, em referência à bênção dada a Rute, e também em Miquéias 5.2, acerca do lugar de nascimento do Messias" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).
4. O autor sagrado leva-nos em seguida aos filhos de Davi (I Crô. 3.1-9), mostrando que a linhagem real veio através de Perez-Hezrom, descendentes do patriarca Abraão. O terceiro capítulo reinicia a genealogia da casa heroznita de Rão, suspensa em I Crô. 2.17.

5. Três ramos dos queneus são mencionados no vs. 55. O sogro de Moisés pertencia a esse povo, tal como sua esposa, Zípora. Ver sobre os *queneus*, no *Dicionário*. Ver Êxo. 2.18.
6. Os nomes próprios das genealogias são discutidos nos artigos do *Dicionário*, e, em alguns poucos casos, no texto em que aparecem, de forma que esses artigos fornecerão os detalhes.
7. *Netofatitas*. Ver em I Crô. 9.16, bem como no *Dicionário*, o artigo chamado *Netofa (Netofatitas)*.

Capítulo Três

Continuamos neste capítulo a seção I.3: *Judá, a Linhagem Real*, que ocupa a seção de I Crô. 2.1-4.23.

Filhos de Davi (3.1-9)

Temos seguido em grandes pinceladas a genealogia de Judá, e então, de súbito, como parte dela, a linhagem de Davi, o *rei ideal*. A genealogia de Judá continuará no capítulo quarto. Serão apresentadas outras *credenciais* de Judá (a tribo por meio da qual Israel continuou a existir após o cativeiro babilônico), a respeito de como o sacerdócio levítico continuou a exercer a sua autoridade (capítulo 6).

Os *propósitos de Deus* (que pareceram falhar no cativeiro assírio, quando as dez tribos do norte deixaram de existir; e também no cativeiro babilônico, após o qual uma única tribo deu nova vida à antiga nação de Israel) não foram anulados. As genealogias de I Crô. têm um valor polêmico: mostrar que, a despeito de tudo quanto sucedeu, o propósito de Deus no Pacto Abraâmico (anotado em Gên. 15.18) não foi esquecido. O povo escolhido continuou a ser o povo escolhido, e isso por causa dos antigos pactos. O remanescente de Israel continuou sendo o povo que descendia dos povos antigos cujas instituições tinham sido preservadas, a despeito dos muitos desastres que sobrevieram. Convido o leitor a consultar os comentários de introdução, antes da exposição em I Crô. 1.1, onde esse tema é desenvolvido. O autor sagrado fornece os elementos de uma filosofia da história. Ele escuda a autoridade dessa filosofia com nove capítulos de genealogias, a fim de vincular o presente degenerado de Israel (em Judá) com a glória anterior do povo escolhido. Naturalmente, ele estava escrevendo na esteira do cativeiro babilônico. Mas o autor precisou de muito tempo para conduzir-nos aos eventos correntes, detendo-se pausadamente na história passada da nação e, sobretudo, na história passada de Judá.

"Este capítulo nos dá um relato sobre os filhos de Davi, que lhe nasceram tanto em Hebrom quanto em Jerusalém (vss. 1-9); e de seus sucessores no reino, até o cativeiro babilônico (vss. 10-16); e, finalmente, de sua família, até a vinda do Messias (vss. 17-24)" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro Babilônico*.

3.1-9

Observações:

1. Salomão foi o filho de Davi que proveu sucessão na linhagem real e deu a Israel sua época áurea. Mas para proporcionar um quadro completo, outros filhos de Davi também são mencionados nos vss. 1-9.
2. Cf. a lista dos nomes com II Sam. 3.2-5. Os nomes correspondem, exceto o segundo filho, por Abigail. No artigo sobre *Davi*, no *Dicionário*, dou um gráfico da descendência de sua família. Ver também o gráfico em I Sam. 17.12. Além de suas esposas, Davi também teve grande número de concubinas, pelo menos dez (II Sam. 5.13; 15.16). Ver uma lista de filhos, por meio delas, em I Crônicas.
3. *Quileabe* (II Sam. 3.3), o segundo filho de Abigail, é *Daniel* no texto presente, mas talvez não esteja em foco a mesma pessoa. Havendo tantas esposas e filhos envolvidos, é perfeitamente possível que alguma inexatidão tenha ocorrido nas listas, as quais nunca foram harmonizadas. Além disso, pode ter havido omissões.
4. Os nomes dos *seis* filhos de Davi que nasceram em Hebrom (I Crô. 3.1-4) são seguidos pelos nomes dos *nove* filhos nascidos em Jerusalém (vss. 4b-8). Cf. esses nomes com os da lista paralela em II Sam. 5.14-16. Quatro desses filhos nasceram de Bate-Seba (chamada neste texto de Bate-Sua). Este é o único lugar em todo o livro de I Crônicas, onde ela é mencionada, embora lhe tenha sido dado um lugar proeminente em II Samuel.
5. *Elifelete* (vs. 6) e *Nogá* (vs. 7) não são mencionados no paralelo de II Samuel, mas reaparecem em I Crô. 14.4-7. Por isso, temos nesta lista dois *Elifeletes* (ver I Crô. 3.6,8). É possível que o primeiro tenha morrido e o segundo tenha recebido o mesmo nome. Talvez a lista mais curta de II Samuel registre somente os filhos *sobreviventes*, e não todos os filhos que nasceram.
   Os nomes próprios recebem artigos no *Dicionário*, onde o leitor poderá apreciar detalhes.
6. *Eliada* é chamado *Beeliada* em I Crô. 14.7, que, sem dúvida, era seu nome original. Mas o nome composto com Baal, a divindade pagã, pode ter parecido ofensivo, tendo sido substituído.
7. A *poligamia de Davi* é descrita detalhadamente, sem nenhuma censura. Seria totalmente anacrônico censurar a poligamia dentro do contexto do Antigo Testamento. Homens ricos e poderosos naturalmente tinham muitas esposas. Eram apenas os pobres que tinham apenas uma esposa, e mesmo assim porque lhes faltavam os meios pecuniários para sustentar mais de uma esposa. E mesmo nas sociedades "monógamas", a poligamia continua a reinar sob a forma de amantes e esposas plurais, em série, através do divórcio e de novos casamentos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Poligamia* e *Monogamia*.
8. *Tamar* é a única filha de Davi a ser mencionada *por nome*, sem dúvida por causa do triste relato de violência sexual e assassinato que há em sua história. Ver II Sam. 13.
9. Foram mencionados *seis* filhos nascidos em Hebrom. Nove são historiados como nascidos em Jerusalém. Mas o número dos filhos das concubinas não é dado no presente texto. Davi *reinou* em Hebrom por sete anos, antes de tornar-se rei do império unido (vs. 4). Depois disso, ele reinou por trinta e três anos em Jerusalém, num total de quarenta anos.

Lista dos Reis de Judá (3.10-18)

3.10-18

Observações:

1. Esta lista nos fornece os reis de Judá, de Salomão a Zedequias. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Rei, Realeza* e *Reino de Judá*, quanto a informações sobre todos esses reis, acompanhadas por gráficos ilustrativos. O *Dicionário* também traz artigos individuais sobre todos esses reis.
2. A inclusão de *Joanã* (vs. 15) é surpreendente, visto que sabemos que ele não reinou. Os livros de Reis não o mencionam.
3. *Zedequias* (vs. 16) não foi filho de seu antecessor, Jeconias, conforme declara o texto. Antes, era *tio* do rei que governou antes dele. O autor acostumou-se a chamar cada um desses reis de *filho* do anterior, e não se importou em alterar aqui sua designação.
4. *Jeconias* (ver I Crô. 3.16) é chamado de *Jeoaquim* em II Crô. 36.8 e II Reis 24.6. Em Jer. 22.24, entretanto, seu nome aparece sob a forma de *Conias*.
5. A rainha *Atalia*, a usurpadora, não é mencionada em I Crô. (vs. 11). Ela governou entre Acazias e Joás. Cf. o capítulo 11 de II Reis.
6. O filho de Josias, *Joanã*, é mencionado somente aqui, em todo o Antigo Testamento, e não figurou entre os reis, conforme mostrei no ponto 2, anteriormente. Alguém poderia contrapor que ele teve um reinado curto, omitido nas narrativas paralelas, mas isso não é provável. Por certo, ele não foi o mesmo Jeoacaz de II Reis 23.31, porque aquele homem era mais jovem do que Jeoaquim (II Reis 23.36). Provavelmente, *Salum* (ver I Crô. 3.15) deve ser identificado com *Jeoacaz*. Ele antecedeu seu irmão mais velho no trono. Ver Jer. 22.11,12.

3.19-24

Observações:

1. Esta lista dá os nomes dos reis que governaram após o cativeiro babilônico, em continuidade à dinastia davídica.
2. *Dificuldades da Lista:*

a. *Zorobabel* (vs. 19) é chamado de filho de *Pedaías*. Mas em outras passagens (ver Esd. 3.2; 5.2; Nee. 12.1; Ageu 1.12,14; 2.2,23; Mat. 1.13 e Luc. 3.27) ele é chamado de filho de *Sealtiel*. Pedaías e Sealtiel eram irmãos (I Crô. 3.17,18). É possível que Sealtiel tenha morrido cedo e então seu irmão tenha ficado com o trono, por isso o autor sacro não se importou em dizer precisamente o que sucedeu
b. *A genealogia de Lucas* faz Sealtiel filho de *Neri*, filho de Melqui (Luc. 3.27,28). Além disso, a descendência de Neri era do filho de Davi, Natã (ver Luc. 3.27-31), e não de Salomão. Eugene H. Merrill (*in loc.*) ofereceu a seguinte solução: "A resposta pode jazer na possibilidade de que, visto que Jeconias não teve herdeiros do sexo masculino que se assentassem no trono (ver Jer. 22.30), então uma filha de Jeconias casou-se com Neri, filho de Melqui (ver Luc. 3.27,28), mas não o Melqui de Luc. 3.24, da linhagem de Natã. Legalmente, Sealtiel (neto de Jeconias) continuaria a dinastia davídica através de Salomão, um ponto de vista esposado por Mateus (1.6-12)".
c. O *autor sagrado* faz uma lista de sete filhos e uma filha de Zorobabel (vss. 19b-20), mas nenhum deles é mencionado nas genealogias de Mateus ou Lucas. Mateus insiste em traçar as genealogias da linhagem real através de Salomão, e faz de Abiúde o filho de Zorobabel (ver Mat. 1.13). Lucas, por outro lado, faz a linhagem passar por Natã, e daí para *Resa*, filho de Zorobabel. Vários esquemas têm sido empregados para solucionar essas discrepâncias, tais como: Sealtiel e Zorobabel mencionados em Lucas não são as mesmas pessoas mencionadas em I Crônicas. Ou então a genealogia de Lucas é a de Maria, e não a de José, de forma que uma linhagem diferente é assim traçada. Nesse caso, a genealogia de Lucas simplesmente não é paralela à de I Crônicas. Mas mesmo que essas conjecturas tenham alguma verdade, as diferenças entre I Crô. 3.18-20 e Mat. 1.13 permanecem inexplicadas. Seja como for,

seria uma estupidez requerer harmonia a qualquer preço, embora essa seja uma atitude que atrai a um número muito grande de intérpretes, cuja fé começa a hesitar cada vez que uma discrepância, real ou aparente, é encontrada nas Escrituras. Discrepâncias realmente existem, e um intérprete honesto admite esse fato sem permitir que isso atrapalhe sua fé. As falsas idéias sobre a doutrina da inspiração das Escrituras fazem algumas pessoas advogar, desonestamente, "reconciliações" impossíveis.

d. A casa de Davi continuou, mesmo depois do cativeiro babilônico. Zorobabel foi o governador de Jerusalém, sob os persas, em 520 A. C. Ele é declarado neto do rei Jeconias, portanto nele a linhagem real continuou. Seguiram-se vários outros reis, levando-nos até cerca de 350 A. C., embora isso não signifique que o livro de I Crônicas tenha sido escrito tão tarde. Provavelmente, foram feitas algumas adições ao texto por algum escriba subseqüente. A Septuaginta estende a lista até a décima primeira geração, ou seja, cerca de 250 A. C. Quiçá o texto hebraico tenha sido influenciado pela lista mais longa da Septuaginta. Em outras palavras, a lista pode ter sido mantida "atualizada" por escribas subseqüentes.

O Nosso Próprio Nome. Somente alguns poucos reis de Judá são relembrados pelo bem que praticaram. Muitos foram relembrados pela confusão que causaram. Alguns não fizeram especialmente nem bem nem mal. Mas todos temos um nome para zelar. Todos nós seremos relembrados por alguma coisa. Quando o nosso nome é mencionado, o que os homens pensam? Deixamos um exemplo digno de ser seguido?

Capítulo Quatro

Continuamos neste capítulo a seção 1.3a: Judá, a Linhagem Real, que vai até I Crô. 4.23. Naquele ponto, a atenção do autor volta-se para a tribo de Simeão. Oriento meus leitores para os comentários dados na introdução ao terceiro capítulo, que também se aplicam aqui.

A genealogia de Judá já foi dada no segundo capítulo. É possível que a lista que se segue seja uma versão mais antiga. O segundo capítulo de I Crônicas pode ser uma lista mais longa, inserida com base em uma fonte informativa diferente. O autor-compilador relutava em abandonar qualquer de suas listas, pelo que terminou apresentando muita repetição.

"Tendo traçado a linhagem davídica especificamente e com detalhes (capítulo terceiro), o cronista retornou à linhagem de Judá em geral. Seu intuito aqui foi:

a. prover informações genealógicas e geográficas;
b. mostrar a proeminência do papel do clã davídico de Judá entre as tribos, trabalhando primeiramente com a tribo de Judá, e apelando para a antiguidade de sua residência em sua área determinada (4.22)" (Eugene H. Merrill, in loc.).

4.1-7

Os filhos de Judá. Uma genealogia dessa tribo já havia sido dada no segundo capítulo. Com algumas variações, essa genealogia é novamente apresentada. Provavelmente havia cópias diferentes nos cartórios públicos. O escritor do livro, descobrindo que a segunda lista continha particularidades notáveis, pensou ser apropriado inserir uma lista adicional. "Nenhum leitor se lamentará pela inserção, quando considerar cuidadosamente a questão" (Adam Clarke, in loc.).

Observações:

1. Perez. Somente esse homem, dos cinco listados no primeiro versículo, foi, literalmente, filho de Judá (cf. I Crô. 2.3,4). Todos os outros nomes, com a possível exceção de Carmi, representam grandes divisões tribais ou clãs e, nesse sentido, eram filhos do patriarca Judá.
   "Carmi é um erro textual para Calebe" (W. A. L. Elmslie, in loc.). Ver em I Crô. 2.9 "Quelubai", outra variante textual para Calebe. Não está em vista o grande companheiro de Josué.
2. Reaías (4.2) deve ser identificado com Haroé (I Crô. 2.52). Ele foi o fundador do clã dos zoratitas, a família da qual veio Sansão (Juí. 13.2).
3. O cabeça de ouro desse clã foi Hur (I Crô. 2.19.20; 4.3,4). Hur foi um distinguido membro dos betelemitas.
4. O clã dos asuritas (I Crô. 4.5-7) produziu Tecoa. Nesse local havia uma mulher dotada de sabedoria especial (ver II Sam. 14.2), e daí era originário o profeta Amós (Amós 1.1).
5. Paralelos. I Crô. 4.1 (I Crô. 2.5,9,19,50); 4.2 (2.53,54); 4.3 (Juí. 15.8; II Crô. 11.6); 4.4 (2.19,51); 4.5 (2.24); 4.6 (sem paralelo); 4.7 (sem paralelo).

4.8-15

Observações:

1. Coz não é mencionado em nenhuma outra parte, e somos novamente lembrados que o autor usou fontes informativas extracanônicas em parte de suas genealogias. A maioria dos nomes dados, mediante fontes canônicas ou não-canônicas, é conhecida somente em conexão com as genealogias. Não temos nenhuma informação sobre eles. O pouco que se sabe figura em artigos no Dicionário e/ou nas listas dadas nos demais livros canônicos.
2. Jabez (vs. 9) é mencionado também em I Crô. 2.55. Jabez foi "mais ilustre do que seus irmãos". A Septuaginta diz aqui "foi mais glorioso"; a versão siríaca diz "mais querido"; a versão caldaica diz "mais honroso e habilidoso", falando especificamente em sua habilidade quanto à lei de Moisés. Por etimologia popular, seu nome estava associado às dores do parto. Suas raízes ancestrais não foram delineadas. Ele era homem de sabedoria e oração, acima de seus contemporâneos. Ele orou pedindo a bênção de Deus e a obteve (vs. 10). E devemos notar que sua oração foi espiritual, e não apenas materialista. Ver no Dicionário sobre Oração. Jabez obteve prosperidade tanto material quanto espiritual. O Talmude diz que ele foi um homem "mais sábio" do que seus irmãos.
3. Os homens de Reca (vs. 12) são mencionados somente neste versículo da Bíblia.
4. Os filhos de Quenaz (vss. 13-15) formavam um clã proeminente do mesmo ramo de Calebe, companheiro de Josué, e de seu genro, Otniel. Ver Juí. 1.13. Otniel foi o primeiro juiz de Israel. Quenaz não é o mesmo Quenaz mencionado em I Crô. 4.15. Quanto a Calebe, ver também Núm. 13.6,30; 14.24 e o artigo detalhado sobre ele no Dicionário.

4.16-20

Observações:

1. Os descendentes de *Jealelel* (vs. 16), os filhos de *Ezra* (vs. 17,18), de *Hodias* (vs. 19) e de *Simão* (vs. 20). Todos esses nomes são mencionados apenas aqui, nos livros canônicos, e sobre eles coisa alguma sabemos, exceto o que pode ser deduzido da própria genealogia.
2. *Jerede* (vs. 18) casou com uma filha do Faraó egípcio de seu tempo, o que, muito provavelmente, indica que estamos tratando aqui com uma época em que Israel mantinha boas relações com os egípcios. Ver Êxo. 1.8. Alguns intérpretes, entretanto, não entendem que Jerede realmente se tenha casado com a filha de um Faraó, mas tão-somente com uma egípcia, de um clã egípcio, metaforicamente uma filha de Faraó. A expressão é usada no seu sentido literal em II Crô. 8.11 e I Reis 9.24.

4.21-23

Observações:

1. O segundo registro genealógico da tribo de Judá se encerra com um breve sumário da família de Selá (vss. 21-23). O filho mais novo de Judá com a cananéia, filha de Sua, é o mesmo Selá que figura em II Crô. 2.3. Ver sobre *Sua*, ponto 2, e sobre *Selá*, ponto 2, no *Dicionário,* quanto a outras informações sobre essa situação. Selá supostamente tornar-se-ia marido de Tamar (ver Gên. 38.5, 11,14), mas isso lhe foi negado, o que armou palco para o drama de incesto entre Judá e Tamar.
2. Esse ramo da família de Judá estabeleceu-se no negócio de linho e tornou-se conhecido por seus excelentes tecidos (vs. 21).
3. Outros membros da família de Judá, como Joquim e os homens de Cozeba, de Joás e de Sarafe, tomaram-se oleiros habilidosos, e seus produtos eram conhecidos em toda a parte (vss. 22,23). Portanto, profissões específicas foram desenvolvidas em certos ramos dos descendentes de Judá. Nem todos eles eram fazendeiros. Nesse país, os oleiros residiam com o rei de Moabe, pelo que tinham alguma importância política e gozavam de favores especiais nos lugares altos. Outros estudiosos, contudo, pensam estar em foco o rei da Babilônia e, nesse caso, a expressão só pode significar que eles *serviam* a esse rei, em sua profissão. Outros acreditam ainda que esse rei é Salomão. Nossas informações, porém, são incertas.

Outras Tribos (4.24 – 8.40)

Genealogia de Simeão (4.24-43)

O autor sagrado fala de modo *abreviado* das outras onze tribos, pois Judá, deu continuidade à história de Israel após o cativeiro babilônico, ocupava quase toda a sua atenção. Talvez a tribo de Simeão tenha sido listada após Judá porque foi finalmente assimilada a Judá, como também ocorreu com Benjamim. Ver Jos. 19.1-9.

Observações:

1. A lista de filhos, dada em I Crô. 4.24, difere levemente daquela de Gên. 46.10, e podemos supor que uma fonte informativa extra, não-canônica, também esteve à disposição do autor sacro. No livro de Gênesis são dados *seis* nomes, mas aqui foram dados *cinco* nomes. A lista de Núm. 26.12,13 é quase idêntica à do presente texto. Diferenças na grafia dos nomes ocorrem nas três listas, quando elas são comparadas entre si. Ver também Êxo. 6.15, que tem os mesmos seis nomes, como em Gênesis.
2. *Oade* é um dos nomes mencionados nos livros de Gênesis e Êxodo, que foi omitido em I Crônicas e Números. Ver no *Dicionário,* quanto ao que se sabe sobre ele.

4.24-43

Observações:

1. Esta lista não tem paralelo nos livros canônicos do Antigo Testamento e foi tomada por empréstimo de um ou mais fontes não-canônicas. O *Dicionário* oferece a pouca informação que temos sobre as pessoas envolvidas.
2. Revestem-se de interesse especial os dois atos descritos nos vss. 39-43, que também não têm paralelos nas páginas do Antigo Testamento e devem ter-se original em alguma antiquíssima tradição fielmente preservada, mas que somente o nosso autor sacro registrou nos livros canônicos. Mais guerras e matanças estavam envolvidas, os atos favoritos dos antigos hebreus.
3. Esses *atos aventureiros* traziam vantagens materiais e riquezas, mas a um custo horrendo. Como poderia um homem desfrutar de suas terras, da produção agrícola, de sua vida, quando obtivera tais coisas mediante a matança de seus ocupantes anteriores? Parecia não haver tal consciência, nesse ponto da história do antigo povo hebreu. Nem entre os criminosos modernos parece haver consciência. Assim é que um homem pode matar e sentir-se "aliviado" por ter feito isso. Esse é um dos aspectos da mente criminosa. Um dos piores matadores da história dos Estados Unidos matou mais de 600 pessoas, e geralmente "apenas por diversão e para sentir-se aliviado". É impossível compreendermos esse tipo de perversidade. Outra coisa dificílima de entendermos é como tal perversidade transforma-se então em um ato *heróico*. Os homens são louvados pelo mal que praticam.
4. *Gedor* (vs. 39) aparece na Septuaginta com a forma de *Gerar*. Isso envolve o povo na parte ocidental do alto Neguebe, não longe de *Gaza*. Os camitas (clãs que vieram do Egito, vs. 40) habitavam ali e foram deslocados mediante violência. A época era a do rei Ezequias, de Judá (715-686 A. C). Os *meunitas* também estiveram envolvidos na questão (vs. 41). Cf. II Crô. 26.7. Não temos nenhuma informação indiscutível sobre eles. No entanto, no *Dicionário* há um detalhado artigo chamado *Meunim (Meunitas)*.
5. Nos dias de Ezequias (715 A. C.), 500 simeonitas espalharam-se pelo leste e estabeleceram-se na região montanhosa de *Seir* (Edom). Logo que chegaram, mataram os amalequitas que ali viviam, e assim obtiveram um nome para si mesmos. Os amalequitas haviam sobrevivido aos massacres dos tempos de Davi, mas finalmente caíram defronte dos simeonitas. Cf. I Sam. 30.16-20. Ver também em I Sam. 14.48, as guerras de Saul contra aquela gente, e alguns dos ataques desfechados por Davi, em II Sam. 8.12.

Capítulo Cinco

Continuamos aqui a seção geral iniciada em I Crô. 4.24, intitulada "Outras Tribos", e chegamos, especificamente às *Tribos Transjordanianas* (I Crô. 5.1-26). O autor sagrado estava interessado, particularmente, na tribo de Judá (que ele descreveu empregando dois registros genealógicos distintos, um refletido no capítulo 2, e o outro dado em I Crô. 4.1-23). Sem embargo, ele não negligenciou as outras tribos, embora, quando as escreveu, elas tivessem deixado de existir por causa do cativeiro assírio. Terminado o cativeiro babilônico, a tribo de Judá levou avante a história de Israel. A fim de apresentar genealogias completas, as doze tribos receberam alguma menção e descrição. Quanto ao propósito do autor sagrado ao dar suas genealogias (I Crô. 1-9), ver os comentários antes da introdução ao primeiro capítulo. Não repito aqui esse material (que é vital para compreendermos o "porquê" de tantas genealogias).

"Este quinto capítulo relata a genealogia das tribos que viviam no *outro lado* do rio Jordão: a tribo dos rubenitas (vss. 1-10); a dos gaditas (vss. 11-17); a meia tribo de Manassés (vss. 23 e 24); e sua guerra contra os hagarenos, em conjunto uns com os outros; e a conquista desses hagarenos pelos manassitas (vss. 18-26). Mas, por causa de todos os seus pecados, essas tribos foram levadas cativas pelo rei da Assíria (vss. 25,26)" (John Gill, *in loc.*).

As Tribos Transjordanianas (5.1-26)

O lado *oriental* do rio Jordão era chamado de "outro lado" ou *Transjordânia*. Esse território era o lar dos rubenitas, gaditas e da meia tribo de Manassés. A narrativa dada aqui tem "um ferrão em sua cauda, pois registra (vss. 25 e 26) que eles 'cometeram transgressões contra o Deus de seus pais, e se prostituíram seguindo os deuses dos povos da terra', razão pela qual foram levados pelos assírios, para nunca mais retornarem. Eles eram *hebreus*, mas cometeram tantos erros que não houve recuperação nem lugar para eles na renovação da vida judaica. Os livros de Crônicas subentendem que os judeus e muitos de Israel se *recuperaram*, porque se dispuseram a aprender, adquiriram discernimento moral e pensamentos mais sábios acerca de Deus e de Suas exigências, e assim, através de sua fé, encontraram forças" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

5.1,2

Observações:

1. A tribo de *Rúben* foi punida por causa do tolo ataque sexual dele contra Bila, concubina de Jacó (Gên. 35.22). A tribo que descendia de Rúben acabou perdendo seu direito de primogenitura e sua herança, embora Rúben fosse o filho primogênito de Jacó. Mas seu pecado foi grave demais para permitir que as coisas seguissem um curso natural. Foi assim que a tribo de Judá absorveu a tribo de Rúben, como também a tribo de Benjamim, tornando-se uma "supertribo". O direito de primogenitura passou para José (isto é, para seus filhos, Efraim e Manassés; ver Gên. 48.15-22). Contudo, foi através de Judá que *Davi* se tornou rei, e sua dinastia elevou-se acima de todos os outros poderes em Israel. Foi através de Judá que veio o Cristo. E assim no final a tribo de Judá foi a grande campeã, o poder central da história de Israel.
2. Ver Gên. 49.8-12 quanto à glória de Judá, realizada à custa das demais tribos de Israel.
3. O *príncipe*, isto é, Davi, e então a Sua dinastia, embora muitos tomem essa expressão como uma predição profética sobre o Rei Messias. Os direitos de primogenitura iam e vinham, mas Davi chegou para permanecer. Isso só pode ser verdade no Messias, Jesus Cristo, pois há muito tempo deixou de existir na terra a dinastia davídica.
4. Quanto a Rúben como o filho primogênito de Jacó, ver Gên. 49.3. Ver também Gên. 29.32. Embora Rúben fosse o primogênito, a ascendência e o governo de Davi foram legítimos, porque a vontade divina assim ordenara, devido ao pecado de Rúben. Rúben e José tinham reivindicações genealógicas acima de Judá, mas as circunstâncias as reverteram. Efraim sempre foi uma tribo de liderança, mas o cativeiro assírio terminou com essa vantagem. Judá acabou ficando sozinho. Quanto à liderança de Efraim, ver Juí. 2.9; 4.5; 5.14; 8.1,2 e 12.1,15.
5. José recebeu dupla porção em sua herança. Ver Deu. 21.15-17 quanto aos seus privilégios de primogenitura. Mas, após o cativeiro assírio, a única porção que restou foi a que pertencia a Judá.

5.3-10

Observações:

1. A genealogia de Rúben, conforme apresentada aqui, inclui seus quatro filhos (cf. Núm. 26.5-11) e, depois deles, um número *selecionado* de pessoas, quanto às gerações seguintes. Não há nenhuma tentativa de conseguir uma genealogia completa.
2. De um certo *Joel* (vs. 4), temos uma linhagem que chegou a Beera (vs. 6). Dessas diversas gerações conhecemos apenas os seus nomes, pois nenhuma informação pessoal nos é dada. Esse Joel é mencionado somente aqui, sendo impossível determinar o grau de parentesco entre ele e seu antepassado, Rúben. Ao conquistar Samaria, Tiglate-Pileser III (745-727 A. C.) levou Beera cativo, durante o *cativeiro assírio* (ver sobre esse assunto no *Dicionário*). Em todo o Antigo Testamento, a deportação de Beera só é mencionada aqui. A linhagem de Joel é traçada por sete gerações, cerca de 280, se calcularmos 7 x 40 (quarenta anos para cada geração, em média).
3. Os vss. 9 e 10 fornecem uma idéia geral sobre como a tribo de Rúben expandiu o seu território. Os rubenitas chegaram a ocupar toda a área da Transjordânia, desde o rio Arnom até Nebo, ao norte, e também Gileade que ficava na porção leste do rio Jordão. Séculos de conquista e de habitação foram cortados pelo cativeiro assírio. O mal estava por trás desses acontecimentos. O julgamento divino sobreveio aos apóstatas da nação do norte (Israel).
4. Entre os feitos heróicos de Rúben esteve a derrota dos hagarenos (vs. 10), descrita com maiores detalhes nos vss. 18-22 deste capítulo. Ver o artigo sobre os *Hagarenos* no *Dicionário*. Esse nome ocorre somente neste capítulo (vss. 10,19,20). "Os descendentes de Rúben extirparam os hagarenos, tomaram suas propriedades e suas tendas, e habitaram no seu território " (Adam Clarke, *in loc.*). Assim matanças e saques continuaram sendo atos heróicos.

5.11-17

Observações:

1. Nestes versículos encontramos as gerações dos gaditas, e os nomes aqui apresentados figuram somente neste lugar, em todo o Antigo Testamento. Isso nos alerta para o fato de que o autor sagrado tinha, à sua disposição, cartas genealógicas não utilizadas por outros livros canônicos. "Os gaditas estabeleceram-se em Basã, ao sul e a leste do mar de Quinerete e ao norte do rio Iarmuque. Não havia nenhuma fronteira bem definida entre Gileade e Basã (vs. 6), pelo que, sem dúvida, as tribos orientais de Israel se misturaram de forma bastante livre" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). As fronteiras orientais de Israel sempre foram indefinidas.
2. Os documentos utilizados foram, como é evidente, compilados no tempo de Jeroboão II, de Israel (793-753 A. C.), e no tempo de Jotão, de Judá (750-735 A. C.), conforme informa o vs. 17.

3. *Basã* era o domínio antigo do famoso rei Ogue (Núm. 21.33-35; Deu. 3.1-12). *Salcá* (vs. 11) ficava no declive sudoeste do Jebel Haurã, situado no extremo oriental de Gileade.
4. O trecho de Gên. 46.16 enumera *sete* filhos de Gade, *número* que corresponde aos clãs listados no vs. 13 deste capítulo, mas *não há correlação* entre os nomes. Portanto, não sabemos dizer o que aconteceu aqui. Podemos apenas conjecturar que ambas as listas são representativas e seletivas, e que havia muitas outras pessoas que não foram mencionadas por nenhum dos autores sagrados.
5. *Sarom* (vs. 16) era uma planície bem conhecida, que ficava a oeste do rio Jordão, entre Carmelo e Jope, ao longo da costa do Mar Grande. Ver sobre esse mar no *Dicionário*.
6. "Até aos termos de todos os arredores de Sarom" (vs. 16), ou seja, "suas extremidades" (Núm. 34.4,5). "Os gaditas alimentavam seus rebanhos nos vales estreitos e profundos ao pé das montanhas, aqui chamados de saídas" (Ellicott, *in loc.*). Não havia fronteiras bem definidas.

5.18-22

Observações:

1. As tribos *orientais,* aquelas da Transjordânia, a saber, os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés, eram capazes de reunir uma força de combate de 44.760 competentes e brutais guerreiros, habilidosos no uso do arco e flecha e da lança. (Ver Jos. 4.13 quanto a quase esse número.) Israel não possuía cavalaria senão já nos dias de Salomão, mas conseguia criar grande confusão com sua habilidosa infantaria.
2. Para conquistar aquele território, eles tiveram de incluir os habitantes anteriores da terra, incluindo os *hagarenos* (vss. 10 e 20). Os atos heróicos eram atos de matança e saque. Ver sobre esse povo no *Dicionário*. "Os infelizes hagarenos foram mortos e desapossados de suas terras! Os hebreus triunfaram porque (segundo pensavam) Deus (Yahweh) saíra em socorro deles (Sal. 24.8; 144.1)" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Elmslie, o crítico, adicionou: "Danos incalculáveis têm sido causados à verdadeira religião por causa da idéia de que tudo quanto é *dito* sobre Deus, na Bíblia, de capa a capa, deve ser posto lado a lado, formando um amálgama incongruente. Antes, o valor permanente das Escrituras deve ser descoberto mediante a idéia de que, pela vontade paciente do Deus eterno, os hebreus estavam sendo levados, gradualmente, ao *discernimento* da verdadeira natureza de Deus. De fato, eles foram tirados das trevas para a luz, no que concerne à natureza do Ser divino". Assim é que, atualmente, crimes espantosos continuam sendo cometidos em nome de Deus e da *guerra santa*. Quanto a essa questão, ver Deu. 7.1-5 e 20.10-18.
3. Os *hagarenos* foram expulsos de seu território pelas tribos orientais de Israel, até o cativeiro assírio. Então os israelitas de toda a nação do norte foram afastados por povos trazidos de outros lugares, ao mesmo tempo que foram deportados, para nunca mais retornarem. Os poucos que permaneceram misturaram-se com os povos importados e formaram os *samaritanos* (ver no *Dicionário*). Os samaritanos retiveram certa modalidade de yahwismo, mas eram essencialmente pagãos. Verdadeiramente, as dez tribos se perderam. Tiglate-Pileser III, em 734 A. C., levou alguns israelitas para fora de seu país. Então houve o estágio final do cativeiro assírio, em 722 A. C. Ver os vss. 6 e 26 deste capítulo.

5.23-26

Naquela terra. "Não na terra dos hagarenos, mas na terra de Gileade e Basã, além do rio Jordão, terra que lhes tinha sido doada por Moisés. O autor sagrado, tendo apresentado as genealogias de alguns dos principais homens de Rúben e Gade, prossegue agora dando um sucinto relato de alguns dos principais homens da meia tribo de Manassés. Primeiramente eles se estabeleceram em Basã, mas depois ampliaram seus territórios até Baal-Hermom, Senir e o monte Hermom, montes esses que jaziam ao norte da terra de Canaã, à qual os geógrafos chamam de 'antilíbano'" (John Gill, *in loc.*).

1. A tribo de Manassés dividiu-se em duas partes. Uma permaneceu nos territórios a oeste do Jordão, e a outra uniu-se a Rúben e Gade, a leste daqueles territórios, o que explica a expressão "meia tribo de Manassés". Ver Jos. 17.1-12; 22.7; Deu. 3.12. Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Manassés,* mormente em sua terceira seção.
2. A lista dada (vs. 24) inclui dois nomes conhecidos em Núm. 26.31,32 (Éfer e Azriel). O restante dos nomes não é mencionado em nenhuma outra parte do Antigo Testamento. Estão em pauta cabeças de clãs e, presumivelmente, homens de valor *na guerra,* visto que a conquista e a preservação de terras dependiam da violência bem-sucedida.
3. Os vss. 25 e 26 são o "porém" da passagem. As duas tribos e meia tiveram grande sucesso na guerra, mas a alma dessas tribos era pequena. Eles derrotaram inimigos poderosos, mas perderam a batalha contra a corrupção interior. Tornaram-se ativos na estúpida idolatria, abandonando o antigo yahwismo. Derrotaram os povos do território, mas logo depois adotaram os deuses deles! Deus destruiu os inimigos na frente deles, mas foi forçado, por causa das atitudes caprichosas deles, a destruí-los, usando o látego do exército assírio.
4. Pul (Tiglate-Pileser III) foi o homem forte que encabeçou a invasão, e o poder das tribos orientais transformou-se em nada. Ver II Reis 17.6, quanto aos lugares para onde os infelizes israelitas foram enviados. *Hara* é um lugar não mencionado em II Reis, e é também desconhecido. Temos, entretanto, algumas informações sobre os outros lugres, anotados no *Dicionário.*
5. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pul.* Esse nome é uma forma alternativa de Tiglate-Pileser III, sobre quem também ofereço um artigo. Talvez *Pul* fosse o nome pessoal do homem, e o outro nome fosse um título real.
6. Ver II Reis 17.6-18 quanto a uma narrativa mais completa sobre o cativeiro das três tribos orientais. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Idolatria,* a praga que causou tantos desastres ao longo da história de Israel. Os israelitas foram culpados de adultério espiritual, conforme indica a terminologia da passagem presente.
7. Os assírios, e não meramente os hebreus, consideravam suas conquistas militares o resultado "do favor e da ajuda divina". Istar e Bel eram louvados e tinham o crédito pelas conquistas militares dos assírios; eles formavam um grupo de divindades menores.
8. O vs. 26 retrata o Deus dos hebreus (Elohim) como o inspirador de Pul para ele fazer o que fez. Desse modo, o rei assírio tornou-se um instrumento na mão de Deus. Cf. isso com II Crô. 21.16; Esd. 1.1,5; Isa. 44.28 e 45.1-13. ele

Capítulo Seis

Levi (6.1-81)

Este longo capítulo é devotado à tribo de Levi, que se tornou a casta sacerdotal. Devemos lembrar que o autor escreveu depois do cativeiro babilônico. Restou somente a tribo de Judá para reiniciar a história de Israel. Para que essa história se reiniciasse, tinha de haver uma casta sacerdotal ativa. Portanto somos informados com longos pormenores sobre a tribo (ou casta sacerdotal) de Levi; e devemos compreender que alguns desses ministros sobreviveram aos dois cativeiros e assumiram seus lugares entre o remanescente do segundo cativeiro. Sem essa realidade, a nação de Israel dificilmente poderia ser chamada de Israel.

Terminado o cativeiro babilônico, quando o remanescente de Israel (tribo de Judá) retornou a Jerusalém, não mais do que *trinta e oito* levitas puderam ser reunidos. A pureza de sangue deles e suas posições foram cuidadosamente preservadas por Esdras e Neemias. E, quando os romanos destruíram o templo de Jerusalém, em 70 D. C., e então dispersaram de vez aos judeus, depois de 132 D. C., os levitas desapareceram da história como um grupo distinto dentre os judeus, misturando-se à multidão dos cativos e peregrinos judeus pelo mundo inteiro.

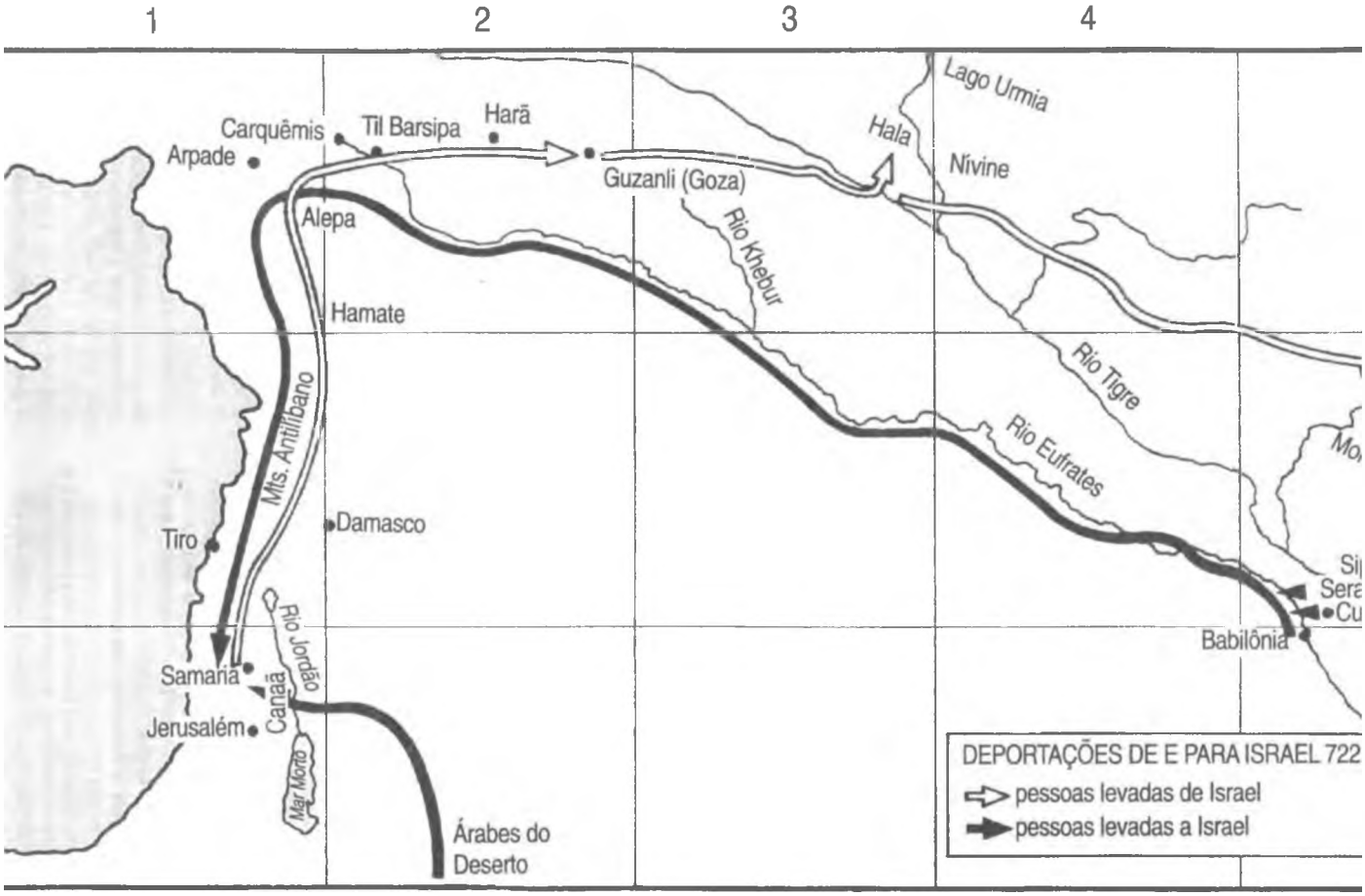
Dúvidas e Controvérsias. Há muitas controvérsias e conjecturas sobre a origem, a natureza e a função dos levitas, e sobre como eles se relacionavam aos sacerdotes. Os críticos não aceitam as declarações simples das Escrituras e saem à procura de outras informações. "Levi, tal como os outros 'filhos de Jacó', era, originalmente, uma tribo que, juntamente com Simeão, em uma data do período patriarcal, muito antes do tempo de Moisés, atacou a cidade cananéia de Siquém e depois sofreu uma derrota tão grande que os sobreviventes não formavam mais um grupo coerente, mas meramente famílias dispersas, dos quais alguns perambulavam para cá e para lá na terra de Canaã, enquanto outros migraram para o Egito e então retornaram no tempo de Moisés (conforme Gên. 34; 49.5-7). Uma conjectura interessante é a que diz que os levitas, por acaso, tornaram-se sacerdotes guardiães do santo lugar dos hebreus, em Cades-Barnéia, antes da invasão da terra de Canaã. Nesse caso, seria apenas natural que aqueles levitas tivessem sido escolhidos para servir aos primeiros santuários hebreus em Silo, onde o templo foi erigido" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*, tentando descobrir a verdadeira história dos levitas, e como foi que aquela *tribo* se transformou em uma casta sacerdotal).

Em lugar de acompanhar outras conjecturas sobre os levitas e os sacerdotes, solicito aos meus leitores consultar os artigos do *Dicionário* chamados *Levitas; Sacerdotes e Levitas* e também *Levitas, Cidades dos.* Se o leitor estudar com paciência esses artigos, obterá uma idéia de como os críticos e os estudiosos conservados têm lidado com os problemas aqui envolvidos.

Descendentes de Levi (6.1-15)

6.1-3a

"A genealogia de Levi começa referindo-se à linhagem da qual Moisés e Arão faziam parte, por causa da óbvia importância deles. Após ter-se referido aos *três filhos de Levi,* o cronista concentrou sua atenção sobre *Coate* e seu descendente, Anrão. O período de tempo entre a morte de Levi e o nascimento de Moisés (1800-1526 A. C.) requer que entendamos que a seqüência — Levi-Coate-Anrão-Moisés


1
2
3
4
Lago Urmia
Carquêmis
Til Barsipa
Harã
Arpade
Hala
Nívine
Guzanli (Goza)
Alepa
Rio Khebur
Hamate
Rio Tigre
Rio Eufrates
Mts. Antilíbano
Damasco
Tiro
Babilônia
Rio Jordão
Samaria
Canaã
Jerusalém
Mar Morto
Árabes do Deserto
DEPORTAÇÕES DE E PARA ISRAEL 722
pessoas levadas de Israel
pessoas levadas a Israel

O PROCESSO AGONIZANTE

Os assírios eram peritos em genocídio. Empregavam matanças em massa, deportavam os sobreviventes e mandavam outros povos para ocupar os territórios dos vencidos. No cativeiro assírio, Israel (as Dez Tribos do norte) morreu.

Embora nos refiramos a esse cativeiro como um evento único, na realidade estava envolvido um processo complexo. Podemos dividir esse período em quatro fases: 1. A daqueles levados cativos por Tiglate-Pileser III, nos dias de Peca, rei de Israel, em cerca de 740 A.C. (I Crô. 5.26). 2. Durante o reinado de Oséias, rei de Israel, Salmaneser, rei da Assíria, invadiu Israel por duas vezes (II Reis 17.3,5, provavelmente levando os israelitas que tinham sobrevivido à invasão anterior). 3. Seu sucessor, Sargão II, em 721 A.C., conquistou a capital, Samaria, e levou mais de 20 mil pessoas. 4. O que não fora levado cativo pelos reis anteriores, outros monarcas assírios, especialmente Esar-Hadom, em cerca de 681-668 A.C., levaram.

— representa uma lista muito maior de nomes. Ver os comentários sobre Núm. 26.58,59. É provável que os nomes desse trecho se refiram a tribo, clã, família e indivíduo, respectivamente (cf. Jos. 7.16-18). A lista pára em Moisés porque o propósito é tratar a linhagem sumo sacerdotal" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Comparações. Cf. o vs. 1 com Gên. 46.11 e Êxo. 6.16; o vs. 2 com Êxo. 6.18; o vs. 3 com Êxo. 6.20; Miriã com Núm. 26.59; os filhos de Arão com Êxo. 6.23 e Núm. 26.59; a profetisa, irmã de Arão, com Êxo. 15.20 e Núm. 26.59.

6.3b-15

Observações:

1. A lista dos descendentes de Arão concorda com a de Esd. 7.1-15 excetuando algumas poucas formas variantes. Além disso, a lista de Esdras omite seis nomes, a saber, Meraiote a Azarias (ver I Crô. 6.7).
2. Arão foi o primeiro sumo sacerdote (Êxo. 28.1), e aos seus descendentes diretos foi dado o ofício sumo sacerdotal. Todos os sacerdotes tinham de ser levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Esse ofício era reservado à família imediata de Arão.
3. I Crônicas faz de Jeozadaque o filho de Seraías (I Crô. 6.14,15). Esdras se dizia filho daquele homem (ver Esd. 7.1), mas a época não corresponde (Esdras nasceu não muito antes de 500 A. C.), portanto supomos que ele se dizia *descendente* de Seraías, e não um filho literal, o que está em harmonia com o uso da palavra no hebraico.
4. Adições e omissões nessas duas listas alertam-nos para o fato de que a palavra "filho" foi usada imprecisamente, e que por muitas vezes há elos perdidos. As genealogias não foram traçadas para serem exatas, em muitos casos, mas apenas listas representativas.
5. O cativeiro babilônico levou os levitas e sacerdotes juntamente com o resto do povo, tal como sucedeu no caso do cativeiro assírio. Cf. I Crô. 6.15 com 5.22,26. Note que Yahweh é visto como a força que causou o cativeiro, em julgamento contra a apostasia.
6. A lista refere-se a *Zadoque* como sumo sacerdote, e não menciona Abiatar, que era descendente de Eli, cuja família acabou sendo desqualificada para o ofício por causa dos pecados graves dos filhos de Eli. Além disso, Abiatar tomou o partido de Adonias, contra Salomão. Contudo, em I Crô. 15.11, o cronista faz alusão a Abiatar, o que significa que ele sabia que Abiatar ocupara o ofício sumo sacerdotal por algum tempo. Essa lista, curiosamente, deixa de lado dois sumos sacerdotes, *Joiada* (mencionado em II Crô. 22.11) e *Azarias* (mencionado em II Crô. 26.20).
7. *Urias,* mencionado em II Reis 16.11, está completamente ausente em I e II Crônicas.
8. *Seraías* era o sumo sacerdote no momento da queda de Jerusalém (588 A. C.), e Nabucodonosor mandou executá-lo em Ribla (II Reis 25.18-21 e Jer. 52.24 ss.).
9. *Vinte e dois sucessores* de Arão estão na lista, para preencher o tempo desde a morte de Arão até o exílio babilônico, mas a lista é apenas representativa, e não definitiva.

Outros Descendentes de Levi (6.16-21)

6.16-21.

Observações:

1. São listados os *três ramos* dos levitas, com suas principais subdivisões. Ver as passagens paralelas em Êxo. 6.16-19 e Núm. 3.17-20.
2. São listados os mesmos filhos e netos de Levi, e então as gerações subseqüentes de pessoas proeminentes (I Crô. 6.20-30).
3. *Gérson* é o primeiro nome da lista (vss. 20,21); depois vem *Coate* (vss. 22-30) e, finalmente, Merari (vss. 29,30). Esses foram os cabeças dos três ramos dos levitas.
4. A linhagem de Gérson é acompanhada por sete gerações, nos vss. 20 e 21.
5. Os filhos de Gérson e Merari, que aparecem nos livros canônicos da lei, não são em número suficiente para transpor as gerações desde Levi aos dias de Davi. O cronista adiciona cinco nomes (vss. 39 e 40) e mais nove (vss. 44-47), porém os críticos duvidam da validade dessas listas, supondo que esses sejam nomes do período pós-exílico colocados, anacronicamente, na história mais antiga.
6. *Famílias* (vs. 19) é palavra que significa clãs, e não famílias em nosso sentido moderno. "Segundo as casas de seus pais" conclui a lista no fim de cada uma das famílias. E essa expressão tem a mesma função em Núm. 3.20. Ver também Êxo. 6.19.
7. As *sete* gerações dos descendentes de Gérson não aparecem no Pentateuco. Isso nos permite compreender que uma fonte informativa diferente estava sendo seguida, ou, pelo menos, foi incorporada nas listas do presente capítulo.

6.22-28.

Observações:

1. A linhagem de Coate é mencionada em seguida. Esse homem não era somente ancestral de Arão (vss. 2 e 3), mas também antepassado de Samuel, o profeta-sacerdote.
2. *Aminadabe* (vs. 22) é algures chamado *Jizar* (I Crô. 6.2,18,38).
3. Arão era coatita e fundador da linhagem sacerdotal. Samuel, por outra parte, embora fosse coatita, não podia exercer o ofício de sumo sacerdote. Entretanto, ele oficiava no tabernáculo e realizava outros ministérios sacerdotais, incluindo sacrifícios (ver Núm. 3.27-32; I Sam. 1.21; 2.11 e 9.11-14). Não descender diretamente de Arão era algo que o desqualificava para a posição de sumo sacerdote.
4. No texto massorético, *Vasni* (vs. 28) certamente não está correto. Leia-se, antes, *Joel* (conforme faz nossa versão portuguesa). A Septuaginta, a Vulgata e o caldaico preservaram o erro, mas as versões siríaca e árabe, seguindo o capítulo oitavo de I Samuel, diz também *Joel.* Muito tempo e papel têm sido gasto na tentativa de explicar a presença do nome Vasni aqui. Adam Clarke está correto ao chamar isso de um simples *equívoco* do autor sacro.
5. Foi a má conduta e as injustiças dos dois filhos de Samuel que inspiraram o povo a pedir um rei. Naturalmente, houve outros fatores envolvidos. Ver o capítulo oitavo de I Samuel.

6.29,30

Observações:

1. Uma breve nota nos fornece uma parca descrição da *terceira* linhagem dos levitas, os descendentes de Merari. Esse homem foi o terceiro filho de Levi.
2. Nomes adicionais são dados para preencher melhor a descendência de Merari (vss. 44-47). Mas esses nomes parecem pertencer ao hebraico pós-exílico, e não figuram no Pentateuco. Por isso os críticos duvidam da autenticidade da adição. A lista do presente capítulo traça a sua descendência por cerca de sete gerações. Nada sabemos sobre as pessoas mencionadas. Os detalhes que porventura possam ser dados são oferecidos no *Dicionário.*

Músicos Levitas (6.31-48)

6.31-48.

Observações:

1. A *música* era parte importante do culto hebreu. Ver o artigo no *Dicionário* intitulado *Música, Instrumentos Musicais.* O poder da música é realmente grande e deve ser usado com cuidado pela Igreja. A música rock e outros ritmos sensuais dificilmente são apropriados como veículos de mensagem espiritual. Sim, eles podem atrair pessoas às reuniões e aumentar o número da congregação, mas nada dão à alma. De fato, esse tipo de música prejudica o homem espiritual.

> *Um homem com um sonho, a seu bel-prazer,*
> *Poderá sair e conquistar uma coroa;*
> *E três homens, com uma nova canção,*
> *Podem derrubar toda uma nação.*
>
> (Arthur William E. O'Shaughnesse)

2. *As guildas musicais.* Três divisões principais ou famílias de levitas estavam especificamente envolvidas na música: a família de Coré, a família de Asafe e a família de Etã, que os críticos atribuem à época do segundo templo de Jerusalém. Eles tinham "direitos musicais", empregando e alterando salmos conforme quisessem. O livro de Salmos foi virtualmente transformado em "Hinário do Segundo Templo".
3. A seção compreendida pelos vss. 31-38 contém os nomes dos músicos do tabernáculo aos quais Davi nomeou entre as três famílias levíticas (vss. 31 e 32). Estiveram envolvidos os filhos de Coate (vss. 33-38), os filhos de Gérson (vss. 39-43) e os filhos de Merari (vss. 44-47).
4. A lista dos coatitas concorda bem de perto com a lista dos vss. 22-28, mas as diferenças provavelmente indicam que havia uma fonte informativa diversa sendo usada. Assir e Elcana (vss. 22 e 23) não são repetidos na segunda lista. Cronologicamente, eles se ajustam entre Coré e Ebiasafe.
5. Samuel é novamente mencionado (vs. 33), porque sua família estava envolvida na música. Cf. os vss. 27 e 28.
6. Há seis variantes na grafia, quanto a alguns dos nomes: Eliel (vs. 34) em lugar de Eliabe (vs. 27); Toá (vs. 34) por Naate (vs. 26); Zufe (vs. 35) por Zofai (vs. 26); Joel (vs. 36) por Uzias (vs. 24); Sofonias (vs. 36) por Uriel (vs. 24).
7. Os vss. 39,40 preenchem a linhagem de Gérson, e os vss. 44-47 preenchem a linhagem de Merari. No primeiro caso temos a adição de *cinco* nomes e, no segundo, a adição de *nove* nomes. As adições preenchem os hiatos da descendência de Levi a Davi. Mas os nomes dados não representam a história hebraica antiga. São, na verdade, de origem pós-exílica, e os críticos, por isso mesmo, supõem que os acréscimos sejam artificiais.
8. *Asafe,* o primeiro nome da ordem dos gersonitas, foi um famoso cantor e salmista (autor de alguns dos salmos canônicos). Seu nome aparece nos títulos dos Salmos 50 e 73-83, num total de doze salmos. O restante da lista não tem paralelo em I Crô. 6.20,21.

9. A lista dos cantores meraritas começa com *Etã,* chamado *Jedutum* em I Crô. 9.16. A sua linhagem recua aqui até Merari através de Musi (vs. 47). A lista não se harmoniza com a dos vss. 29 e 30, e os críticos pensam que ela é em parte artificial. Ver o ponto 7, acima. Seja como for, Merari teve dois filhos, Mali e Musi (vs. 19). A sucessão de Mali aparece nos vss. 29 e 30, e a de Musi nos vss. 47 e 48.
10. "O propósito desta seção inteira (vss. 31-47) era justificar o ministério dos principais músicos de Davi, a saber, Hemã, Asafe e Etã, ao descrever sua pura linhagem levítica" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).
11. Adam Clarke fazia objeções ao abuso musical em sua época (1760-1832). Assegurava que a música havia sido transferida do teatro para a igreja, "a fim de atrair pessoas a ouvir o evangelho!". Ele se queixava sobre como as pessoas "brincavam" com a Igreja de Cristo, introduzindo elementos espúrios. Quão hodiernos são os seus comentários!
12. Ministros de qualquer categoria, no culto do tabernáculo, precisavam ser *levitas,* incluindo os músicos. Mas os *sacrifícios* cabiam aos descendentes diretos de Arão, conforme o texto passa a informar.

6.49-53

Observações:

1. "Na distinção do ministério da música, efetuado pelas ordens levíticas (vss. 31-48) estavam os *sacrifícios* expiatórios realizados pelos *descendentes* de Arão. Para enfatizar quão *apropriado* era o sacerdócio zadoquita de Davi, o cronista, *uma vez mais* (cf. os vss. 3-8) traçou a linhagem aarônica de Arão a Aimaás, filho de Zadoque" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).
2. "Arão e seus filhos" era a expressão hebraica sinônima de "sacerdotes". Três funções sacerdotais são mencionadas: a. sacrifícios nos altares dos holocaustos e do incenso; b. obra do Santo dos Santos; c. expiação, por parte de Israel, mediante ritos especiais de sacrifícios e purificações.
3. "Tudo quanto Moisés ordenara", os regulamentos do Pentateuco, como diretrizes de todos os ritos e cerimônias sacrificiais. O "servo de Deus" é Moisés, o transmissor de informações e principal líder. Ver Deu. 34.5; Jos. 1.1,13. Ele foi fiel como servo (ver Heb. 3.5).
4. O autor sacro *repete* a genealogia de Arão, seja por ênfase, empregando a mesma fonte informativa, seja simplesmente por cópia da genealogia com base em outra fonte informativa, para adicionar alguns poucos detalhes. Ao repetir a genealogia, o autor parou em Aimaás, que viveu na época de Davi e Salomão, porquanto, ao que tudo indica, a seção anterior se preocupava principalmente com os levitas daquele tempo.

Onde os Levitas se Estabeleceram (6.54-81)

6.54-81

Observações:

1. Os levitas não eram uma tribo dotada de terras, porquanto se tornaram uma casta sacerdotal. Por conseguinte, não tinham terras familiares que lhes dessem sustento, mas possuíam cidades e áreas adjacentes que podiam usar como fazendas. O próprio Yahweh era a herança deles.

> *Pelo que Levi não tem parte*
> *nem herança com seus irmãos;*
> *o Senhor é a sua herança,*
> *como o Senhor teu Deus lhe tem prometido.*
>
> (Deuteronômio 10.9)

2. Para ajudar o leitor que está acompanhando a exposição, apresentei um gráfico com os nomes das cidades dos levitas, empregando as listas do capítulo 21 de Josué e do capítulo 6 de I Crônicas. Ver também no *Dicionário* o artigo denominado *Levitas, Cidades dos.*
3. Quarenta e oito cidades foram dadas por Moisés e Josué aos levitas (ver Núm. 35.1-8; Jos. 21). Quanto a versículos que dizem que os levitas não receberam uma herança regular sob a forma de território, ver Núm. 26.62; 35.1-8; Deu. 10.9; 18.1,2 e Jos. 18.7.
4. Os levitas, além de sua medida de auto-sustento — as terras adjacentes às cidades —, também recebiam os dízimos do povo. Ver Núm. 18.21.
5. As cidades dos levitas estavam dispersas entre as tribos. Eles não eram, contudo, forçados a habitar em uma área específica. Entre essas cidades, algumas eram cidades de refúgio (ver Núm. 35.9-34; Deu. 4.41-43). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cidades de Refúgio.*
6. Espalhados entre as tribos, os levitas eram capazes de conduzir o culto a Yahweh em qualquer lugar da nação.
7. Embora as cidades estivessem entre as tribos e a elas pertencessem, os levitas tinham total direito sobre elas. Eles podiam vendê-las e redimi-las. Mas não podiam vender os *campos adjacentes.* Ver Lev. 25.32 ss.
8. A lista deste capítulo é um pouco menor que a lista do capítulo 21 de Josué. É possível que, com o tempo, algumas poucas cidades se tenham perdido, ou talvez nunca tenham sido ocupadas pelos levitas, embora estes tivessem o direito de fazê-lo. O problema da *conquista* de certas cidades, na posse de povos estrangeiros, também pode ter entrado na questão da não-ocupação.
9. Algumas das cidades pertenciam aos sacerdotes da linhagem de Coate, e outras pertenciam aos levitas que não desempenhavam um papel sacerdotal (ver I Crô. 6.61,64-70).
10. Uma das cidades levíticas do território da tribo de Benjamim era Anatote (vs. 60). O profeta Jeremias era filho de um sacerdote daquele lugar, e, assim sendo, deve ter sido um levita coatita (ver Jer. 1.1).
11. *Distribuição entre os Clãs dos Levitas:*

a. *Os vss. 57-60* listam as cidades dos coatitas das tribos de Judá, Simeão e Benjamim. Esses levitas eram *sacerdotes.* Treze cidades são citadas na lista do capítulo 21 de Josué. Mas a lista deste capítulo dá onze cidades.
b. *Os vss. 61,64-70* listam as cidades dos coatitas não-sacerdotes. As tribos envolvidas eram Efraim, Dã e a parte ocidental de Manassés. Dez cidades estão listadas no capítulo 21 de Josué; e oito cidades neste capítulo.
c. *Os vss. 71-76* listam as cidades dos gersonitas. As tribos envolvidas foram a de Manassés oriental, Issacar, Aser e Naftali. Um total de treze cidades aparece tanto no capítulo 21 de Josué como neste capítulo. Mas há variantes quanto à grafia, e/ou algumas cidades têm seus nomes alterados entre Josué e I Crônicas.
d. *Os vss. 77-81 listam* as cidades dos meraritas, que se espalhavam pelos territórios das tribos de Zebulom, Rúben e Gade. Doze cidades figuram tanto na lista do capítulo 21 de Josué quanto na lista deste capítulo, e/ou algumas cidades têm seus nomes alterados entre Josué e I Crônicas. Josué viveu em cerca de 1399 A. C., e o autor de I Crônicas em cerca de 400 A. C., ou seja, aproximadamente mil anos mais tarde. Algumas das quarenta e oito cidades mencionadas provavelmente nunca foram conquistadas e ocupadas pelos levitas.

Capítulo Sete

As Tribos do Norte (7.1-40)

Issacar (7.1-5)

O intuito principal do autor sagrado era autenticar os direitos religiosos e políticos dos que tinham retornado do cativeiro babilônico. Visto que somente Judá, a única tribo sobrevivente de Israel, retornou, esta foi tratada com mais pormenores nas genealogias. Mas o autor não ignorou as outras tribos, embora, na realidade, elas não mais existem desde o cativeiro assírio. A inclusão das tribos perdidas nas genealogias visou apenas dar um quadro completo do povo de Israel. Ver os parágrafos introdutórios ao primeiro capítulo quanto a uma explicação sobre a razão das genealogias. Além dessa questão de um quadro completo, o autor sacro também dava a entender em sua genealogia, mediante a inclusão de todas as doze tribos, que o antigo propósito de Deus, que operava através do Israel unido, continuava operando através da Israel restaurado (através da tribo de Judá). Ver no Dicionário os artigos chamados *Tribo (Tribos de Israel)* e *Tribos, Localização das.*

7.1-5

Observações:

1. Estes versículos vêm de alguma fonte desconhecida, sem paralelo em outras porções do Antigo Testamento. A descendência da tribo de Issacar não é completamente traçada. Gên. 46.1 e Núm. 26.23-25 citam *quatro* filhos de Issacar, mas o cronista apresenta a linhagem de *Tola* e apenas menciona as outras.
2. *Números na lista*:

a. O número total de homens militarmente capazes que descendiam de Tola, no tempo de Davi, atingia 22.700. Ver I Crô. 7.2 e cf. II Sam. 24.1-9.
b. O número dos descendentes de Uzi era de 36.000 (ver I Crô. 7.4).
c. O número total dos descendentes de Tola, incluindo os filhos mencionados e outras famílias não chamadas por nome, era de 87.000. Desses, 28.400 vinham de famílias não chamadas por nome.

3. O autor sagrado idealizou os soldados que eram o instrumento utilizado por Yahweh para conquistar a Terra Prometida e estabelecer Israel como uma nação. A comunidade inteira compartilhava das horrendas tarefas da guerra, e de seus resultados positivos. O apóstolo Paulo, no sexto capítulo da epístola aos Efésios, empregou metáforas militares para ensinar importantes lições espirituais. Por isso mesmo compôs o autor de hinos:

> *Soldados de Cristo, erguei-vos,*
> *E vesti vossas armaduras.*
>
> (Charles Wesley)

AS CIDADES LEVÍTICAS COMPARAÇÃO ENTRE JOSUÉ 21.9-42 e I CRÔNICAS 6.54-81

ORDENS LEVÍTICAS	JOSUÉ	I CRÔNICAS
Descendentes de Coate (Sacerdotes)		
Receberam cidades de Judá e Simeão	Hebrom Libna Jatir Estemoa Holom Debir Aim Jutá Bete-Semes	Hebrom Libna Jatir Estemoa Holom Debir Aim Jutá Bete-Semes
Receberam cidades de Benjamim	Gibeon Geba Anatote Almon	Omitida Geba Alemete (Almom) Ananote
Descendentes de Coate (não-sacerdotes)		
Receberam cidades de Efraim	Siquém Gezer Quibzaim Bete-Horom	Siquém Gezer Jocmeão Bete-Horom
Receberam cidades de Dã	Elteque Gibeton Aijolom Gate-Rimom	Omitida Omitida Aijalom Gate-Rimom
Receberam cidades da meia tribo de Manassés	Taanaque Gate-Rimom	Aner Bileã
Descendentes de Gérson	Golã	Golã
Receberam cidades da meia tribo de Manassés	Beesterá	Astarote
Receberam cidades de Issacar	Quision Daberate Jarmute En-Ganin	Guedes Daberate Ramote Aném
Receberam cidades de Aser	Misai Abdom Helcate Reole	Masal Abdom Hocoque Reobe
Receberam cidades de Naftali	Quedes Hamote-Dor Cartã	Quedes Hamom Quiriataim
Descendentes de Merari		
Receberam cidades de Zebulom	Jocneão Cartá Dimna Naal	Omitida Omitida Rimono Tabor
Receberam cidades de Rúben	Bezer Jaza Quedemote Mefaate	Bezer Jaza Quedemote Mefaate
Receberam cidades de Gade	Ramote Maanaim Hesbom Jazer	Ramote Maanaim Hesbom Jazer

Observações: Em alguns casos temos variantes de soletração dos nomes das cidades. Mas alguns nomes podem ser de cidades diferentes. Condições e nomes mudaram entre 1399 (o tempo de Josué) e 400 A. C. (o tempo de Crônicas).

4. Confira os números dados aqui e aqueles do primeiro e do segundo recenseamento, conforme se vê nos gráficos existentes em Núm. 1.2. Encontramos aqui alguns dos resultados do recenseamento de Davi (II Sam. 24).

Benjamim (7.6-12)

7.6-12

Observações:

1. A genealogia apresentada aqui é bastante sucinta, uma característica das genealogias atinentes às tribos do norte. O oitavo capítulo de I Crônicas, entretanto, expande-a grandemente. Essa expansão foi uma espécie de clímax da história pré-davídica.
2. *Comparações.* O trecho de Gên. 46.21 lista dez dos filhos de Benjamim. Mas Núm. 26.38-41 lista cinco desses filhos. O cronista, por sua vez, menciona somente três filhos no texto presente, mas cinco na lista expandida (II Crô. 8.1,2). É provável que alguns dos "filhos" de Benjamim (na lista de Gênesis) incluam netos, e isso explicaria as diferenças nas listas. Contudo, existem diferenças inexplicáveis nas listas, que ninguém conseguiu elucidar.
3. *Bela* e *Bequer* são mencionados em ambas as listas, mas *Jediael* (vs. 6) é citado somente aqui. Alguns especulam que ele deve ser identificado com o Asbel de Gên. 46.21; Núm. 26.38 e I Crô. 8.1.
4. A lista está obviamente truncada. Cinco filhos de Bela aparecem aqui, mas eles são nove em I Crô. 8.3-5. Bequer, que teve nove filhos (ver I Crô. 7.8), não é mencionado no capítulo oitavo. O autor sacro, como é óbvio, não estava interessado em precisão, e, ainda que estivesse interessado em informações extras, não tinha como consegui-las.
5. *Bilã* (vs. 10) não aparece no capítulo oitavo.
6. A descendência de Bela é acompanhada no oitavo versículo, enquanto a de seus irmãos é omitida. Isso se deu porque o autor queria apresentar a linhagem de Saul, visto ter sido ele o primeiro rei de Israel (ver I Crô. 8.33).
7. *Supim* e *Hupim* vieram através de Ir (I Crô. 7.12), que era um dos filhos de Bela (vs. 7) (supondo-se que devamos identificar Ir com Iri). *Husim* era filho de Aer, filho de Benjamim (supondo-se que Aer seja identificado com Airão, e este com Aarã). Esses nomes são dados nos trechos paralelos de Núm. 26.38 e I Crô. 8.1.
8. *Números dos recenseamentos:* Descendentes de Bela, 22.034 (7.7); de Bequer, 20.200 (vs. 9); de Jediael, 17.200 (vs. 11). Grande total: 58.434 homens aptos para a guerra. A tribo de Benjamim havia sido dizimada pela guerra civil e reduzida a meros 600 homens no tempo dos Juízes (20.44-48). Mas isso ocorrera cerca de 400 anos antes do recenseamento de Davi, e 600 famílias poderiam ter-se reproduzido de modo a resultar nos números apresentados.
9. Em I Crô. 7.12b, as palavras "filhos de Ir; e Husim, filho de Aer", são consideradas um erro textual por muitos eruditos, que preferem corrigi-las para: "... os filhos de Dã, Husim, seu filho, e único". Cf. a Septuaginta e Gên. 46.23.

Naftali (7.13)

7.13

São listados quatro filhos de Naftali, o que concorda com Gên. 46.24 e Núm. 6.38-41. O nome Jaziel é grafado como *Jazeel*, em Núm. 26.48. Netos são, novamente, chamados filhos, em concordância com o uso comum entre os hebreus. Naftali era filho de Bila, concubina de Jacó.

Manassés (7.14-19)

7.14-19

Observações:

1. O livro de Gênesis não registra uma genealogia separada de Manassés, pois naquele tempo Manassés fazia parte da tribo José, que ainda não havia sido dividida em Manassés e Efraim.
2. *Maquir* era filho de Manassés, por sua concubina araméia (vs. 17; Núm. 26.29; Jos. 17.1). Ele foi pai de Gileade (Núm. 26.29; 36.1).
3. *Asriel* é mencionado somente aqui (vs. 14).
4. A referência dupla a Maaca (I Crô. 7.15,16) pode ser explicada pela suposição de esse era o nome tanto da irmã quanto da esposa de Maquir.
5. Outro importante descendente de Manassés era Zelofeade, que, embora tivesse cinco filhas, não possuía filhos. Cf. Núm. 36.1-9. Ver também Jos. 17.3.
6. A tribo de Manassés foi dividida pelo rio Jordão em duas partes: a parte oriental (Transjordânia) e a parte ocidental. Na parte ocidental estavam Hamolequete, irmã de Maquir, que teve Is-Hode, Abiezer e Maalá como filhos. Além desses, havia os quatro filhos de Semida (vs. 19). Quanto a detalhes sobre a tribo de *Manassés*, ver no *Dicionário*.
7. "A passagem inteira parece afirmar um elemento arameu e benjamita na população de Manassés ocidental" (Ellicott, *in loc.*).

Efraim (7.20-29)

7.20-29

Observações:

1. *Efraim* (juntamente com Manassés) era filho de José. Estritamente falando, não havia nenhuma tribo de José. Antes, duas tribos desenvolveram-se de seus filhos, a de Manassés (vss. 14-19) e a de Efraim (vss. 20-29). Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* sobre a tribo de *Efraim*.
2. A descendência de Efraim culminou em Josué (vs. 27). Ele era o companheiro ilustre de Moisés e seu sucessor.
3. Do primeiro filho de Efraim, Sutela, desenvolveu-se uma linhagem. Várias gerações são listadas, incluindo um segundo Sutela (vss. 20 e 21).
4. Os outros dois filhos de Efraim foram mortos pelos filisteus em Gate, o que constituiu matéria de grande consternação para o pai deles. Isso ocorreu por volta de 1200 A. C. (vss. 21 e 22).
5. Efraim nasceu no Egito, antes da grande fome (Gên. 41.50-52). Talvez os homens de Gate tivessem ido ao Egito em sua missão de matança. Mais provável ainda é que, embora vivessem no Egito, certos israelitas fizessem viagens à terra de Canaã, e talvez até mantivessem algum comércio e agricultura naquele lugar. Essa circunstância, pois, armou o palco para a tragédia. Somos informados especificamente de que *Seerá* construiu Bete-Horom (a baixa e a alta) e também Uzém-Seerá (vs. 24). Isso tudo deve acontecido durante a permanência de Israel no Egito. Mas alguns estudiosos pensam que há nessas afirmações algum anacronismo. Ver como a edificação foi atribuída a uma mulher, algo muito incomum na cultura dos hebreus.
6. *O Trabalho Feminino.* O vs. 24 tem inspirado autores a desenvolver uma lição sobre a contribuição da mulher. Envergonhado seja o homem que disse, ao comentar sobre o vs. 24: "No vs. 24, realmente achamos uma mulher fazendo alguma coisa!". Por outra parte, ele se apressou a adicionar: "Quão grandes construtoras podem ser as mulheres! Que caráter podem edificar em seus filhos e filhas! Que influência podem construir em redor de si mesmas! As mulheres podem fazer um trabalho que os homens nem ao menos podem tentar" (citado por W. A. L. Elmslie, que não identificou a fonte originária). O autor desconhecido enfatizou as contribuições domésticas da mulher, que é onde quase sempre recai a ênfase bíblica. O século XX tem testemunhado a rápida expansão das contribuições femininas em todas as atividades humanas. A modernidade derrubou muitas barreiras antigas, artificiais. Em meu tempo de jogador de basquetebol, ninguém teria acreditado que as moças poderiam jogar basquetebol com alguma habilidade. Atualmente vêem-se mulheres como Hortência, grande jogadora brasileira de basquetebol, e isso é algo de admirável. Há uma grande verdade espiritual naquilo que Paulo nos disse: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gál. 3.28). Mas no tempo de Paulo essa foi, realmente, uma declaração revolucionária.
7. Existem *oito gerações* entre Efraim e Josué (vss. 25-29). Com Josué veio a colonização pós-conquista da tribo de Efraim (vss. 28,29). O território envolvido foi mais ou menos o de *Betel*, ao norte do vale de Jezreel, e o do rio Jordão ao mar Mediterrâneo. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Tribo (Tribos de Israel)* e *Tribos, Localização das.*

Aser (7.30-40)

7.30-40

Observações:

1. A primeira parte da lista parece ter sido uma cópia direta de Gên. 46.17 e Núm. 26.44-46. Mas a começar com *Birzavite* (vs. 31), através de *Rizia* (vs. 39), temos uma lista que aparece somente neste livro de I Crônicas. Foram empregadas fontes originárias separadas, não-canônicas, das quais não dispomos atualmente.
2. Os 26.000 homens em idade e aptidão para a guerra eram descendentes de Aser (vs. 40).
3. Em Jos. 16.3, *Jaflete* aparece como um clã, mas esse clã vivia longe das fronteiras de Aser, portanto é difícil perceber como tal clã poderia estar relacionado ao homem citado no vs. 33 deste capítulo.
4. *Arã* (vs. 34) é o nome ordinário dos sírios, a leste e a oeste do rio Eufrates. Talvez aqui designe um clã de origem meio-araméia.
5. Cf. 26.000 homens (vs. 40) com os dois recenseamentos de Núm. 1.2, onde apresento um gráfico. O número que aparece no presente versículo aparentemente resultou do recenseamento feito nos dias de Davi, e vemos um grande declínio no número dos homens da tribo de Aser, sem dúvida devido a guerras e enfermidades. A maioria dos recenseamentos feitos em Israel tinha uma natureza militar, listando somente os que eram capazes de ir à guerra. Portanto, para chegar ao número verdadeiro dos *habitantes*, temos de multiplicar os resultados ao menos por três.

Capítulo Oito

Genealogia de Benjamim (8.1-40)

O autor sacro já havia apresentado uma genealogia abreviada de Benjamim (ver I Crô. 7.6-12), mas agora volta a fazê-lo, com maiores detalhes. A principal peça de informação que ele queria transmitir aos leitores, pelo emprego de nove capítulos de genealogias, era que Judá, a única tribo que tinha voltado do cativeiro babilônico, trazia consigo toda a autoridade de Yahweh necessária para começar Israel tudo de novo. As dez tribos do norte perderam-se totalmente durante o cativeiro assírio. Contudo, o autor sagrado apresentou genealogias abreviadas dessas tribos, para que sua exposição fosse completa, e também para dizer: "As antigas promessas feitas a *Israel* não falharam. Israel continua sob o favor de Deus, a despeito das calamidades. Um novo começo teve início com Judá". A tribo de Benjamim, conforme sabemos, foi absorvida por Judá, portanto restou somente uma tribo sulista, afinal. Naquela tribo isolada — Judá — nova vida foi conferida ao povo em pacto com Deus, e assim esse povo teve continuidade. Quanto a comentários adicionais sobre os *propósitos* das genealogias, ver os parágrafos introdutórios da exposição sobre I Crô. 1.1.

A genealogia de Benjamim, conforme é dada aqui, tinha outro propósito: traçar a linhagem de Saul, primeiro dos reis de Israel, cuja história o autor sagrado começará a relatar no capítulo 10 de I Crônicas.

"O presente registro é bastante diferente daquele preservado em I Crô. 7.6-12, o qual, conforme vimos, é o extrato de um documento registrado com propósitos militares. Ao que parece, essa nova lista era baseada em informações topográficas e concorda melhor com os informes dados no Pentateuco (Gên. 46 e Núm. 26), contanto que demos espaço para os equívocos das várias gerações de copistas. O cronista bem pode ter pensado que a breve seção do sétimo capítulo era por demais pequena para uma tribo que havia fornecido a primeira casa real" (Ellicott, *in loc.*).

8.1-5

Observações:

1. *Comparações.* Gên. 46.21 menciona dez filhos de Benjamim. Núm. 26.38-41 fornece cinco nomes. No sétimo capítulo, o cronista dá apenas três nomes, mas sua lista expandida do capítulo oitavo também tem cinco nomes (vss. 1,2). Sem dúvida, alguns dos filhos são, na realidade, *netos*, de acordo com o uso dos hebreus, o que pode explicar algumas diferenças. Contudo, há diferenças intransponíveis na comparação das várias listas, que nenhuma argumentação tem obtido sucesso ao explicar.
2. *Noá* e *Rafa* figuram somente aqui, no oitavo capítulo de I Crônicas. "A série presente de nomes concorda com Núm. 26.38, ao atribuir *cinco* filhos a Benjamim, onde Bela aparece como o filho primogênito, e Asbel como o segundo filho. Além disso, há bastante semelhança entre o nome *Aará* e o nome *Airão* (Núm. 26.38) para garantir a hipótese de que esses dois nomes apontam para uma única pessoa. Mas daí não podemos concluir que o *Noá* e o *Rafa* da lista presente sejam paralelos a Sefudã-Hufã da outra lista. O mais provável é que Noá e Rafa representem clãs diferentes" (Ellicott, *in loc.*).
3. *Bela*, segundo lemos, teria tido *nove filhos*, tal como os filhos de Bequer, em I Crô. 7.8, mas nenhum dos nomes corresponde.
4. *Adar* é o mesmo *Arde* do capítulo 26 de Números, mas se trata do filho mais velho de Bela, ao passo que no capítulo 46 de Gênesis ele é, aparentemente, seu irmão caçula.
5. Números e I Crônicas concordam que Arde e Naamã eram *netos* de Benjamim (Núm. 26.40; I Crô. 8.3,4). As listas são bastante incompletas (de diferentes maneiras) e também usam o termo "filho" de maneira frouxa, indicando neto ou descendente. Algumas listas podem ter sido editorialmente seletivas, e algumas *fontes originárias* podem ter sido representativas e/ou defeituosas. Problemas intransponíveis foram assim criados para os harmonistas, mas não para a espiritualidade.
6. *Sefufá* e *Hurão* (vs. 5), que figuram no presente capítulo, são apresentados como filhos mais jovens de Bela; mas em Gênesis e Números, são seus irmãos mais jovens, chamados Mupim (Supim), Hupim, Sefudã e Hurão. Diferentes graus de parentescos e diferentes grafias dos nomes nos perseguem.

8.6-28

Observações:

1. *Eúde* foi neto de Jediael, conforme aprendemos em I Crô. 7.10. Talvez este último também fosse chamado de *Asbel* (ver Gên.46.21). A família de Eúde era hostil aos demais benjamitas e saiu perdendo em sua inimizade. Esse fato só nos é transmitido aqui.
2. *Saaraim.* Provavelmente trata-se do mesmo Aisaar de I Crô. 7.10. Era filho de Bilã, o que indica que a linhagem foi traçada através de Asbel (Jediael), Bilã e outros. Saaraim viveu por algum tempo na terra de Moabe. Ali chegando, divorciou-se de suas esposas, Husim e Baara, mas uma terceira esposa lhe deu sete filhos. O cronista, porém, estava interessado na descendência através de Husim (vs. 11a). Essa linhagem passou de Saaraim a Elpaal (vs. 12) e Berias (vs. 13). O limite é levado à sua conclusão pela menção aos filhos de Simei (vss. 19-21) e aos de Sasaque (vss. 22-25) e Jeroão (vss. 26 e 27), aos quais conhecemos apenas pelos nomes, pois nenhuma informação foi dada acerca deles na Bíblia.
3. Os muitos descendentes mencionados viviam todos em Jerusalém (vs. 28). Devemos compreender que isso aconteceu depois que Davi tomou a cidade das mãos dos jebusitas, transformando-a em sua capital (ver II Sam. 5.1-10).
4. O décimo terceiro versículo lembra-nos de que estamos tratando aqui com "clãs" (os homens mencionados eram cabeças "das casas do pai"). As listas que aparecem nos capítulos primeiro a nono são com freqüência representativas e são defeituosas. Não houve nenhuma preocupação em apresentar listas completas, e isso nem mesmo foi possível ao autor. Várias fontes informativas (algumas vezes contraditórias) foram usadas quanto às informações colhidas.
5. *Nove* filhos de Berias são listados (vss. 14-16); *sete* de Elpaal (vss. 17,18); *nove de* Simei (vss. 19-21); *onze* de Sasaque (vs. 14); e *seis* de Jeroão (vss. 26 e 27). Ocorre repetição de nomes. Todas as listas são apenas representativas.
6. *Chefes das famílias*, isto é, de clãs, expressão que apresenta um sumário dos versículos anteriores. O autor sacro descreve a cabeça dos clãs principais e dá alguns detalhes sobre como os descendentes foram distribuídos entre os clãs.

8.29-40

Observações:

1. Aprendemos, no vs. 28, que uma das principais cidades dos benjamitas era Jerusalém. *Agora* somos informados que outro centro principal dos benjamitas era *Gibeão*. Era a essa linhagem dos benjamitas à qual o rei Saul estava relacionado.
2. A lista presente começa com o bisavô de Saul, *Jeiel* (vs. 29, conforme a Revised Standard Version. Ao texto hebraico falta o nome *Jeiel*).
3. Não nos é dada nenhuma informação sobre como relacionar essa linhagem aos outros nomes, que já tinham sido citados. A linhagem começa em data muito posterior às outras, antecedentes ao trecho de I Crô. 8.1 ss.
4. A descendência parece ter sido: Jeiel (vs. 29); Ner (vs. 30; cf. 9.36); Quis (vs. 33); Saul (vs. 33). Ver comentários sobre Ner, Quis e Saul, em I Sam. 14.50,51.
5. Então aparecem os filhos de Saul: Jônatas; Malquisua; Abinadabe = Isvi, I Sam. 14.49; Esbaal = Is-Bosete, II Sam. 2.8), todos listados aqui no vs. 33.
6. O *neto* de Saul, Meribe-Baal = Mefibosete, II Sam. 4.4). Davi o favoreceu por amor a Jônatas.
7. Depois de *Mica* (filho de Mefibosete, vs. 34), temos uma lista que aparece somente aqui e na genealogia de I Crô. 9.41-44). Assim, somente o cronista mencionou esses nomes, a partir de fontes informativas de que outros historiadores não dispunham.
8. A lista dos antepassados de Saul é repetida em I Crô. 9.35-44. Sua função ali era agir como prelúdio das histórias sobre Davi e os demais reis de Judá contadas pelo autor sacro.
9. *Os Nomes e a Piedade. Baal* era um antigo nome palestínico para Deus e, aparentemente, também era um nome usado pelos hebreus. Mas chegou o tempo em que os hebreus rejeitaram esse nome como de origem pagã; e então Yahweh, Elohim e Adonai predominaram na cultura hebraica. Assim sendo, *Esbaal* significa "adorador de Baal". O trecho de II Sam. 2.8 altera esse nome para a forma mais aceitável de Is-Bosete, provavelmente porque o livro de II Samuel era lido em voz alta nos cultos das sinagogas, onde a palavra "Baal" chocaria ouvidos sensíveis. Os livros de Crônicas, entretanto, não eram lidos em voz alta nos cultos de Israel, assim o nome Baal poderia ser retido ali. Baal, em uma data anterior, significava apenas que o Deus dos hebreus era o *Senhor* (Ba'al) da terra de Canaã. Is-Bosete significa "homem (adorador) de vergonha", termo que expressava repugnância contra qualquer coisa relacionada a Baal.
10. A proximidade entre as duas tribos facilitou a incorporação de Benjamim à tribo de Judá, mediante o que Benjamim perdeu sua própria identidade e foi absorvida pela tribo maior do sul. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Benjamim.* Ver também ali os verbetes chamados *Tribo (Tribos) de Israel* e *Tribos, Localização das.*
11. *Habitações de Benjamim.* Os campos de Moabe (vss. 8-10); Ono e Lode (vs. 12); Aijalom (vs. 13); Jerusalém (vs. 28); Gibeom (vs. 29).

Capítulo Nove

Oficiais do Templo (9.1-34)

Cidadãos de Jerusalém; Líderes Políticos (9.1-9)

Neste ponto o autor sagrado relata a principal razão para arrolado todas aquelas genealogias (capítulos primeiro a oitavo), o que ele concluirá neste nono

capítulo. A despeito do cativeiro assírio (722 A. C., que pôs fim às dez tribos do norte (Israel) e do cativeiro babilônico (que *quase* pôs fim às tribos do sul _ Judá), sobreviveu um remanescente e havia autoridades suficientes, civis e religiosas, para *reiniciar* a história da nação de Israel através de uma única tribo, Judá, a qual já havia absorvido as outras. Contudo, o povo escolhido continuava sendo o povo escolhido de Yahweh. A pequena Nova Nação de Israel, pois, tinha autoridade divina para levar adiante o plano divino, apesar das grandes perdas sofridas. As genealogias falam da nação escolhida. Embora de maneira modesta, essas genealogias promoveram uma base histórica para a Nova Nação, por meio da tribo de Judá.

9.1

No livro dos reis de Israel. O autor sagrado refere-se aqui a um livro não-canônico que lhe serviu como uma de suas fontes informativas. Os livros canônicos dos Reis não estão em foco nessas palavras. Quanto aos livros não-canônicos, ver I Reis 14.19. A respeito de suas genealogias e crônicas históricas, o autor sagrado tinha à disposição diários, histórias e anais, cuja natureza exata só podemos tentar adivinhar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livros Perdidos da Bíblia.*

Foi o *pecado* que levou Judá ao cativeiro babilônico, mas o favor divino não cessou no caso deles. Um remanescente retornou à Palestina, para levar avante o propósito divino. Ver no *Dicionário o* artigo chamado *Cativeiro Babilônico.*

9.2-9

Observações:

1. *Estes versículos* continuam com a discussão sobre os cidadãos de Jerusalém, especificamente os líderes políticos. No vs. 10 é mencionada a presença de *sacerdotes,* e então há uma breve descrição sobre eles nos versículos seguintes. Foi assim que a Nova Nação, que emergiu do cativeiro babilônico, estava equipada com os oficiais apropriados e os sacerdotes que tinham autoridade para dar prosseguimento ao plano divino.
2. Após o cativeiro, os *primeiros habitantes* de Jerusalém foram enumerados por classes, no segundo versículo. Essa lista também figura em Nee. 11.3-19, mas com algumas diferenças, o que a torna um pouco mais vaga.

a. *Israelitas.* Esta palavra aponta particularmente para o remanescente da tribo de Judá que retornou do cativeiro babilônico. Judá é aqui chamado de Israel, porquanto nessa tribo de Judá o povo de Israel recebia um novo começo. Cf. II Crô. 30.18 e Sal. 80.2. Naturalmente, estavam incluídos alguns poucos provenientes de outras tribos, como Benjamim, Efraim e Manassés. Mas o número de israelitas de "outras" tribos não era muito grande. Ver os comentários sobre o terceiro versículo. Provavelmente devemos compreender que os descendentes de Judá *incluíam* alguns cujas genealogias comprovavam uma origem nas antigas tribos do norte. Esse detalhe dava um toque de universalidade ao remanescente que retornou do cativeiro babilônico.

b. *Sacerdotes.* Isto é, levitas da família de Arão que tinham o direito de efetuar sacrifícios sacerdotais e outras funções ritualísticas. Alguns também conseguiram sobreviver ao cativeiro. E assim a Nova Nação tinha *autoridade* sacerdotal.

c. *Levitas.* Além dos descendentes de Levi através de Arão, havia outros ramos representados, de modo que tarefas não-sacerdotais do culto divino também podiam ser realizadas com autoridade, de acordo com os requisitos do Pentateuco.

d. *Servos do Templo ou Netinins.* Esses homens faziam trabalho servil no templo, e é provável que a maioria deles, se não mesmo a totalidade, fosse composta por escravos. Eram, sem dúvida, como os antigos gibeonitas (ver Jos. 9.27). Foram nomeados por Davi para tarefas pesadas (ver Esd. 8.20). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Netinim (Servos do Templo),* quanto a maiores detalhes. Não é historicamente correto afirmar que essa classe pertencia à tribo de Levi. De fato, historicamente eles tinham origem pagã (os gibeonitas). Em Cristo, porém, não há nem libertos nem escravos, nem homem nem mulher (ver Gál. 3.27,28). No Antigo Testamento, entretanto, os escravos podiam trabalhar no templo, sem que houvesse nenhuma conexão de sangue com os levitas. As classes inferiores efetuavam um trabalho inferior, que pessoas de outras classes não queriam desempenhar. Portanto, a regra dos "levitas somente" no tabernáculo e no templo de Jerusalém sofria exceções quando se tratava de trabalhos pesados, como transportar água e cortar lenha.

3. O *terceiro versículo* informa-nos que, entre os que retornaram do cativeiro babilônico, havia representantes de outras tribos além de Judá, mas é provável que até nesse caso devamos compreender pessoas de outras tribos, fora de Judá, que tinham sido absorvidas pela tribo do sul. Pode ter havido algumas poucas pessoas, provenientes da nação do norte, que terminaram no cativeiro babilônico, mas é provável que o autor sagrado não quisesse transmitir-nos essa informação aqui. Quando a idolatria tornou-se insuportável na nação do norte, muitos fugiram dali para a nação do sul, de forma que houve uma mistura de gente do norte em Judá, antes mesmo do cativeiro babilônico. Judá se tinha tornado, até certo ponto, uma tribo universal, e assim estava apta a continuar a nação de "Israel" (vs. 1), embora, de fato, fosse apenas uma das tribos de Israel.
4. *Vss. 4 e 5.* "Os descendentes de Judá representavam todas as três linhagens dos filhos de Judá: a de *Perez* (vs. 4); a dos silonitas (vs. 5), descendentes de *Selá* (ver Gên. 38.5); e a de *Zerá* (vs. 6). Ver Gên. 38.30.
5. Note o leitor quão *poucos* retornaram do cativeiro babilônico (vs. 6), no caso dos descendentes de Zerá. Não havia muitos totais, e mesmo assim o número de pessoas que retornaram era bem pequeno. Ver o ponto 8 quanto a outros comentários sobre o número de pessoas que retornaram do cativeiro babilônico.
6. O oitavo versículo cita alguns poucos descendentes de Benjamim que estavam entre o remanescente do cativeiro babilônico. Nenhum dos mencionados era filho direto de Benjamim, mas algum parente afastado. Nos nomes dados, *quatro linhagens* são arroladas. Cf. a lista de Nee. 11.4-9.
7. As listas sobre Judá, dadas aqui e no capítulo 11 de Neemias, não correspondem entre si. Talvez *Utai* seja o mesmo Ataías, de Nee. 11.4; e *Asaías* (I Crô. 9.5) seja o mesmo Maaséias, de Nee. 11.5. Neemias ignora completamente a linhagem de Zerá.
8. I Crô. 9.6 dá um total de 690 homens, ao passo que Nee. 11.6 fala em 468. Talvez a linhagem de Zerá, ignorada por Neemias, explique essa diferença.
9. I Crô. 9.9 tem outros números (956, total de Benjamim), ao passo que Nee. 11.8 fala em 928. Não há como explicar essa diferença, mas é importante fazê-lo. Os números revelam quão poucos retornaram do cativeiro babilônico. Verdadeiramente, até Judá (para nada dizermos sobre as tribos do norte) tinha sido reduzido a alguns preciosos poucos indivíduos.

Os Sacerdotes (9.10-13)

9.10-13

Observações:

1. Israel (preservado como a tribo de Judá) não poderia funcionar como a nação divina sem seus sacerdotes, descendentes de Arão, conforme requerido pela legislação mosaica acerca dos sacerdotes. Assim sendo, o autor assegura-nos que alguns sacerdotes conseguiram sobreviver ao cativeiro babilônico e retornaram junto com o remanescente.
2. Seis famílias sacerdotais são mencionadas, através de seus representantes. Essas famílias correspondem de perto, com variantes na grafia, à lista de Nee. 10.10-14, exceto pelo fato de que, em Nee. 11.10, *Jedaías* é filho de *Joiaribe.* O nome que aparece aqui é *Jeoiaribe,* mas sua relação paternal não é dada, ou então se trata de uma pessoa diferente.
3. A lista de Neemias é mais completa, e deve ter sido copiada de uma fonte informativa diferente.
4. Os totais fornecidos não coincidem. I Crônicas cita 1.760 pessoas (vs. 13), ao passo que Neemias fala em 1.192 pessoas (vs. 14). Não sabemos explicar a razão dessa diferença, nem é importante saber.
5. A famosa família dos *macabeus,* que trouxe um período de independência de potências estrangeiras (posteriormente à época dos livros de Crônicas), afirmava ser descendente de *Joiaribe,* e não há razão para duvidarmos dessa assertiva, embora ela não possa ser provada.

Os Levitas (9.14-16)

9.14-16

Observações:

1. O segundo versículo fornece *quatro* classes de habitantes de Jerusalém que compunham as autoridades e os artífices de valor. Entre elas estavam levitas que não pertenciam à família sacerdotal de Arão. Eles eram importantes para o culto divino, e, pela legislação mosaica, indispensáveis.
2. *Sete famílias* de levitas viviam em Jerusalém depois do cativeiro babilônico e emprestavam legalidade ao culto dos judeus. Ver o vs. 34 e comparar o termo *Cidade Santa,* em Nee. 11.18. Ver no *Dicionário* o artigo *Levitas.*
3. *Aldeias dos netofatitas* (vs. 16). É possível que eles formassem um dos subúrbios de Jerusalém. Em vista está *Netofa,* que alguns estudiosos consideram uma aldeia separada, próxima de Belém. A sua localização exata é desconhecida atualmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Netofa (Netofatitas),* quanto a detalhes. Esse nome é preservado em uma fonte perto de um antigo lugar de habitação chamada *'Ain en-Natuf.* Ver Nee. 7.26 e I Crô. 2.54.
4. O paralelo da presente passagem é Nee. 11.15-18, mas há diferenças significativas, incluindo a grafia de nomes e adições e omissões que não temos meios de explicar. Os artigos dados no *Dicionário* sobre os nomes próprios adicionam alguns detalhes.

Porteiros e Trabalhadores — O Pessoal do Templo (9.17-34)

9.17-34

Observações:

1. Os versículos anteriores (14-16) não descrevem as diversas tarefas dos levitas não-sacerdotais, de maneira que agora o autor nos dá algumas idéias. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Levitas.*

2. O autor diz aqui que, embora Israel (a nação do norte) tivesse deixado de existir por causa do cativeiro assírio, e embora Judá (a nação do sul) tivesse sido reduzida a praticamente nada, o remanescente que retornou tinha sacerdotes e levitas em número suficiente para efetuar o culto divino em concordância com as exigências da legislação mosaica. Os levitas que figuram nesta seção (vss. 17-27) tinham a responsabilidade de abrir e fechar as portas do templo, no tempo certo, e agir como guardas no recinto do templo.
3. O trecho paralelo — Nee. 11.19-23 — varia grandemente e é mais breve do que a presente seção. *Salum,* o "chefe" dois porteiros, nem ao menos é mencionado no paralelo. Seu dever era guardar a Porta do Rei, que levava à entrada oriental do templo. Ver Eze. 46.1,2. Esse tinha sido o papel de seus antepassados, recuando ao tabernáculo original, quando *Finéias,* filho de Eleazar, era o supervisor (ver I Crô. 9.19,20).
4. *Zacarias* (vs. 21), filho de Meselemias, era o guarda da "porta da tenda" (tabernáculo), e isso nos informa que, nos dias de Davi, duas famílias estavam envolvidas na guarda da porta do próprio tabernáculo, a porta principal. A porta mencionada pode ter sido aquela que conduzia ao átrio interior, através da qual nenhuma pessoa imunda podia passar, ou aquela que levava ao átrio dos sacerdotes, que mantinha afastadas todas as pessoas que não fossem sacerdotes, incluindo os levitas que não pertencessem à linhagem de Arão.
5. O livro de I Crônicas diz-nos que os guardas das portas eram 212. Isso envolvia Jerusalém e as aldeias próximas. Mas Nee. 11.19 dá o número de 172 porteiros. Esse número pode estar limitado somente às famílias de Acube e Taimom, ao passo que I Crônicas envolve quatro famílias, às quais se somavam as famílias de Salum e de Aimã.
6. Os guardas das portas serviam nas quatro direções do tabernáculo (e então do templo) (vs. 24), de modo que a vigilância era completa e elaborada.
7. As famílias estavam divididas em grupos que trabalhavam em turnos de sete, em uma base de trocas (vs. 25).
8. Os deveres incluíam guardar as câmaras e os tesouros do templo (vs. 26). Não era permitido nenhum furto dos vasos sagrados (vs. 27). Portanto, os levitas que guardavam as portas também eram guardas internos. Constantemente havia uma contagem dos vasos sagrados de ouro e de prata do templo, ou seja, era efetuada uma verificação contínua para evitar qualquer tipo de perda. Além disso, o suprimento dos sacerdotes e dos levitas precisava ser guardados (vss. 28-34). O azeite e as refeições sagradas faziam parte desse suprimento. Eram considerados partes *materiais* do culto.
9. O trecho de I Crô. 6.31-48 já tinha descrito o trabalho dos músicos, que, como era óbvio, pertenciam à tribo dos levitas. Ver o vs. 33 do presente capítulo. O cronista mostrou-se cuidadoso em ressaltar que *todo* o labor efetuado no templo, de qualquer tipo, era dever dos levitas. Os sacerdotes também eram levitas, mas da linhagem especial de Arão. A única exceção a essa regra eram os escravos que faziam o trabalho braçal mais difícil. Eles eram chamados de "servos do templo" ou *netinins* (ver o segundo versículo).
   "Em suma, os levitas eram o pessoal do templo" (conforme W. A. L. Elmslie, *in loc.*, os chamou).
10. Por motivo de conveniência, o pessoal que cuidava do templo vivia nos recintos do templo de Jerusalém.

Saul (9.35-44)

9.35-44

Os *vss. 35-44* deste capítulo repetem a genealogia de Saul, que já fora dada, em sua forma essencial, em I Crô. 8.29-38. Essa repetição teve o propósito de introduzir a história de Davi e dos reis de Judá. Saul foi o primeiro rei de Israel e, obviamente, teve uma missão importante. Mas I e II Crônicas foram escritos para enfatizar a proeminência da casa de Davi, sua linhagem real, que continuou após o cativeiro babilônico.

"... visto que o cronista iria narrar a morte de Saul (capítulo 10) e a sua sucessão por Davi (I Crô. 11.1-3), ele repetiu a genealogia de Saul (I Crô. 9.35-44)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Observações:

1. A grande lista de genealogias de I Crônicas agora chega ao fim. O autor sagrado nos deu nove capítulos repletos de listas, incorporando toda a nação de Israel, mas enfatizando a tribo de Judá, a tribo que dera vida ao Novo Israel, terminado o cativeiro babilônico.
2. O principal propósito das genealogias era provar que a Nova Nação de Israel era legítima, continuadora da antiga nação de Israel, visto que representava toda a antiga nação de Israel, e seus habitantes representavam o antigo povo de Israel, o povo em pacto com Deus. Outrossim, possuía todos os requisitos legais para a continuação, a autoridade política e os líderes religiosos autorizados, incluindo sacerdotes e levitas autenticados. E também contava com a casa de Davi, que continuava em seu papel de rei.
3. Saul é descrito aqui para mostrar como a monarquia *havia começado,* e então como havia *continuado* na pessoa de Davi.
4. A genealogia de Saul em I Crô. 8.29-38 é um pouco mais completa, falando de Ezeque e sua linhagem (vs. 39), o que foi omitido neste capítulo.

Capítulo Dez

Davi, o Grande Exemplo (10.1 – 29.30)

Morte de Saul (10.1-14)

Este breve capítulo atua como peça de transição para introduzir a dinastia davídica. Os vss. 3-14 são, essencialmente, uma repetição de I Sam. 31.3-13, cujas notas o leitor é convidado a examinar. Mas algumas diferenças foram acrescentadas aqui. Os vss. 13 e 14 dão-nos a *causa* da morte de Saul, e não meramente o seu *modus operandi.*

"O cronista tinha em mente um grande propósito: relatar como um reino, que foi trazido à existência pela vontade de Deus, tinha sido reduzido, no fim, a nada, pela perversidade humana. Ele também desejava mostrar que o elevado desígnio de Deus não tinha sido frustrado. Do reino caído, haviam restado o templo e sua adoração: um sinal visível de uma fé indestrutível... Ele viu as vívidas narrativas, nos livros de Samuel, sobre a vida de Saul, que estavam fora do escopo de seu propósito. O reino tivera um falso começo, por assim dizer, com Saul. Somente a morte de Saul foi importante, um prelúdio do reinado de Davi. Com *aquela morte,* ele começou citando o trecho de I Sam. 31.1-13, alterando habilidosamente um versículo (vs. 6) e adicionando suas próprias reflexões (vss. 13 e 14)" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

A Saul foi dado um breve tratamento, porquanto o verdadeiro propósito de I e II Crônicas era promover o reinado de Davi e sua dinastia, mostrando como este primeiramente substituiu o falso começo em Saul e então cumpriu o plano divino para Israel após o cativeiro babilônico.

A *dinastia de Davi* perdurou por 425 anos (1011-586 A. C.), mas depois disso, na Nova Nação, através da tribo isolada de Judá. Naturalmente, em um sentido profético, essa tribo está destinada a continuar no Rei Messias e, falando espiritualmente, continua agora em Seu reino espiritual, através do evangelho.

Vss. 1-12. O leitor deve examinar I Sam. 31.1-13, onde temos a mesma história com algumas poucas diferenças. É quase certo que o autor sagrado simplesmente copiou aquele material, fazendo algumas poucas modificações. Os vss. 13 e 14 são adições, a fim de atribuir uma *causa* à queda da primeira dinastia de Israel, a de Saul.

A ordem e os números dos versículos, em nossas traduções, são os mesmos nos dois relatos, exceto pelo fato de que I Sam. 31.12,13 é registrado como um único versículo, I Crô. 10.12. O versículo sexto foi trabalhado pelo autor sacro, e os vss. 13 e 14 constituem um comentário pessoal, atribuindo uma causa à queda de Saul.

"A coincidência geral dos dois textos é tão exata que fica excluída a suposição de independência" (Ellicott, *in loc.*).

10.1

Note o leitor o começo abrupto. Compare esse estilo literário com o trecho de Isa. 2.1.

Os homens de Israel. O hebraico usa a forma singular, "homem". Israel, como se fosse um único homem, caiu diante dos filisteus.

10.2

O texto hebraico diz aqui, literalmente, "apegaram-se", em lugar de "perseguiram". A perseguição estava tão próxima de Saul e de seus homens que os filisteus pareciam estar apegados a eles. O exército derrotado de Israel fugiu para as montanhas, mas isso não os salvou, nem a Saul, o general.

10.3

A batalha ficou "pesada" contra Saul, conforme indica o texto hebraico original. O peso o esmagou. Um arqueiro foi o instrumento escolhido para a morte de Saul. Saul *estremeceu* perante o inimigo. Seu tempo havia chegado. Não houve misericórdia para com ele, tal como não houve misericórdia para com os demais israelitas.

10.4

Saul preferiu morrer por um golpe dado pelo povo de Israel a sucumbir diante de um golpe mortal inimigo, provavelmente precedido por tortura. Os filisteus teriam transformado Saul em um brinquedo repulsivo. Cf. Êxo. 10.2. Sua própria espada foi o instrumento de sua morte. Saul, finalmente, caiu sobre a própria espada, porquanto seu escudeiro não teve coragem de aplicar ao rei o golpe de

morte. A história contraditória do golpe mortal, por um certo amalequita, é deixada de lado. É provável que o autor sagrado não a tivesse à disposição. Cf. o primeiro capítulo de II Samuel.

10.5

Embora o escudeiro do rei Saul não tivesse ousado matar o rei, teve coragem de suicidar-se. Foi assim que o escudeiro "morreu com ele [Saul]", conforme lemos em I Sam. 31.5. O escudeiro de Saul, pois, viveu com o rei, serviu ao rei e morreu com o rei, cumprindo definitivamente a sua missão.

10.6

O autor sacro alterou este versículo. Cf. I Sam. 31.6. Ele enfatizou o fato de que, quando Saul morreu, "toda a sua casa" morreu com ele, embora, naturalmente, não no mesmo dia da batalha contra os filisteus. Foi mister algum tempo para completar a transição da casa de Saul para a casa de Davi, mas a morte de Saul, juntamente com a morte de seus filhos, foi o começo dessa transição. I Samuel menciona a morte do escudeiro de Saul e de seus *homens*, mas este autor emprestou um significado mais amplo ao acontecimento, que ocorreu *por causa* da morte desgraçada de Saul no monte Gilboa. Pelo menos dois filhos de Saul, Is-Bosete e Mefibosete sobreviveram, e foi Is-Bosete (e não Davi) que governou no reino do norte, ao passo que Davi ficou com o reino do sul. No entanto, o autor sacro não estava interessado nessas *questões preliminares*, embora, sem dúvida, as conhecesse.

A passagem de II Sam. 3.1 mostra que houve um longo período de conflitos armados entre as facções rivais. Por *sete* anos, Davi governou somente as tribos do sul. Mas o cronista ignorou esses acontecimentos, para chegar ao que, finalmente, aconteceu. Além disso, sete anos não representam muito tempo! Pela mesma razão, o cronista ignorou a rebelião de Absalão. Ele não estava interessado em retrocessos temporários, mas somente em narrar o *evento principal*, a dinastia de Davi.

10.7

Neste versículo está em pauta a *planície de Jezreel*, onde se lê sobre o "vale". O vale foi abandonado pelo exército de Saul, em fuga. Aqueles que viviam nas cercanias abandonaram suas cidades e fugiram, e alguns filisteus as ocuparam. Foi uma derrota cabal tanto para o exército como para o povo de Israel.

10.8-9

Os soldados filisteus levaram algumas coisas valiosas, principalmente armas de guerra, uma coleta interessante para qualquer exército conquistador. No dia seguinte ao da derrota de Israel, os filisteus chegaram para coligir seus prêmios de vitória, que faziam parte de seu "salário". Para seu deleite, acharam mortos a Saul e seus filhos, e os mais vigorosos entre eles tomaram a armadura e as armas desses homens. Como ato final de triunfo, e para vergonha de todo o povo de Israel, a cabeça de Saul foi decepada e enviada para ser exibida entre as populações da Filístia. A cabeça de Saul foi exibida nas cidades, mas principalmente nos templos pagãos em honra aos deuses que (alegadamente) lhes tinham dado tão grande vitória.

10.10

A principal divindade a ser honrada era *Dagom*. Foi no templo de Dagom que a cabeça de Saul foi pendurada. Sua armadura foi exibida em outros templos. Assim sendo, ídolos de madeira, pedra e metal foram honrados por algo que não fizeram, mas assim eram os atos dos pagãos. Comparar o paralelo em I Sam. 31.1-13 quanto aos detalhes. Quanto ao versículo presente, ver o vs. 10. *Dagom* não é especificamente mencionado no paralelo. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. O cadáver de Saul foi pendurado em uma parede, em Bete-Seã, conforme outros relatos informam. Dessarte, o presente relato conta-nos o que aconteceu à cabeça de Saul, e o paralelo descreve o que aconteceu ao seu corpo.

10.11-12

Os cadáveres de Saul e de seus filhos foram recolhidos para serem sepultados. Mas o trecho paralelo diz-nos que eles foram queimados, embora o presente relato diga que eles foram sepultados sob o carvalho de *Jabes*. É evidente que nessas narrativas, fontes informativas extras foram usadas. O autor presente não copiou meramente o relato de I Samuel. Ele dispunha de alguns poucos detalhes adicionais e conseguiu criar algumas poucas discrepâncias.

Queimar os corpos era considerado uma desgraça para os hebreus, algo reservado mais aos criminosos (ver Josefo, *Antiq.* vii.25; Lev. 20.14 e 21.9). Por isso, alguns eruditos supõem que não tenham sido queimados os cadáveres, mas as caras especiarias usadas no ritual do sepultamento. Ver Jer. 35.5 e II Crô. 16.15; 21.19. Mas, se foi isso que o autor sagrado quis dizer, então ele evitou cuidadosamente contar-nos. Os críticos vêem apenas uma contradição aqui. A queima pode ter ocorrido se os corpos estivessem num estado avançado de putrefação. Além disso, os corpos estavam horrivelmente mutilados, e isso pode ter inspirado a "limpeza" pelo fogo.

O mais provável é que tenham ocorrido tanto a queima como o sepultamento. Os corpos foram queimados, mas os ossos maiores, que resistiram ao fogo, foram então sepultados.

Debaixo dum arvoredo. Conforme a mentalidade dos hebreus, as árvores tinham um valor místico e, em algumas ocasiões, eram usadas como santuários. O livro de Samuel diz, segundo nossa versão portuguesa, "arvoredo", mas outras versões falam em "tamargueira", que representa uma espécie definida de árvore, criando assim mais uma diferença nos relatos sagrados (ver I Sam. 31.13).

Jejuaram. Ambos os relatos _ este e o de I Samuel — concordam que houve um jejum de sete dias, acompanhado por lamentações. Cf. Jó 2.11-13; Eze. 3.15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jejum*. Os mortos eram lamentados pelo ato do jejum, e os sete dias formavam um período comum para o ritual.

10.13,14

O *cronista* adicionou sua "moral da história", que não aparece no paralelo de I Samuel. Saul era o homem que havia falhado. Contudo, obtivera muitos sucessos que o autor dos livros de Crônicas não se incomodou em relatar. O cronista viu claramente como Saul falhou, e como um severo julgamento divino pôs fim à primeira dinastia (potencial) de Israel. Foi dessa maneira que a casa de Davi se tornou a "casa real". A dinastia de Davi haveria de perdurar por 425 anos.

Por causa de seus atos e atitudes, Saul perdeu tudo o que poderia ter alcançado. O cronista pronunciou um severo veredicto contra ele. Saul falhou ao não observar os mandamentos de Yahweh. Ele desprezou a orientação da lei mosaica. Além disso, quando precisou de orientação, apelou para uma "médium". Saul não se valeu dos ritos comuns que buscavam iluminação no tabernáculo, por meio do sumo sacerdote, e empregavam o Urim e o Tumim. Talvez ele tenha consultado profetas e videntes autorizados de Israel, mas cometeu um erro fatal ao *paganizar* a sua busca por iluminação. Por isso, Yahweh o matou, concedendo vitória aos filisteus. Yahweh, pois, pôs fim à casa de Saul.

"Saul não pereceu devido às fortunas da guerra, ou porque os filisteus fossem mais poderosos do que Israel, mas por haver desafiado a injunção de Samuel, o verdadeiro profeta de Deus, e buscado conselho da parte dos mortos" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

"... ele não buscou conselho da parte do Senhor, mediante o Urim e o Tumim, porquanto havia matado os sacerdotes que estavam em Nobe; por conseguinte, o Senhor o matou, transferindo o reino para Davi, o filho de Jessé" (Adam Clarke, *in loc.*).

Erros de Saul. 1. Ele não observou a palavra profética de Yahweh (ver I Sam. 13.13; 15.23). 2. Ele consultou uma força espiritual pagã, uma necromante (I Sam. 28). Ver Lev. 19.31 quanto a um mandamento que condena essa prática. 3. Ele também matou os sacerdotes de Nobe (ver I Sam. 22.18), embora nosso autor tenha ignorado esse importante dado. 4. Ele cultivava um ódio implacável contra Davi, e tentara matá-lo por um longo período de tempo. Nosso autor também ignorou esse dado. Ver I Sam. 20.

Assim terminou o perturbado, mas não inútil, reinado de Saul, o primeiro rei de Israel. Aquilo que Saul deixara por fazer, Davi realizaria. Saul debilitou os inimigos de Israel. Davi haveria de esmagá-los. A pena de outro autor sacro registrou os atos de valentia de Saul. Mas o autor dos livros de Crônicas registrou somente seus fracassos. Contudo, Saul foi um homem poderoso. E, a despeito de todos os seus fracassos, creio que ele está agora entre as almas entesouradas sob o altar de Deus (I Sam. 25.29).

Capítulo Onze

Captura de Sião e os Guerreiros de Davi (11.1 – 12.40)

Os Triunfos de Davi (11.1 – 9)

As *genealogias* (capítulos 1 a 9) tinham, como um de seus propósitos principais, demonstrar que a nação de Israel que continuara na tribo isolada de Judá, terminado o cativeiro babilônico, era um Israel legítimo, capaz de levar avante as antigas promessas e pactos. Os que acabaram voltando para Jerusalém incluíam todos os descendentes apropriados e necessários dos sacerdotes, levitas e poderes políticos. A casa real de Davi continuou a existir após o cativeiro. Os livros de I e II Crônicas foram escritos para fomentar a dinastia davídica e demonstrar sua autoridade pós-exílica. As promessas de Yahweh não fracassaram, apesar dos dois cativeiros devastadores. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*.

O *décimo capítulo* de I Crônicas conta como Saul, o primeiro rei de Israel, falhou totalmente, e como Yahweh o julgou por esse fracasso. O autor sagrado não se importou em mencionar suas virtudes e triunfos. Ele via somente como a desobediência de Saul pôs fim à Sua dinastia potencial, e como isso abriu caminho para uma nova linhagem real. A dinastia davídica durou 425 anos. E agora, terminado o cativeiro babilônico, continuaria por mais alguns séculos, até que o cativeiro romano pusesse fim a qualquer semelhança de poder davídico. Mas no rei Messias (o Filho maior de Davi), há o cumprimento eterno das promessas divinas.

11.1

Em seu relato, o autor sagrado ignorou todas as lutas ocorridas para que Davi fosse estabelecido rei sobre a nação de Israel. A impressão que se tem em I Crônicas é que, *sem esforço algum,* Davi tornou-se rei tanto de Judá quanto de Israel. Nosso autor, pois, ignorou a informação contida em II Sam. 1-4 e 5.4,5. Is-Bosete (filho de Saul), na verdade, governou o reino do norte após a morte de seu pai (ver II Sam. 2.8). Foram necessários nada menos que sete anos para que Davi consolidasse sua autoridade sobre o norte, e assim se tornasse rei sobre a nação unificada de Israel. O trecho de II Sam. 3.1 mostra-nos que houve um longo período de atritos entre as facções armadas. O autor sagrado diria: "Sete anos? E daí? Sete anos não são grande coisa". Ele não tinha interesse em recuos temporários. Apressou-se para relatar as vitórias de Davi. Esse era o *evento principal.* O autor sacro não estava preocupado com eventos preliminares, embora, sem dúvida, deles tivesse consciência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esbaal,* outro nome de *Is-Bosete.*

Hebrom. Davi governou primeiramente a tribo de Judá, antes de governar as tribos do norte. Portanto, *todo o Israel* dirigiu-se a Hebrom para pedir que Davi fosse também o rei da parte norte da nação. Ele era um compatriota israelita, de carne e osso, unido a seus irmãos do norte, de maneira que estava qualificado para ser rei. Abner tornou-se culpado de maquinações (ver II Sam. 2.8-32), e então houve lutas e derrotas, mas que se revelaram apenas *inconveniências* que o cronista preferiu ignorar. Foi também verdade, contudo, que *finalmente* o que foi dito neste primeiro versículo tornou-se realidade, e as circunstâncias favoráveis assim criadas fizeram de Davi rei sobre todo o Israel unido.

"A narrativa começa, portanto, com um apelo DOS habitantes de Israel (a nação do norte) para Davi tornar-se o rei deles. Eles reconheceram que Davi era rei por determinação divina (I Crô. 11.2)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Ver II Sam. 5.1 quanto ao fato de que Davi era "carne e osso " deles. Aquele capítulo registra o que está referido no presente texto: a delegação veio do norte solicitar que Davi se tornasse o rei de toda a nação israelita.

Ver II Sam. 2.11 quanto aos sete anos do governo de Davi, em Judá, antes de ele se tornar rei também do norte (Israel). E o trecho de II Sam. 5.5 mostra-nos que Davi teve um reinado de quarenta anos: sete anos sobre Judá somente; e trinta e três anos sobre o reino unido de Israel.

11.2

Tu apascentarás o meu povo de Israel. Que Davi era rei por escolha divina, foi reconhecido, afinal, por todo o Israel. Os vss. 1-9 são paralelos a II Sam. 5.1-10, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Quanto a este segundo versículo, ver II Sam. 5.2.

O Pastor. Davi é aqui retratado como o pastor do povo de Israel, que o conduziria para fora e para dentro, e lhe proveria bem-estar e prosperidade. Ele era também o rei-pastor que prefigurava o Rei Messias como profeta, sacerdote e rei, e como o grande pastor das ovelhas (João 10). Cf. Isa. 40.11 e Sal. 80.1, que são passagens messiânicas em seu caráter. O rei era o representante de Deus (ver Rom. 13.1). Documentos em escrita cuneiforme revelam o antigo conceito, no estágio pré-semítico da história babilônica, em que o rei figura como pastor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pastor.*

Proteção, orientação e *nutrição* são os deveres óbvios do pastor, e as ovelhas dependem dele totalmente. Só Deus é independente. O resto da criação é dependente, um princípio característico dos seres finitos.

11.3

Este versículo é diretamente paralelo a II Sam. 5.3, e as notas dadas ali também se aplicam aqui. O pacto foi feito "perante o Senhor", implicando que todos os requisitos da legislação mosaica seriam satisfeitos. Os deveres de um rei foram declarados abertamente em Deu. 17.14-20.

11.4,5

Estes dois versículos têm paralelo em II Sam. 5.6, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Cf. Jos. 18.16,28. Jerusalém tinha excelente localização para servir de capital, situada entre Israel e Judá. Quem liderou o caminho foi Joabe, o principal general das tropas davídicas, um homem brutal e habilidoso, diante de quem nenhum inimigo podia resistir.

"A subida de Davi ao trono foi seguida por um empreendimento guerreiro, de acordo com o precedente deixado por Saul (I Sam. 11). Isso corresponde à razão atribuída para a eleição de um rei (I Sam. 8.20), bem como ao que sabemos sobre os costumes assírios, e serve de sinal de verdade histórica" (Ellicott, *in loc.*, que salientou o fato de que um rei, naquela época, tinha de ser um guerreiro líder, visto que os povos nunca cessavam de matar ou ser mortos, e precisavam de um comando forte para seus empreendimentos guerreiros). Ver os artigos do *Dicionário* intitulados *Jebus; Jebuseus; Salém* e *Jerusalém.*

11.6

Este versículo tem paralelo em II Sam. 5.7,8, com a única diferença de que ali o temível Joabe não foi mencionado como quem cumpriu a ordem do rei e ousadamente tomou a fortaleza dos jebuseus. O paralelo (vs. 8) menciona o *modus operandi* da tomada de Jerusalém por Joabe, mediante uma fenda na rocha, o túnel pelo qual vinha o suprimento de água para a cidade, usado como acesso à cidadela. O cronista ou condensou a narrativa paralela ou contou com uma fonte informativa mais simples, para seguir neste ponto. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Joabe,* para acompanhar a carreira do mais habilidoso e brutal guerreiro de Davi, o qual, por longo tempo, foi seu principal general e homem de lealdade cega e inflexível.

"A fortaleza de Sião (vs. 5) evidentemente estava em uma colina que dava frente para a cidade jebuséia que Davi adicionou ao povoado original. Ele mesmo fixou residência em Sião (ver I Crô. 11.5,7) e estendeu a cidade inteira para o norte, até os terraços, engolfando sua inteireza com muralhas. Então isso foi chamado de cidade de Davi. Cf. II Sam. 5.7,9; I Reis 2.10)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

11.7

Habitou Davi na fortaleza. Davi conquistou a fortaleza ou fortim, que se tornou a *acrópole* de sua cidade. Dessa maneira, pois, Davi conseguiu efetuar uma grande vitória militar, consolidando o seu poder como rei das nações do norte (Israel) e do sul (Judá). Infelizmente, porém, somente Salomão, seu filho, haveria de governar sobre um império unido de Israel. A disputa entre Roboão (filho de Salomão) e Jeroboão (um dos principais líderes da nação do norte) em breve dividiria o reino em dois sub-reinos rivais, que vieram a tornar-se conhecidos como Judá e Israel, respectivamente.

11.8

I Crô. 11.7,8 é trecho paralelo de II Sam. 5.9, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. A cidade ampliada, incluindo os terraços (Milo) (vs. 8), tornou-se a cidade de Davi, a nova capital. *Milo* é transliteração da palavra hebraica que significa "enchimento". Isso pode referir-se a uma área, entre as duas colinas de Jebus e Sião, que foi preenchida para nivelar a cidade inteira. As notas no trecho paralelo fornecem detalhes.

11.9

Este versículo tem paralelo em II Sam. 5.10, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Davi teve um começo esplendoroso e foi lançado imediatamente na grandeza. Isso foi obra de Yahweh, que transformou Davi por amor a Israel.

"... Davi avançou, caminhando e crescendo (conforme diz o trecho hebraico, literalmente), uma metáfora comum, no hebraico, para indicar um aumento gradual e progressivo. Cf. Gên. 8.5" (Ellicott, *in loc.*).

Os Poderosos Guerreiros de Davi (11.10-47)

Esta seção tem paralelo em II Sam. 23.8-39, onde a maior parte das notas expositivas é apresentada. Os feitos descritos naturalmente no decorrer de certo período de tempo, alguns deles antes de Davi tornar-se rei, mas a maioria depois. Os *feitos,* naturalmente, envolviam derramamento de sangue. Os grandes matadores eram os grandes heróis, porquanto era essa habilidade que preservava uma nação. Devemos lembrar que, naqueles dias, as "nações" eram, de fato, pequenos países compostos por tribos ou clãs aguerridos, que viviam em constante conflito. Os fracos simplesmente deixavam de existir, e a misericórdia era um fenômeno raro. Cf. com as histórias épicas de Homero, a Ilíada e a Odisséia. Ali, os heróis também eram os mais habilidosos para matar seus semelhantes, e, de modo geral, o derramamento de sangue era exaltado como nobre maneira de viver.

Os "heróis" de Davi eram aqueles homens leais que, antes ou depois de ele tornar-se rei, agiram como seus guarda-costas e instrumentos de seus feitos guerreiros. No começo, formavam um pequeno exército. Depois vieram a tornar-se o núcleo de seu exército expandido, generais e oficiais militares.

Apesar de reconhecer a necessidade de tais matanças, pois a questão era matar para não ser morto, dificilmente podemos exaltar tais passagens do Antigo Testamento como modelos espirituais. Mas podemos extrair deles algumas lições valiosas.

Em seu quarto livro, *De Principiis,* Orígenes diz *como* podemos interpretar melhor as Escrituras. Elas, tal como o próprio homem, têm vários níveis de significado. E assim como o homem tem um corpo físico mortal, algumas vezes as Escrituras também podem ser interpretadas *literalmente*. Da mesma forma que o homem tem uma *alma,* algumas vezes as Escrituras também podem ser interpretadas *moralmente*. Ou, em outras palavras, podemos extrair lições morais, por exemplo, de passagens que falam em muito sangue, como esta diante de nós, o capítulo 11 de I Crônicas. E, igualmente, assim como o homem tem um *espírito,* algumas vezes as Escrituras também podem ser interpretadas mística ou espiritualmente. É nesse ponto que obtemos as maiores lições e informações. Muitas passagens prestam-se a mais de um modo de interpretação.

As dificuldades exegéticas (conforme Orígenes sugeriu) foram postas nas Escrituras pelo próprio Deus, a fim de apresentar-nos alguns *obstáculos*. Esses obstáculos estão presentes para forçar-nos a *usar a nossa mente*. Embora a verdade possa ser dada facilmente, por muitas vezes ela é mais como uma mina de ouro. Temos de *esforçar-nos* para extrair o metal precioso.

Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*. As diferenças entre as duas listas também são observadas.

11.10-14

Primeiro Grupo: Vss. 10-14: "Este catálogo corresponde ao de II Sam. 23.8-39, que, entretanto, não trata de Urias, o heteu. Além disso, o texto presente menciona dezesseis nomes adicionais. Esse fato prova que o cronista tinha ou uma fonte informativa mais completa, ou uma recensão diferente. Há numerosas variantes quanto à grafia das palavras, provavelmente a maior parte consistente em erros de transcrição" (Ellicott, *in loc.*).

Joabe. Era o mais feroz de todos, já mencionado no sexto versículo. A ele, o autor agora adiciona outros três, compondo um total de *quatro* no primeiro e mais notável dos grupos. Esses quatro formavam o *círculo interior* de força. Ver o paralelo em II Sam. 23.11. Joabe era sobrinho de Davi, filho de sua meia-irmã, Zeruia (ver I Crô. 2.16; 18.15; 26.28 e 27.24).

Jasobeão. Era o principal dos oficiais, ou seja, dos *trinta* homens que compõem a lista (ver o vs. 15). Esse número de trinta, como é óbvio, variava com a passagem do tempo, com algumas mortes e acréscimos de combatentes. Seu grande feito foi matar 300 homens em uma única ocasião (ver I Crô. 11.11). O trecho de II Sam. 23.8 fala em 800 homens. Talvez esteja envolvido um erro de transcrição por parte de algum escriba, pois os símbolos para os números 300 e 800 são similares.

Eleazar. Distinguiu-se por ter ajudado Davi a defender Pas-Damim (vs. 13) com singular habilidade e bravura (vss. 12-14).

Samá. (Ver II Sam. 23.11-13.) Ele não figura na lista presente, mas o trecho paralelo conta seus feitos heróicos.

11.15-25

Segundo Grupo: Vss. 15-25. Os *três homens* são citados por terem arriscado a própria vida para obter água para Davi, extraindo-a do poço de Belém, quando ele se escondia dos filisteus em Adulão. Davi ficou tão comovido com o sacrifício e a lealdade deles que derramou a água como libação oferecida a Yahweh. Aquela água tornara-se por demais preciosa para ser consumida. O trecho paralelo é II Sam. 23.13-17, que oferece informações detalhadas. É provável que o incidente tenha ocorrido quando Davi encontrou, pela primeira vez, os filisteus (ver II Sam. 5.17-21), depois de capturar Jerusalém. Foi Davi quem "limpou a terra" dos inimigos de Israel. Os que não foram exterminados, foram confinados, especialmente nas áreas costeiras. Isso possibilitou o surgimento do império unido de Israel, e longo período de paz que se seguiu, durante o qual se deu a consolidação do reino de Davi. Salomão trouxe a Israel sua "época áurea", tanto econômica quanto culturalmente. Foi Salomão quem erigiu o templo de Jerusalém. Essas coisas não poderiam ter acontecido sem os feitos militares de Davi. Ver sobre a *guerra santa*, em Deu. 7.1-5; 20.10-18. Ver os *oito* inimigos que foram derrotados por Davi, em II Sam. 10.19.

Abisai. Irmão de Joabe e chefe do segundo grupo de três (vs. 20), em certa ocasião matou 300 homens. Era o líder do segundo grupo, mas inferior aos quatro componentes do primeiro grupo (vss. 10-14). É difícil entender como um homem que em uma única ocasião mata, sozinho, 300 homens pode ser inferior a outro ser humano! O fato de ele ser inferior revela quão temíveis eram os outros guerreiros.

Não é ruim, que eles brinquem.
Que os canhões ladrem e o avião de bombardeio
Fale suas prodigiosas blasfêmias.

Quem se lembraria da face de Helena,
sem o terrível halo de lanças?

Nunca chores; deixe-os brincar.
A antiga violência não é antiga demais,
A ponto de não poder gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

Uma Exposição Abreviada. A maior parte dos nomes aqui citados já foi comentada no trecho paralelo de II Sam. 23.13-17, e os feitos aqui mencionados também foram descritos no trecho paralelo. Além disso, esses guerreiros mereceram artigos individuais no *Dicionário*. Essas circunstâncias permitem uma breve exposição aqui no capítulo 11 de I Crônicas.

Benaia (vss. 22-24). Tornou-se conhecido por ser capaz de matar homens semelhantes a leões, além de leões propriamente ditos. Ele matava bestas humanas e bestas feras. Além disso, abateu um egípcio que tinha cerca de 2,30 metros de altura. Benaia foi um grande guerreiro, porém não tão grande que pudesse ser classificado entre o primeiro grupo dos quatro. Salomão, em seu tempo de reinado, nomeou Benaia como comandante-em-chefe do exército de Israel (I Reis. 2.35). Ver II Sam. 23.20 ss. quanto ao trecho paralelo.

O *terceiro homem do segundo grupo* não foi chamado por seu nome.

11.26-47

O Restante da Lista: Vss. 11.26-47. Até Urias, o heteu, a presente lista é quase idêntica à II Sam. 23.24-39. Ocorrem algumas pequenas diferenças, bem como algumas pequenas variantes na grafia dos nomes. Depois de Urias, entretanto, a lista presente provê outros dezesseis nomes. A nova lista ocupa os vss. 42 a 47. Os nomes adicionais foram acrescentados aos originais, que eram cerca de trinta. O número específico de trinta fora mantido nesse nível apenas por pouco tempo, mas o grupo inteiro continuou a ser chamado de "os trinta" por motivo de conveniência. O trecho de II Sam. 23.39 apresenta o total de trinta e sete nomes. É provável que o número exato de trinta nunca tenha existido.

Adina, filho de Siza, rubenita... e com ele trinta. "Estas últimas palavras, na Septuaginta, foram traduzidas por 'além dele'. A versão siríaca diz 'e ele estava comandando trinta homens', que dá o sentido aparente do versículo. Se, conforme parece provável, esses trinta eram os *oficiais* da guarda de Davi, composta por 600 homens (ver I Sam. 23.13; 30.10; II Sam. 10.7; 20.7 e I Reis 1.8), então cada capitão ordenaria cerca de *vinte* homens" (Ellicott, *in loc.*).

Eugene H. Merrill, *in loc.*, manipula a lista para conseguir os *trinta* homens. Para tanto, os primeiros cinco nomes dos dois grupos (I Crô. 11.10-14 e 15-25) têm de ser deixados de fora da lista. A partir de Azael (vs. 30) e passando por Urias (vs. 41), há trinta nomes; porém, como é fácil notar, é necessária alguma manipulação para chegar ao número exato de trinta; mas a precisão não é importante aqui. Ver o gráfico ilustrativo que acompanha o texto presente.

As Adições: Vss. 41-46. Visto que os nomes anteriores (vss. 26-41a) têm paralelo em II Sam. 23.24-39, e não há diferenças significativas, peço que o leitor examine a passagem paralela quanto às notas expositivas. Aqui comento sobre os dezesseis nomes adicionais.

Observações:

1. Meu gráfico lista os nomes, de forma que não os repito aqui.
2. Todos os nomes dados nesta lista de dezesseis apelativos recebem artigos separados no *Dicionário* apesar do pouco que se sabe sobre eles.
3. Presumivelmente, esses homens substituíram outros que figuravam na lista original, ou simplesmente somaram-se às suas forças. O pequeno exército inicial de Davi foi crescendo com a passagem do tempo e passou a ser o núcleo de suas forças armadas permanentes. Muitos tornaram-se oficiais no exército expandido de Davi.

Capítulo Doze

O Poder e o Exército Expandido de Davi (12.1-40)

Feitos Heróicos

Este capítulo 12 de I Crônicas atua como uma espécie de lista suplementar de guerreiros que se foram unindo ao bando de Davi com a passagem do tempo.

O trecho de I Crô. 11.10-47 (paralelo de II Sam. 23.8-39) lista os *trinta* poderosos guerreiros e mais uma lista de dezesseis nomes que foram sendo acrescentados, em substituição a alguns ou em acréscimo ao número dos heróis. O propósito do autor sagrado foi engrandecer a Davi, demonstrando que ele era um digno rei-guerreiro, que exercia autoridade sobre Israel e era o homem escolhido por Yahweh. A maior parte do material que aparece aqui não se encontra nem em II Samuel nem em I Reis, por isso alguns críticos supõem que essa lista tenha sido uma invenção baseada em tradições pouco fundamentadas sobre os fatos históricos. Por outro lado, já vimos em I Crônicas que o autor sacro tinha à sua disposição outras fontes informativas, e que o guerreiro Davi teve uma vida plena de atividades não relatadas por nenhuma das fontes informativas.

"Este capítulo oferece uma narrativa de pessoas que estiveram ligadas a Davi em tempos diferentes, e juntaram-se a ele e ajudaram-no antes da morte de Saul, quando este ainda o perseguia, e depois que Davi foi feito rei de Judá, em Hebrom, mas antes de tornar-se rei de todo o reino unido de Israel" (John Gill, *in loc.*).

O capítulo 12 descreve "a habilidade de Davi em atrair homens de valor. Temos aqui uma descrição do exército de Davi. Ele é vinculado ao passado mediante alusões históricas e, no entanto, é, ao mesmo tempo, o protótipo do futuro rei ideal ou Messias" (*Oxford Annotated Bible*, sobre o primeiro versículo deste capítulo).

12.1

São estes os que vieram a Davi. "O capítulo 12 é uma espécie de suplemento ao capítulo 11, e, em sua inteireza, é peculiar ao livro de I Crônicas. Contém dois registros: 1. dos guerreiros que se aliaram com sucesso a Davi, durante seus anos de fora-da-lei (cf. I Sam. 22.1 ss.): vss. 1-22; e 2. dos representantes tribais que coroaram Davi em Hebrom. Isso forma um apêndice a I Crô. 11.1-3: vs. 23-40.

A primeira lista é subdividida em *três* porções: vss. 1-7; 8-18 e 19-22.

A maioria dos homens poderosos de Davi (listados em I Crô. 11.10-47) pertencia à própria tribo de Judá. Gradualmente, porém, alguns elementos de outras tribos, cansados de apoiar a Saul, associaram-se a Davi. Foi assim que a autoridade de Davi passou a ser *universalizada*.

"Estando no exílio, fugindo de Saul, em Ziclague (cf. I Sam. 27.1-7), Davi recebeu ajuda de vários elementos da própria tribo de Saul, isto é, *Benjamim*. Esses *vinte e três* homens são listados em I Crô. 12.3-7" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Ver os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a detalhes. *Ziclague* fica localizada cerca de quarenta quilômetros a sudoeste de Hebrom. Foi ali que Davi se refugiou, temendo o louco Saul, que procurava matá-lo para livrar-se de um rival ao trono. Ver I Sam. 22 e, especificamente, I Crô. 27.1-7 quanto ao quartel-general de Davi, em Ziclague.

Aquis lhe provera asilo, simpatizando com a causa de Davi. Ver I Sam. 27.10. Aquis era um dos principais líderes dos filisteus, o rei suserano de Gate.

Que o ajudaram na guerra. Não de Davi contra Saul, mas contra os amalequitas e outros (ver I Sam. 27.8 e 30.16,17). Davi nunca teve descanso. Sempre havia alguém contra quem ele tinha de lutar. Somente nos dias de Salomão houve paz em Israel. Na época referida no presente versículo, ocorriam conflitos contra Gesur, Gezer e Amaleque (ver I Sam. 27.8). Ver também os vss. 17 e 21 do presente capítulo.

12.2

Tinham por arma o arco. *Esses extraordinários guerreiros* eram ambidestros e habilidosos nas táticas da infantaria ligeira. A vida deles era a guerra, e eles lutavam em defesa do direito e para se divertirem; da guerra eles faziam seu meio de subsistência (através dos despojos), e de sobrevivência (para permanecerem vivos).

Eram dos irmãos de Saul, da tribo de Benjamim. A palavra "irmãos", aqui usada, é de sentido geral, e não específico. Eles eram da *mesma tribo* de Saul, e não de sua família imediata. O homem forte, Saul, que era violento e, por muitas vezes, irracional, naturalmente fazia inimigos "em sua casa". E por isso, muitos se voltavam contra ele. A lista seguinte nos dá vinte e três guerreiros valentes, da tribo de Benjamim, que se uniram a Davi. E, sem dúvida, houve muitos outros. Eles preferiam Davi ao filho de Saul, *Is-Bosete* (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esbaal*).

"... detestando a crueldade de Saul e sensíveis para com a inocência de Davi e para com o serviço por ele prestado ao país; e talvez não ignorando o seu *direito divino* ao reino, juntaram-se a ele, para consolá-lo, fortalecê-lo e ajudá-lo" (John Gill, *in loc.*).

"Os fundibulários canhotos de Benjamim eram famosos desde os tempos antigos. Cf. Juí. 20.16" (Ellicott, *in loc.*).

12.3

Os vss. 3-7 deste capítulo listam *vinte e três* homens da tribo de Benjamim que se bandearam para o lado de Davi. Pouco se sabe sobre eles, exceto o que é sugerido no texto presente. O *Dicionário* apresenta artigos sobre eles, mas as informações pouco nos ajudam a conhecê-los melhor.

Embora, sem dúvida, muitos deles estivessem descontentes, bandear-se para o lado de Davi, quando o exército de Israel o estava perseguindo, representou um ato de extrema coragem. A coragem é a virtude do soldado.

Com freqüência, a prova da coragem
não é morrer, mas viver.

(Vittorio Alfieri)

A mais forte, mais generosa e mais orgulhosa
de todas as virtudes é a verdadeira coragem.

(Michel de Montaigne)

A coragem é a virtude que defende
a causa do direito.

(Cícero)

Dá de teu melhor ao Mestre,
Dá da força de tua juventude;

Revestido da armadura completa da salvação,
Reúne-te na batalha pela verdade.

Jesus nos deixou exemplo.
Destemido era Ele, jovem e bravo.

(H. B. G.)

O gibeatita. Ou seja, de Gibeá, a cidade natal de Saul (I Sam. 11.4).

Filhos de Azmavete. Um dos descendentes de Jônatas foi assim chamado (I Crô. 8.36), e é possível que alguns dos que se aliaram a Davi, vindos de Benjamim, fossem aparentados dele e, por conseguinte, de Saul. A singular amizade de Davi com Jônatas pode ter inspirado, da parte dos "filhos" de Jônatas, alguma lealdade para com Davi.

O leitor pode obter, no *Dicionário*, outras informações sobre os nomes próprios que aqui aparecem. Esses nomes não são repetidos aqui.

12.4

Este versículo contém *cinco* dentre os vinte e três nomes dos guerreiros de Davi que a ele se associaram, vindos da tribo de Benjamim.

Ismaías. Gibeom pertencia a Benjamim (I Crô. 9.35), e o vs. 2 mostra que Ismaías era um benjamita, e não um ibeonita, no sentido extremo da palavra. A menção aos trinta pode significar que Ismaías obteve um lugar entre a famosa lista do capítulo 11, embora seu nome não apareça ali. Ou talvez isso indique que ele era comandante de trinta homens que o acompanharam em sua deserção de Saul (e de Is-Bosete, que o substituiu no trono). Detalhes sobre as pessoas e os lugares são dados no *Dicionário*.

12.5

Este quinto versículo adiciona outros *cinco* nomes aos vinte e três nomes que são mencionados. Quanto à palavra "harufita", ver Nee. 7.24 e o *Dicionário*.

Bealias. *Baal* era o nome comum de um deus semita, e um nome para a divindade nos idiomas da Palestina. Portanto, em Israel, havia nomes próprios de pessoas e de lugares que incorporavam esse título. Gradualmente, Israel passou a rejeitar o nome como um apelativo pagão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo)*.

12.6-7

De acordo com alguns intérpretes, este versículo lista *cinco* nomes de pessoas do clã levítico de Coré (ver I Crô. 9.19). Mas John Gill provavelmente está certo ao argumentar que não estão em vista os descendentes de Levi através de Coré, mas, sim, a posteridade de Coré, um benjamita. Acerca desse benjamita não temos nenhuma informação, exceto o que podemos depreender do texto presente.

Jasobeão. Cf. I Crô. 11.11. Talvez o mesmo homem esteja em pauta, um dos *trinta* heróis. Ou então outro homem com nome idêntico, acerca de quem nada sabemos.

Os Gaditas; Alguns de Judá e Outros de Benjamim (12.8-16)

12.8

A *primeira lista* de nomes que aparece neste capítulo (vss. 1-22) está subdividida em três grupos: vss. 1-7; vss. 8-18 e vss. 19-22. O grupo de guerreiros extraordinários agora mencionados eram gaditas. *Onze* homens são mencionados e o *Dicionário* dá detalhes sobre eles, o que não é repetido aqui. Juntamente com os gaditas houve outros (cujo número não é especificado), provenientes das tribos de Benjamim e de Judá (vss. 16 e 17). Esses acreditavam que Deus estava com Davi, o que explica a decisão de abandonar a casa de Saul (vs. 18).

Dos gaditas. Eram eles descendentes de Gade, sobre o qual há um artigo detalhado no *Dicionário*. Essa tribo vivia na Transjordânia, ou seja, no lado oriental do rio Jordão. O poder carismático de Davi trazia pessoas vindas de todos os lugares de Israel. Seu direito de ser rei estava sendo demonstrado pela *universalidade* de seu apelo. O divino estava com ele (vs. 18).

Fortaleza no deserto. "... em algum fortim no deserto de Zife ou de Maom (I Sam. 23.14,24,25). Ou, como alguns pensam, quando Davi estava em Ziclague, no deserto de Judá" (John Gill, *in loc.*).

Qualidades Belicosas. Eram homens de guerra, habilidosos na manipulação de armas e armaduras; belicosos, valentes e corajosos; disciplinados na arte de matar; homens que se pareciam com leões, dotados de rostos duros, plenos de terror e violência, como leões que olhassem para a presa; eram ousados e selvagens; matadores ferozes; e, além disso, rápidos como feras, como as corças nas colinas. Cf. Can. 2.17 e 8.14.

Aelihnus (*De Animal* 1.14, cap. 14) refere-se a homens desse naipe, homens que corriam como animais selvagens, "velozes como uma tempestade". Aqueles gaditas, com sua aparência atrevida e sua coragem, intimidavam os inimigos e os punham em fuga, e eram velozes na perseguição aos fugitivos, alcançando-os com facilidade" (John Gill, *in loc.*). E, quando os alcançavam, matavam-nos, naturalmente.

Cf. este versículo com II Sam. 2.18. "Que a presteza era considerada uma grande vantagem em um guerreiro, aparece em todos os escritos antigos que tratam de questões militares" (Adam Clarke *in loc.*).

12.9-13

Os vss. 9-13 mencionam *onze* gaditas, adições bem acolhidas no pequeno exército de Davi. As informações sobre eles, embora contemos com escassas informações, aparecem nos vss. 14 e 15. Os artigos no *Dicionário* oferecem alguns detalhes sobre o significado dos nomes e possíveis laços de família. Talvez essa lista siga situações cronológicas, como idade, época em que cada um se bandeou para o lado de Davi, posto militar, realizações, ou talvez isso tenha sido dado sem nenhum desígnio especial.

12.14

Este versículo é um tanto vago. As palavras podem significar que o menor daqueles heróis era capaz de afrontar e derrotar cem inimigos, e o mais poderoso deles podia arrostar mil adversários. Ou, então, conforme outros entendem, o menor deles era capitão de cem homens, e o maior comandava mil homens. Muitos entendem que é isso o que está em pauta aqui. Também poderia significar que aqueles homens trouxeram consigo as divisões que comandavam, ou então, conforme o exército foi crescendo, Davi os colocou sobre os números mencionados. Cf. Lev. 26.8 e Deu. 32.30, que dão apoio à primeira das interpretações aqui mencionada.

12.15

Aqueles gaditas atravessaram o Jordão no primeiro mês do ano, provavelmente em abril ou maio, quando o rio estava cheio (cf. Jos. 3.15 e 4.19). Sendo eles guerreiros habilidosos, eram bem-sucedidos em todas as suas matanças e tarefas de destruição. Eles limparam os vales e as planícies de inimigos. "Esses inimigos eram os filisteus que, por ocasião da derrota de Saul, apossaram-se das cidades de Israel nos vales que tinham sido abandonadas pelos israelitas (ver I Sam. 31.7); ou então, esses inimigos eram moabitas ou árabes, que faziam incursões na terra de Israel, à cata de despojos. Os gaditas, pois, encontraram-se com eles e os derrotaram, quando atravessaram o rio Jordão" (John Gill, *in loc.*).

O fato de terem cruzado o rio quando este estava cheio, não esperando pelo verão, época em que o nível das águas do rio baixaria, serviu de prova de seu valor e zelo em favor de Davi. O rio Jordão enchia-se devido às neves do Líbano, que então se dissolviam. Cf. Jos. 3.15.

12.16

Também vieram alguns. O poder de atração de Davi era universal. Várias tribos de Israel, se não mesmo todas, proveram soldados para seu pequeno mas aguerrido exército. Este versículo menciona especificamente homens de Benjamim e Judá. Judá, naturalmente, era a principal tribo supridora de homens a Davi. Mas havia muitos que tinham abandonado Saul, vindos, inclusive, da própria tribo de Benjamim. O presente versículo provavelmente significa que "além dos que foram mencionados anteriormente, outros vindos das duas tribos especificadas também se juntaram ao crescente exército de Davi".

12.17

Aqueles foram tempos perturbados e brutais. Davi não podia ter certeza se aqueles que estavam vindo a ele eram homens de confiança. Talvez alguns fingissem ser seus amigos, lançando um ataque de surpresa contra ele e seus homens, quando estivessem dormindo. Talvez fossem agentes de Saul, leais ao rei, ou mercenários. Ele precisava estar seguro da lealdade deles antes que os admitisse em seu exército. Davi sabia que estava *inocente*. Saul era o culpado, o odiador, o destruidor. Mas Saul tinha declarado Davi criminoso e traidor ao reino. Talvez aqueles homens estivessem esperando a chance de executar algum ato de traição "em favor do rei de Israel".

Jônatas estava preso a Davi pelo coração (ver I Sam. 18.1), sendo possível que outros, vindos do norte do país, também gostassem muito de Davi. Nesse caso, Davi por certo desejava a ajuda deles. Mas já havia dificuldades suficientes e não era preciso convidar inimigos para vir habitar com ele, em sua fortaleza. Ele invocava a Elohim como testemunha e para derrotar traidores e espiões. Certamente, em sua situação precária, precisava da orientação e proteção divina. Ele não tinha a sabedoria para manusear *todas* as situações, como certamente nós também não possuímos tal sabedoria. Eis por que a *iluminação*, em certas ocasiões, é necessária, para que possamos cumprir nossa missão. Cf. este versículo com II Crô. 24.22. "Os salmos de Davi respiram uma confiança de que Yahweh é um justo Juiz que nunca deixa de vindicar a inocência e de julgar a violência altiva e os negócios de traição. Ver Sal. 9.12; 10.14; 18.20" (Ellicott, *in loc.*).

12.18

Então entrou o Espírito em Amasai. *Amasai*, um dos chefes dos trinta heróis, tornou-se o porta-voz do grupo e convenceu Davi de que todos os desertores da causa de Saul estavam sinceramente ao lado de Davi. Ele invocou a paz e o favor de Elohim sobre Davi e prometeu-lhe lealdade e apoio. Diante disso, Davi acolheu aqueles poderosos guerreiros, e a alguns deles fez capitães sobre seus soldados. A versão siríaca diz aqui: "o Espírito de valor revestiu Amasai". Em outras palavras, ele foi dotado e inspirado pelo Espírito de Yahweh, para que servisse de ajuda a Davi e o fortalecesse em seu tempo de grande necessidade. Cf. Isa. 11.2.

Esse Amasai provavelmente é o mesmo homem mencionado em I Crô. 2.17, onde é chamado de Amasa. Ele era filho de Abigail, irmã de Davi, a quem, em ocasião posterior, Joabe matou, por motivo de inveja (ver II Sam. 17.25; 20.4-10). Seu nome, originalmente, não estava listado entre os "trinta"; mas depois, provavelmente após a compilação das listas de heróis estrangeiros que serviam a Davi, veio a tornar-se um dos líderes dos chamados "trinta", sem a intenção de indicar que os heróis fossem, realmente, "trinta". Ver o gráfico e as explicações no capítulo 11. Ele foi mencionado neste versículo como quem fazia parte do grupo por antecipação, visto que o autor sagrado sabia o que, finalmente, aconteceria.

"Esse notável versículo tem a forma rítmica da poesia dos hebreus, o que, provavelmente, serve de indicação de sua antiguidade" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

A estrutura da declaração de Amasai foi poética, o que Ellicott tentou imitar em sua tradução:

A ti, Davi!
E contigo, filho de Jessé,
Paz, paz a ti.
E paz a teus ajudadores,
Pois teu Deus te tem ajudado.

12.19

A essência dos vss. 19-22, que relatam um encontro militar, é: "Quando Davi foi com os filisteus batalhar por Israel em Gilboa (cf. I Sam. 28.1-4), alguns homens da tribo de Manassés chegaram para ajudá-lo. Mas juntamente com Davi, foram dispensados de participar da batalha, a fim de que não se bandeassem para Saul (vs. 19). Quando Davi retornou a Ziclague, os sete homens de Manassés acompanharam-no e até ajudaram-no a perseguir e a derrotar os amalequitas que tinham pilhado a cidade em sua ausência (I Sam. 30)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

A *principal lição* deste breve episódio foi que *a providência de Deus* protegeu a Davi (e a alguns outros de Israel) de ter de lutar contra seus irmãos de raça. Davi precisava da ajuda dos filisteus para manter a vida e a liberdade em seu exílio, quando estava fugindo de Saul. Mas teria sido um erro aliar-se aos filisteus num conflito contra os israelitas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Quanto a detalhes, ver a história conforme apresentada no trecho paralelo.

12.20

Passaram-se para ele, de Manassés. Este versículo garante-nos que alguns homens de *Manassés* também vieram ajudar a causa de Davi, tal como os versículos precedentes já nos haviam dito que o mesmo tinha sucedido a homens de Benjamim, Judá e Gade. A tribo de Manassés contava com colônias nos lados oriental e ocidental do rio Jordão. Provavelmente houve representantes de ambos os lados dessa tribo.

Sete chefes de Manassés, homens poderosos, de decisão, habilidosos na arte de matar, juntaram-se a Davi. Eles tinham sido capitães de milhares no exército da tribo de Manassés. Cf. Núm. 31.14 e I Crô. 13.1; 15.25 e 26.26. Provavelmente cada clã forneceu mil homens de guerra, e os homens aqui mencionados representavam a elite, seus líderes naturais. Ser um chefe era a mesma coisa que ser um "guerreiro-chefe", pois os guerreiros eram os chefes, com exceção dos anciãos que, idosos demais para combater no campo de batalha, eram procurados por sua sabedoria, e não por sua capacidade de combater.

"A tribo de Manassés, tal como todas as outras, estava dividida em grupos de cem e de mil homens; aqueles homens eram capitães de mil da milícia daquela tribo" (John Gill, *in loc.*).

12.21

Este versículo, conforme apresentado na maior parte das traduções, depende da tradução das versões da Vulgata e do siríaco. Aos olhos modernos, o texto hebraico é breve e ininteligível. Talvez para os hebreus parecesse claro. Os termos "aquela tropa" são traduzidos por "como oficiais de suas tropas", na Revised Standard Version. Na versão da King James Version temos também as palavras "bando de salteadores", as quais podem apontar para os amalequitas que capturaram e incendiaram a Ziclague, na ausência de Davi (ver I Sam. 30.8,15). Mas com igual facilidade podemos entender "oficiais do bando de soldados de Davi". Nesse caso, o versículo significaria somente que aqueles homens estavam sempre prontos para ajudar a Davi em qualquer empreendimento que ele decidisse realizar.

Homens valentes, e capitães no exército. Havia algo de *divino* na maneira como o exército de Davi crescia. O Espírito de Deus estava por trás do movimento. Os vss. 23-40 expandem essa questão. Os Targuns falam sobre *anjos* que engrossavam o exército de Davi, mas essa já é uma interpretação exagerada. Antes, o exército de Davi estava tornando-se *numeroso,* da mesma maneira que numerosas são as hostes angelicais no céu.

12.22

O pequeno exército de Davi estava crescendo em número. A popularidade de Saul estava caindo. Sua estrela se punha no horizonte. Já a estrela de Davi subia no firmamento. A mudança era inevitável. Saul enfraqueceu os inimigos de Israel. Davi, porém, haveria de aniquilá-los ou confiná-los. Assim, estava sendo preparado o caminho para o Reino unido e sua monarquia.

12.23-38

Todas as tribos de Israel contribuíram para aumentar o exército crescente de Davi. O autor sagrado teve o cuidado de enumerar todos elas, para fazer o leitor tomar consciência da extensão do movimento. O total ultrapassava 300.000, e eles já eram homens experientes de guerra (vss. 23-37). "Todas as tribos foram nomeadas por sua ordem, para mostrar que o apoio a Davi tinha base larga, algo que não fora salientado em II Samuel. Esse mesmo ponto também foi ressaltado quando da descrição de seu encontro com Davi em Hebrom, como uma grande ocasião de festividade e alegria (vss. 38-40)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

O suprimento de homens era "sobre-humano" quanto ao número. O trecho de I Crô. 23.40 supre um comentário fantástico" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

A Impressionante Descrição. "A delegação (chefes de família) que veio coroar a Davi chegava a pouco menos de 400.000 homens, e todos, com exceção de 20.000, pertenciam às tribos centrais e do norte. Como é óbvio, este é um modo simbólico de insistir que os israelitas tinham sido realmente hebreus. Graças a Deus! Todos os outros israelitas, em Jerusalém _ 378.000 israelitas, homens vindos de *todo* o Israel, cumpriram seu dever naquele grande dia!" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Toda essa massa humana dirigiu-se a Davi em *Hebrom,* depois da morte de Is-Bosete, filho de Saul. Ver II Sam. 4.5.

Para lhe transferirem o reino de Saul. A breve dinastia de Saul estava terminada. Sua família não mais seria a fonte da realeza em Israel. E esse foi um grande cumprimento profético. Ver as notas expositivas em I Reis 15.3, onde se vê Davi como *rei ideal* de Israel. Ver também sobre o *pacto davídico,* em II Sam. 7.4. Cf. I Crô. 10.14.

Os vss. 24 a 37 enumeram, individualmente, todas as tribos de Israel, dando suas contribuições específicas em soldados infantes, capitães e equipamentos de guerra. Limito aqui minha exposição a algumas observações.

Observações:

1. *Vs. 24.* Judá era o núcleo do exército, a tribo que sempre fora fiel e leal a Davi. Judá já tivera Davi como rei pelo período de sete anos (ver I Reis 2.11). Seu reinado total seria de quarenta anos, incluindo os sete anos iniciais como rei de Judá.
2. *Vs. 25.* Simeão contribuiu com 7.100 guerreiros habilidosos, acostumados ao jogo da guerra e para ele equipados.
3. *Vs. 26.* Havia até mesmo guerreiros pertencentes à casta sacerdotal de Levi. "Esses levitas marciais nos fazem lembrar dos guerreiros sacerdotes das cruzadas da Idade Média. Que os levitas poderiam ser soldados e, de fato, devem ter sido para a defesa dos santuários, é observado em I Crô. 9.13,19 e em II Crô. 23" (Ellicott, *in loc.*).
4. *Vs. 27.* Uma notável figura militar, embora se tratasse de um sacerdote, foi *Joiada* (ver sobre ele no *Dicionário).* O clã aarônico era o principal dos descendentes de Levi. Talvez esse Joiada fosse o pai de Benaia (ver I Crô. 11.22). Ele não era o sumo sacerdote (I Sam. 23.9), mas o cabeça dos guerreiros de seu clã. Liderava 3.700 homens, provavelmente um número que difere dos 4.600 do vs. 26.
5. *Vs. 28.* Esse Zadoque (um valente guerreiro) também foi, mais tarde, o sumo sacerdote, sucessor de Abiatar (I Reis 2.26,27 e 4.4). Ele encabeçava um subclã, o de Eleazar, que supriu o exército de Davi com um bom número de hábeis capitães. John Gill disse que esses capitães eram cabeças dos turnos dos sacerdotes, que, posteriormente, totalizaram vinte e quatro turnos (ver I Crô. 24.4). E isso pode ser tudo quanto é indicado aqui.
6. *Vs. 29.* Até mesmo Benjamim (a tribo de Saul) supriu alguns homens, a saber, 3.000. Mas a grande maioria dessa tribo continuava esperando que a família de Saul ganhasse no fim.

Até então. Isso indica um tempo em que os filhos de Benjamim transferiram sua lealdade para o lado de Davi, abandonando as aspirações da dinastia de Saul.

7. *Vs. 30.* Este versículo informa-nos que uma das tribos que mais contribuíram para a causa de Davi foi Efraim, que enviou não somente homens em quantidade, mas também homens de grande habilidade na guerra. Nada menos de 28.800 homens vieram dessa tribo. Embora reduzidos em número na guerra contra os filisteus (ver II Sam. 2.9), a contribuição dos efraimitas continuou grande.
8. *Vs. 31.* Os chefes da tribo de Manassés foram apontados por recrutamento. Foi feita uma lista dos homens cujos nomes estavam arrolados, e eles foram enviados a Davi. Os chefes tribais anelavam por realizar os deveres da tribo, e não deixaram a questão para *voluntários,* o que, provavelmente, sucedeu como método usado pelas demais tribos.
9. *Vs. 32.* A tribo de Issacar contribuiu não somente com soldados, mas também com homens sábios, que eram capazes de dar conselhos e dirigir Israel naquele tempo de reorganização. Alguns antigos expositores judeus pensam que esses sábios eram *astrólogos.* Presumivelmente, eles podiam ler coisas no céu, para dar orientações ao povo de Israel. Porém o mais provável é que este versículo queira dizer que aqueles homens eram dotados de "sabedoria política". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Astrologia.* Somos apanhados de surpresa ao ver que, no Talmude, esses "astrólogos" são encarados de maneira favorável. Mas a verdade é que as nossas idéias não precisam corresponder, necessariamente, às noções da antiga nação de Israel, ou da nação mais recente de Israel (tempo em que o Talmude foi compilado).
10. *Vs. 33.* Zebulom enviou não somente bons soldados, mas também um exército bem equipado. Eram homens de propósito singular, e Davi poderia confiar que seriam súditos fiéis. Eles muito lutariam até que Davi tivesse conquistado os inimigos de Israel. Ver II Sam. 10.19 quanto às *oito nações* inimigas que foram derrotadas por Davi. O hebraico literal diz aqui "sem um coração e um coração", ou seja, destituídos de coração dúplice, que aponta para a *indecisão* que tende para a traição. Cf. Sal. 12.3, "os lábios bajuladores", que aponta para homens que pensam uma coisa e dizem outra. Ou que dizem uma coisa e fazem outra. Notáveis 50.000 homens de Zebulom foram enviados, tornando-a a tribo que contribuiu com maior número de combatentes.
11. *Vs. 34.* Naftali fez uma significativa contribuição, com 37.000 soldados comandados por mil capitães.
12. *Vs. 35.* Dã foi capaz de enviar 8.600 guerreiros experimentados, para ajudar a garantir a qualidade profissional do exército de Davi.
13. *Vs. 36.* Aser enviou um numeroso exército, composto por 40.000 homens, e todos eles eram especialistas no jogo da guerra.
14. *Vs. 37.* Do lado *oriental* do rio Jordão (a Transjordânia), 120.000 soldados foram enviados das tribos combinadas de Rúben e Gade, e da meia tribo de Manassés, que viviam naquele território.

O grande total chegou perto dos 400.000 homens, um exército deveras numeroso para aquele estágio da história de Israel. O vs. 37 enfatiza que as três tribos da Transjordânia possuíam considerável equipamento de guerra estava. E já vimos que outros também contribuíram com sua parte para o empreendimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra*. Naquele tempo, o exército de Israel era, essencialmente, uma infantaria. Somente nos dias de Salomão seriam adicionados a cavalaria e carros de combate de ferro às forças armadas dos israelitas, algo que os inimigos de Israel (pelo menos alguns deles) já tinham há muito tempo.

15. *Vs. 38.* Conclusão sobre a *convocação voluntária* do exército de Israel. Davi atraiu a si todo o povo de Israel. Eles o escolheram por rei. Foi assim que, após ter derrotado *oito* inimigos (ver II Sam. 10.19), a monarquia foi capaz de prosperar com um mínimo de interferência da parte de potências estrangeiras. Esse foi um estágio necessário à história de Israel. A dinastia davídica foi assim estabelecida, e grandes questões proféticas desempenharam seu papel em todos esses acontecimentos. Ver sobre o *Pacto Davídico* em II Sam. 7.4. Para que os israelitas formassem *um único reino,* foi mister que Israel tivesse *um só coração.* Davi conseguiu esse feito, mas Roboão (filho e sucessor de Salomão, filho de Davi) destruiu a unidade e produziu uma contenda interminável.

Festividades de Coroação (12.39,40)

Assim como todas as tribos contribuíram com homens para o exército, também a maioria delas contribuiu com provisões de boca para as festividades em Hebrom. Por três dias e três noites todos comeram e beberam, e o vinho fluiu como o rio Amazonas. Animais de carga fizeram parte do nobre cortejo a Hebrom, e várias tribos contribuíram com animais, de modo que houvesse na festa grande quantidade de alimentos de todos os tipos. A presença dos animais de sacrifício pode significar que a casta sacerdotal fez oferendas apropriadas. Os homens tiveram *alegria,* e Yahweh foi louvado pelo que aconteceu naqueles dias.

"... bolos de uvas passas; massas de figos secos e uvas passas eram e continuam sendo artigos alimentares no Oriente Próximo. Cf. I Sam. 25.18; Amós 8.1. A simples dicção da narrativa faz-nos lembrar das festas descritas por Homero, sendo sinal da origem antiga da festa" (Ellicott, *in loc.*).

"A guerra civil havia terminado, e agora estavam todos unidos, formando, uma vez mais, um único reino. Eles tinham sobre si um rei que o coração deles desejava... Quando o Filho de Davi e seu antítipo, o rei de Sião, estiver reinando, quando Ele for o rei de toda a terra, então haverá um só Senhor, pois Seu nome será Um (Sal. 97.1; Isa. 52.7; Zac. 14.9; Apo. 11.15-17" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Treze

O paralelo deste capítulo é II Sam. 6.1-11, mas o texto presente tem algumas adições. A consulta descrita nestes versículos ocorreu algum tempo após a coroação de Davi em Hebrom (cf. II Sam. 6.1). As grandes hordas, concentradas em Hebrom, tinham partido, deixando a área geral de Hebrom. Ou então a consulta pode ter acontecido em Hebrom. Seja como for, Davi não agiu por conta própria quanto à questão de trazer a arca para Sião. Ele precisou da ajuda e da cooperação dos cabeças de tribos e dos chefes militares.

Informação Dada em II Sam. 5.6 ss:

1. Davi capturou Sião, dos jebuseus.
2. Davi efetuou campanhas militares de sucesso contra os filisteus.
3. O rei de Tiro proveu material e operários habilidosos para construir um palácio para Davi.
4. *Depois disso,* Davi pensou em trazer a arca para Sião. Ela tinha sido depositada em *Quiriate-Jearim* (ver no *Dicionário*), onde ficara por longo tempo.
5. O historiador de II Samuel ignorou a questão da necessidade de os levitas fazerem o transporte, o que foi adicionado pelo cronista. I Crônicas põe em primeiro lugar a preocupação com o transporte da arca; mas II Samuel apresenta uma seqüência de eventos diferente.

O texto à nossa frente provavelmente não é uma reformulação do trecho paralelo de II Sam. 6.1-11. Os vss. 1-5 atuam como uma espécie de introdução que pode ter incluído materiais provenientes de fonte informativa distinta.

Davi como Rei (13.1 – 21.30)

13.1

Consultou Davi os capitães de mil e os de cem. Esta passagem tem paralelo em II Sam. 6.1. Temos aqui os capitães de mil, os capitães de cem e "todos os príncipes", como os que foram consultados por Davi. O trecho paralelo diz meramente "30.000", sem dúvida os homens principais, capitães e anciãos. O propósito de ambas as narrativas foi demonstrar que Davi convocou "todo o Israel" sobre a questão da arca. Ver II Sam. 6.2, "com todo o povo". O corpo laico de Israel correspondeu fielmente (vs. 5). Chegaram os *levitas* para legitimar a adoração, de acordo com o que estipulava a legislação mosaica.

Quanto aos capitães de mil, ver I Crô. 12.20; e quanto aos capitães de cem, ver Núm. 31.14. Além desses capitães, os príncipes de Israel também foram consultados. Esses chefes atuavam como uma espécie de Grande Conselho de Israel.

13.2

A arca não podia ser movida com a ajuda dos levitas, que estavam autorizados somente a transportar os itens sagrados. Ver Núm. 10.33; Deu. 1.33. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Arca* e *Levitas,* quanto a maiores detalhes. Parece que os levitas estavam ocupados com atividades pastorais, quando não engajados nos cultos religiosos, de modo que tiveram de ser convocados para a tarefa que Davi estava propondo.

O fraseado do versículo parece dizer que Davi procurou a ajuda dos levitas que estavam espalhados pelas tribos do norte. Tendo sido escrita após o cativeiro assírio, essa expressão provavelmente sofreu a influência do cativeiro. O hebraico diz que os levitas estavam "dispersos no norte".

Pano de Fundo Histórico. Os filisteus haviam capturado a arca em Silo (ver I Sam. 4.4,11). A arca foi exibida na Filístia por vários meses (ver I Sam. 6.1). Quando uma série de pragas atingiu os filisteus, por causa da presença da arca, ela foi devolvida a Israel e então abrigada em Bete-Semes (ver I Sam. 6.13-15). A seguir foi transportada para Quiriate-Jearim, onde ficou por cerca de cem anos. Isso aconteceu por volta de 1104 e 1003 A. C. Que o leitor consulte I Sam. 7.2 e as notas expositivas ali existentes. No começo de seu reinado, estava no coração de Davi trazer a arca para Sião, onde ela ficou até o cativeiro babilônico. Os historiadores desconhecem o que aconteceu à arca por ocasião do cativeiro babilônico e posteriormente.

13.3

Nos dias de Saul. Durante o período do primeiro rei de Israel, houve negligência generalizada no tocante à arca da aliança. Davi, pois, queria reverter essa atitude e condição. A arca fora deixada na casa de Abinadabe, em Quiriate-Jearim, e outros tinham ajudado a cuidar dela. Mas não lhe foi dada a importância devida, considerando que ela era o centro do culto dos israelitas, o lugar onde a presença divina se manifestava. Não existe nenhuma evidência clara de que a arca, "estando fora", tenha sido usada como oráculo. O culto continuou acontecendo em Gibeá, sem a arca. Davi ansiava por restaurar a presença divina ao culto, em consonância com a legislação e as provisões mosaicas.

13.4

Isso pareceu justo aos olhos de todo o povo. Era da vontade divina que a arca fosse transportada para Sião (ver o vs. 3). Orientação da parte de Yahweh-Elohim foi buscada. Além disso, todo o povo de Israel estava de acordo com esse transporte, pois estavam conscientes de que iam fazer a "coisa certa".

"Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mat. 6.33). Isso, de acordo com os termos do Novo Testamento, foi o que o povo de Israel decidiu fazer. "A arca era considerada a depositária dos dois tabletes de pedra que tinham sido gravados pelo dedo de Deus, os grandes Dez Mandamentos considerados o sinal da certeza de que Yahweh estaria com o Seu povo. Davi estava determinado a estabelecer *esse tesouro* no próprio coração de seu reino. Na civilização moderna de nosso mundo, há uma desesperada necessidade de estabelecer, como centro, a fé cristã" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

13.5

Os *vss. 5-14* têm como paralelo a passagem de II Sam. 6.1-11, e nos vss. 1-4 o autor sagrado introduz a questão.

O autor sacro havia salientado a necessidade de os levitas transportarem a arca, uma questão que o autor de II Samuel deixou de mencionar. Ele havia, entretanto, enfatizado a universalidade do projeto. Todo o Israel estava envolvido na questão. Esse foi também um tema explorado no trecho paralelo.

Reuniu, pois, Davi a todo o Israel. O *cronista* nos deu essa informação que também tinha sido ignorada no trecho paralelo. Ele declarou a extensão do empreendimento de trazer todo o povo de Israel para ajudar na questão. As pessoas foram trazidas de tão longe quanto Sior, isto é, o ribeiro do Egito. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Sior* e *Ribeiro do Egito.* Esse rio (não o Nilo, conforme fora prometido no *Pacto Abraâmico,* ver Gên. 15.18) servia como fronteira sudoeste de Israel. A palavra "Sior" significa "turvo", "lamacento", o que nos dá uma idéia da natureza desse ribeiro.

Entrada de Hamate. Ver a respeito no *Dicionário*. Está em pauta a fronteira norte, ficando assim indicado um ajuntamento universal do povo de Israel a Davi, para ajudá-lo na tarefa de transportar a arca da aliança. Cf. I Reis 8.65. Hamate era a sede de um reino antigo, independente, que mantinha relações de amizade com Davi. Ver Amós 6.2, onde o nome aparece como *Hamate Rabá,* ou seja, "a Grande Hamate". O artigo do *Dicionário* apresenta os detalhes.

13.6

Deste versículo até o fim do capítulo, o cronista está em concordância íntima com o trecho paralelo de II Crô. 6.2-11, de modo que faço minha exposição através de *observações* adicionais, confiando que o leitor examinará a exposição no texto de II Samuel.

Observações:

1. O texto presente cita Quiriate-Jearim como o lugar onde a arca estava guardada. A passagem de II Sam. 6.2 diz *Baalim,* que pode ter sido um nome alternativo para do lugar, ou, então, algum tipo de erro penetrou no texto, mediante transcrição. Ver Jos. 18.14, que favorece a idéia de um nome alternativo. Provavelmente, o nome original era "cidade de Baal". Isso foi então modificado para "cidade das madeiras", o que explicaria os dois nomes.
2. O autor presente enfatizou a arca como o lugar da presença de Deus, um item ignorado no trecho paralelo, neste ponto da narrativa. Ver sobre *Querubins,* no *Dicionário*. Havia representações desses seres angelicais por cima da arca da aliança, enfatizando assim a guarda da adoração.
3. A arca foi referida como algo "diante do qual é invocado o nome do Senhor". "Essa identificação da presença de Deus com o *Seu nome* era comum nas porções posteriores do Antigo Testamento, sobretudo nos livros de Crônicas; mas também era conhecida desde os dias de Moisés (ver Deu. 12.5; 14.23,24; 16.2,6; 26.2" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). "Senhor, que se assenta acima dos querubins" é expressão que também figura em Sal. 18.11; 80.1 e Isa. 37.16. Nos dias posteriores do povo de Israel, os israelitas evitavam pronunciar o nome divino, Yahweh, ou mesmo outros nomes divinos, como Elohim. Temos um reflexo disso neste trecho. O *nome* era suficiente como uma referência ao apelativo divino.

13.7

Este versículo é uma forma abreviada de II Sam. 6.3, onde oferecemos a exposição. O trecho paralelo de II Sam. 6.4 é completamente omitido pelo cronista. Uma nova carroça foi usada, que não tinha sido empregada em nenhum outro serviço. Teria sido uma profanação transportar a arca em um veículo que já tivesse sido usado em algum propósito "comum".

13.8

Este versículo é um paralelo essencial de II Sam. 6.5, onde provemos a exposição.

13.9

Este versículo é paralelo de II Sam. 6.6, onde damos a exposição. As diferenças que ocorrem no presente versículo (bem como em outros versículos desta passagem), em comparação com o texto do sexto capítulo de II Samuel, são anotadas no texto paralelo.

13.10

Este versículo tem paralelo em II Sam. 6.7, onde apresentamos a exposição.

13.11

Ver a exposição em II Sam. 6.8, que é o trecho paralelo ao presente versículo. O lugar da morte de Uzá obteve imediatamente reputação negativa, que se prolongou até os dias do cronista.

13.12

Ver II Sam. 6.9 quanto à exposição das declarações deste versículo. Note a diferença nos nomes divinos. Samuel diz Yahweh, ao passo que aqui e no oitavo versículo o presente autor diz *Elohim*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Talvez o cronista tenha evitado usar o nome Santíssimo, Yahweh.

13.13

Este versículo é paralelo ao trecho de II Sam. 6.10, onde damos a exposição. A narrativa do cronista é levemente abreviada.

13.14

Este versículo tem paralelo em II Sam. 6.11, onde é apresentada a exposição. Ver a natureza da bênção conferida a Obede-Edom (que ficou tomando conta da arca) em I Crô. 26.4-8, e comparar com Sal. 127.

O Targum tem um comentário elaborado dessa bênção, enfatizando a numerosa descendência de Obede-Edom e sua prosperidade material. "Ele [Yahweh] abençoou e aumentou grandemente tudo quanto lhe pertencia." Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

"Uma atitude própria para com as coisas de Deus traz a bênção, enquanto um espírito frívolo atrai o desprazer divino" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Catorze

Davi Estabelece-se em Jerusalém (14.1 – 16.43)

Seu Palácio (14.1,2)

Davi empreendeu vários projetos de construção (I Crô. 15.1). O primeiro e maior desses edifícios foi sua própria residência pessoal, um lugar magnífico. Devemos levar em conta que era esperado que um monarca oriental vivesse no luxo, começando pela sua própria residência. Além disso, os hebreus viam a prosperidade econômica como um sinal do favor e da bênção divina. A mente dos hebreus nunca glorificou a pobreza e o sacrifício material. Abundância material, riquezas e edifícios sofisticados tinham o efeito de autenticar um monarca oriental. Davi, pois, observou essa tradição dos hebreus; e Salomão chegou a exagerar quanto a isso. Para ajudá-lo, Davi convidou seu bom amigo Hirão, rei da Fenícia, para ajudá-lo no projeto de edificações. Os hebreus nunca foram muito bons nas ciências, incluindo a arquitetura e a matemática (necessárias à boa organização). Ver II Crô. 2.8,9 quanto às habilidades arquitetônicas dos fenícios. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Hirão* e *Tiro.*

O paralelo da presente passagem é II Sam. 5.11-25, onde ofereço a exposição. Aqui forneço apenas alguns poucos comentários adicionais. John Gill, que usualmente faz comentários extensos, meramente envia seus leitores ao trecho paralelo, e não dá nenhuma exposição quanto ao capítulo 14 de I Crônicas.

Este capítulo fala do palácio de Davi e das duas vitórias que ele obteve sobre os filisteus. Davi estava consolidando o seu reino, material e militarmente.

14.1

Para lhe edificarem uma casa. Este versículo tem paralelo em II Sam. 5.11, onde a exposição é oferecida. O cronista escreveu, literalmente, "artífices de paredes e artífices de madeira", enquanto II Sam. 5.11 diz "artífices em madeira e artífices em pedras de paredes".

14.2

Reconheceu Davi que o Senhor o confirmara rei sobre Israel. Ao edificar um palácio portentoso como residência e devido à sua prosperidade geral, com a ajuda de uma potência estrangeira, Davi sentiu que estava sob o favor divino, em consonância com as idéias orientais no tocante aos monarcas da região e em harmonia com a idéia hebraica da prosperidade como uma bênção divina e da pobreza como uma maldição. Ver a introdução ao presente capítulo quanto a comentários adicionais sobre essa questão. No trecho paralelo de II Sam. 5.12 damos a exposição.

Israel inteiro beneficiou-se do que estava acontecendo, e não apenas Davi, pessoalmente. Davi estava sendo abençoado por Yahweh para que, por sua vez, firmasse e abençoasse o povo de Israel, o filho de Yahweh (ver Êxo. 4.22). O rei e seu povo estavam intrinsecamente unidos nos propósitos de Deus.

A Família de Davi (14.3-7)

14.3-7

O trecho paralelo é II Sam. 5.13-16, onde a exposição é oferecida. Ocorrem neste trecho algumas poucas variações quanto à grafia dos nomes próprios, ou mesmo nomes diferentes são aplicados às mesmas pessoas. Esses detalhes são explicados na passagem sobre II Samuel. Ver também o artigo no *Dicionário* chamado *Davi,* que apresenta um gráfico de sua família.

Quanto mais esposas Davi tivesse, mais filhos geraria. Quanto mais filhos gerasse, mais "sangue azul" seria espalhado pelo território de Israel. Os habitantes de Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos, descendentes de Brigham Young, que foi um polígamo, ainda se gabam de descender daquele grande pioneiro, um líder primitivo da Igreja Mórmon.

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia* e também artigos sobre os nomes próprios que aparecem nesta passagem. É um anacronismo acusar Davi de ter tomado tantas esposas e concubinas. Somente os *pobres* em Israel limitavam-se a uma única esposa. Os ricos e os poderosos sempre tinham muitas mulheres, e Davi, como um monarca oriental, provava assim a sua *virilidade* e, por conseguinte, a virilidade de seu reinado, por sua vida sexual extremamente ativa. "... um sinal de esplendor real oriental era o acúmulo de um grande harém de esposas e concubinas (cf. Deu. 17.17). A lista de treze filhos nascidos em Jerusalém difere da lista de II Sam. 5.14-16, mediante a adição de Elifelete (ver a grafia diferente, em I Crô. 3.6) e de Nogá (I Crô. 14.5,6). Entretanto, esses dois também aparecem na genealogia de I Crô. 3.5-9)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Beeliada, nome que aparece no versículo sétimo, é um apelativo composto com *Baal*, o deus pagão. O cronista, neste lugar, não se incomodou em alterar o nome do inocente Beeliada, do vs. 7. O nome Baal foi incorporado a muitos nomes próprios em Israel. Com a passagem dos séculos, estes foram substituídos por nomes inofensivos, a fim de agradar os piedosos.

Davi Derrota Seus Inimigos (14.8-17)

Sinais da Autoridade e da Grandeza de Davi e II Crônicas foram escritos para fomentar a grandeza da dinastia de Davi. Até agora vimos várias coisas que serviram a esse propósito:

1. Davi teve o apoio de muitos homens valentes que lhe foram fiéis desde o começo. Ele inspirava lealdade e dedicação (capítulo 11).
2. Israel, universalmente, apoiou a causa de Davi, abandonando de vez a casa de Saul (capítulo 12).
3. Davi foi cuidadoso quanto ao aspecto espiritual de seu reinado, tentando trazer a arca para a sua nova capital. Ele falhou na primeira tentativa, mas finalmente cumpriu o seu desígnio (capítulo 13).
4. Davi subiu ao trono em meio a grande demonstração de força (capítulo 12).
5. Davi teve um extenso programa de edificações, que começou com a construção de um suntuoso palácio. Isso estava em harmonia com o que se esperava de um monarca oriental (I Crô. 14.1,2).
6. Davi contava com um numeroso harém para provar a sua virilidade, bem como a virilidade de seu reinado (I Crô. 14.3-8).
7. Davi obteve sucesso como poderoso guerreiro, a começar por derrotar os filisteus (I Crô. 14.8-17). Ver como ele derrotou oito países inimigos a fim de consolidar o seu poder e trazer paz à Palestina, em II Sam. 10.19.

Davi, por algum tempo, tinha sido (presumivelmente) um vassalo e aliado de confiança dos filisteus; mas isso foi só um jogo do qual ele aceitou participar, embora inimigos o tivessem levado a sério. Ver II Sam. 5.17-25. Mas quando Davi teve o poder de fazê-lo, lançou-se na guerra para aniquilar aquele povo.

O paralelo da presente passagem é II Sam. 5.17-25, onde é provida a exposição. As observações a seguir não substituem a exposição sobre II Samuel.

14.8

O paralelo deste versículo é II Sam. 5.17. Davi, supostamente antes um vassalo fiel, agora se tornara rei de Israel. Isso só poderia significar a guerra, razão pela qual os filisteus avançaram contra Davi.

14.9

O paralelo deste versículo é II Sam. 5.18. Os dois autores seguiram a mesma fonte informativa. O cronista, entretanto, fez algumas alterações a adições.

14.10

O paralelo é II Sam. 5.19.

14.11

O paralelo é II Sam. 5.20.

14.12

O paralelo é II Sam. 5.21. "O cronista alterou completamente a declaração espantosa de II Sam. 5.21: "Os filisteus deixaram lá os seus ídolos; e Davi e os seus homens os levaram" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Lemos aqui que Davi ordenou que esses ídolos fossem queimados a fogo. Mas talvez devamos compreender que eles levaram dali os ídolos deixados pelos filisteus, a fim de que, mais tarde, pudessem queimá-los, em indignação contra a idolatria. "O cronista teve o cuidado de registrar a obediência de Davi à lei exarada em Deu. 7.25" (Ellicott, *in loc.*). Os filisteus tinham levado seus deuses como medida de proteção, mas isso se revelou uma vã superstição.

14.13

O paralelo é II Sam. 5.22. Uma segunda invasão iniciada pelos filisteus foi repelida com êxito.

14.14

O paralelo deste versículo é II Sam. 5.23. O cronista apresenta-nos uma descrição mais completa e mais clara.

Amoreiras. No hebraico, temos uma palavra rara, traduzida para o português "balsameiros". Essa palavra só é usada aqui e no paralelo, em todo o Antigo Testamento. Algum tipo de árvore de bálsamo está em foco, chamada *baka* pelos árabes. O termo hebraico é *beka'im*. Essa árvore exsudava goma como se fossem lágrimas, daí o seu nome em hebraico, pois nessa língua *baka* significa "chorar". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bálsamo*.

14.15

O paralelo é II Sam. 5.24. Haveria um ruído como que de tropas marchando, e isso seria o sinal de avanço contra os filisteus. Yahweh, que controla os ventos, provena o sinal, um pequeno milagre para ajudar a causa de Israel. Os árabes acreditavam que arbustos espinhentos eram capazes de proferir sons e palavras proféticas, mas o autor sagrado estava pensando, definitivamente, em algo *divino*. O Talmude refere-se aqui à intervenção dos *anjos*.

14.16

O paralelo é II Sam. 5.25. A obediência conduziu ao sucesso na batalha. O agente da vitória foi *Yahweh* (II Samuel e o presente texto). Davi estava recebendo ajuda divina na consolidação de seu reino e na derrota dos adversários de Israel, a fim de que pudesse firmar a sua monarquia. Salomão produziu a época áurea de Israel, em paz, porquanto Davi lhe preparara o caminho.

14.17

Assim se espalhou o renome de Davi. Este versículo não tem paralelo no quinto capítulo de II Samuel. Trata-se de uma reflexão editorial, provavelmente não encontrada na fonte informativa do autor sacro. Cf. observações similares em II Crô. 17.10 e 20.29.

A reputação de Davi como um poderoso guerreiro crescia de tal modo que os inimigos vizinhos a Israel estavam transidos de medo. Eles temiam ser a próxima vítima, e tinham toda a razão. Ver II Sam. 10.19 onde se lê que Davi derrotou *oito povos* específicos, a fim de consolidar o seu reino e trazer a paz à Palestina. Notemos como a *Yahweh* foi dado o crédito pelo sucesso de Davi. Em última análise, Deus foi o Poder que derrotou os inimigos de Davi. Cf. Est. 8.17. O autor sagrado, pois, diz-nos que Davi cumpria uma missão divina. A dinastia davídica foi um instrumento especial de Yahweh, um fato ilustrado nos livros de I e II Crônicas. Terminado o cativeiro babilónico, essa dinastia continuou e emprestou vida nova à nação de Israel. No Rei Messias haverá um benefício universal, e Ele seria Filho de Davi.

Capítulo Quinze

A Arca é Trazida para Sião (15.1 – 16.43)

O fio da narrativa fora interrompido em I Crô. 13.14. O autor agora reinicia a história, contando como a arca da aliança foi trazida para a nova capital do reino, Jerusalém. Os levitas seriam empregados para trazer a arca da casa de Obede-Edom. O cronista nos fornece um relato elaborado que é paralelo à versão abreviada de II Sam. 6.12-20.

Conteúdo:

1. Preparativos de Davi para a transferência (vs. 1).
2. Construção de uma tenda para receber a arca (vs. 1).
3. Reunião de representantes, especialmente dentre os levitas e sacerdotes, para realizar a tarefa (vss. 2-16).
4. Escolha de indivíduos específicos para participar do empreendimento (vss. 17-24).
5. Incidentes ocorridos durante o cortejo (vss. 25-29).

Salomão, com o tempo, substituiria a tenda provisória (ou tabernáculo) de Davi pelo esplendoroso templo de Jerusalém. Ver as notas em II Sam. 6.17 quanto ao tabernáculo provisório.

15.1

Fez também Davi. "Os vss. 1-3. De acordo com o capítulo 6 de II Samuel, Davi ouviu que Obede-Edom estava prosperando. Portanto, o rei tomou coragem

e fez uma segunda tentativa para buscar a arca e instalá-la em Sião. Nessa segunda tentativa, Davi logrou bom êxito. O cronista transformou a história de tal modo que deixou iluminados os seus princípios e métodos. Davi, dessa vez, fez todas as coisas conforme recomendado. *Em primeiro lugar,* preparou um abrigo para a arca. Em seguida, por proclamação real, declarou que somente os levitas haveriam de transportar a arca. E, finalmente, reuniu todo o Israel para acompanhar a arca em sua jornada" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Davi fez o sagrado invadir a vida secular. Não se contentou meramente em construir palácios, receber glória e declarar guerra aos inimigos de Israel. Cuidou também do culto a Yahweh. Davi deu orientações aos levitas. Ele não estava contente em permitir-lhes trabalhar sozinhos. Ele se envolveu igualmente com a vida espiritual.

Estava no coração de Davi dar à arca um lugar honroso, permanente, um templo; mas não lhe caberia tal honra (ver I Crô. 17.1-4). Ele fez o que foi ordenado fazer, mas não ultrapassou sua jurisdição.

Casas. Ou seja, "duas casas". A primeira foi o seu próprio palácio, onde ele residia (ver I Crô. 14.1,2). A segunda foi a tenda, similar à que Moisés havia levantado no deserto. Em outras palavras, Davi construiu outro tabernáculo provisório, esperando que seu filho, Salomão, edificasse o templo de Jerusalém. A tenda do deserto, pois, foi substituída por essa feita por Davi, em Jerusalém. Conforme já ficou claro, essa tenda seria posteriormente substituída pelo esplendoroso templo construído por Salomão. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Tabernáculo* e *Templo.*

15.2

Ninguém pode levar a arca de Deus, senão os levitas. Ver Núm. 1.50; 4.2,15; Deu. 10.8 e 31.9 quanto à lei mosaica de que os levitas eram os únicos autorizados e qualificados para transportar a arca da aliança. Essa informação não consta de II Samuel, embora haja tantos outros paralelos com I Crônicas. A primeira tentativa de transportar a arca terminou em desastre, porque tal regra não foi seguida (capítulo 13).

15.3

Todo o Israel. O povo inteiro de Israel, através de representantes de cada tribo, deveria fazer parte do cortejo que levaria a arca até Jerusalém. Mas os *levitas* eram os participantes mais importantes, conforme demonstram os versículos seguintes. A casa de Obede-Edom foi grandemente abençoada, porque a arca estivera ali por três meses, e esperava-se que todo o povo de Israel fosse abençoado, uma vez que a arca estivesse "em casa", em Jerusalém, a Nova Capital. Ver II Sam. 6.12 ss.

II Sam. 6.15 é um paralelo direto do presente versículo e oferece informações adicionais. Cf. I Crô. 13.2,3, sobre como *todo o Israel* foi envolvido no projeto.

Enumeração dos Levitas que Ajudaram (15.4-10)

Todo o povo de Israel deveria cooperar para que a arca fosse trazida para Jerusalém, por meio de seus chefes, dos anciãos, das autoridades militares etc. Mas os principais participantes eram os levitas. Dentre os levitas seriam escolhidos os que teriam a incumbência real de transportar a arca. Os vss. 4-10 dão-nos a lista e o número dos levitas que foram chamados para encabeçar o cortejo.

15.4

Os filhos de Arão, ou seja, os sacerdotes, seriam os principais atores do drama. Arão era descendente de Levi, isto é, um levita. Mas foi à sua família (aquele ramo dos levitas) que foi dado o ofício do sacerdócio. Os sacerdotes ministravam no tabernáculo e, mais tarde, no templo de Jerusalém. Outros levitas (que não pertenciam à família de Arão) eram ajudantes, executando certas tarefas braçais. Naturalmente, os críticos provavelmente têm razão quando supõem que, "originalmente", essas distinções não existissem. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas,* quanto a detalhes. É verdade, sem dúvida, que os levitas não pertencentes à linhagem de Arão realizavam serviços sacerdotais por todo o Israel, mesmo que não estivessem diretamente envolvidos no culto do tabernáculo e do templo propriamente dito.

O Total. Oitocentos e sessenta e dois homens foram convocados, provenientes dos vários ramos da tribo de Levi (casta sacerdotal). Além desses levitas, havia *seis* líderes.

15.5-10

A Distribuição Numérica:
1. Os filhos de Coate: 120 (vs. 5)
2. Os filhos de Merari: 220 (vs. 6)
3. Os filhos de Gérson: 130 (vs. 7)
4. A posteridade de Elisafã: 200 (vs. 8)
5. Os filhos de Hebrom: 80 (vs. 9)
6. Os filhos de Uziel: 112 (vs. 10).

Seis líderes foram mencionados por nome:
1. Uriel (vs. 5)
2. Asaías (vs. 6)
3. Joel (vs. 7)
4. Semaías (vs. 8)
5. Eliel (vs. 9)
6. Aminadabe (vs. 10)

Quanto ao pouco que se sabe sobre esses homens, ver os artigos no *Dicionário.* Havia quatro descendentes de Coate, e um de cada um dos outros dois ramos de levitas (descendentes de Merari e de Gérson). O grande total envolvia, assim, 868 nomes.

O trecho paralelo é o sexto capítulo de II Samuel. Essa passagem não dá uma lista elaborada, nem ao menos menciona os levitas. Alguns críticos supõem que o paralelo seja mais antigo e reflita uma época em que os levitas ainda não se tinham tornado uma casta sacerdotal. Se isso é verdade, então a casta sacerdotal, criada algum tempo depois, foi "lida de volta" no Pentateuco. Essa posição, como é natural, é vigorosamente contestada pelos eruditos conservadores. Se os críticos estiverem corretos nesse ponto, então permanece mistério *por qual* razão o trecho paralelo nem ao menos menciona nominalmente os levitas, como participantes especiais no transporte da arca da aliança para Jerusalém.

15.11

Zadoque e Abiatar. Além dos 868 levitas convocados para ajudar, a Zadoque a Abiatar, os dois sumos sacerdotes, foram atribuídas responsabilidades especiais. Cf. II Sam. 15.27,29; I Reis 4.4. Esses dois homens representavam as linhagens respectivas de Eleazar e Itamar. Dessa forma, o autor sacro teve o cuidado de dizer-nos que todos os ramos dos levitas estavam representados, assim o ato realizado fora autorizado por Yahweh, o Cabeça de todos os sacerdotes e autoridades. Ver I Crô. 16.39 quanto a Zadoque e a Abiatar, *ambos* sumos sacerdotes.

15.12

Vós sois os cabeças das famílias dos levitas. Os líderes, a fim de poder liderar, precisavam estar limpos e devidamente preparados para realizar os sacrifícios e as cerimônias de lavagem. "Essa santificação especial, requerida em todas as ocasiões religiosas sérias e importantes, consistia em observar a mais estrita abstinência, bem como a limpeza tanto pessoal quanto no vestuário. Ver Gên. 35.2 e Êxo. 19.10,15. Se tais regras tivessem sido negligenciadas, o processo inteiro teria sido interrompido. Ver II Crô. 30.3" (Jamieson, *in loc.*). Ver o trecho paralelo em II Sam. 6.20.

Coisas Envolvidas. Lavagem do corpo em um molde cerimonial apropriado; abstinência sexual; lavagem das roupas; evitação de qualquer coisa que pudesse estar imunda. Ver o *Dicionário* quanto ao *Limpo e Imundo.* Provavelmente sacrifícios especiais também foram oferecidos a Yahweh, para evitar um segundo desastre no transporte da arca da aliança.

15.13

Pois visto que não a levastes na primeira vez. A *causa* do desastre (capítulo 13), na primeira tentativa, é agora revelada. Os levitas não tinham efetuado o transporte da arca; a arca não fora carregada mediante seus varais, conforme ordenado; não tinha havido procedimentos santificadores preliminares. Conforme dizem os gregos: "Um segundo pensamento é mais sóbrio, de alguma maneira". O pensamento mais sóbrio levou Davi a fazer as coisas *conforme o molde mosaico,* nessa segunda vez.

Irrompeu contra nós. *Elohim* havia lançado seu raio fulminante e ferido os descuidados israelitas. Deus julgara o homem que tocou na arca matando-o, ao que tudo indica instantaneamente (ver I Crô. 13.10; ver também II Sam. 6.7). Está em vista uma morte súbita, mas não nos é dito o que a causou.

15.14

Santificaram-se, pois, os sacerdotes. As devidas cerimônias de santificação foram realizadas, conforme lhes fora ordenado (vs. 12). Ver as notas expositivas nesse versículo. O transporte da arca usualmente era efetuado pelos levitas, e não especialmente pelos sacerdotes. Mas os sacerdotes podiam transportar a arca, e algumas vezes assim o faziam. Ver Jos. 3.14,15 e 6.6. Ao que tudo indica, o presente versículo significa que, nesta ocasião, tanto os levitas quanto os sacerdotes estiveram envolvidos no transporte da arca. Naturalmente, os ritos de

santificação tinham de ser efetuados por todos os participantes do cortejo, e não meramente por aqueles que transportassem a arca da aliança.

15.15

Trouxeram a arca de Deus aos ombros pelas varas. *Nesta oportunidade,* a arca foi devidamente transportada. Foi carregada nos ombros pelos levitas (e pelos sacerdotes), através das varas que passavam por anéis existentes na arca. Desse modo, a arca da aliança não podia ser tocada pelos transportadores. Na desastrosa ocasião anterior, a arca foi transportada em uma carroça puxada por bois. Ver I Crô. 13.7,9. A legislação mosaica dava instruções específicas sobre *como* a arca deveria ser transportada. Ver Núm. 4.5,15. Ver também Núm. 7.9 e Êxo. 25.13-15.

Fazendo a Coisa Certa da Maneira Certa. Os fins não justificam os meios. Algumas coisas não fazem diferença alguma, mas outras ocultam um sentido moral e espiritual. As regras divinas governam as realidades divinas. Existem formas certas de fazer coisas certas. E, naturalmente, nunca será certo fazer coisas erradas para produzir bons resultados.

Acompanhamento Musical — as Guildas Musicais (15.16-24)

Entre os levitas havia *guildas musicais,* compostas por aqueles treinados em produzir música para o culto divino. Esta seção explica elaboradamente como funcionaram essas guildas por ocasião do transporte da arca para Jerusalém. Israel tinha uma bateria de instrumentos musicais de corda, sopro e percussão. Hodiernamente, a música das igrejas tem sido *paganizada,* o que discuto em meu artigo no *Dicionário,* intitulado *Música.* Adam Clarke queixou-se de que em seu tempo (1760-1832) a música dos teatros era executada na igreja para "atrair" pessoas para o evangelho. Ele preferia que não houvesse instrumentos musicais na igreja, de maneira alguma, para evitar abusos. Atualmente vemos um espetáculo pagão na igreja, quando se executa até o ritmo rock para "entreter" os freqüentadores. Isso, sem dúvida, faz parte da apostasia que testemunhamos em nossos próprios dias. Nem toda a apostasia ocorre fora da Igreja. A apostasia tem penetrado no próprio coração da Igreja cristã. A Igreja transformou-se em uma embarcação de espetáculos, e não em um navio da vida.

O transporte da arca foi acompanhado por grande celebração religiosa, na qual a música ocupava importante função. Ver I Crô. 6.31-48 quanto às *Guildas Musicais.* Naquela seção dou notas expositivas que têm aplicação aqui. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais.*

Com razão diz-se que a música
é a língua dos anjos.

(Thomas Carlyle)

A música tem encantos que
Aplacam o peito selvagem,
Que amolecem as rochas
E dobram o carvalho nodoso.

(William Congreve)

15.16

A Panóplia de Instrumentos Musicais. No artigo do *Dicionário* chamado *Música, Instrumentos Musicais,* descrevi individualmente os muitos instrumentos musicais usados pelos hebreus, incluindo os especificamente mencionados neste versículo. Portanto, não entro aqui em descrições. Havia instrumentos de *corda,* de *sopro* e de *percussão.* Este versículo também mostra que o canto fazia parte da música que acompanhou o cortejo. Idêntica parafernália musical fora provida na primeira tentativa de trazer a arca para Jerusalém. Ver I Crô. 13.8, onde a descrição é mais completa do que aqui.

Um Ruído Jubiloso. Houve extremo cuidado para garantir que a música fosse válida e digna da ocasião. Davi foi ajudado por um chefe de coro, que dirigia a música, "porque era entendido nisso" (vs. 22). Das muitas referências à música do templo e ao cântico de salmos, derivamos a estimativa popular de que "quanto mais ruidosa a música, melhor".

Nos assentos de uma igreja interiorana, no coro, na Cornuália Britânica, está inscrito o seguinte lema: *Amor, nom clamor, ascendit in aures Dei* (O amor, e não o barulho, eleva-se aos ouvidos de Deus) (W. A. L. Elmslie, *in loc.,* com uma sábia nota). Observe-se a sábia escolha de palavras no latim original: É *amor, e não clamor,* que Deus quer. Em outras palavras, *amor,* e não *barulho.* Meus amigos, o ruído das reuniões de alguns grupos evangélicos é simplesmente irritante, para dizer o mínimo.

15.17

Os nomes próprios que figuram neste versículo receberam artigos no *Dicionário,* que fornecem a pouca informação disponível a respeito deles. Os críticos vêem "referências misturadas" ou confusão, devido ao uso de mais de uma fonte informativa de materiais, provenientes de diferentes épocas. Ver minhas notas expositivas sobre o versículo seguinte, quanto a uma ilustração a respeito. Cf. I Crô. 6.44. Os chefes dos *cantores* estão aqui em mira. "Cantores, para que, com instrumentos musicais, alaúdes, harpas e címbalos se fizessem ouvir e levantassem a voz com alegria" (vs. 16). O principal chefe era Hemã, filho de Joel (vs. 17), que era neto de Samuel (I Crô. 6.33), Asafe e Etã, que faziam soar os címbalos de bronze. Oito outros músicos (vs. 20) tocavam "alaúdes", *em voz de soprano* (no hebraico, *alamote).* Seis outros tocavam harpas em *tom de oitava* (também um termo musical)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

15.18

Os críticos vêem aqui somente referências *confusas,* visto que *Obede-Edom* e *Jeiel* aparecem como porteiros neste versículo, mas como harpistas no vs. 21. "Talvez seus descendentes pós-exílicos se tivessem elevado da posição de porteiros para a posição de músicos" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Ou, então, conforme outros estudiosos supõem, eles podem ter exercido ambas as funções (embora alguns pensem que isso não seja muito provável), ou alterando entre uma e outra função, em tempos diferentes. O autor sacro escreveu em tempos pós-exílicos e deveria estar consciente da mudança de posição, registrando então sua função *anterior* e, em seguida, sua função *posterior,* sem explicar por quê. John Gill, *in loc.,* supunha uma dupla função: "Quando eles não estavam empregados no canto, agiam como porteiros do santuário".

15.19

Se faziam ouvir com címbalos de bronze. Três cantores cujos nomes aparecem neste versículo eram cantores, acompanhando a si mesmos com címbalos de bronze, para reforçar o cântico e os salmos. Ver o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais,* em sua seção IV, quanto a descrições dos instrumentos que os hebreus usavam no culto. Cf. o vs. 16 deste capítulo e I Coríntios 13.1, no Novo Testamento.

15.20

Os oito cantores aqui nomeados acompanhavam-se de *alaúdes* (um tipo de harpa ou instrumento de corda). Ver o vs. 16 quanto aos três tipos de instrumentos empregados no culto divino.

Em voz de soprano. A transliteração dessa palavra, do hebraico para o português, seria *alamote.* Trata-se de um termo musical que possivelmente significa "voz de soprano", isto é, uma imitação da voz feminina, que é o que diz a nossa versão portuguesa. Ellicott (*in loc.*) concorda com esse parecer, dizendo "após a voz de donzelas", isto é, em tom alto ou de soprano, a voz feminina. A mesma expressão ocorre no título do Salmo 46. Alguns estudiosos supõem que cantoras virgens se ocupassem dessa parte do cântico, mas dificilmente isso ocorreria na antiga sociedade hebraica. Alguns eruditos pensam que o *alamote* seria um instrumento musical. A Vulgata diz que elas cantavam "coisas secretas", ou seja, provavelmente, hinos proféticos.

15.21

Com harpas, em tom de oitava. Outros *seis cantores* eram acompanhados por harpas, um terceiro tipo de instrumento a ser empregado no culto divino (ver as notas sobre o vs. 16). Portanto, os harpistas referidos neste versículo eram os porteiros do vs. 18, um problema que discuti nas notas sobre o versículo anterior.

As palavras "em tom de oitava" (no hebraico, *sheminith),* segundo nossa versão portuguesa, parecem referir-se ao registro mais grave da música, tal como o vs. 20 refere-se ao tom mais elevado, ou voz de soprano. Isso não significa, entretanto, que temos aqui uma alusão à voz masculina, ao passo que o versículo anterior seja uma referência à voz feminina. Somente os levitas estavam qualificados para servir no tabernáculo (e no templo), e uma mulher não podia atuar como levita. Talvez o que encontramos nos vss. 20 e 21 sejam tenores e baixos, todos cantores homens, naturalmente. Mas outros estudiosos pensam que o *sheminith* era um instrumento de oito cordas, visto que a palavra implica o número "oito". As versões siríaca e árabe vêem instrumentos musicais para uso *diário,* mas a Vulgata traduz o termo indicando "cântico de vitória". Ou, então, conforme outras argumentações, oito grupos de músicos seriam referidos por essa palavra.

Seja como for, um grupo diferente de cantores entoava as notas mais baixas, ou cantava em tons mais baixos do que aqueles do vs. 20, acompanhados por harpas. Ver o vs. 16 quanto aos três tipos de instrumentos empregados pelos músicos. O termo hebraico *sheminith* também aparece no título do Salmo 6.

15.22

Quenanias. O "chefe dos levitas músicos", um músico especialmente habilitado e também um bom diretor de canto. Ver sobre ele no *Dicionário*. Quenanias era professor de música, o homem que mantinha a guilda musical em boa forma para desempenhar as suas tarefas. Era ele quem organizava os músicos e certificava-se de que atuassem harmonicamente. Era um homem extremamente *habilidoso* na música (cf. I Crô. 25.7 e II Crô. 34.12).

15.23

Porteiros da arca. Em outras palavras, guardas e protetores que estavam sempre presentes, procurando impedir problemas com a arca da aliança. A referência poderia ser ao serviço deles na casa de Obede-Edom, quando a arca esteve ali guardada. O mais provável, entretanto, é que eles se tenham *tornado* porteiros (o que o autor sacro antecipou), uma vez que Davi preparara seu tabernáculo provisório para abrigar a arca, até que Salomão edificasse o templo. Para outros estudiosos, porém, o versículo indica que esses porteiros guardavam a arca quando ela estava sendo transportada para Jerusalém: caminhavam adiante deia e certificavam-se de que nenhum acidente ocorreria. Seja como for, sempre que o serviço era efetuado, eles eram responsáveis por impedir a aproximação de qualquer pessoa não autorizada.

15.24

Tocavam as trombetas perante a arca de Deus. Este versículo lista os *tocadores de trombetas* que iam à frente da arca, enquanto o cortejo avançava na direção de Jerusalém.

Esses homens eram *habilidosos* no uso das trombetas de prata. Ver Núm. 10.5,6. Uma vez terminada a tarefa de transportar a arca, eles continuariam como sopradores das trombetas, para outros propósitos. Quanto a como Obede-Edom e Jeias foram chamados de harpistas no vs. 21, e aqui são chamados de porteiros, ver as explicações oferecidas na referência anterior. A tentativa de explicação que diz que homens diferentes, com os mesmos nomes, estão em pauta, é a menos provável de todas. Talvez o presente versículo queira indicar que os dois homens em pauta iam *atrás* da arca, conforme ela avançava na direção de Jerusalém, enquanto outros iam adiante dela. Eles iam por trás, a fim de guardá-la de qualquer ataque pela retaguarda. Nenhuma explanação definitiva ou satisfatória tem sido dada, até hoje, para explicar o problema envolvido.

Detalhes Suplementares (15.25-29)

"Em algum ponto ao longo do cortejo, talvez à testa, *Davi* dançava (vs. 29), coberto com as vestes de um sacerdote (um manto de linho fino e uma estola de linho; vs. 27). *Mical,* uma de suas esposas, que observava tudo de uma janela... desprezou-o, visto que tomou seu santo zelo como se fosse *exibicionismo* (ver II Sam. 6.20)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Naturalmente, muito do que acontece hoje em dia nas igrejas é apenas isso, exibicionismo. O homem que diz Amém em voz mais alta é, com freqüência, aquele que quer chamar a atenção para si mesmo. O pregador prepara um sermão para impressionar os ouvintes, em vez de querer torná-los espiritualmente melhores. A dama que canta seu solo está preocupada somente em impressionar os ouvintes quanto às suas qualidades como cantora. E até o indivíduo que faz os anúncios e conta piadas para as pessoas rirem quer mostrar como ele é homem espirituoso. E, além disso, meus amigos, que poderia haver de pior do que aqueles cantores de "rock" que trazem para o seio da igreja um teatro barato, e cujas contorções corrompem as boas maneiras?

Não clamor, mas amor, é que atinge os ouvidos de Deus.

15.25

Foram Davi e os anciãos de Israel. *Aquele* foi um grande dia para Davi. Davi foi um homem de violência, que cometeu tremendos equívocos. Mas jamais se afastou do culto a Yahweh, e nunca se envolveu em nenhuma forma de idolatria. Foi assim que ele, juntamente com os elevados oficiais de Israel, civis e militares, trouxe a arca para Jerusalém e liderou o caminho do cortejo, enquanto este avançava na direção da cidade.

"Encontramos aqui a descrição do *piedoso desígnio* de Davi, ao ordenar que todos os principais ministros e oficiais tomassem parte da obra solene. E ele mesmo emprestou muita pompa e cerimônia imponente ao cortejo. Ele quis inspirar a mente popular com uma profunda veneração pela arca" (Jamieson, *in loc.*).

A arca da aliança do Senhor. Um título que só se vê aqui, em todo o Antigo Testamento. No hebraico, normalmente temos "arca de Yahweh" ou "arca de Elohim". Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Arca da Aliança.* O trecho paralelo de II Sam. 6.12 não menciona os oficiais que acompanharam Davi, mas não há razão alguma em duvidarmos da autenticidade da narrativa, conforme relatada em I Crônicas.

15.26

Tendo Deus ajudado os levitas que levavam a arca. Provavelmente devemos incluir aqui os sacerdotes, pois devemos pensar nos sacrifícios apropriados que supostamente ocorreram antes ou depois do cortejo. II Sam. 6.13 é trecho que fala em algum sacrifício realizado durante o trajeto da arca até Jerusalém. A informação de que os levitas ofereceram sacrifícios, sem limitar isso aos sacerdotes (levitas da família de *Arão*), faz os críticos entender que, originalmente, não havia nenhuma distinção nas famílias dos levitas, e somente mais tarde uma casta sacerdotal específica se desenvolveu dentro da casta geral dos levitas.

Sacrifícios de expiação e ação de graças certamente foram realizados. Alguns dos sacrifícios ocorreram ao longo do caminho, conforme nos mostra II Sam. 6.13. Uma das razões prováveis disso foi impedir qualquer golpe dado por Yahweh, que poderia ficar desagradado com algum aspecto da segunda tentativa. Cf. I Crô. 13.9 quanto ao ataque divino contra os que erraram, na primeira tentativa de trazer a arca para Jerusalém.

Somente esta narrativa de I Crônicas menciona a natureza extensa dos sacrifícios. Foram oferecidos sete novilhos e sete carneiros. Não sabemos quantos sacrifícios, no total, ocorreram. É provável que mais do que isso tenha sido feito ao longo do caminho. E é difícil imaginar que não houve nenhum outro sacrifício *depois* que a tarefa foi terminada com sucesso.

Deus Ajudou os Levitas. Elohim não os impediu com algum juízo ao longo do caminho, conforme acontecera na primeira tentativa de transportar a arca. Por não havê-los julgado, Deus ajudou os levitas em sua missão divina. Ele também lhes deu forças físicas e propósito espiritual para a tarefa, algo de que os obreiros espirituais sempre precisam.

15.27

Davi ia vestido. O rei estava vestido como se fosse um sacerdote, pois usava um manto de linho fino e uma estola sacerdotal de linho. Ao que parece, isso foi permitido para o *rei,* ainda que, costumeiramente, não fosse concedido a um não-levita. John Gill salientou que houve precedentes para esse ato. Em algumas ocasiões especiais, e com propósitos especiais, as vestes sacerdotais dos levitas podiam ser usadas por outras pessoas. Ver I Sam. 2.18, que descreve o caso do profeta Samuel. Todas as regras admitem exceções.

O *me'il* (manto de linho fino) era uma veste externa usada por pessoas de alta posição (I Sam. 15.27 e Jó 29.14). A *estola* de linho fino era uma espécie de capa que distinguia os sacerdotes das demais pessoas (ver I Sam. 22.18). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Estola.* Ver também *Sacerdotes, Vestimentas dos.* Ver II Sam. 6.14, onde ofereço notas expositivas mais detalhadas. O vs. 18 daquele capítulo indica que Davi também participou da oferta de sacrifícios, o que pode não ter sido um ato restrito à casta sacerdotal. Ou então ele o fez *por meio* de um sacerdote que agiu como seu representante. O simples fraseado, entretanto, por certo dá a entender que o próprio Davi participou como ofertante dos atos sacrificais a ele atribuídos.

15.28

Assim todo o Israel fez subir com júbilo a arca. Este versículo sumaria o que aconteceu ao longo do caminho. Houve muitos gritos, cânticos e regozijo. Foi uma ocasião jubilosa, solene e de muita felicidade. Os três tipos de instrumentos musicais (vs. 16) foram empregados o tempo todo, assim como foram empregadas as trombetas de prata. Foi um cortejo ruidoso, podemos ter certeza. A Revised Standard Version diz-nos que "uma música alta" acompanhou o cortejo. Cf. este versículo com II Sam. 2.18. "Os egípcios conduziam seus cortejos religiosos no mesmo estilo" (Jamieson, *in loc.,* extraindo informações da obra de Wilkinson, *Ancient Egyptians*).

15.29

Ao entrar a arca da aliança do Senhor na cidade de Davi, Mical. O cronista devotou uma declaração isolada sobre o desprazer de Mical com Davi, que o texto paralelo amplia bem mais. Ver II Sam. 6.16-23. Davi tirara Mical da companhia de um bom *segundo marido,* e o antigo amor entre Davi e Mical nunca mais se renovou. Talvez Mical se tenha chocado com o que pareceu o exibicionismo de Davi. Parece que os órgãos genitais de Davi se mostravam para as jovens quando ele realizou sua dança selvagem. Mas o mais provável é que ela estivesse simplesmente infeliz com seu casamento. Ademais, ela era filha do rei morto, Saul, e havia em tudo isso uma competição familiar no conflito pelo poder político. Adam Clarke (*in loc.*) supõe que o paralelo de II Samuel "vindica" a conduta de Davi. Provavelmente isso é verdade, visto que é especificamente afirmado que Mical permaneceu *sem filhos,* ficando implícito que isso aconteceu por um ato divino contra uma esposa rebelde e queixosa. Mical era uma "mulher orgulhosa e apaixonada" (Jamieson) e não soube como controlar as suas emoções naquela ocasião.

Capítulo Dezesseis

Este capítulo continua a narrativa desenvolvida com tanto cuidado no capítulo 15. Em primeiro lugar, temos a história de como sacrifícios especiais consagraram a arca em seu abrigo, em Jerusalém (vss. 1-3). Então somos informados de que os cantores foram nomeados para cantarem perante a arca continuamente (vss. 4-6). Em seguida temos um salmo-hino que Davi compôs e entregou aos cantores (vss. 7-36). Davi nomeou não somente as pessoas apropriadas para cantarem diante da arca, mas também no tabernáculo em Gibeom (vss. 37-43). Um tabernáculo temporário tinha sido levantado em Jerusalém para abrigar a arca. Eventualmente, Salomão, filho de Davi, construiria um templo que abrigaria a arca até o tempo do cativeiro babilônico, por volta de 597 A. C.

Ver mais notas expositivas detalhadas sobre o tabernáculo provisório, erguido em Jerusalém, em II Sam. 6.17. A narrativa dos vss. 1-3 deste capítulo é paralela a II Sam. 6.17-19.

Caracterização Geral (16.1-6)

"Tendo sido trazida a arca para dentro da tenda... que tinha sido levantada para ela, e tendo sido completados os sacrifícios de holocaustos e ofertas pacíficas, Davi abençoou o povo de Israel e distribuiu pães, carne e bolos de tâmaras e uvas passas para cada participante (vss. 1-3). Ato contínuo, ele nomeou Asafe para estar encarregado da arca, em seu novo meio ambiente (vss. 4-5; cf. o vs. 37), e para oferecer orações e louvores ao Senhor (vs. 5). Juntamente com Asafe estiveram outros levitas, todos eles mencionados por nomes em I Crô. 15.17,18, os quais deveriam acompanhar os louvores com instrumentos musicais. Segue-se um modelo de tais louvores, uma peça sem dúvida composta por Davi para a oportunidade (I Crô. 16.8-36)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

16.1

Introduziram, pois, a arca de Deus. O verdadeiro desejo de Davi era construir o templo de Jerusalém, conforme somos informados mais adiante, no capítulo 17. Mas isso não lhe foi permitido, e a tarefa foi dada a seu filho, Salomão. Em vez do templo, pois, ele construiu um tabernáculo provisório para abrigar a arca. Quanto ao lugar de culto temporário, Davi proveu um ministério, imitando os princípios da adoração no tabernáculo.

O paralelo dos vss. 1-3 é II Sam. 6.17-19. Notas expositivas mais detalhadas são dadas ali.

16.2

Tendo Davi acabado de trazer os holocaustos. Primeiramente, houve os sacrifícios e, em seguida, houve a bênção real especial. Ver I Sam. 6.17,18 quanto a detalhes.

"*Benção e Poder.* O rei, na qualidade de *ungido* de Yahweh, era o mediador das bênçãos divinas para o Seu povo. Quando os reis passaram da cena, em Israel, a lei judaica confiava aos sacerdotes a prerrogativa de proferir uma bênção durante os cultos de adoração. Os hebreus acreditavam em uma troca de bênçãos — primeiro de Deus para o homem, depois do homem para Deus e, finalmente, de indivíduo para indivíduo — e julgavam que isso era necessário para o bem-estar. Assim, em I Crô. 29.10,20, é relatado que Davi, tendo abençoado a congregação no nome do Senhor, ordenou que aqueles que tivessem recebido em sua alma o fortalecimento divino, deveriam, por sua vez, 'abençoar o Senhor'... Não se pode compreender claramente essa questão sem primeiro entender a psicologia dos hebreus" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

"A alma, como um todo, fica saturada com poder... Esse poder *vital* é chamado pelos israelitas de *berakha,* que significa 'bênção'. Por trás da bênção do indivíduo postam-se os pais. A bênção conecta almas... Grandes assembléias, cúlticas ou não, devem, necessariamente, terminar com uma bênção, para que cada um leve consigo a *força* da comunidade" (Johannes Pederson, em seu livro, *Israel, Its Life and Culture*).

16.3

Profissão Física e Festejos. É tradição, tão antiga quanto o homem é capaz de lembrar, oferecer refeições nos eventos comemorativos. Afinal, comer é um prazer, além de ser uma maneira de sustentar a vida física. É apenas natural, portanto, que os banquetes fossem parte das comemorações tanto civis quanto religiosas. Até o grande sacrifício do Senhor Jesus e a esperança de Seu retorno são assinalados pela refeição comunal.

Um bolo de pão. Ou seja, *kikkar,* o bolo redondo (ver II Sam. 2.36). O trecho paralelo tem uma palavra menos comum para esse item, *hallath.* Está em vista o bolo sacrificial, todo furado. Cf. Êxo. 29.23.

Um bom pedaço de carne. À comunidade foram concedidas certas porções dos animais sacrificados. Outras porções foram entregues aos sacerdotes, para serem comidas. E ainda outras porções, a gordura e o sangue, foram oferecidas a Deus. Por conseguinte, as comunidades, celeste e terrena, comeram juntas. Ver as *oito* porções reservadas aos sacerdotes, em Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18.

E passas. Era uma massa de uvas secas ao sol (Osé. 3.1; Isa. 16.7). Um confeito era preparado com as passas, combinadas com farinha de trigo e mel (II Sam. 6.19). Ver notas adicionais no trecho paralelo.

16.4

Designou dentre os levitas. Davi nomeou certo número de levitas para cuidar da arca em seu novo tabernáculo provisório. Eles também efetuariam os atos de adoração e louvor que fossem apropriados, acompanhando o culto inteiro com sua música, o que foi enfatizado e descrito longamente em I Crô. 6.31-48, sobre as *guildas musicais. Asafe* era o chefe dos que serviam no tabernáculo provisório. O quinto versículo deste capítulo fornece uma lista dos participantes, comentados no *Dicionário.* Cf. I Crô. 15.20,21, onde já vimos e comentamos a respeito desses ministros.

Na versão final da lei, o assoprar das trombetas de prata era uma prerrogativa sacerdotal; antes disso, porém, qualquer levita poderia estar envolvido nessa função.

Asafe e seus associados compunham a primeira ou principal companhia, tocando os címbalos. Zacarias e seus colegas, entre os quais estavam Obede-Edom e Jeiel, usavam harpas ou instrumentos similares. Ver I Crô. 15.16 quanto aos *três* tipos de instrumentos musicais empregados. Além disso, ver o artigo no *Dicionário,* chamado *Música, Instrumentos Musicais. Jeiel* estava incumbido de tocar as trombetas de prata a certos intervalos, diante da arca e no tabernáculo.

16.5,6

Os versículos quinto e sexto deste capítulo registram os nomes de dez levitas e dois sacerdotes. Todos eles já haviam sido previamente mencionados (I Crô. 15.19-21), com exceção de *Jaaziel.* Alguns estudiosos supõem que ele seja o mesmo Eliezer de I Crô. 15.24. Seja como for, o número padrão desses ministros parece ter sido de *doze,* correspondendo às doze tribos de Israel.

O Hino de Louvor (16.7-36)

16.7-36

A passagem que se segue é uma compilação em que foram aproveitadas passagens do livro de Salmos, a saber:

I Crônicas	*Salmos*
1. 16.8-22	105.1-15
2. 16.23-33	96.1-13
3. 16.34-36	106.1b,c, 47,48

Observações:

1. Alguns eruditos supõem que Davi tenha composto esta passagem para a ocasião. Porém o mais provável (se é que ele realmente foi o autor do salmo inteiro) é que ele simplesmente tenha compilado porções de composições que já havia escrito antes.
2. Ou então, o hino é uma inserção posterior, que foi simplesmente copiada de porções dos salmos. Nesse caso, o uso dessas porções não teria ocorrido na época apresentada pelo cronista, mas tornou-se parte do texto padronizado de I Crônicas tempos mais tarde.
3. Talvez o próprio cronista, ou algum editor posterior, tenha feito a seleção das partes.
4. Notemos que a ordem das porções dos salmos não segue a ordem encontrada no livro de Salmos.
5. Não há muita diferença entre essas porções e os salmos correspondentes, conforme os conhecemos atualmente; isso sugere que houve uma *cópia,* conforme o quadro anteriormente fornecido, e não uma composição original do hino para aquela ocasião específica.
6. *Essas porções,* tomadas por empréstimo, provavelmente estavam entre os primeiros salmos a serem empregados no culto divino, a começar pelo tabernáculo provisório.

7. As porções escolhidas foram empregadas para estimular o senso de adoração e ação de graças entre os hebreus, elementos essenciais em qualquer autêntico culto espiritual.
8. O vs. 37 liga-se suavemente ao versículo sexto, e isso sugere que o trecho original de I Crônicas não dispunha do hino. Foi adicionado em data posterior. Os críticos supõem que o editor que inseriu o material deva ter vivido por volta de 200 A. C., quando o saltério foi dividido em cinco livros.
9. O vs. 36 é igual a Sal. 106.48; não fazia parte do próprio salmo, mas foi uma doxologia adicionada para completar o *quarto livro* do saltério.
10. "A ambigüidade do versículo sétimo pode ser tomada, juntamente com outras considerações, como indicação que essa *ode* não constituía parte do livro original de I Crônicas, mas foi inserida por alguma mão posterior" (Ellicott, *in loc.*). Ellicott mencionou algumas considerações para demonstrar esse ponto de vista:

a. O vs. 7 é ambíguo e parece provir da pena de um compilador que inseriu o hino.
b. O hino é uma compilação de partes de três salmos, portanto, como é óbvio, esse hino não era uma composição originada na época do transporte da arca da aliança para Jerusalém.
c. As palavras empregadas nesta seção em geral sugerem uma época posterior à de Davi, assim não admira que o próprio hino não tenha sido composto naquele período.
d. Visto que o incidente inteiro, descrito no capítulo 16, foi acompanhado por música, foi apenas natural que um editor posterior compilasse alguns salmos para ilustrar e embelezar o texto. Isso foi especialmente apropriado, visto que combinava porções das composições de Davi, o principal ator do drama do capítulo 16 de I Crônicas.

Os eruditos *ultraconservadores* naturalmente ignoram esses raciocínios, supondo que Davi tenha composto seu hino no momento, empregando certas fontes de materiais que ele mesmo havia criado anteriormente.

A Exposição. Solicito que o leitor examine os salmos utilizados no presente hino, conforme o quadro que aparece anteriormente. As diferenças são tão diminutas que não merecem uma exposição separada e adicional neste ponto.

Outras Observações sobre os Deveres dos Levitas Musicais (16.37-43)

1. O cronista continua a atribuir aos levitas o que esperaríamos ser peculiar somente aos sacerdotes, à família de Arão, os quais também eram levitas, mas se tinham tornado uma casta sacerdotal. Os críticos consideram isso uma prova de que, nos primeiros dias, antes da forma final da lei, não havia clara distinção entre os levitas e os levitas-sacerdotes. Somente os sacerdotes podiam realizar *sacrifícios*.
2. A passagem geral não faz a distinção padronizada entre sacerdotes e levitas, mas combina-os em um todo homogêneo. Presume-se que a forma final da lei tenha estabelecido clara distinção entre as duas classes, o que não fazia parte da ordem original das coisas.
3. Os críticos duvidam que os sacrifícios fizessem parte da questão de transferência da arca para sua nova localização, em Jerusalém. Por outro lado, os hebreus voltavam-se de tal maneira para os *sacrifícios* que usavam grande variedade de ocasiões para oferecê-los.
4. O trecho de I Reis 3.4 diz-nos que Salomão, tendo ganhado o trono de Israel, ofereceu sacrifícios abundantes em seu lugar alto de Gibeom, dez quilômetros a noroeste de Jerusalém. Isso, por certo, reflete uma situação anterior à lei padronizada que permitia somente aos sacerdotes fazer tais coisas. Naturalmente, pode ser verdade, conforme alguns eruditos supõem, que Salomão tenha empregado os sacerdotes aarônicos apropriados para os seus sacrifícios, embora isso não fique claro no texto. De fato, esse é um aspecto que não foi tratado na narrativa no livro de I Crônicas.

16.37

Então Davi deixou ali diante da arca. Davi foi a autoridade que nomeou os devidos ministros apropriados e autenticou o ofício deles. Tendo feito isso, deu-lhes a oportunidade de cumprir seus deveres sem que fosse preciso guiá-los continuamente ou com constante interferência.

Segundo se ordenara para cada dia. Havia deveres *diários* relacionados ao culto, incluindo os sacrifícios matinais e vespertinos sobre os quais tanto Jarchi quanto Kimchi nos lembram.

Conforme já dissemos, após este versículo, foi reafirmada, com algumas pequenas adições, a questão dos deveres dos que foram nomeados por Davi para cuidar das questões do culto. "A seqüela do capítulo descreve a nomeação dos músicos sagrados e seus respectivos deveres" (Jamieson, *in loc.*). Cf. Êxo. 5.13.

16.38

Para serem porteiros. Em outros lugares, Obede-Edom é chamado de cantor. Ele e Jeiel são chamados de porteiros em I Crô. 15.18 e 24, mas de harpistas em I Crô. 15.21. Ver a exposição sobre I Crô. 15.18 quanto às tentativas de reconciliação. Alguns estudiosos simplesmente supõem que estejam em foco dois Obede-Edoms, mas isso é apenas uma conjectura. O trecho de I Crô. 26.8 atribui sessenta e dois membros à casa de Obede-Edom, mas temos aqui sessenta e oito, embora não saibamos *por quê*. Os intérpretes também supõem que o Jedutum deste versículo não deva ser identificado com o homem do mesmo nome que era um dos principais músicos da nação (ver I Crô. 16.41,42; 25.1,3; II Crô. 5.12). O Jedutum deste texto era neto de Coate, um descendente de Coré (I Crô. 26.1,4).

16.39

"A referência a Zadoque como sacerdote do tabernáculo, em Gibeom, revela a retenção de *dois* sumos sacerdotes. Zadoque, da linhagem aarônica de Eleazar (I Crô. 6.4-8), estava encarregado do santuário em Gibeom, ao passo que Abiatar, da linhagem de Itamar (I Crô. 24.6), oficiava no nova tenda-santuário de Jerusalém. Não se sabe a origem de Gibeom como local do tabernáculo, mas não deve ter sido considerado ilícito, visto que Davi nomeou Zadoque como sacerdote naquele lugar, e, mais tarde, Salomão ofereceu sacrifícios ali, com a aprovação divina (ver I Reis 3.4-10). De fato, parece que, algum tempo depois que a arca foi levada de Silo, o tabernáculo também foi mudado e terminou em Gibeom (I Crô. 21.29). Zadoque, pois, estava ministrando na casa mosaica original de adoração. Se Asafe estava com Abiatar no tabernáculo de Davi, que agora abrigava a arca da aliança, Hemã e Jedutum (também chamado Etã, em I Crô. 6.44 e 15.17) atuavam, juntamente com Zadoque, no tabernáculo mosaico original de Gibeom" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

16.40

Ver Êxo. 29.20,21 quanto à regulamentação para os sacrifícios. Nos sacrifícios matinal e vespertino imolavam-se carneiros. Eram holocaustos oferecidos sobre o altar de bronze, no tabernáculo. Ver os *cinco* tipos de animais que podiam ser sacrificados, anotados em Lev. 1.14-16. O "sacerdote", neste caso, é o sumo sacerdote, o sacerdote por excelência. Ver I Sam. 1.9; 2.11; II Reis 11.9,15. Quanto às *oferendas contínuas,* ver Êxo. 39.38 e Núm. 28.3,6. O capítulo 28 do livro de Números fornece-nos regulamentações sobre os sacrifícios. No tempo de Davi, até a centralização do culto divino em Jerusalém, os dois lugares eram usados: Gibeom (o local do tabernáculo) e Jerusalém (o local do novo tabernáculo provisório, que Davi havia preparado para receber a arca da aliança).

16.41

E com eles a Hemã, a Jedutum e aos mais escolhidos. Os principais auxiliares levíticos foram os homens citados neste versículo, cujos nomes já vimos e anotamos previamente. Esses homens proviam o aspecto musical do culto. Os filhos de Jedutum eram os porteiros ou guardas. Neste versículo, está em vista o ministério em Gibeom. Ver os vss. 38 e 39. Foi assim que *Zadoque,* descendente de Arão, e seus colegas de clã tomavam cuidado dos sacrifícios, e os demais eram homens dedicados à música, ajudando no culto. O resto compunha-se de porteiros ou guardas. Dessa maneira, todos os requisitos da adoração divina eram atendidos de modo decente e em boa ordem.

Porque a sua misericórdia dura para sempre. O culto era uma provisão divina por meio da qual o favor divino era trazido a Israel. A bênção assim provida merecia o louvor dos homens. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misericórdia.*

Ver Sal. 106.1 e 107.1. O conceito dos hebreus de misericórdia "denotava relações de integridade e bondade entre Deus e o homem, bem como *amor constante,* bondade desmerecida, qualidades de espiritualidade que emanam somente da imutabilidade da graça divina" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

16.42

Este versículo repete o que já vimos e comentamos nos vss. 38 e 41. Ver sobre os *três* tipos de instrumentos musicais mencionados, em I Crô. 15.16. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Música, Instrumentos Musicais.* Este versículo enfatiza a natureza *completa* do culto sagrado: os sacrifícios realizados pelos ministros apropriados; o ministério da música efetuado por homens devidamente treinados e habilitados; e o ministério dos que guardavam os recintos do tabernáculo. Cada homem tinha sua própria incumbência, e era igualmente abençoado. A versão siríaca diz, neste versículo: "Esses eram homens retos que *não* cantavam com instrumentos de música, nem com tambores, nem com alaúdes, nem com órgãos retos ou tortos, nem com címbalos, mas *cantavam* diante do Senhor Todo-poderoso com uma boca alegre e com pura e santa oração". A versão árabe diz quase a mesma coisa. Mas traduções assim são, por certo, interpretações baseadas na eisegese, e não em uma autêntica exegese.

16.43

Então se retirou todo o povo, cada um para sua casa. "Tendo acompanhado a arca até seu lugar, e tendo louvado o Senhor, e tendo-se satisfeito com

Gloriai-vos no seu santo nome; alegre-se o coração dos que buscam o Senhor. Buscai o Senhor e o seu poder, buscai perpetuamente a sua presença. Lembrai-vos das maravilhas que fez, dos prodígios e dos juízos dos seus lábios.

I Crônicas 16.10-12

Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o Senhor bem nenhum lhes faltará.

Salmo 34.10

UM BUSCADOR PERPLEXO

DEUS?

Quem me terá trazido a mim suspenso,
Atônito, alheado... ou a quem devo,
Enfim, dizer que em nada mais me enlevo,
A ninguém mais de coração pertenço?
Se desço ao vale, ao alcantil me enlevo,
Quem é que eu busco, que será que eu penso?
És tu, memória de horizonte imenso
Que me encheu a alma de um eterno enlevo?
Segues-me sempre... e só por ti suspiro!
Vejo-te em tudo... terra e céu te escondem!
Nunca te vi... cada vez mais te admiro!
Nunca essa voz à minha voz responde...
E eco fiel até do ar que aspiro.
Sinto-te o hálito... em minha alma ou aonde?

João de Deus

os alimentos" (II Sam. 6.19)" (John Gill, *in loc.*). Com este versículo, o cronista terminou sua narrativa, uma conclusão apropriada para a história do retorno da arca da aliança a Jerusalém, que foi um grande e mui celebrado evento. A arca permaneceu segura, em Jerusalém, até o cativeiro babilônico (597 A. C.), cerca de 400 anos mais tarde. Quando do cativeiro babilônico, porém, a arca desapareceu para nunca mais reaparecer.

Uma Significativa Omissão. O trecho paralelo do sexto capítulo de II Samuel encerra vários versículos que descrevem o desprazer de Mical com Davi, e a briga familiar daí resultante. Ver II Sam. 6.20-23. Neste ponto, o autor sacro provavelmente sentiu que esse incidente, embora historicamente veraz, não tinha lugar na história em tudo mais inspiradora do retorno da arca da aliança, de forma que deixou o evento fora de sua narrativa. O autor sacro estava interessado nas instituições divinas, e não nos problemas pessoais de Davi.

Capítulo Dezessete

Davi Planeja Construir o Templo (17.1-27)

Davi, em seu esplêndido palácio de cedro, enfeitado tão elegantemente em sua honra real como um monarca oriental, tinha momentos de consciência desassossegada. Ali estava ele, em sua glória, enquanto a "casa de Deus", a tenda provisória armada para abrigar a arca da aliança devolvida a Jerusalém (capítulo 16), era pobre e desgraçada, em comparação ao palácio. Davi possuía grande poder e muitos recursos materiais, assim teve a idéia de edificar um magnificente templo para abrigar a arca, que tomaria o lugar da tenda das andanças de Israel pelo deserto. Israel não era mais um povo nômade, a armar e desarmar suas tendas, conforme se movia de lugar para lugar.

Jerusalém estava sendo embelezada. Israel não seria uma grande nação apenas com uma bela capital. Esta seria apropriada se também houvesse um templo para o culto divino que se tornasse o centro das atividades da nova capital. Além de seus próprios recursos, Davi contava com a ajuda dos estrangeiros, que eram habilidosos na arquitetura e na matemática. O povo de Israel não era habilitado para tal tarefa, mas a ajuda estrangeira estava facilmente à disposição. Portanto, Davi perguntou a si mesmo: "Por que não me atarefar e levar avante com este projeto?". Ele chamou o profeta Natã, que concordou com a boa e nobre idéia de Davi. Mas, em uma visão noturna, o profeta descobriu que Yahweh não concordava que Davi fosse o construtor do templo, embora estivesse agradado com a idéia. A construção do templo seria obra de Salomão, filho de Davi, mas Davi teria o privilégio de recolher os materiais para a construção do templo, conforme lemos em I Crô. 22.1-29 30. O segundo capítulo de II Crônicas dá início ao relato da construção do templo, por parte de Salomão. Salomão apelou para Hirão rei de Tiro, para encabeçar a construção do templo, tal como Davi havia feito no tocante ao seu palácio (I Crô. 14.1).

O trecho paralelo, o sétimo capítulo de II Samuel, é quase idêntico, portanto somente algumas observações adicionais são oferecidas na exposição que se segue. I Crô. 17.1-15 corresponde a II Sam. 7.1-17; e I Crô. 17.16-27 corresponde a II Sam. 7.18-29.

Os *críticos* supõem que esta seção "interrompa" a *fonte informativa anterior* que o cronista vinha usando até este ponto. Esta seção, pois, é chamada por eles de "comentário teológico posterior", inserido para explicar *por que* ao grande rei Davi não foi permitido edificar o templo de Jerusalém. Mesmo que tardia, não há razão alguma para questionarmos a autenticidade da narrativa.

Houve algumas razões poderosas *pelas quais* Davi não pôde construir o templo de Jerusalém:

1. *O elemento tempo.* Tudo tem seu próprio tempo. Davi ainda não havia terminado sua missão de matança. Ele ainda precisava aniquilar ou confinar todos os *oito* povos inimigos de Israel (anotado em II Sam. 10.19). Davi teria de continuar sua missão de combate, a fim de impor a paz. Na prosperidade e na paz, livre dos percalços da guerra, Salomão seria o homem escolhido para construir o templo. Note como o capítulo 18 de I Crônicas reinicia a narrativa das guerras de Davi. Ver II Sam. 7.10 e I Crô. 22.9.
2. *O elemento pessoa.* Davi não tinha em seu destino a questão da construção do templo. Esse privilégio fora dado a Salomão. O trabalho fazia parte do seu destino. O propósito divino opera de modos diferentes em diferentes pessoas. Diferentes tarefas são assim atribuídas a diferentes indivíduos. Ver I Crô. 22.9.
3. *O elemento provisão.* Israel, depois que descansasse das guerras e desenvolvesse seu sistema de comércio doméstico e estrangeiro, estaria em melhor posição para dedicar-se a projetos de edificação. Ver I Crô. 22.13-16.
4. *O elemento propriedade moral.* Davi, o habilidoso e prático *matador,* não estava qualificado para o trabalho de construir o Edifício Sagrado. Quanto a isso, ver I Crô. 22.8.

A Vontade Divina Trabalhava no Tempo

Que ninguém pense que, de súbito, em um minuto,
Tudo estará feito, e o trabalho estará completo —
Embora bem de madrugada possas começar a fazer,
Dificilmente terminarás ao pôr-do-sol.

(O Esforço de Equipe)

Trabalhamos juntos com equipes espirituais, cada qual contribuindo com sua parte. Reiniciamos as missões iniciadas por aqueles que já morreram, e outros continuarão as missões que tivermos deixado por fazer. O esforço de equipe ocupa geração após geração, século após século, e assim é construída a casa espiritual.

17.1-15

Observações:

1. *Vs. 1.* O paralelo, II Sam. 7.1, menciona um período de *descanso.* Por enquanto, Davi tinha suspendido suas guerras. Portanto, parecia ser um bom momento para pensar na construção do templo. Ver anteriormente as *razões* pelas quais Davi não recebeu permissão de construí-lo. Mas esse período de descanso logo terminou, e Davi voltou a atirar-se às lides da guerra, conforme vemos no capítulo 18 de I Crônicas.
2. *Vs. 3.* Note-se que a mensagem profética de Natã veio em uma visão noturna. Ele não usou o Urim e o Tumim. A tendência era o ofício profético substituir esse método mais antigo de adivinhação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação.*
3. Segundos pensamentos algumas vezes são mais sóbrios, afirmavam os gregos. O primeiro pensamento de Natã não foi o correto. Foi mister que ele recebesse uma visão para aclarar a questão sobre quem seria responsável pela construção do templo. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!
4. *A sinfonia por terminar* da vida de Davi não seria longa o bastante para que ele terminasse a construção do templo. Salomão seria o grande maestro que receberia esse privilégio.
   "O dia é breve, e a tarefa é grande... Não compete a ti terminar a obra, nem deves desligar-te do desejo de completá-la. Fiel é o Mestre do teu trabalho. Ele te recompensará pelo seu labor, e Ele sabe qual é a recompensa que dará aos justos, no tempo vindouro" (Charles Taylor).
5. Era Deus quem estava construindo uma casa (a dinastia davídica), e não Davi quem deveria construir o templo de Deus (vs. 10; cf. os vss. 25 e 27). I e II Crônicas foram escritos para fomentar a importância da dinastia davídica. Embora essa dinastia tivesse sido interrompida, em 587 A. C., por causa do cativeiro babilônico, continuaria através dos descendentes de Davi após o cativeiro. Ela foi interrompida de novo pela grande dispersão romana, de 132 D. C. e posteriormente. Contudo, o Rei-Messias, o Filho maior de Davi, continuaria a dinastia de Davi espiritualmente, mesmo que não o fizesse literalmente. A Igreja e o reino milenar serão modos dessa continuação.
6. *Vs. 13.* Note-se como o cronista não menciona Saul pelo nome, como se ele não pudesse entrar nominalmente no texto. Mas o trecho paralelo, de II Sam. 7.15, cita especificamente o nome de Saul.
7. *Paternidade divina,* vs. 13. Coisa alguma deveria ter permissão de obscurecer essa importante doutrina. É verdade que o Antigo Testamento usualmente via Deus como Pai de Israel e, no calvinismo extremo, o mesmo equívoco tem sido cometido. Apesar de existirem os eleitos, há também os não-eleitos, que são favorecidos por Deus e por Ele restaurados, embora nunca cheguem à posição divina de eleitos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Restauração.* A missão de Cristo é maior que as pequenas teologias humanas. Ele teve uma tríplice missão: na terra, no hades e nos céus, e o seu propósito é reunir toda a família de Deus, para que forme uma unidade. *Nisso constitui* o mistério da vontade de Deus (Efé. 1.10). Ver sobre esse versículo em *O Novo Testamento Interpretado.* Permitamos que Deus Se mova e cumpra o que esse mistério diz, não O limitando a idéias e revelações menores.
8. *Vs. 14.* Note-se como o cronista alterou o texto que aparece em II Sam. 7.16. Ele substituiu "tua casa" por "minha casa", e "teu reino" por "meu reino". Assim sendo, a dinastia davídica era de Davi, mas, supremamente, de Deus. O homem ímpio chama tudo de *seu.* O homem espiritual reconhece que todas as coisas pertencem a Deus, que as empresta aos homens, para que possam aprender e crescer. Deus é o principal proprietário e, em um sentido mais estrito, o único proprietário.
9. O *pacto* é o poder por trás da promessa divina (vs. 15). Devemos ter isso em mente. Ver sobre o *pacto davídico,* em II Sam. 7.4.

A Oração de Davi (17.16-27)

17.16-27

Esta seção tem paralelo em II Sam. 7.18-29, onde a exposição é oferecida. Adiciono aqui apenas algumas poucas observações:

1. *Vss. 16-27. A Obra de Deus.* Aqui ergo meu Ebenézer, até aqui o Senhor me trouxe. "Quem quer que leia esta comovente passagem, se puder discernir razões para ser grato, durante o curso de sua própria vida, haverá de encontrar nestes versículos palavras que falam à sua experiência pessoal. Acima de tudo, ele deve concordar com a declaração de Davi: 'Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?' (vs. 16)" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).
2. Cf. sentimentos similares nas palavras de Moisés: "Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?" (Êxo. 3.11). É com essa atitude que os homens espirituais devem começar sua carreira, continuar e terminar os seus labores. Ver Efé. 2.10. Somos feitura de Deus, preparados para realizar boas obras.
3. Note-se como o vs. 17 da presente versão da oração se refere à *exaltada* posição de Davi. Isso está em consonância com o propósito do autor de fomentar a importância da dinastia davídica, que haveria de continuar após o cativeiro babilônico. Ele estava dizendo que Israel tinha a autoridade e a legalidade para começar de novo, a despeito dos desastrosos acontecimentos, porquanto a dinastia davídica fora renovada. As genealogias dos capítulos primeiro a nono de I Crônicas mostram-nos que *todo* o povo de Israel, incluindo os sacerdotes e os levitas, proveu um novo começo, após o cativeiro babilônico. Havia descendentes de todas as tribos e as provisões legais da lei foram mantidas intactas. Naturalmente, a tribo de Judá era a personagem principal desse drama.
4. *Vs. 25.* "Teu servo se animou para fazer-te esta oração." O Targum comenta como segue a respeito: "Ele encontrou uma boca aberta para que pudesse orar diante de Ti". Deus deu a Davi uma boca de oração, e este teve a coragem de orar e buscar.
5. *Vs. 27.* A bênção de Yahweh *começou* no tempo previsto, e dali a mesma bênção haveria de espalhar-se por todo o Israel, em todas as partes e para todo o sempre. Cf. Núm. 22.6.
6. Ver o artigo geral sobre a *Oração*, no *Dicionário*. Davi estava em um grande momento histórico. O Reino Unido de Israel teria um culto unido, centralizado em Jerusalém. O templo ajudaria a produzir essa centralização. O culto a Yahweh unificar-se-ia. Antigos santuários continuariam existindo em Betel e em outros lugares sagrados, mas o centro estaria em Jerusalém.

Capítulo Dezoito

As Vitórias de Davi (18.1 – 20.8)

18.1-17

Negócios Estrangeiros de Davi:
1. Os filisteus e os moabitas (18.1,2)
2. Os arameus (18.3-11)
3. Os idumeus (18.12,13)

Os capítulos seguintes continuam mostrando os negócios estrangeiros de Davi com outros povos.

Paralelos. Os capítulos 18-21 de I Crônicas são, em essência, paralelos às passagens em II Samuel, e a exposição a respeito é dada ali. Conforme observou John Gill, há bem pouca variação nesses paralelos. Homens verbosos simplesmente enviaram seus leitores aos paralelos, em vez de repetirem materiais. Somente três versículos (I Crô. 22.28-30) são verdadeiras adições feitas pelo cronista; e esses três versículos recebem sua devida exposição, a seguir.

Paralelos no Capítulo 18:
1. I Crô. 18.1-11 é trecho paralelo a II Sam. 8.1-11, e a mesma ordem e os mesmos números de versículos foram preservados por aqueles que prepararam a divisão de nossa Bíblia moderna. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Versículos e Capítulos, Divisão da Bíblia em.*
2. II Sam. 18.11-12 é levemente diferente de I Crô. 18.11,12, mas a essência é a mesma.
3. I Crô. 18.12 tem paralelo em II Sam. 8.13, com leves variações.
4. I Crô. 18.13 tem paralelo em II Sam. 8.14.
5. I Crô. 18.14 tem paralelo em II Sam. 8.15.
6. I Crô. 18.15 tem paralelo em II Sam. 8.16.
7. I Crô. 18.16 tem paralelo em II Sam. 8.17.
8. I Crô. 18.17 tem paralelo em II Sam. 8.18.

O propósito do autor foi mostrar como Davi consolidou o seu reino, derrotando os oito inimigos de Israel e preparando assim um tempo de paz para seu filho, Salomão, trazer a época áurea de Israel, da qual a construção do templo fez parte integral. Ver os *oito inimigos* derrotados por Davi, nas notas expositivas sobre II Sam. 10.19. Esse propósito fez parte do grande desígnio de I e II Crônicas: fomentar a dinastia davídica como a força que dava a Israel vida e continuação, mesmo após o cativeiro babilônico.

Observações:
1. Note-se a variação de grafia no nome de Toú (vs. 9), que aparece com a forma de Toi, no trecho paralelo de II Sam. 8.9.
2. O vs. 12 do texto presente dá o crédito pela vitória a *Abisai*, ao passo que o trecho paralelo, de II Sam. 8.13, dá o crédito a Davi, comandante e chefe. Por isso, os romanos costumavam dizer: *Qui facit per alterum, facit per se.*
3. O vs. 12 do trecho paralelo apresenta "os siros", em lugar de "os edomitas", segundo se vê no texto presente. No hebraico, *Edom* e *Síria* são nomes quase idênticos em sua grafia, o que significa que facilmente um podia ser trocado pelo outro. Mas é possível que Davi tenha obtido vitórias tão ao norte quanto a Síria, e o livro de II Samuel pode ter preservado essa tradição.
4. Vss. 14-17. Temos aqui listados os altos oficiais de Davi. Veja o leitor, no vs. 16, "Abiatar, filho de Aimeleque" (cf. I Crô. 15.11 e 24.3). O texto de II Samuel chama os filhos de Davi de "sacerdotes" (8.17). O cronista alterou isso para "primeiros", supondo que, de maneira alguma, os filhos de Davi podiam ser chamados "sacerdotes", visto que Davi não pertencia à linhagem de Arão. Ver minha exposição sobre II Sam. 8.18, quanto a como os filhos de Davi podiam ser chamados de "sacerdotes".

Capítulo Dezenove

19.1-19

Este capítulo continua a narrativa de como Davi derrotou os inimigos de Israel e assim preparou o caminho para a paz que dominou o reino unido no tempo de Salomão. Não foi permitido a Davi construir o templo de Jerusalém. Isso seria parte da missão de Salomão, e da época áurea de Israel que seu reinado traria.

Ver as observações de introdução ao capítulo 18, que também se aplicam aqui. O autor sacro prossegue em seu desígnio de fomentar a dinastia davídica, que é o tema central dos livros de I e II Crônicas. Foi através *dessa* dinastia que Israel continou, terminado o cativeiro babilônico.

Davi derrotou *oito* nações adversárias de Israel, aniquilando-as ou confinando-as, o que deu a Israel um período de liberdade da opressão "estrangeira". Isso foi altamente necessário para o estabelecimento devido da monarquia em Israel. Quanto a notas sobre os *oito inimigos* derrotados por Davi, ver II Sam. 10.19.

Os capítulos 18-21 de I Crônicas são, em essência, paralelos a passagens de II Samuel. O cronista, contudo, fez algumas alterações, as quais estão comentadas na exposição sobre II Samuel ou entre as *observações* que provi para cada capítulo.

A derrota dos amonitas é registrada longamente em I Crô. 19.1-20.3.

Paralelos:
1. O trecho de I Crô. 19.1-6 é, essencialmente, o mesmo que II Sam. 10.1-6.
2. Mas I Crô. 19.7 divide parte de II Sam. 10.6 e faz deste um versículo separado. Alguns detalhes são diferentes, anotados no paralelo do capítulo 10 de II Samuel ou nas observações que se seguem. O cronista incluiu alguns pormenores diferentes, que podem ter sido tirados de uma fonte informativa diversa.
3. I Crô. 19.8 é paralelo de II Sam. 10.7.
4. I Crô. 19.9 é paralelo de II Sam. 10.8, com algumas diferenças de detalhes. es.
5. I Crô. 19.10 é paralelo de II Sam. 10.9.
6. I Crô. 19.11 é paralelo de II Sam. 10.10.
7. I Crô. 19.12 é paralelo de II Sam. 10.11.
8. I Crô. 19.13 é paralelo de II Sam. 10.12.
9. I Crô. 19.14 é paralelo de II Sam. 10.13.
10. I Crô. 19.15 é paralelo de II Sam. 10.14.
11. I Crô. 19.16 e paralelo de II Sam. 10.15.
12. I Crô. 19.17 é paralelo de II Sam. 10.16, com algumas diferenças de detalhes. renças de deta
Portanto, I Crô. 19.16 incorpora o material de II Sam. 10.15 e 16.
13. I Crô. 19.17-19 é paralelo de II Sam. 10.17-19, assim os dois capítulos terminam com o mesmo número de versículos, o que, naturalmente, foi arranjado em nossas Bíblias mediante capítulos e versículos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Versículos e Capítulos, Divisão da Bíblia em.*

Observações:
1. Neste ponto, o cronista omitiu a história da bondade de Davi para com Mefibosete neto de Saul, filho de Jônatas, que foi amigo chegado de Davi. Ver o capítulo nono de II Samuel quanto a essa narrativa. Ele deixou questões *particulares* e apressou-se em registrar os grandes eventos *públicos* que ocorreram e levaram a dinastia davídica a um pleno poder.
2. Há *diferenças* com o trecho paralelo que são evidentes em I Crô. 19.6,7. Cf. II Sam. 10.6,7. É provável que, nesta altura, o cronista dispusesse de informações extraídas de uma fonte independente, as quais ele inseriu no relato, e II Samuel tinha algumas adições próprias.

Eugene H. Merrill, in loc., sumariou a questão para nós (ver também a exposição sobre II Samuel, que adiciona alguns detalhes):
"O relato que se segue, da preparação para a guerra e da própria batalha, difere, em diversas maneiras, dos detalhes, quanto ao fraseado e aos fatos, no capítulo 10 de II Samuel. O cronista mencionou que *Hanum* alugou os arameus da Mesopotâmia (Arã Naaraim), de Arão, de Maaca e de Zobá por mil talentos de prata (cerca de trinta e sete toneladas), enquanto II Sam. 10.6,7 lista os arameus de Bete-Reobe, Zobá, Maaca e Tobe. Não há nisso nenhuma contradição. Os dois historiadores apenas mencionaram os arameus de interesse especial para eles, por qualquer razão. Por igual modo, II Samuel omite a informação acerca do preço pago aos mercenários. O cronista também frisou que a força total de carros de combate dos arameus consistia em 32.000 unidades (19.7), mas o autor de II Samuel deu o número de infantes, que foi de 33.000 (II Sam. 10.6)". Quanto a notas expositivas adicionais, ver a exposição sobre II Sam. 10.6,7.

3. O trecho de I Crô. 19.8-19 é praticamente igual ao seu paralelo, II Sam. 10.7-19. Ver as notas expositivas ali. "Divergências entre esta passagem e II Sam. 8.4 e 10.18 apresentam dificuldades intransponíveis" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Eugene H. Merrill tentou uma reconciliação, conforme se vê anteriormente, mas isso é desnecessário. Provavelmente fontes informativas diferentes foram usadas com algum detalhe, e não precisamos buscar uma harmonia absoluta, que nada tem que ver com a fé religiosa. "Os desvios indicam fontes informativas independentes" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Vinte

Este capítulo continua a descrever a guerra de Davi contra os amonitas, que se iniciou em I Crô. 19.1. Ver as notas expositivas na introdução ao capítulo 19, que também se aplicam aqui. O trecho de I Crô. 18.1-20.8 registra as grandes vitórias de Davi sobre *seis inimigos* de Israel. Em II Sam. 10.19, mostro que Davi derrotou *oito* povos distintos, a fim de livrar o seu império de ataques "estrangeiros", impondo assim um período de estabilidade e paz. Nessa atmosfera, Salomão, filho de Davi, foi capaz de levar Israel à sua "época áurea", incluindo a edificação do templo. Isso unificou a adoração em Jerusalém.

Os capítulos 18-21 de I Crônicas são, em sua essência, paralelos de passagens de II Samuel. Nas introduções a cada um desses capítulos, provi um gráfico dos paralelos. As observações foram adicionadas para discutir as variações e/ou os pontos especiais de interesse. Uma exposição detalhada dos materiais aparece em II Samuel.

20.1-4

Davi Continua a Lutar Contra os Amonitas. Paralelos:
1. I Crô. 20.1-3 tem paralelo em II Sam. 12.26-31.
2. I Crô. 20.4-8 tem paralelo em II Sam. 21.15-22.

Observações:

1. *I Crô. 20.1* é uma declaração mais elaborada que seu paralelo, II Sam. 12.26. Na primavera de cada ano, os exércitos punham-se em marcha. O inverno havia terminado, a neve tinha cessado. O começo do ano oferecia novas oportunidades para matar ou ser morto. O cronista diz-nos como Joabe assolou o território dos amonitas. O trecho paralelo meramente diz que Joabe os derrotou. Isso significa que ele era um técnico em assolações. Davi permaneceu em Jerusalém, deixando tudo nas mãos de Joabe, um informação adicional que nos é prestada pelo cronista.
2. Ofereci uma exposição mais completa no paralelo. II Samuel mostra como Joabe foi cuidadoso ao dar a Davi o crédito pela vitória, já que o chamou para estar presente à batalha final. O cronista adiciona a história da coroa do rei amonita, que caiu nas mãos de Davi por causa da vitória (I Crô. 20.2). Pesava um talento de ouro, ou seja, cerca de 34 quilos, e era enfeitada com pedras preciosas. Naturalmente, era uma coroa simbólica. Ninguém poderia agüentar tal coroa sobre a cabeça por longo tempo. Além dessa magnífica coroa, muito despojo, de todos os tipos, foi tomado. Esse era o *salário* dos soldados, que não eram pagos por um governo central.
3. O cronista deixou de fora o relato do adultério de Davi com Bate-Seba, e o assassinato do marido dela (ver II Sam. 11.2-12.25), que contraria seu propósito de exaltar a dinastia davídica. Ele não achou necessário contar toda a verdade e falar sobre os problemas pessoais e domésticos de Davi. Ele só tratou das *questões públicas*.
4. Os sobreviventes foram reduzidos ao trabalho escravo (I Crô. 20.3 e II Sam. 12.31), a norma política usual seguida no Oriente.

20.4-8

Observações:

1. Agora encontramos grande deslocamento de material. O paralelo é II Sam. 21.15-22. O cronista começou e terminou sua narrativa sobre a derrota dos inimigos de Israel pelo poderoso guerreiro, Davi, com a sua vitória sobre os filisteus, o inimigo de *número um* de Israel, desde tempos antigos. Cf. I Crô. 18.1 com 20.4-8. Israel nunca tinha conseguido dominar aquele inveterado inimigo. Davi, finalmente, teve de confinar os filisteus sobreviventes nas costas do mar Mediterrâneo. Mas os filisteus confinados finalmente multiplicaram-se e tornaram-se de novo uma praga para reis posteriores de Israel.
2. O livro de II Samuel também deixou registrada uma série de guerras contra os filisteus (21.15-22), mas pôs essa narrativa *depois* da guerra contra os amonitas. O cronista narra essas guerras de modo mais abreviado.
3. O cronista deixou de fora os problemas pessoais e os erros de Davi, como a história de Bate-Seba (II Sam. 11.2-12.15); a violência sexual sofrida por Tamar (II Sam. 13); e a rebelião de Absalão (II Sam. 15). O propósito do autor sacro foi promover a dinastia davídica, e os problemas pessoais e os pecados de Davi não se encaixavam nesse desígnio.
4. O cronista deixou de fora a história do combate pessoal entre Isbi-Benobe e Davi, quando este último quase perdeu a vida (II Sam. 21.15-17). Abisai salvou Davi e livrou Israel de grande tristeza. Talvez a *quase morte* de Davi não tivesse sido tomada pelo cronista como um acontecimento que aumentava a sua glória. Ele continuou apresentando uma "história ideal", de incidentes cuidadosamente selecionados, enquanto outros episódios deixaram de ser relatados, tudo visando o propósito de engrandecer a dinastia davídica.
5. As narrativas de I Crônicas têm paralelo em três narrativas dadas em II Samuel (21.18-22). Na primeira delas, II Samuel cita Gobe, em lugar de Gezer do presente texto. Esse lugar ficava trinta e seis quilômetros a noroeste de Jerusalém, onde Sibecai matou Sipai, um gigante filisteu. A segunda narrativa conta a morte de Lami, irmão de Golias, por Elanã. Um problema envolvendo nomes é criado com o paralelo, II Sam. 21.19, onde são dados diferentes nomes para o pai de Elanã. Ver as notas no trecho paralelo. Na terceira dessas narrativas, em II Sam. 21.19, Elanã aparece como quem matou Golias, enquanto em I Sam. 17 temos uma elaborada narração da morte de Golias por Davi. Anotei completamente essa discrepância em I Sam. 17 e II Sam. 21.19. Nesta última referência, examino nove pontos, e o que pode ser dito sobre a questão é narrado ali. Portanto, não sobrecarrego meu leitor duplicando esses materiais aqui.
6. A declaração de que Elanã matou o irmão de Golias, e não o próprio Golias (vs. 5), é considerada pelos críticos uma correção da tradição. O trecho de II Sam. 21.19 declara especificamente que Elanã matou o próprio Golias. Isso faz parte da discussão oferecida em II Sam. 21.29.

Capítulo Vinte e Um

O Censo e a Praga (21.1-30)

Encontramos aqui, essencialmente, uma adaptação do trecho paralelo, o capítulo 24 de II Samuel. Em I Crô. 21.28-30 há adições feitas pelo cronista, que são anotadas em seguida. Quanto à exposição detalhada, o leitor deve consultar o trecho paralelo. Neste ponto, ofereço algumas poucas observações adicionais.

21.1-27

Observações:

1. Quanto a outros recenseamentos feitos em Israel, ver o gráfico em Núm. 1.2.
2. *Motivos.* O cronista não oferece razão alguma para o louco desejo de Davi fazer o recenseamento, mas lança a culpa sobre Satanás por tentá-lo a realizar o empreendimento. O paralelo (II Sam. 24.1), entretanto, informa-nos que Yahweh (por alguma razão que não é esclarecida) queria punir Israel, e assim inflamou no coração de Davi o desejo de fazer o que não deveria ser feito. Os cristãos encontram grande dificuldade em seguir essa "lógica divina", mas para a mente judaica isso não constituía problema algum. Ver a introdução ao capítulo 24 de II Samuel e a exposição sobre II Sam. 24.1, quanto a comentários e raciocínios sobre a questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Voluntarismo*. Esse termo refere-se à crença de que aquilo que a mente e o poder divino resolvem fazer, mesmo que nos pareça totalmente arbitrário, é um ato que está automaticamente correto. Mas perguntamos se essa maneira de pensar não é uma *humanologia* transformada em *teologia*. Fazer a *vontade* de Deus parecer suprema, sem as qualificações da razão e da misericórdia, certamente não é a maneira correta de falar acerca de Deus.
3. I Crô. 21.1 diz-nos que *Satanás* inspirou Davi a fazer o que ele fez; mas, em violento contraste, II Sam. 24.1 atribui essa influência e inspiração a *Yahweh*. Não basta falar aqui sobre a *vontade permissiva* de Deus, conforme fazem

muitos intérpretes, os quais apontam para Jó 1.1 como outra instância dessa espécie de "ato divino". Certamente parece difícil imaginar Deus barganhando com o diabo, estando a sorte de Seus filhos na balança. Antes, é melhor reconhecer que a teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias*. O judaísmo tinha uma espécie de determinismo inquestionável, que reconhecia somente *Uma Causa*. Por conseguinte, *qualquer coisa* que acontecesse era considerada proveniente daquela causa, mesmo que fosse má. Portanto, se Satanás fizesse alguma coisa e provocasse tribulação, o ato só poderia ser atribuído, em última análise, à *Causa Única*, pois os filhos de Israel não reconheciam que Satanás pudesse ser uma causa *independente*. O calvinismo radical cai dentro da mesma armadilha teológica, com sua incansável predestinação que deixa de fora qualquer real consideração sobre causas secundárias. Alguns evangélicos atuais continuam presos ao absolutismo dos hebreus; mas a teologia já se moveu para o lugar que reconhece existirem *muitas coisas* causadas por forças espirituais malignas, incluindo o homem, nas quais *não há participação* divina. Ver minha introdução ao capítulo 24 de II Samuel quanto a observações adicionais sobre esse problema. Meus amigos, o nono capítulo de Romanos não está livre daquele antigo absolutismo dos hebreus, e é por isso que temos tanta dificuldade com sua interpretação. Eugene H. Merrill, dando apoio ao antigo *monismo*, observou aqui: "Em Sua soberania, a autoridade final de Deus estende-se até as operações de Satanás. Mas pergunto: 'Como então Deus não deve ser considerado a causa do mal?'. Certamente esse absolutismo é uma blasfêmia que distorce nosso quadro sobre a pessoa de Deus".

Até mesmo homens bons, incluindo os antigos profetas hebreus, têm dito coisas sobre Deus que simplesmente não exprimem a verdade. A teologia é uma ciência crescente. Nossas idéias continuam aprimorando-se, conforme o Espírito opera. *Estagnação* não é uma palavra encontrada no Dicionário Divino. Não tema descartar uma idéia antiga por uma nova idéia. O Novo Testamento encerra certo número de novas idéias que substituíram as anteriores. No Novo Testamento, há novas idéias que são melhores do que as mais antigas, que alguns autores daquele documento haviam preservado, baseados, como estavam, principalmente, no Antigo Testamento. O próprio Jesus disse que a teologia se moveria para além do lugar até onde Ele a levara, através das operações contínuas do Espírito Santo (ver João 16.12,13). Se *isso* é verdade, quanto mais nós devemos crer que o Novo Testamento ultrapassou o Antigo, e que certas porções do Novo Testamento avançaram mais do que outras dessa mesma coletânea de documentos sagrados. Paulo, em suas passagens revelatórias, por certo estava em *terreno mais elevado* do que outros autores do Novo Testamento. Seus mistérios ultrapassaram as posições doutrinárias de outros autores do Novo Testamento, especialmente no caso do mistério da vontade de Deus e do destino dos homens (ver Efé. 1.9,10).

4. *Satanás*. Ver sobre esse termo no *Dicionário*. Parece que, por essa altura da teologia dos hebreus, um diabo-chefe, pessoal, já havia feito sua aparição. Mas alguns vêem aqui apenas um *adversário* (significado da palavra *satanás*), sem as armadilhas metafísicas. Talvez isto queira dizer que algum ser sobrenatural (um anjo), que fazia a vontade de Deus cumprir-se, estivesse envolvido na questão, e, ao fazer isso, assumiu a posição de *adversário* de Davi. Se um diabo pessoal ainda não havia entrado na teologia dos hebreus, então a contradição entre I Crô. 21.1 e II Sam. 24.1 desaparece, visto que nenhuma alta agência do *mal* estaria em pauta. Mas o uso absolutista da palavra "Satanás" no presente texto, como se fora um nome próprio, parece apontar para o pai de toda a maldade. Todavia, visto que não temos aqui o artigo definido antes da palavra "Satanás", talvez não devamos entender "o Adversário", mas talvez somente "um adversário". Naturalmente, esta passagem é disputada pelos teólogos, e eles ainda não chegaram a nenhuma conclusão definitiva.
5. *Vs. 5*. Este versículo não concorda, em seu número, com o paralelo de II Sam. 24.9. Eugene H. Merrill (o qual sempre tenta, de todo o seu poder, reconciliar tudo), *in loc.*, produziu trinta e duas linhas de comentários, apresentando várias maneiras que têm sido usadas para explicar as diferenças entre os dois relatos. Essa atividade é essencialmente inútil. Teremos de usar então as palavras "possível", "conjectura" etc., e mesmo depois ficaremos sem nenhum resultado certo. "Harmonia a qualquer preço" é uma doença que aflige alguns intérpretes das Escrituras. A espiritualidade não depende dessas contorções, e não deveríamos estar ansiosos por ceder diante do impulso de harmonizar tais coisas. Discrepâncias genuínas às vezes existem, mas isso em nada contraria a inspiração. Qualquer coisa que vem através da mente humana é maculada por algum problema. Ver minhas notas em II Sam. 24.9, onde ofereço algumas maneiras de reconciliação, além de outros comentários que lançam certa luz sobre o problema.
6. O versículo sexto do presente relato não consta do trecho paralelo do capítulo 24 de II Samuel. Núm. 1.49 isenta os levitas do serviço no exército. O cronista, pois, afirma que essa lei era observada. Além disso, os benjamitas também não foram numerados, mas só podemos conjecturar acerca de por que isso aconteceu. Essa tribo foi absorvida por Judá e deixou de ser (para todos os propósitos práticos) uma tribo separada e funcional. Talvez no tempo em que Davi mandou fazer o recenseamento, esse processo já estivesse tão avançado que seria inútil tentar fazer o censo da tribo de Benjamim. Josefo (ver *Antiq.* vii.13.1) declara que Joabe não fez o recenseamento da tribo de Benjamim pela simples razão de que lhe faltou tempo para isso. Essa explicação supõe que Davi tenha estabelecido algum limite de tempo para a tarefa que entregara a Joabe, e este, em seu desprazer com a coisa inteira (ver o vs. 3), não foi capaz de cumpri-lo.
7. *Vss. 7-22*. 1. A lei da colheita segundo a semeadura foi aplicada, e Davi e Israel foram punidos por seu orgulho. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. A Davi foram oferecidas três maneiras pelas quais Israel poderia ser punido. O profeta da mensagem foi Gade. Poderia haver um dos seguintes castigos: 1. três anos de fome; 2. três meses de perdas para o inimigo, na guerra; e 3. uma grande pestilência. Davi, tremendo e não sabendo o que escolher, retirou-se do caso e permitiu que Yahweh escolhesse o castigo. Então, uma tremenda praga, divinamente provocada, matou 70.000 homens!
8. O anjo do Senhor esteve envolvido nessa praga, uma informação dada por ambas as fontes informativas (vs. 15). Cf. II Sam. 24.15-17. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anjo*. Fazia parte da teologia dos hebreus que a questão da saúde e da enfermidade fosse governada por Deus. Tão firmes eram eles nessa suposição que não tinham respeito pela profissão médica, e pensavam ser errado apelar para os homens em busca de cura. Alguns fanáticos na Igreja moderna conservam a mesma atitude insensata. Seja como for, qualquer pestilência em Israel era tida como enviada diretamente por Deus, devido a essa noção fixa.
9. O texto hebraico de II Sam. 24.13 diz "sete anos" de fome, que a Septuaginta alterou para "três anos", para concordar com I Crô. 21.12. Os harmonistas tiveram imensa tarefa aqui.
10. O vs. 16 registra Davi a ver o anjo do Senhor, e a narrativa do cronista (vs. 20) diz que Ornã participou da visão, um detalhe ignorado no trecho paralelo. A passagem de II Samuel nomeia como proprietário do terreno *Araúna* (ver II Sam. 24.18). Ver sobre esse nome no *Dicionário*.
11. Somente o cronista menciona a presença dos quatro filhos de Ornã. Talvez o autor dos livros de Crônicas quisesse enfatizar que houve muitas *testemunhas* do acontecido, um evento certamente incomum.
12. *Vs. 25*. O trecho paralelo (II Sam. 24.24) fala em cinqüenta siclos de prata como o preço pago por Davi pela eira de Ornã. O cronista diz 600 siclos de ouro, que os críticos pensam ser uma informação incorreta, adotando o preço mais baixo referido em II Samuel. "As duas estimativas são obviamente discordantes" (Ellicott, *in loc.*), porém os harmonistas, uma vez mais, tentam reconciliar as duas informações. Ver minhas notas expositivas sobre o trecho paralelo quanto a uma ilustração a respeito dos modos de reconciliação, nenhum dos quais oferece resultados seguros.
13. *Vs. 26*. Aqui e em I Crô. 22.1, o cronista, embora usualmente seguindo o relato conforme aparece no capítulo 24 de II Samuel, adicionou alguns pensamentos. Um sinal divino de aprovação foi dado a Davi quando ele realizou o sacrifício na eira. Além disso, foi-lhe relevado que *exatamente ali* seria construído o templo. Foi assim que a pestilência que castigou Israel, por causa do recenseamento, produziu resultados tremendamente bons. Mostrou onde o templo seria construído, através dos sacrifícios oferecidos para aplacar a Yahweh. Os sacrifícios oferecidos ali por Davi fizeram cessar a praga. Por isso, em breve, todo o povo de Israel teria sua adoração a Yahweh centralizada no templo, construído naquele exato lugar.
14. Note o leitor como a história do censo e da punição divina resultante termina o livro de II Samuel. Mas o autor sagrado, o cronista, adiciona a longa seção de I Crô. 22.2-29.30 (o restante do livro presente) para mostrar que Davi, embora não tivesse sido o verdadeiro construtor do templo, fez extensos preparativos para essa construção, suprindo planos e materiais. *Isso* fomentou a causa de Davi e, juntamente com ele, a dinastia davídica, uma das principais razões pelas quais I e II Crônicas foram escritos.

Adições do Cronista ao Relato: O Local do Templo Futuro (21.28-30)

A Davi foi outorgada uma visão especial que mostrava que Yahweh estava satisfeito com os sacrifícios por ele oferecidos na eira de Araúna (Ornã). A visão agradou a Davi e também lhe deu orientação sobre onde o templo deveria ser construído, ou seja, bem no local onde ele tinha oferecido os sacrifícios para aplacar a Yahweh, a eira de Ornã. O fogo divino que descera do céu para consumir os sacrifícios de Davi (vs. 26) dera evidências positivas sobre o caráter sagrado do local. Para Davi o local substituiu imediatamente a Gibeom. (Ver o vs. 29.) "Davi sacrificou ali. E ele *continuou* a oferecer sacrifícios ali" (Jamieson, *in loc.*).

21.28,29

Estavam naquele tempo no alto de Gibeom. Naquele tempo, o tabernáculo continuava em *Gibeom* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse lugar ficava a apenas cerca de oito quilômetros de Jerusalém, ou seja, não era grande a distância que

tinha de ser coberta por Davi. Contudo, por causa de sua notável experiência na eira de Omã, ele compreendeu que a vontade divina estava movendo seu lugar especial de manifestação para o coração de Jerusalém, a saber, o local da eira. Após a destruição de Nobe por parte de Saul, o tabernáculo foi armado em Gibeom, onde permaneceu até a construção do templo. Ver I Crô 16.39; I Reis 3.4,5; II Crô. 1.3 ss. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tabernáculo* quanto a informações que incluem os vários lugares onde o tabernáculo parou, depois que deixou o deserto. Os intérpretes judeus dizem-nos que o tabernáculo esteve em Nobe e em Gibeom por um total combinado de cinqüenta e sete anos. Ver a seção V do artigo sobre o *Tabernáculo* quanto aos muitos lugares de parada. O templo de Jerusalém conferia a Israel um local sagrado e permanente de adoração. O templo incorporava tudo quanto o tabernáculo havia possuído, mas adicionou muitos outros equipamentos. O cativeiro babilônico (597 A. C.) pôs fim ao templo de Salomão, mas, terminado o cativeiro, um segundo templo foi construído. Os antigos móveis e utensílios, entretanto, tinham desaparecido.

21.30

Davi, aterrorizado pelos terríveis julgamentos divinos por causa do recenseamento, e debilitado por seu encontro próximo com o anjo do Senhor, não foi capaz, física e espiritualmente, de fazer uma viagem até Gibeom. Portanto, continuou a sacrificar no novo lugar sagrado, a eira de Ornã, onde o templo seria construído por seu filho, Salomão. Além disso, ele já sabia que Deus havia escolhido um novo lugar para os sacrifícios, razão pela qual o antigo lugar não lhe parecia mais atrativo. Talvez Davi sentisse que, se deixasse o novo local de sacrifícios, a fim de visitar Gibeom, o anjo do Senhor atacaria Jerusalém durante a sua ausência. Portanto, ele permaneceu em Jerusalém e ofereceu os seus sacrifícios, alguns dos quais, sem dúvida, solicitavam que o terrível anjo do Senhor não retornasse a Jerusalém para causar mais confusão. Em outras palavras, ele pensou que sua presença e seus ritos sagrados haveriam de proteger a cidade.

Capítulo Vinte e Dois

Contribuição de Davi para o Templo (22.1 – 29.30)

O trecho paralelo, em II Samuel, concluía a história do recenseamento e a destruição de Israel que se seguiu, às mãos do anjo de Yahweh. O cronista provê agora uma longa adição que é encontrada somente aqui. O autor já nos tinha informado sobre como Davi desejava em seu coração construir o templo, mas isso não lhe fora permitido (capítulo 17). Contudo, embora ele não tenha efetivamente realizado o trabalho de construção, sua contribuição em planos e materiais foi bastante significativa. A intenção do autor foi mostrar como Davi era um grande rei e como a sua dinastia foi abençoada por Yahweh. Foi através da dinastia davídica que a Israel foi conferido um novo começo, após o cativeiro babilônico. I e II Crônicas foram escritos para fomentar a dinastia davídica, e a seção de I Crô. 22.1-29.30 é uma longa ilustração de sua importância e de como Yahweh estava abençoando a nação de Israel o tempo todo. Alguns críticos pensam que a seção toda é uma invenção do cronista, o qual estaria escrevendo uma história idealizada, e não necessariamente correspondente aos fatos. Porém, não é mister concordar com os críticos neste ponto. Obviamente é estranho que o autor de II Samuel tenha deixado de fora o incidente inteiro. Várias fontes informativas estavam disponíveis, e as diferenças, adições e omissões podem ser explicadas por esse fato. Mas algumas grandes omissões permanecem misteriosas.

O local divinamente escolhido para o templo tinha sido indicado por meio do incidente dos sacrifícios oferecidos na eira de Ornã (I Crô. 21.28-30). Yahweh estivera ali e demonstrara Sua glória e Seu poder. Daquele dia em diante, Davi não foi mais a Gibeom, embora o tabernáculo continuasse ali por mais algum tempo. Mas o processo histórico de mudança de local já estava em curso. O culto divino haveria de centralizar-se em Jerusalém. Ver I Crô. 21.29,30. I Reis também deixa de fora a seção à nossa frente, de modo que temos de dizer que o cronista fez uma significativa contribuição ao dar-nos essa informação sobre as provisões de Davi. Davi preparou o caminho para a paz em Jerusalém, ao derrotar *oito* nações adversárias de Israel (ver as notas expositivas a respeito em II Sam. 10.19). Além disso, contribuiu diretamente para a edificação do templo de Jerusalém, das muitas maneiras descritas a seguir.

Conteúdo do Capítulo 22. Inspirado pelo contato próximo com o anjo do Senhor, e provavelmente por outras indicações, Davi determinou que a eira de Ornã seria o local indicado (divinamente escolhido) para a construção do templo. Ver o primeiro versículo.

Davi também proveu artífices para a construção e os metais apropriados (vss. 2-5).

Seu filho, Salomão, foi incumbido de dar prosseguimento ao avanço do projeto (vss. 6-16), e aos chefes de Israel foi ordenado auxiliar Salomão na consecução do plano (vss. 17-19).

22.1

Este versículo vincula o capítulo 22 ao capítulo anterior. Ver I Crô. 21.28-30. O incidente com o anjo do Senhor, Sua exibição de ira e poder, e o fato de Yahweh ter sido aplacado por sacrifícios oferecidos na eira de Ornã, foram indicações de que aquele local fora escolhido para a construção do templo. Através desse incidente, o culto divino seria centralizado na nova capital, Jerusalém. Tudo parecia negativo quando o Senhor matara aquelas 70.000 pessoas, pela praga que trouxe julgamento contra o tolo recenseamento de Davi (capítulo 21). Mas, pelo lado positivo, tudo isso permitiu que o local da construção do templo fosse revelado. A escolha era divina. O autor (o cronista) queria que soubéssemos disso. Coisa alguma estava sendo deixada ao sabor do acaso. Ver o artigo geral sobre *Templo,* no *Dicionário.*

O templo deveria incorporar toda a planta baixa, o equipamento e os móveis do tabernáculo, para que pudesse funcionar, servindo como lugar de sacrifícios e rituais religiosos. A arca da aliança ficaria ali, e a presença de Yahweh haveria de agraciar o lugar. Uma longa era de centralização assinalaria Israel, ou pelo menos, a tribo de Judá. Jeroboão perderia seus próprios altares e sua adoração apostatada em antigos santuários, como Betel. Mas pelo menos o *ideal* da centralização foi provido.

Quanto às perambulações do *tabernáculo,* ver sobre esse assunto no *Dicionário,* em sua V seção. O tabernáculo, finalmente, foi abrigado em Jerusalém, e seus dias de vagueação estavam terminados.

"Como é óbvio, temos aqui o *alvo* da narrativa inteira do recenseamento e da pestilência, que o cronista, mui provavelmente, teria omitido, tal como omitiu a história sobre a fome (ver II Sam. 21), não fora o fato de que o incidente mostrou como o local do templo foi determinado" (Ellicott, *in loc.*).

22.2

Para que fossem ajuntados os estrangeiros. Os "estrangeiros" reunidos para fazerem o trabalho manual provavelmente consistiam em escravos. Mas devemos lembrar que os hebreus não tinham o conhecimento científico e matemático para realizar nenhum grande projeto arquitetural. Assim sendo, sem dúvida, *alguns* dos estrangeiros aqui mencionados eram trabalhadores habilidosos, como os enviados pelo rei de Tiro, Hirão, que ajudaram Davi a construir o seu palácio. Ver o capítulo 14 de I Crônicas para averiguar essa história. W. A. L. Elmslie diz que este versículo faz o capítulo começar de forma ruim, visto que ficou *implícito* que os hebreus permaneciam assentados, ociosamente, enquanto os estrangeiros punham-se a trabalhar. Mas esse comentário perde de vista o fato de que aos hebreus faltavam habilidades arquiteturais. É provável que a população cananéia, povo conquistado, esteja especialmente em foco aqui, mas os fenícios, sem dúvida, deram uma contribuição especial, tal como fizeram quando da construção do palácio de Davi. O *labor forçado* era um fator comum nas nações antigas. Ver II Crô. 8.7-9; I Reis 9.20 ss. Certamente estão em pauta servos cananeus (ver II Crô. 2.17), e Salomão, em seus dias, descobriu que o número deles era de 153.600. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escravo, Escravidão.*

"... eles eram melhores artífices do que os israelitas, os quais trabalhavam principalmente na agricultura e na criação de gado, sem mencionarmos o fato de que os israelitas, que eram homens livres, não podiam ser sujeitados a trabalho duro. Mas isso envolvia, principalmente, um *mistério.* O templo de Deus era a casa espiritual, um tipo da Igreja (Zacarias 6.16)" (John Gill, *in loc.*, que menciona certa previsão de coisas vindouras, no emprego dos *gentios,* quanto a tão importante tarefa espiritual).

22.3

Aparelhou Davi ferro em abundância. O *trabalho em metais* que deveria ser realizado, como é óbvio, incluiu os fenícios. Havia abundância de ferro para os pregos que juntavam tábuas e para construir portas e portões, além de muito bronze para a fabricação do altar e para o lavatório, além de outros vasos de metal. O bronze era muito usado pelos antigos, sendo um metal relativamente flexível que não requeria tecnologia avançada. Além de ser empregado em armas de guerra, esse metal também era usado nos templos pagãos, conforme observou Macrobius (*Saturnal.* 1.5, cap. 19).

Para os pregos. No hebraico, *mismerim,* um termo antigo que só ocorre aqui e nos últimos livros do Antigo Testamento. O ferro era usado com os propósitos mencionados.

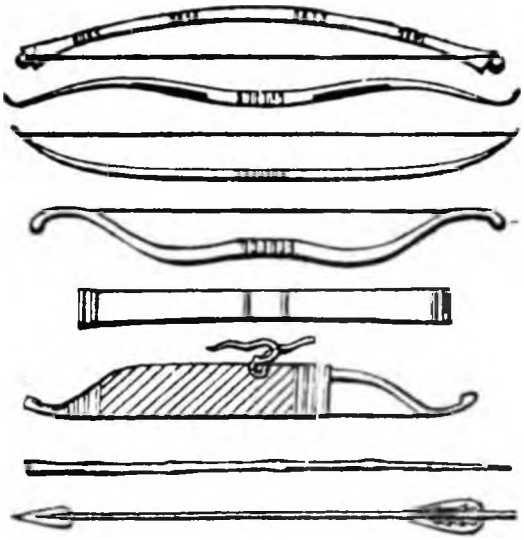
Das folhas das portas. As portas dobradiças do templo (ver I Reis 6.34,35).

Para as junturas. Qualquer coisa que liga ou conecta, ou seja, grampos de ferro e dobradiças (ver II Crô. 34.11, onde o termo é usado para indicar objetos feitos de madeira).

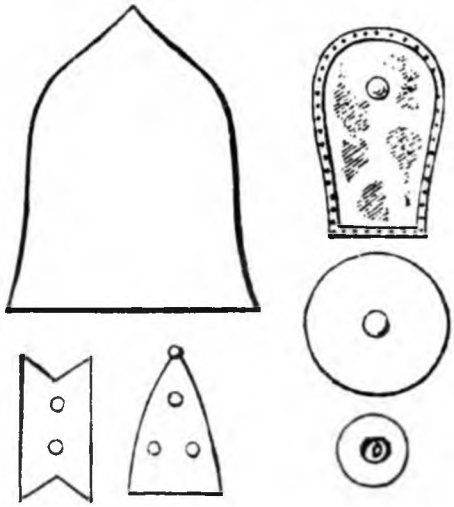
ARMADURAS ARMAS

Tipos de Capacetes:
1. de plantas; 2. egípcio; 3. e 4. asiáticos;
5. cariano; 6. e 7. egípcios; 8. assírio; 9. grego;
10. jônio; 11. parto; 12. e 13. tribos da Ásia

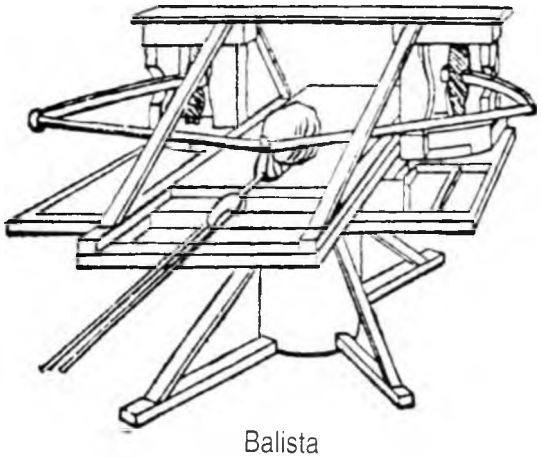
Espada persa



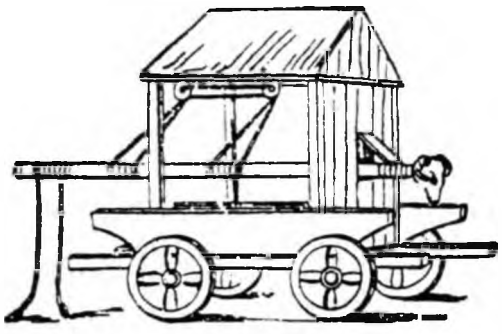
Arcos, flechas e aljavas



Tipos de escudos

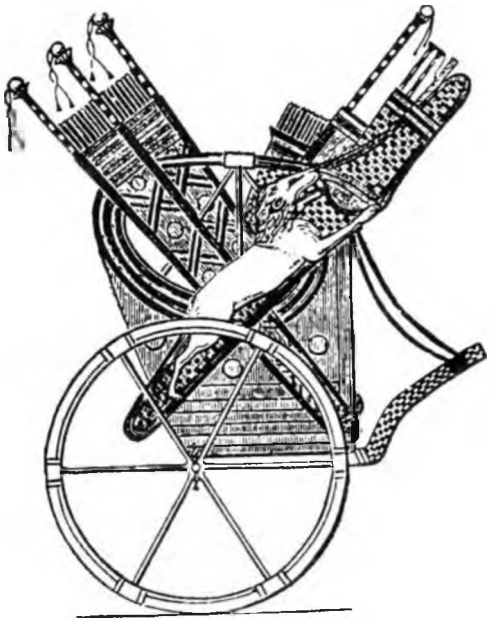


Balista

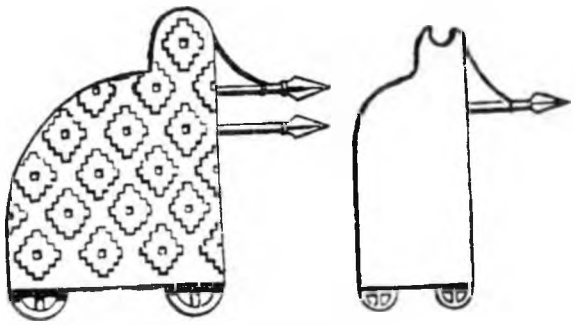


Aríete

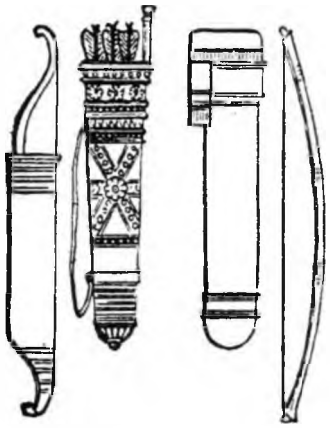
ARMADURAS, ARMAS (cont.)



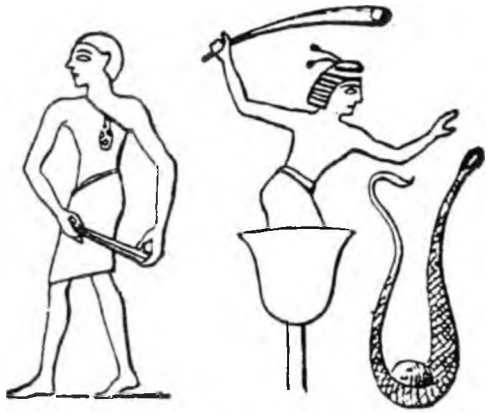
Carro de batalha egípcio



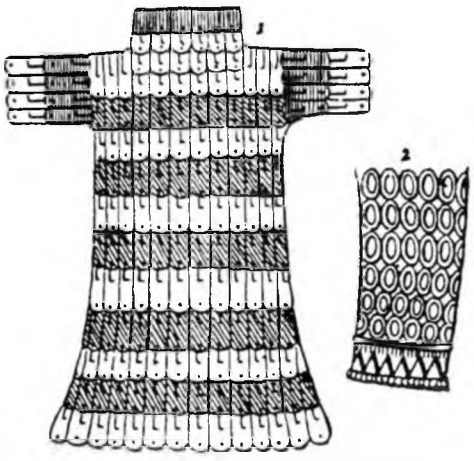
Máquinas de guerra assírias



Flexas e arcos egípcios



Estilingues egípcios



Cota de malha 1. egípcia e 2. jônia

Roupas de guerra
1. e 2. gregas muito antigas; 3. grega;
4. e 5. romanas, 6. bárbara

Bronze em abundância. Havia tanto bronze que lemos que seu peso nem foi calculado, uma hipérbole oriental. Empregaram-se também outros metais, mas o bronze foi usado em grande abundância. Também havia prodigiosa quantidade de ouro e prata, também foram aplicados na construção do *tabernáculo*. Ver sobre este termo no *Dicionário*. Ver também o vs. 14, quanto aos metais preciosos.

22.4

Madeira de cedro sem conta. Essa madeira era proveniente de Tiro, assim como a madeira usada para a construção do palácio de Davi (ver I Crô. 14.1 quanto a idéias que também se aplicam aqui). Este versículo tem seu paralelo em II Sam. 5.11, que também deve ser consultado quanto à exposição principal.

"... Davi garantiu incontáveis toras de madeira de cedro do Líbano. Ele fez todos esses preparativos, segundo disse, porque seu filho, Salomão, era ainda muito jovem (cf. I Crô. 29.1). Salomão não teria o conhecimento necessário para construir um templo apropriado para o grande Deus de Israel, de maneira que teve de conseguir ajuda de elementos estrangeiros" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* sobre *Cedro*. Cf. I Reis 5.8-11, onde Salomão segue o exemplo de Davi e consegue auxílio dos fenícios, cujo rei era Hirão.

22.5

Pois dizia Davi. Os preparativos de Davi ocorreram, pelo menos em parte, por causa do fato de que seu filho, Salomão (o construtor do templo, divinamente designado), era um jovem rapaz. Cf. I Crô. 29.1. Em I Crô. 13.7, a mesma expressão é empregada acerca de Roboão, que, então, já estava com quarenta e um anos de idade! Portanto, podemos entender aqui "jovem na experiência". Salomão chamou a si mesmo de "uma criança", mesmo depois de haver subido ao trono, pelo que, novamente, temos aqui um uso metafórico da expressão (ver I Reis 3.7). Na verdade, Salomão nasceu depois da guerra siro-amonita (ver II Sam. 12.24). Jarchi calculou que Salomão tinha, na época, doze anos, e John Gill conjecturou que Salomão teria, então, vinte anos.

O templo de Diana, em Éfeso, foi edificado com a ajuda de muitos reis asiáticos, e foram gastos 200 anos nessa edificação. Assim também, muitos estrangeiros ocuparam-se na construção do templo. Era grande o bastante para ser chamado de "magnificente" pelo cronista, que presumivelmente reverberou as palavras de Davi. Os povos ao derredor reconheciam sua grandiosidade, e eles seriam atraídos a Yahweh, pela magnificência da estrutura de Seu templo. Por conseguinte, temos aqui um *motivo espiritual* nas preparações abundantes e elaboradas feitas por Davi. O rei exaltaria o Deus de Israel no esplendor do templo. Ele atrairia atenção internacional.

Davi Encarrega Salomão da Construção do Templo (22.6-16)

Davi não foi o construtor físico do templo, mas sim o planejador e *construtor espiritual*, de modo que tinha muito que dizer a Salomão sobre a construção, e é isso que esta seção registra com detalhes. Nesta narrativa, encontramos a comprovação de um importante fato: as missões são continuadas por outras pessoas. Há *equipes* que efetuam grandes projetos espirituais, e essas equipes ampliam-se por gerações ou mesmo séculos. Cada membro da equipe contribui com sua parte para a mesma grande missão em geral.

22.6

Este versículo mostra-nos que Davi primeiramente deu ordens a Salomão para edificar o templo. Foi Davi, e não Salomão, quem recebeu a mensagem da parte de Yahweh, que havia designado Salomão para a obra da construção (ver I Crô. 17.11 ss.). É sobremodo excelente quando um filho prossegue na missão de seu pai, mas não são muitos os pais que testemunham esse privilégio. E também não nos devemos preocupar demasiadamente com esse fato. A vontade de Deus opera de várias maneiras, e não depende, necessariamente, da seqüência de pai-filho, para sua realização. Cf. a presente passagem com I Reis 2.1-9, especialmente os versículos terceiro e quatro, que ecoam o presente texto. *Yahweh-Elohim* era o verdadeiro edificador espiritual do templo, mas seu primeiro instrumento foi Davi. Além disso, Salomão teve de suportar a carga principal. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

22.7

Filho meu, tive intenção de edificar uma casa. *Boas Intenções.* Davi tinha boas intenções, nobres desejos. Entre eles estava a edificação do templo. Ver o capítulo 17 quanto à história completa. O ditado popular diz que "boas intenções pavimentam o caminho para o inferno", mas esse ditado não expressaria a verdade no caso presente. Davi tinha anelos legítimos que eram dignos de louvor, mas não estava pessoalmente destinado a concretizá-los, exceto parcialmente no planejamento e na provisão de materiais de construção. Algumas tarefas fracassam, por motivo de preguiça ou falta de poder para levar avante a questão, devido a uma fraca força de vontade. Mas alguns nobres projetos não se completam meramente porque a vontade de Deus não está ali. Ou então "outras pessoas" foram designadas para completá-las, como no caso de Davi e do templo de Jerusalém. A filosofia ética ensina-nos a importância da *boa vontade*. É isso que está por trás de todos os nobres empreendimentos, e Davi possuía essa atitude. Davi "tinha seu coração na questão"; e poderíamos indagar: "O que há em nosso coração?". Podemos reivindicar qualquer nobreza em nossas motivações, as coisas que governam nossa vida. A tarefa hercúlea de Davi consistia em trazer paz a Israel, a fim de que a monarquia pudesse firmar-se. Portanto, o trabalho de Davi era guerrear com os oito povos inimigos de Israel. *Em meio à paz,* Salomão faria o trabalho espiritual da construção.

22.8

Muito sangue tens derramado na terra. Várias razões impediam que Davi tivesse a permissão (e fosse escolhido) para construir o templo, e este versículo nos dá uma delas. Em minha introdução ao capítulo 17 de I Crônicas, ofereci *quatro* motivos para sua rejeição, além de comentários adicionais que não repito aqui. A razão dada no presente versículo não entra nas motivações do capítulo 17, mas somente aqui: Davi, homem de guerra, era um matador. Ele havia derramado muito sangue. Portanto estava *moralmente* desqualificado para o trabalho. Não era *certo* que um homem de suas qualidades edificasse o templo. "... o derramamento do sangue, na guerra, era incompatível com a edificação de um lugar de adoração. Portanto, essa incumbência seria dada a Salomão, homem de paz (cujo nome está relacionado à palavra hebraica para 'paz')" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Cf. Gên. 9.5,6 e a denúncia dos profetas contra os que derramaram sangue, como em Amós 1.3,13; 2.1. Cf. também o tratamento dado por Davi aos filhos de Amom (I Crô. 20.3). Seria ultrapassar os limites supor que o cronista pensasse que as guerras efetuadas por Davi estivessem erradas por si mesmas. De fato, Davi foi exaltado por haver conseguido destruir os oito inimigos de Israel (II Sam. 10.19). Mas a matança era incompatível com uma missão de paz. O templo era, idealmente, uma "casa de oração para todos os povos" (Isa. 56.7), e destruir outros povos dificilmente harmonizava-se com o *ideal* do templo. Cf. Marcos 11.17.

22.9

Portanto Salomão será o seu nome. Um homem de *paz* e *serenidade* foi designado para a tarefa divina da construção do templo. Mas isso seria feito dentro da dinastia de Davi. I e II Crônicas exaltam essa dinastia, e o templo de Jerusalém estava destinado a ser construído pela dinastia davídica. O trecho de I Reis 5.3 permite-nos compreender que Davi não construiria o templo por estar *ocupado demais* com suas guerras. Isso representa uma das razões, a qual não aparece listada entre as razões espirituais. Salomão trouxe a *época áurea* de Israel, e foi durante esse período que se construiu o templo, por decreto divino. O nome "Salomão", no hebraico, alicerça-se sobre uma raiz que significa "paz", e a conexão era obviamente intencional. Cf. II Sam. 7.12,13 e 12.24. Salomão é uma das seis figuras do Antigo Testamento cujo nome foi escolhido antes do nascimento, por desígnio divino. Cf. com I Reis 4.24,25 e 5.3,4.

22.10

Este edificará casa ao meu nome. Cf. com o capítulo 17 deste livro. Partes de I Crô. 17.11-13 são repetidas aqui. A exposição é oferecida nos versículos mencionados. O cronista nunca se cansa de exaltar a dinastia davídica. Uma das razões foi que *essa dinastia* deu continuidade à nação de Israel, terminado o cativeiro babilônico; e o autor sacro estava ansioso por demonstrar que o novo começo de Israel, após o cativeiro, era legítimo e tinha a autoridade de Yahweh por trás dele. Foi por isso também que o autor apresentou os nove capítulos de genealogia. Alguém poderia indagar: "Israel realmente tinha condições de começar de novo mediante uma única tribo, a saber, a tribo de Judá? Havia nisso *legalidade* do ponto de vista mosaico?". A resposta do autor sagrado foi um ressonante "sim". Parte dessa resposta reside no fato de que um número suficiente de levitas sobreviveu ao cativeiro para legitimar o culto. Além disso, politicamente falando, Israel tinha legalidade para continuar, devido ao prosseguimento da dinastia davídica. Ademais, temos a dinastia ideal em Cristo, a extensão espiritual da dinastia davídica, uma vez que Jesus descendeu de Davi. "Os reis da dinastia davídica não somente foram antepassados de Cristo, mas também tinham papéis como 'filhos de Deus', o que preparou o caminho para o conceito da filiação divina de Jesus" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Cf. II Sam. 7.13,14 e Heb. 1.5. No Rei Messias temos a dimensão eterna da dinastia davídica. Ver Luc. 1.32,33; Heb. 1.8.

22.11

O cronista cria que a *bênção de Davi* sobre Salomão representou mais do que meras palavras. Sem dúvida, tais palavras foram proferidas antes da morte de Davi, no seu leito de morte. Considerava-se que a bênção dos pais era dotada

tanto de poder profético como de graça eficaz, portanto era muito cobiçada pelos filhos, especialmente quando se tratava da bênção do pai *moribundo*. Nessa *oportunidade*, um pai teria poderes especiais que poderiam afetar o destino dos filhos. Quanto a detalhes sobre esse e outros conceitos relacionados às bênçãos, ver os artigos do *Dicionário* intitulados *Bênção* e *Bênção e Maldição*.

Cf. I Crô. 9.20; I Sam. 3.19; II Reis 18.7; II Crô. 7.11 e Gên. 24.40. Havia nessas bênçãos ameaças e promessas divinas, e um pai as misturava em suas bênçãos e maldições. Ver Gên. 18.19 e Isa. 37.22. Note-se, no vs. 8, que Davi disse como a palavra de Yahweh "veio a ele", e esse conceito está em harmonia com o que se esperava de uma bênção paterna. "Deus estava nessa bênção, o cronista, por assim dizer, nos relatava. Yahweh-Elohim *tinha falado*, assegura-nos o autor sagrado.

22.12

A *sabedoria* tinha de ser possessão do construtor do templo, e Salomão, posteriormente, transformou-se no mais sábio de todos os homens. Sua sabedoria tornou-se proverbial em toda a nação de Israel e nas nações circundantes. Nenhum homem seria verdadeiramente sábio se *não guardasse a lei*. Davi nunca se desviou de sua fé em Yahweh ou de Sua lei, dada através de Moisés. Embora tivesse cometido grandes pecados, a idolatria nunca fez parte desses pecados. O templo tinha de ser estabelecido para centralizar o culto divino. Os antigos santuários continuariam, mas o templo centralizaria e padronizaria o culto. Esse foi um passo necessário na história de Israel. Além disso, haveria o templo do Espírito, a alma-corpo do homem, e o templo espiritual, a Igreja. A sabedoria de Deus estava operando através de todos esses estágios do conceito do templo.

Ver Deu 17.14 ss. quanto ao Rei Ideal. Tal rei, naturalmente, era um supremo observante da lei mosaica. Dali ele extrairia sua sabedoria e sua força, porque ali residia a bênção divina. *Nisso* Salomão estaria qualificado para ser o rei e o construtor do templo de Jerusalém.

22.13

Então prosperarás. Salomão haveria de *prosperar* por causa de sua observância da lei mosaica. Nessa observância, ele teria forças e estabilidade. Mas com que facilidade ele caiu na idolatria, devido à má influência de suas esposas estrangeiras! Cf. I Reis 2.2,3 quanto a declarações similares às do presente versículo. Ver o capítulo 11 de I Reis quanto à queda desastrosa de Salomão na idolatria. Ver Deu. 7.11 e 11.32 quanto à exigência de observância diligente da lei

22.14

Preparei para a casa do Senhor. As *riquezas de Salomão* seriam muito maiores do que a provisão de metais preciosos para o templo preparada por Davi. Não obstante, os números dados aqui são impressionantes. Davi acumulou 100.000 talentos de ouro, ou seja, 3.750; e um milhão de talentos de prata ou seja, 37.500 toneladas! Ao todo, esses metais preciosos pesavam 41.250 toneladas! Era uma quantidade impressionante que havia sido acumulada através da conquista militar (II Sam. 8 7-13; I Crô. 18.11). Davi não extraiu de minas essa quantidade de metais preciosos: ele as tomou dos inimigos que conquistara. Em tempos posteriores, a riqueza de Salomão tornou-se tão admirável que, em *um ano*, sua renda chegou a 666 talentos de ouro (ver I Reis 10.14). Os críticos, naturalmente, supõem que este vs. 14 seja uma grande hipérbole oriental, sem fundamento histórico. Eles presumem que nem o cronista nem seus leitores judeus tomariam tão literalmente essas prodigiosas quantidades. Outros chamam esses números de "retóricos", e alguns supõem que erros tenham entrado no texto hebraico, aumentando, fora de todas as proporções, os cálculos envolvidos. Ellicott (*in loc.*) chama nossa atenção para as hipérboles usadas na cultura egípcia, palavras usadas por Pentaur, sobre Ramsés II. Quando estava sendo atacado pelos hititas, ele chamou o deus *Amem* em sua ajuda, e lembrou-lhe o que havia feito por seu culto: "Não tenho eu construído para ti casas por milhões de anos? Não sacrifiquei a 30.000 touros?". Quando o deus o ajudou na batalha, ele continuou a sua hipérbole: "Descobri que Amem vale mais que um milhão de soldados, 100.000 homens de cavalaria, 10.000 irmãos, e todos eles reunidos em um só!". Ellicott mostrou a sua moral: grandes números nem sempre devem ser tomados ao pé da letra. Devemos compreender o espírito da questão.

22.15

Além disso tens contigo trabalhadores em grande número. Somos relembrados que Davi fizera provisão para que houvesse trabalhadores em número suficiente, o que já vimos nos vss. 2-4. Este versículo enfatiza a *universalidade* da provisão. Havia grande quantidade de obreiros habilidosos para *toda* espécie de tarefa. Davi não se esqueceu de nenhum detalhe. Ele foi um *mestre planejador*, embora não tivesse sido o edificador do templo. Assim, apesar de não haver erguido o templo, em um sentido importante, foi ele quem o construiu. Sua contribuição foi *indispensável*.

22.16

Dispõe-te, pois, e faze a obra. Não havia carência de *operários* (vss. 2-4,15), nem de *materiais* (vss. 3,4,14). Por conseguinte, Salomão poderia tomar a edificação do templo e continuá-la. Agora ele tinha muitíssima *provisão* para a missão que estava destinado a realizar. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Salomão foi exortado a "levantar-se e ocupar-se". Algumas vezes, sem materiais e sem operários, somos convocados a levantar-nos e ocupar-nos, esperando por alguma provisão futura. Então a fé tem de entrar em ação e realizar o seu papel. Cf. o presente versículo com Esd. 10.4.

Incumbência de Davi aos Líderes da Nação (22.17-19)

A construção do templo foi um imenso empreendimento que exigiu um esforço de *equipe*. Muitos tiveram de colaborar. Não fazia muito tempo que Jerusalém, a nova capital do reino de Israel, havia sido conquistada por Davi. Agora Salomão centralizaria o culto divino naquele lugar, por meio do templo. Os líderes da nação também teriam um papel a desempenhar nesse acontecimento histórico que, por um longo tempo, seria um fator importante na história de Israel. Salomão precisaria de muita ajuda e de uma cooperação voluntária. Ele não poderia construir o templo sozinho.

22.17

Os príncipes. Estão em vista os líderes civis e religiosos, os chefes das famílias e dos clãs, bem como os generais militares. O que está aqui em pauta é a *classe governante*, sem importar de que classe social. Salomão precisava da ajuda deles na administração, no amparo financeiro e nos conselhos. Salomão haveria de escolher dentre eles os supervisores da obra.

22.18

Porventura não está convosco o Senhor vosso Deus...? Os *benefícios* advindos de *Yahweh-Elohim* haveriam de inspirar os líderes para ajudar Salomão em sua tarefa. O primeiro desses benefícios seria a *paz*. A guerra teria cessado em Israel. A *prosperidade* estaria em plena ascensão, visto que Israel estava entrando em sua época áurea. Mas o principal benefício seria a *ajuda divina* em tudo, um poder que estava criando benefícios históricos para o bem de todo o Israel. Davi havia aniquilado ou confinado os *oito* povos inimigos de Israel. Tinha armado o palco para uma monarquia bem-sucedida, especialmente ao fazer de Jerusalém a capital onde o culto divino seria unificado. As unificações seriam possíveis através do templo.

22.19

Disponde, pois, agora o vosso coração e a vossa alma. A *obra* deveria começar com uma devida *atitude do coração*. Haveria, da parte do povo, um zelo divino. Yahweh, também chamado Elohim, seria honrado pelo culto centralizado em Jerusalém. Esse culto processar-se-ia no novo templo. A arca da aliança seria transferida do tabernáculo provisório, erigido por Davi, tal como, não fazia ainda muito tempo, ele a tinha trazido para Jerusalém do lugar onde ela ficara, em Gibeom. Com isso, a arca estaria em sua casa, onde permaneceria até o cativeiro babilônico, em 597 A. C. No artigo do *Dicionário* chamado *Arca da Aliança*, tracei as vagueações da arca, e o artigo *Tabernáculo* descreve os movimentos da tenda sagrada. Ver as notas sobre o tabernáculo temporário de Davi em II Sam. 6.1. A arca traria a presença de Deus, e a presença de Deus traria a época áurea de Israel, por meio de Salomão, filho de Davi. A arca estava agora no tabernáculo temporário de Davi. O restante dos móveis, pelo menos a maioria, continuava em Gibeom. Tudo seria unificado no templo de Salomão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Templo de Jerusalém*.

A construção de um templo belo e nobre era o equivalente a buscar o favor de Yahweh. Essa busca não deixaria de ser notada por Deus.

Finalmente, a alma humana tomar-se-ia o templo do Espírito (ver I Coríntios 6.19), e o templo coletivo do Espírito Santo seria a Igreja (Efé. 2.19 ss.). E então os homens passariam a buscar Deus *no seu íntimo*, e não em alguma estrutura material.

Capítulo Vinte e Três

Os Deveres dos Levitas (23.1 – 26.32)

O autor sacro voltou agora sua atenção para a casta sacerdotal e para os levitas, que supriam tanto os sacerdotes como os ministros secundários da obra do templo. Eles tinham sido nomeados pela lei mosaica para o ministério do tabernáculo. Visto que o templo estava tomando o lugar da estrutura temporária e mais antiga, os levitas em breve serviriam no culto de Jerusalém. Nosso autor sagrado (que viveu após o retorno do cativeiro babilônico) estava ansioso para

mostrar que, embora Israel tivesse voltado sob a forma de uma única tribo, *Judá*, mesmo assim a legitimidade estava preservada, pois os levitas retornaram em número suficiente para efetuar o culto divino. Embora o cronista falasse sobre o que sucedeu a Israel no tempo de Salomão, ele, em sua posição após o cativeiro assegurava aos leitores, indiretamente, da legitimidade do culto de seus próprios dias. A dinastia davídica continuaria após o retorno dos judeus do cativeiro babilônico.

Davi, com meticuloso cuidado, proveu o templo com seu culto apropriado, em concordância com a legislação mosaica, que era o coração de tudo. Ver I Crô. 22.12,13. A passagem que se segue, por acordo comum entre os críticos, oferece "os problemas mais desconcertantes e intricados para a crítica... Essa exegese parte do pressuposto que o cronista viveu antes do surgimento da rígida distinção entre sacerdotes aarônicos e demais levitas... O principal motivo das atividades dos revisores, ao alterarem e adicionarem ao texto o que o autor sacro havia escrito, foi a sua freqüente inconsistência com essa distinção" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Irei anotando as dificuldades ao longo do caminho.

"Após uma breve notícia sobre a coroação de Salomão, durante a idade avançada de Davi, o cronista passa para o principal assunto dos capítulos 23-26: a organização dos sacerdotes e dos levitas por Davi. O capítulo diante de nós apresenta: 1. um relato sumário do número e dos vários deveres dos levitas (vss. 2-5); 2. as casas dos pais ou clãs dos levitas, com um apêndice de observações acerca dos deveres daquele tempo em diante (vss. 6-32)" (Ellicott, *in loc.*).

23.1

Sendo, pois, Davi, já velho e farto de dias. O *autor* já havia glorificado a dinastia davídica na incumbência dada por Davi a Salomão e aos líderes de Israel (I Crô. 22.6-19), e agora passou por cima da cerimônia de coroação de Salomão (a qual, sem dúvida, foi magnificente). O autor sagrado meramente menciona a coroação e apressa-se por chegar ao que fazia parte de seu propósito para este capítulo, a obra dos levitas no novo templo. Ver os comentários de introdução anteriormente.

"Fica entendido que longos anos se passaram entre o seu ajuntamento dos levitas e o discurso de Davi, registrado no capítulo 22. É mesmo provável que a passagem inteira tenha sido inserida por um revisor e que sua obra foi, por sua vez, sujeitada em certos lugares (por exemplo, vss. 24-27,32) a ainda outra emenda" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Talvez Davi tivesse setenta anos na ocasião, mas ainda não estivesse recolhido ao leito. Ver I Crô. 28.2. Adonias foi rejeitado como rei, e Salomão confirmado como monarca. Ver a história contada com mais amplitude no primeiro capítulo de I Reis, especialmente os vss. 32-48. O trecho de I Crô. 23.1 provavelmente quer dizer que Salomão se tornou co-regente com Davi. O trecho de I Crô. 29.22b significa que ele se tornou rei sozinho.

Velho e farto de dias. Ver Gên. 25.8.

23.2

Ajuntou todos os príncipes de Israel. Temos aqui a reunião dos levitas e de suas tarefas, nos vários misteres no templo.

Caracterização Geral. "No fim da vida de Davi, ele entregou as rédeas do governo a Salomão (vs. 1) e então ocupou-se da tarefa de organizar e assegurar a perpetuação de uma estrutura política e religiosa que satisfaria o melhor possível às necessidades da nação de Israel. Ele mandou contar os levitas que tinham trinta anos de idade ou mais, sendo essa a idade legal para que eles começassem seu ministério (ver Núm. 4.3). O total foi 38.000 levitas. Esse número foi então dividido como segue: 24.000 para o trabalho do templo; 6.000 para servirem como oficiais e juízes; 4.000 como porteiros e 4.000 como músicos (vss. 3-5). Cada uma dessas divisões deu origem, por sua vez, a grupos de acordo com a descendência de suas famílias a partir de Levi (vs. 6)" (Eugene H. Merrill, in loc.).

Todas as medidas importantes foram então submetidas à assembléia geral para serem aprovadas (ver I Crô. 13.1; 15.25; 22.17; 26). Os cabeças das tribos e outros oficiais teriam de votar a favor do plano geral. Ver em I Crô. 22.17 as notas sobre os *príncipes*.

23.3

Foram contados os levitas de trinta anos para cima. Tudo foi feito de acordo com o modelo deixado por Moisés (ver Núm. 4.3,23,30 : foram contados os levitas de trinta anos para cima, a idade em que eles podiam começar o ministério. O censo foi feito de acordo com o *crânio*, conforme diz, literalmente, o hebraico, isto é, cada *homem* foi contado. As mulheres, como é óbvio, embora também fossem descendentes de Levi, não foram contadas, visto que não estavam qualificadas para o sacerdócio e ministerio. Os números aqui excediam vastamente o número relatado nos dias de Moisés. Ver Núm. 4.48,49. Os levitas com cinqüenta anos ou mais não foram contados, mas esse recenseamento incluiu os homens mais velhos. Agora eles não mais precisavam carregar o tabernáculo com seus pesados móveis, portanto homens mais idosos eram capazes de ocupar-se das tarefas atribuídas por Davi. O vs. 27 deste capítulo diz que foram contados os levitas de *vinte anos* para cima.

23.4.5

Ver a *Caracterização Geral*, apresentada no versículo segundo deste capítulo, que explica como os 38.000 levitas foram divididos para tarefas específicas. O trabalho sacerdotal e os ministérios secundários foram planejados, e os homens foram nomeados para suas respectivas tarefas. O próprio templo contava com o trabalho de 24.000 homens, em grupos que se revezavam. Mil deles serviam a cada semana. Além disso, havia o trabalho fora do templo, no qual oficiais e juízes serviam. "Eles agiam como juízes de paz nas várias partes do país, ouvindo causas e administrando justiça entre o povo, estando treinados na lei de Deus, tanto no campo civil quanto no campo religioso. Alguns deles eram mais apropriadamente juízes, enquanto outros executavam as sentenças proferidas. Ver Deu. 16.18 e 17.9" (John Gill, *in loc.*).

Além desses, havia 4.000 porteiros, guardiães dos recintos do templo. Um número adicional de 4.000 levitas cuidava do ministério da música. Cf. II Crô. 29.26 e Nee. 12.36. Obviamente, Davi, como músico mestre, inventou alguns dos instrumentos usados pelos levitas. Parte da música utilizada era executada por esses instrumentos, segundo depreendemos dos títulos de vários dos salmos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais*. Ver Amós 6.5 quanto a um comentário negativo a respeito dos criadores de instrumentos musicais, em imitação ao que Davi havia feito.

23.6

Davi os repartiu por turnos. A primeira grande divisão dos levitas foi feita de acordo com os três ramos dos descendentes de Levi, por meio de seus três filhos: Gérson, Coate e Merari. Esses, por sua vez, foram subdivididos segundo os vários tipos e as tarefas a serem realizadas. Cf. Êxo. 6.16. Ver também I Crô. 24.3 e Gên. 14.15. "Esses foram enumerados de acordo com as casas de seus pais, mas não mais são mencionados além dos 24.000, que estavam ocupados na obra do templo. As 'casas dos pais' desses levitas correspondiam às 'classes' segundo as quais ele e os sacerdotes foram divididos (Josefo, *Antiq.),* tal e qual os sacerdotes foram divididos (ver I Crô. 24.30,31; 26.20-38)" (Jamieson, *in loc.*).

23.7

Muitos dos nomes dados ocorrem de novo nos trechos de I Crô. 24.30,31 e 26.20-28. Mas os nomes dos músicos (I Crô. 25.1-31), dos porteiros (I Crô. 26.1-19), dos escribas e dos juízes (I Crô. 26.29-32) são totalmente diferentes. O *Dicionário* dá artigos acerca desses nomes, e o pouco que se sabe sobre eles é ali asseverado. Usualmente, tudo quanto sabemos foi que eles eram levitas designados para as tarefas especificadas nos textos que apresentam seus nomes.

Os *vss. 7-11* dão os nomes de *nove* casas ou guildas dos levitas gersonitas. "Os turnos dos levitas foram formados de acordo com a divisão natural já existente; isto é, coincidiam com as casas dos pais. Sem dúvida eram vinte e quatro dessas casas, tais como aquelas de seus irmãos, os músicos (I Crô. 25.31) e como as classes sacerdotais (ver I Crô. 24.4). Assim disse Josefo (*Antiq.* vii.14,7)" (Ellicott, *in loc.*).

Ladã e Simei. Cf. I Crô. 6.17 onde os dois ramos principais dos gersonitas são chamados *Libni* e *Simei*. Ladã não é a mesma coisa que Libni, mas é um ramo daquela família, proeminente no tempo de Davi. Cf. Êxo. 6.17.

23.8

Filhos de Ladã. São listados *três filhos* de Ladã. Provavelmente trata-se de *descendentes* (e não de filhos diretos), e o principal deles era *Jeiel*. Dos *nove* "pais de casas", seis descendiam de Ladã e três de Simei.

23.9

Selomote, Haziel e Harã. Descendente de Ladã, o *Simei* deste versículo não é o mesmo Simei do versículo seguinte, irmão de Ladã (vs. 7).

23.10

Filhos de Simei. Este Simei era irmão de Ladã e descendente de Gérson, conforme declarou Kimchi. Nomes similares semeiam confusão nos textos. O nosso texto diz "filhos", porém a interpretação mais provável é "descendentes". As quatro casas eram contadas como *três*, porque as duas últimas a serem mencionadas, Jeús e Berias, eram numericamente fracas, e consideradas uma única casa ou classe, conforme aprendemos no versículo seguinte.

23.11

Jaate... Ziza. Os clãs desses dois homens eram numerosos, de modo que foram contados como casas separadas, mas os de Jeús e Berias foram contados como uma única casa, por causa de seu pequeno número. Assim Simei, filho de Gérson (vs. 7), deu origem a quatro líderes, mas a somente três casas. Portanto, no total, havia *nove clãs* gersonitas — *seis* através de Ladã e *três* através de Simei —, e eles, por sua vez, faziam parte dos 24.000 (vs. 4).

Filhos (Descendentes) de Coate (23.12-20)

23.12

Coate. Segundo filho de Levi, dele descendia um clã que sempre esteve envolvido no ministério sagrado. São listados quatro de seus descendentes. Cf. Êxo. 6.18. Coate foi o fundador de *nove* casas levíticas. De sua linhagem veio a casta sacerdotal, via Arão (vs. 13).

23.13

Filhos de Anrão: Arão e Moisés. A linhagem de Arão (Aarão) foi separada para o ofício sacerdotal. Outros levitas tinham funções secundárias, tanto no templo quanto nas cidades, como juízes e magistrados. Os críticos supõem que essa rígida distinção não tenha ocorrido no tempo de Moisés, mas tenha resultado do processo histórico. "O autor salientou as ordenanças da *lei final* dos sacerdotes" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*). Ver Êxo. 6.20 quanto a Arão como filho de Anrão, e Núm. 6.23-27 quanto à distinção da linhagem aarônica. Cf. Deu. 10.8.

Para queimar incenso. Ou seja, para trabalhar nos deveres sacerdotais dos sacrifícios, dos serviços do templo, incluindo a queima do incenso.

"O sentido é que os sacerdotes representavam um grau mais elevado de santidade, uma consagração mais completa que a dos levitas, porquanto foram chamados para desempenhar um ministério mais elevado e mais santo" (Ellicott, *in loc.*). Esse clã seria especialmente ativo em *bendizer o nome de Yahweh,* por causa de sua função superior. Isso deveria ocorrer "eternamente", mas quão breve se revelou esse "eternamente"! Em Cristo, todas as funções sacerdotais se combinaram, mas, antes mesmo de Seu tempo, o templo e suas funções sacerdotais e levíticas desapareceram da face da terra. O cativeiro (ou dispersão) romano cuidou disso com eficácia, pois a partir de 132 D. C. o que sobrou de Israel foi espalhado por todo o império romano. Somente em nossa época (1948) houve a restauração da nação de Israel, porém *sem* os antigos ritos que se haviam tornado *obsoletos* de longa data.

23.14

Quanto a Moisés. Em contraste com os descendentes de Arão, o grande líder Moisés produziu levitas de menos distinção e função. Este versículo informa-nos desse fato. Moisés foi levantado como o grande legislador. Também foi notório profeta, mas seus descendentes eram levitas comuns. Dessa forma, o governo civil ficou ao encargo de Josué, e o sacerdócio passou a ser responsabilidade de Arão.

Homem de Deus. Moisés foi um instrumento especial de Yahweh. Ver Deu. 33.1; Sal. 90 e Jos. 14.6 quanto ao título dado a Moisés no presente versículo. Moisés recebera uma *missão divina,* o que explica seu título. Os profetas também eram chamados "homens de Deus". Timóteo, filho espiritual de Paulo e ministro notável, também recebeu essa denominação (ver I Timóteo 6.11).

23.15

Os filhos de Moisés: Gérson e Eliezer. Ver Êxo. 18.3,4. Os filhos de Moisés foram classificados juntamente com os levitas em geral, mas eram distinguidos dos filhos de Arão, os sacerdotes. O *Dicionário* dá artigos sobre os nomes que aparecem no texto presente, e ali são fornecidos alguns detalhes.

23.16

Os vss. 16 a 20 listam a descendência de Moisés. A posteridade de Gérson, no tempo de Davi, era chamado Sebuel (Subael) (ver I Crô. 24.20). O Targum faz ele ser o mesmo Jônatas (Juí. 18.30).

Os descendentes de Moisés compunham-se de duas casas paternas, ou clãs, a saber, Subael e Reabias.

23.17

Filho de Eliezer: Reabias. Eliezer teve apenas um filho, Reabias, mas este teve muitos filhos e foi um chefe importante em Israel. O Targum acrescenta aqui que os descendentes de Reabias eram 600.000 nos dias de Davi, mas esse é um número improvável. Seja como for, o clã que descendia de Reabias era muito grande e mereceu a atenção do cronista.

23.18

Filhos de Jizar: Selomite, o chefe. Jizar (Izar) foi o segundo filho de Coate, e seus filhos compunham um clã, a saber, o de Selomite (I Crô. 24.22).

23.19

Filhos de Hebrom. Os filhos de Hebrom compunham-se de *quatro casas* ou *clãs.* Seus nomes figuram em I Crô. 24.23. Hebrom foi o terceiro filho de Coate (vs. 12).

23.20

Filhos de Uziel. Os filhos de Uziel constituíam *duas casas* ou *clãs.* Os *nove* clãs de Coate são novamente apresentados em I Crô. 24.20-25. Uziel era outro filho de Coate, cujos descendentes assumiram posições como ministros em Israel.

Filhos (Descendentes) de Merari (23.21,22)

O *autor sacro* continua aqui sua cuidadosa delineação dos clãs dos levitas, a quem Davi nomeou para o culto divino. Havia descendentes dos levitas em número suficiente para, terminado o cativeiro babilônico, renovar o culto divino, a despeito do golpe devastador que isso representou. Portanto, no tempo de Davi, o ministério era autenticado pelas genealogias, e outro tanto se deu após o cativeiro. A lei de Moisés precisava ser satisfeita para que Israel fosse um povo distintivo. Ver a *distinção* de Israel, em Deu. 4.4-8.

23.21

Filhos de Merari: Mali e Musi. Merari, o terceiro filho de Levi, teve dois filhos: *Mali* e *Musi.* E deles levantou-se o restante do ramo levita de Merari. Ver Êxo. 6.19; Núm. 3.33 e I Crô. 6.19. Ver também I Crô. 24.28,39 quanto a detalhes.

23.22

Morreu Eleazar, e não teve filhos, porém filhas. Ninguém sucedeu a Eleazar, e primos casaram-se com suas filhas, alguma informação verdadeira quanto aos fatos históricos, a qual se reveste de certo interesse para a mensagem do capítulo. A casa de Eleazar, por conseguinte, mesclou-se à casa de Quis, cumprindo-se a lei de Núm. 36.6-9. Os filhos de Mali eram assim representados nos dias de Davi pela casa de Quis. Cf. I Crô. 24.29.

23.23

Os filhos de Musi: Mali, Eder e Jeremote, três. "Esses, com os filhos de Quis, compunham somente *quatro* casas meraritas, ao passo que *seis* eram requeridas para formar um total de *vinte e quatro* casas levíticas. Mas I Crô. 24.26,27 mostra que os registros do cronista dão conta de um terceiro filho de Merari, chamado *Jaazias,* cujos descendentes constituíam as três casas de Soão, Zacur e Iri, no tempo de Davi. Acrescentando essas casas, obtemos *sete clãs,* uma a mais para o nosso propósito. Talvez o Mali do presente versículo seja uma repetição equivocada do vs. 21, devido a algum erro escribal antigo" (Ellicott, *in loc.*).

23.24

São estes os filhos de Levi. O autor sagrado listou as *três classes* das famílias dos levitas (os descendentes dos três filhos de Levi). Temos aqui uma interessante emenda que o autor apresentou como obra de Davi. A idade normal para um levita entrar no ministério era aos trinta anos, conforme vimos nas notas expositivas sobre o vs. 3 deste capítulo. Os críticos sugeriram que a mudança de trinta para vinte anos ocorreu após o cativeiro babilônico, quando foi construído o segundo templo, por volta de 520 A. C. Visto que havia poucos levitas restantes, devido à calamidade do cativeiro, foi mister diminuir a idade requerida, a fim de que houvesse levitas suficientes para o culto sagrado. Os eruditos conservadores, entretanto, tomando o texto como aplicável aos dias de Davi, supõem que ele tenha feito a mudança. Nesse caso, não há razão alguma para atribuir a ele essa mudança no limite mínimo de idade. Por certo, não existia falta de levitas no tempo de Davi. A outra explicação diz que a idade mínima de vinte anos entrou no texto por causa de um erro escribal de transcrição, uma conjectura que não convence, e uma solução *ad hoc,* ou seja, criada apenas para explicar a dificuldade, sem evidências comprobatórias.

23.25

O Senhor Deus de Israel deu paz. O descanso possibilitado pelas conquistas militares que Davi efetuou, ajudado pelas contínuas provisões de Deus, tornou

possível aos levitas atuar sem temor, e assim cumprir os deveres no culto divino. Jerusalém era a nova capital de Israel, mas incorporava a *antiga adoração* que era governada pela legislação mosaica. Davi cuidou para que todos os requisitos dessa legislação fossem honrados. Davi deu a Israel um novo começo, e assim deixou todas as coisas em ordem. Não devemos esquecer nunca que ele foi um instrumento de Yahweh para um novo tempo, a monarquia unida. O templo deu permanência ao culto.

> *Pois o Senhor escolheu a Sião,*
> *preferiu-a por sua morada:*
> *Este é para sempre o lugar do meu repouso;*
> *aqui habitarei, pois o preferi.*
>
> (Salmo 132.13,14)

Haviam terminado os dias de perambulação pelo deserto, quando a tenda (ou tabernáculo) acompanhava o povo de Israel. Três vezes por ano, para os festivais principais, todos os varões de Israel tinham de comparecer em Jerusalém e participar das festividades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Festas (Festividades) Judaicas*. Mas Jeroboão, ao revoltar-se contra Roboão, filho de Salomão, e, ao separar as tribos do norte das tribos do sul, imediatamente interrompeu a unidade e proibiu os nortistas de participar do culto de Jerusalém. Betel e outros centros antigos logo se tornariam locais de reunião para o norte, e uma desgraçada apostasia em breve haveria de controlá-los. O sul também entraria em um infeliz período de apostasia, até que o cativeiro babilônico poria fim à questão. Então tornar-se-ia necessária a renovação, terminado o cativeiro babilônico.

23.26

Os levitas já não precisarão levar o tabernáculo. O trabalho maçante da vida nômade, que requeria que o tabernáculo fosse carregado por toda a parte, chegou ao fim. Era tarefa dos levitas transportar a tenda e seus acessórios. Ver Deu. 10.8 quanto a esse dever dos levitas. O trabalho, pois, foi aliviado, de maneira que os levitas ainda poderiam ser mais *meticulosos* na conclusão de seus afazeres sagrados. Eles tinham a paz, o tempo e a juventude a seu favor.

23.27

Segundo as últimas palavras de Davi. Pouco antes de sua morte, Davi baixou ordens concernentes ao andamento do culto divino, o que mostra quão importante era essa questão para ele. Ao que tudo indica, o autor sagrado estava dizendo que Davi ordenou um *recenseamento* dos levitas pouco antes de sua morte. Todos os levitas que tinham vinte anos ou mais deveriam garantir pessoal suficiente para as muitas tarefas da casta ministerial.

23.28

O cargo destes era. Os levitas não-aarônicos tinham um ministério secundário em relação à linhagem de Arão. Ajudavam os sacerdotes, juízes e oficiais, mas não eram sacerdotes. Assim, todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Pelo menos essa é a verdade no que toca à história posterior de Israel. Os críticos pensam que essa distinção ocorreu mais tarde. Os eruditos conservadores, entretanto, supõem que ela tenha começado com o próprio Arão, o primeiro sumo sacerdote. Ver, no *Dicionário*, os artigos que esclarecem essas questões, chamados *Levitas* e *Sacerdotes e Levitas*. Embora os levitas não-aarônicos ocupassem posições de responsabilidade em Israel, também tinham de realizar trabalhos manuais e pesados no tabernáculo, e então no templo de Jerusalém: limpeza, arranjo dos apartamentos e carregamento para fora da imundícia deixada pelos sacrifícios sangrentos. Também precisavam limpar continuamente todos os vasos sagrados. Cf. II Crô. 30.19. Eles tinham de manter os recintos do templo em boa ordem, de modo que o trabalho deles não se limitava ao recinto do templo. Outros deveres dos levitas também foram descritos.

23.29

A saber. Os *instrumentos* do templo e a preparação dos pães da proposição e dos bolos para as ofertas de cereais também estavam sob a responsabilidade dos levitas não-aarônicos. Ver I Crô. 9.31,32. Ver o segundo capítulo do livro de Levítico quanto a detalhadas descrições e notas expositivas. Assim sendo, os *materiais* usados nos sacrifícios e nas oferendas, animais e vegetais, deveriam ser cuidados e preparados pelos levitas não-aarônicos, ao passo que os próprios sacrifícios eram realizados somente pela linhagem de Arão. Ver a informação dada em Êxo. 29.40. Proporções fixas eram requeridas nas oferendas. Ver Êxo. 30.13.

"Alguns dos rabinos pensavam que os sacerdotes semeavam, colhiam, moíam amassavam e coziam o grão com os quais os pães da proposição eram feitos, mas parece que isso é um erro de opinião" (Adam Clarke, *in loc.*). Essas tarefas pertenciam aos levitas não-aarônicos.

23.30

Para renderem graças ao Senhor, e o louvarem. *Louvores e cânticos*, acompanhados por instrumentos musicais, eram deveres dos levitas. Esses atos acompanhavam o culto em geral. *Ruídos de júbilo* sempre eram ouvidos do tabernáculo e, mais tarde, do templo. Os sacrifícios matinais e vespertinos eram acompanhados por esses atos e pela participação dos levitas não-aarônicos. Ver Núm. 28.6. "Isso diz respeito à função especial dos 4.000 músicos (vs. 5). Cf. I Crô. 15.4. Aqueles que matavam e tiravam o couro das vítimas dificilmente poderiam fazer parte do serviço dos cânticos" (Ellicott, *in loc.*).

23.31

E para cada oferecimento dos holocaustos. Devemos agora compreender o trabalho dos sacerdotes, os levitas aarônicos (vs. 28), embora o autor não esclareça isso neste ponto. Os críticos aproveitam-se da falta de indicações claras para declarar que o texto não faz distinção entre as duas classes de levitas, e para argumentar que isso foi imposto sobre o contexto geral por meio de uma *revisão* da prática original. Seja como for, *alguns* dos levitas não-aarônicos *ajudavam* os sacerdotes nos atos de sacrifício preparando e trazendo os animais, e retirando as escórias.

Além dos sacrifícios diários (vs. 30), havia também os sacrifícios especiais, próprios de cada estação, como os sábados, as luas novas e os sacrifícios das grandes festividades. Ver as descrições detalhadas em Núm. 28 e 29. Ver também no *Dicionário* os artigos chamados *Sacrifícios* e *Sacrifícios e Ofertas*.

23.32

Para que tivessem a seu cargo a tenda da congregação e o santuário. Nenhuma pilhagem podia ocorrer no templo; nenhum roubo de vasos era permitido; nada de atos insensatos; nenhuma conduta irregular. Os levitas faziam-se presentes para ajudar os levitas aarônicos continuamente. Cf. Núm. 18.3-5. Outro aspecto do serviço dos levitas era impedir que qualquer pessoa cerimonialmente impura entrasse nos recintos do templo e assim poluísse o lugar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo*.

Capítulo Vinte e Quatro

Organização dos Sacerdotes em Vinte e Quatro Turnos (24.1-19)

Esta parte do capítulo 24 revisa e adiciona alguns detalhes às informações apresentadas no capítulo 23. É provável que alguma informação, colhida em fontes informativas diversas, tenha inspirado as diferenças.

"A fim de implementar o plano anterior (capítulo 23), Davi conseguiu de Zadoque e Aimeleque, os dois principais sacerdotes, ajuda para separar primeiramente os sacerdotes, e então os levitas nas *divisões* em que deveriam servir" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

24.1

Quanto aos filhos de Arão. Os filhos imediatos de Arão (enumerados neste versículo) encabeçavam os turnos dos sacerdotes. Cf. I Crô. 6.3. "Esses eram os filhos imediatos de Arão. Mas a divisão ou distribuição da posteridade deles em classes ocorreu no tempo de Davi. Os sacerdotes descendiam dos dois últimos filhos" (John Gill, *in loc.*). Esses dois últimos filhos eram Eleazar e Itamar.

24.2

Nadabe e Abiú morreram. Feridos pelo julgamento ferido, eles morreram antes de seu pai, Arão. A história é relatada no capítulo décimo do livro de Levítico. Os dois que morreram ainda não tinham filhos, razão pela qual a linhagem de Arão se perpetuou através de seus dois filhos mais novos, a saber, Eleazar e Itamar. "Dentre esses dois homens principais das respectivas famílias, um funcionava como sumo sacerdote, e o outro era o *sagan*, ou deputado; ou, *então*, ambos oficiavam como sumos sacerdotes, alternando-se até que um foi removido no tempo de Salomão e o outro tornou-se o único sumo sacerdote. Portanto, seus descendentes, os sacerdotes... eram as pessoas que Davi dividiu em turnos... para realizar seu ofício como sacerdotes no serviço do templo" (John Gill, *in loc.*). Enquanto Arão continuou vivo, Eleazar e Itamar serviam como deputados. Após a morte de Arão, Eleazar sucedeu a seu pai e tornou-se o sumo sacerdote. Sob Eli, o sumo sacerdote, a linhagem de *Itamar* reassumiu o ofício sumo sacerdotal.

24.3

Aimeleque dos filhos de Itamar. *Aimeleque* é citado aqui no lugar de *Abiatar*, que foi sumo sacerdote no tempo de Davi. Talvez Abiatar também fosse chamado Aimeleque, pois pai e filho poderiam ter o mesmo nome. O vs. 6 diz-nos que Aimeleque era filho de Abiatar. Eles pertenciam à linhagem de Itamar. Zadoque e Aimeleque ajudaram Davi na distribuição dos sacerdotes em turnos. Ver em II Sam. 15.24,25 e 20.25 informações sobre Abiatar como sumo sacerdote nos dias de Davi. Cf. I Crô. 18.14-17.

24.4

Eram mais os filhos de Eleazar... do que os filhos de Itamar. Havia vinte e quatro turnos de clãs. Eleazar contribuiu com dezesseis clãs, e Itamar com oito. Jarchi informa-nos que, para o tabernáculo, enquanto este permaneceu em Silo, havia apenas dezesseis turnos, assim, na época de Davi, esse numero havia crescido. Mas alguns eruditos pensam que não houve nenhum turno antes do tempo de Davi, e foi ele quem inventou o sistema. Os críticos datam essa invenção de um tempo ainda posterior. Seja como for, havendo agora vinte e quatro turnos, cada um serviria cerca de duas semanas por ano, de modo que o ministério dos levitas e dos sacerdotes envolvia certo aspecto democrático. As divisões estavam baseadas no número dos chefes de famílias ou clãs, e não nos totais dos clãs propriamente ditos, mas é de presumir que os clãs maiores tivessem um número maior de chefes

Estamos tratando com os chefes sacerdotais que serviam no templo, e não com os levitas que se tornaram juízes e autoridades civis, conforme deixa claro o vs. 5.

24.5

Repartiram-se por sortes, uns como os outros. As divisões foram feitas por meio de *sortes,* procedimento que, provavelmente, reverbera que, de outro modo, haveria disputas em torno das nomeações. Tudo foi deixado ao sabor da *sorte*; mas devemos lembrar que Yahweh era tido como o governador da sorte. Ver no sexto versículo comentários referentes ao uso de *sortes.*

Príncipes do santuário e príncipes de Deus. Essas expressões mostram que, do começo ao fim, está em foco o culto no templo. Por isso havia vinte e quatro turnos. Este capítulo não leva em consideração os levitas que serviam em outras funções por todo o território de Israel. Os levitas que se tornaram autoridades civis não faziam parte dos vinte e quatro turnos. Estão em vista os cabeças dos clãs, aqueles chefes que encabeçavam os turnos. Também havia mais levitas que podiam servir no culto sagrado, o que explica a necessidade da nomeação por sortes. Como é óbvio, a precedência *na ordem* da ministração também era determinada por sortes. Ver os vss. 7-18 deste capítulo.

24.6

Semaías, escrivão. O levita *Semaías* recebeu o ofício de escrivão. Ele era um escriba chefe que cuidava da escrituração, registrando os resultados das sortes lançadas, de modo que se cumprisse o que havia sido determinado. As sortes, mui provavelmente, eram pedaços de madeira contendo nomes inscritos, lançados em uma urna e subseqüentemente retirados ao acaso. O negócio foi feito na presença de importantes testemunhas, incluindo os sumos sacerdotes. Foi uma atividade pública, a fim de evitar qualquer fraude.

Alternadamente, para Eleazar e para Itamar. Um nome era escolhido para representar a casa de Eleazar, e então outro nome era escolhido para representar a casa de Itamar. Estão aqui em vista os cabeças que eram responsáveis por liderar a participação do clã durante as duas semanas de seu serviço e glória. Pode-se supor que dentro do próprio clã houvesse mais membros que podiam participar do serviço divino, e alguma espécie de lançamento de sortes reduziria esse número. Ver também o vs. 31.

Ordem do Ministério dos Vinte e Quatro Turnos (24.7-18)

24.7-18

Estes versículos nos dão os resultados do lançamento das sortes. Em cada caso, o nome do *cabeça* do clã está em pauta. Era, pois, sua tarefa encabeçar o trabalho de do clã pelas duas semanas em que aquele *turno* estaria ativo no serviço sagrado. Cada turno consistia em mil homens (I Crô. 23.4).

Temos aqui nomes de indivíduos, mas também vinculados aos turnos que eles fundavam. Por exemplo, *Jeoiaribe* e *Jedaías* (vs. 7) também são listados entre os que retornaram do exílio babilônico (ver I Crô. 9.10; Nee. 7.39). Zacarias, pai de João Batista, pertencia à divisão de *Abias* (I Crô. 24.10; Luc. 1.5)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"De todos esses cursos, sabemos pouco mais que os seus nomes, embora tivessem continuado, de uma forma ou de outra, tanto sob o primeiro como sob o segundo templo. As autoridades judaicas dizem-nos que somente *quatro* dos turnos voltaram do cativeiro babilônico, a saber, os de Jedaías Hanm, Pasur e imer. *Pasur* não aparece listado aqui, mas os oficiais judaicos afirmam a sua autoridade" (John Gill, *in loc.*).

Os turnos sobreviventes foram:

1. *Jedaías (vs 7)*
2. *Harim (vs. 8)*
3. *Pasur (não mencionado no presente texto)*
4. *Imer (vs. 14)*

Essa representação, embora pequena, foi suficiente para dar ao segundo templo autoridade levítica para que Israel pudesse ter um novo começo por meio da tribo isolada de Judá. A autoridade civil foi transmitida através da dinastia davídica.

Matatias, que era da família dos Macabeus, pertencia ao turno de Jeoiaribe (vs. 7), o primeiro e, presume-se, o mais prestigioso dos turnos, que deu àqueles governantes o direito divino de continuar o culto divino. O grande historiador judeu, Josefo, também pertencia a esse turno. O pai de João Batista pertencia ao turno de Abias (Luc. 1.5). Ver o vs. 10. A maioria dos nomes dessa lista não é confirmada em nenhum outro lugar fora dos livros de Crônicas; assim, se houve alguma informação importante acerca deles, fomos furtados disso pelo processo histórico.

24.19

O ofício destes no seu ministério. Os levitas sacerdotais (descendentes de Arão) foram assim ordenados para o culto sagrado e efetuavam suas tarefas. Alguns estudiosos calculam que cada turno serviu por duas semanas, mas outros falam em apenas uma semana. Cada turno consistia em mil homens, como aprendemos em I Crô 23.4.

Segundo a maneira estabelecida por seu pai Arão. Somente levitas diretamente descendentes de Arão podiam atuar como sacerdotes, e cada qual tinha de servir em concordância com a legislação que governava essa casta.

"Todas as funções sacerdotais estavam fixas, e cada um dos vinte e quatro turnos desempenhava suas responsabilidades por uma semana, em rotação com os outros turnos, a começar por um sábado (II Reis 11.9; II Crô. 23.8). Josefo (*Antiq.* vii.14.7) declarou que o arranjo de Davi perdurou até os seus próprios dias" (Ellicott, *in loc.).*

Os Novos Levitas Não-gersonitas e Seus Grupos Ministrantes (24.20-31)

24.20-31

Esta lista ignora os gersonitas por razões não declaradas ou meramente acidentais. *Mas talvez* esses levitas tivessem deixado de trabalhar quando esta lista foi compilada. Os gersonitas aparecem listados em I Crô. 23.7-11, mas isso pode ter sido uma compilação mais antiga, refletindo uma época em que os homens daquele clã ainda estavam ativos. A lista tem alguns nomes comuns aos da lista do capítulo 23, mas vários nomes são diferentes, provavelmente indicando tempos posteriores. Ver as notas sobre o vs. 31, quanto a idéias adicionais.

Caracterização Geral:

1. A lista cita primeiro os *coatitas* (vss. 20-25).
2. Então aparecem os clãs de *Merari* (vss. 26-30).
3. Os clãs de Gérson são ignorados, conforme declarei e comentei na introdução ao vs. 20.
4. "Essa lista não tem conexão integral com seu contexto, e como ela se relaciona à lista em I Crô. 23.6-24 é um quebra-cabeça. Parece uma adição bem tardia, pois ignora os gersonitas, que já poderiam ter deixado de atuar no tempo de sua compilação" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).
5. Os coatitas (vss. 20-25). "A lista deles começa com *Anrão* (vs. 20), e com o descendente de *Subael*, *Jedias*. O segundo anramita foi *Reabias,* cujo filho foi *Issias* (vs. 21, cf. com I Crô. 23.16-20). Os *jizaritas* são listados em seguida (I Crô. 24.22; cf. 23.18). Depois vêm os de *Hebrom* (vs. 33; cf. 23.19) e os de *Uziel* (vss. 24,25; cf. 23.20). Todos esses são coatitas (ver também I Crô. 23.12)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).
6. Os filhos de Merari (vss. 26-30). Os nomes dados nestes cinco versículos são os mesmos da lista de I Crô. 23.21-23, exceto pelo fato de que temos várias adições, a começar nos vss. 21-23, de *Jerameel* a *Quis.* Em seguida, há menção a outra linhagem, a saber, a de *Jaazias* (vss. 26 e 27). Presume-se que essas pessoas representassem uma descendência de tempos posteriores, após a compilação do capítulo 23. Finalmente, temos os filhos de Musi. Cf. I Crô. 23.23.
7. Os filhos dos levitas (vs. 30). Esta expressão (um subscrito) sugere que a lista original era mais completa e incluía os gersonitas. Provavelmente a apresentação da lista original foi abreviada pelo autor sagrado, e também pode ter contido várias omissões acidentais (ou propositadas).

8. *Vs. 31.* Os levitas não-aarônicos receberam suas tarefas, e os períodos de tempo em que serviriam (ajudando os sacerdotes) também foram definidos por *sortes.* Cf. os vss. 5 e 6, cujas notas aplicam-se também aqui. Presumivelmente, vinte e quatro cursos de levitas servidores (ajudantes) foram selecionados para ajudar os vinte e quatro turnos dos levitas sacerdotais, embora o próprio autor sagrado não nos forneça esse detalhe, e não possamos saber exatamente como operava o sistema da volta para trás.

É possível que essa lista incluísse somente os que usavam o sistema da volta para trás, e não fosse uma lista representativa completa dos levitas não-sacerdotais. Isso poderia explicar algumas omissões. Talvez os gersonitas não estivessem envolvidos nesse sistema, e por isso não foram arrolados na lista.

Capítulo Vinte e Cinco

Os Levitas Músicos (25.1-31)

Conteúdo do Capítulo:

1. Os *líderes,* cabeças dos levitas músicos, eram Asafe, Hemã e Jedutum (vss. 1-6).
2. Os clãs (e descendentes) foram *distribuídos* por sortes, em vinte e quatro turnos, para servirem juntamente com os vinte e quatro turnos dos sacerdotes e levitas auxiliares (vss. 8-31). Ver a divisão dos levitas sacerdotais e ajudantes (não-aarônicos) em vinte e quatro turnos, no capítulo 24.

Caracterização Geral. "Davi organizou os músicos (vss. 1-8), correspondentes às vinte e quatro divisões dos sacerdotes (capítulo 24), e projetou vinte e quatro divisões dos músicos, arranjados sob os três grandes nomes, Asafe, Hemã e Jedutum. Cf. I Crô. 6.31-48; 15.16-24: 16.4-7,34-72; 23.5. Aqui Jedutum toma o lugar de Etã, o nome citados nas outras listas. De acordo com I Crô. 23.5, o número total de músicos era de cerca de 4.000; mas aqui (vs. 7) somente 288 (24 x 12) são considerados" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo 25).

Músicos Proféticos. O versículo primeiro evidentemente significa mais do que os músicos acompanhavam o trabalho sacerdotal com cânticos e instrumentos. Quase certamente, devemos compreender que esses homens *produziam* declarações proféticas quando estavam em estado de êxtase, induzidos pela música rítmica. Esse uso da música é bem conhecido na tradição mística, e tem sido correntemente empregado, quer sem intenção, como no caso de místicos amadores, quer propositadamente, por místicos profissionais que conhecem o poder da música.

Esses profetas profissionais, que produziam em seu êxtase declarações proféticas por meio da música, faziam parte do pessoal do templo. Havia uma subdivisão da tradição profética. Isso não significa, naturalmente, que todas (ou mesmo a maioria) de suas declarações fossem realmente inspiradas pelo Espírito de Deus. No misticismo ocorre toda espécie de coisas produzidas pelos poderes psíquicos dos homens, bons ou maus, aos quais não devemos ser tentados a chamar de *divinos.*

25.1

Davi, juntamente com os chefes do serviço. O *ministério* do templo incluía, em base regular, o uso da música, tanto sob a forma de canto como sob a forma de instrumentos musicais. Na introdução ao capítulo, dou várias referências a este fato. Quatro mil músicos estavam envolvidos, mas 288 atuavam no templo (vs. 7). Cada turno tinha doze participantes, e podemos deduzir daí que estavam envolvidos vinte e quatro turnos, pois 24 x 12 = 288. Além disso, com base nos vss. 9 ss., é mencionado especificamente doze como o número dos participantes nos vinte e quatro turnos. Esses vinte e quatro turnos pertenciam a *três* grandes clãs musicais, cujos cabeças originais (e antepassados) foram *Asafe, Hemã* e *Jedutum* (vs. 1). Jedutum pode ter sido outro nome para Etã, citado nas outras listas que tratam do assunto. Ver I Crô. 15.7 19. Cf. I Crô. 23.2 e 24.6. Os vinte e quatro turnos dos levitas sacerdotais eram ajudados por vinte e quatro turnos de levitas profetas-músicos, e, sem dúvida, o lançamento de sortes era usado para selecionar e nomear cada grupo e o período de serviço. Ver no vs. 8 comentário a respeito do uso de sortes.

Para profetizarem com harpas, alaúdes e címbalos. Isso implica mais do que dizer que eles entoavam cânticos espirituais com um conteúdo profético. O que acontecia era mais do que uma proclamação musical da revelação divina. Ver I Sam. 10.5; II Reis 3.15. Aqueles homens usavam a música para induzir o êxtase e o transe, e, nessa condição, profetizavam ou davam supostas declarações inspiradas. Em outras palavras, eles formavam uma subdivisão da tradição profética.

O *poder da música* para produzir o transe e o êxtase é bem conhecido, sendo empregado, com esse propósito, por muitos ramos da tradição mística. Chico Xavier produz seus transes por meio da música; os crentes pentecostais fazem-no através de sua música rítmica e alta, acompanhada por palmas; os africanos pagãos recorrem a atabaques e cânticos; os hindus, assim como os budistas, também valem-se de cânticos. Além disso, no Brasil, temos vários ramos do espiritismo, especialmente os que sofrem a influência africana, que usam a música e a dança para induzir o transe e o êxtase. Quanto disso, no judaísmo, no cristianismo, nas religiões e culturas não-cristãs, pode ser atribuído a bons poderes espirituais, ao Espírito de Deus, a bons poderes espirituais inferiores, como o dos anjos, é algo aberto à questão. O transe e o êxtase podem ser postos a funcionar para promover toda espécie de expressão espiritual, boa ou má. Não é necessário supor que tudo quanto acontecia no judaísmo (dessa natureza) ou no cristianismo primitivo (ou dos nossos dias) fosse bom ou espiritual. Poderes psíquicos humanos e naturais podem produzir coisas realmente fantásticas. *Algumas vezes* o Espírito Santo está envolvido, mas com muita freqüência é bastante arriscado tentar adivinhar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Música, Instrumentos Musicais.*

25.2

Dos filhos de Asafe. Asafe, nomeado para o ministério musical pelo rei Davi, teve vários filhos que foram orientados por ele para desempenhar suas tarefas. Eles estavam envolvidos na atividade de música profética, que descrevi na exposição do primeiro versículo. Como em todos os casos em que são fornecidos nomes próprios, ver o *Dicionário,* que provê artigos separados sobre esses nomes. Usualmente, nada sabemos sobre os donos desses nomes, exceto o que pode ser deduzido dos próprios textos bíblicos.

Os filhos de *Asafe* são listados nos vss. 2, 9, 10, 11 e 14. Com seus filhos e parentes, quatro dos vinte e quatro turnos de músicos levitas foram supridos. A seleção dos serviços deles e de seus tempos de serviço foi determinada pelo lançamento de sortes (vs. 8). Ver I Crô. 24.5,6 sobre essa questão. Originalmente, os quatro cursos derivados de Asafe estavam sob sua direção e controle direto. Davi havia nomeado os músicos espirituais para seu ofício (ver I Crô. 16.37-41), e devemos compreender que ele estava também diretamente envolvido na questão dos vinte e quatro turnos que serviam no templo de Jerusalém.

25.3

Quanto à família de Jedutum. Jedutum, nomeado para o ministério pelo rei Davi, teve vários filhos que foram orientados por ele para desempenhar suas tarefas. Eles estavam envolvidos na atividade de música profética, que descrevi na exposição sobre o primeiro versículo deste capítulo. Essa família proveu seis dos vinte e quatro turnos de músicos levitas. Eles, assim como os outros, foram selecionados e designados para seus períodos específicos de serviço, por meio do lançamento de sortes (vs. 8). Ver I Crô. 24.5,6 quanto a essa questão. Ver os vss. 9, 11, 15, 17, 19 e 21 quanto aos músicos descendentes de Jedutum. O ministério era de profecia (vss. 2 e 3), mas também de ação de graças e louvores a *Yahweh-Elohim,* a Fonte de todo o bem-estar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

25.4

Quanto à família de Hemã. Os filhos (descendentes) de *Hemã* formavam catorze dos vinte e quatro turnos de levitas musicais. Além do presente versículo, os vss. 5, 13, 16, 18, 20 e 22-31 dão os nomes dos membros desse clã, que participava do ministério da música e da profecia. Portanto, havia vinte e quatro turnos de levitas não-sacerdotais (ajudantes) que serviam no templo de Jerusalém. Os levitas musicais totalizavam 288 homens (vs. 7, isto é, 24 x 12 = 288). Como é óbvio, foi feita uma seleção para atingir esse número. Havia 4.000 levitas musicais (I Crô. 23.5), mas somente uma pequena porcentagem deles servia no templo.

25.5

Todos estes foram filhos de Hemã, o vidente do rei. *Presumimos* que o clã musical de Hemã fizesse mais do que tocar os instrumentos de sopro (os chifres) que este versículo menciona. *Catorze* turnos vinham desse clã, conforme nos diz o presente versículo. Além de seus catorze filhos, Hemã também teve três filhas, as quais, por serem mulheres, não tinham parte ativa no culto do templo. Filhos e filhas são presentes de Deus (ver Sal. 127.3). Mas as filhas de Hemã distinguiram-se de uma maneira que atraiu a atenção do autor. Ellicott *(in loc.)* supõe que a menção às filhas de Hemã implique que elas desempenharam algum papel no ministério da música e chama a nossa atenção para Êxo. 15.20; Juí. 11.34 e I Sam. 18.6. Sem dúvida, mulheres entoavam cânticos espirituais e algumas delas agiam como profetisas (ver o vs. 1). Mas isso era feito sobre uma base particular. Nenhuma mulher poderia servir no templo de Jerusalém.

25.6

Todos estes estavam sob a direção respectivamente de seus pais. Este versículo recapitula a questão toda: os pais eram líderes e professores de seus clãs musicais e responsáveis pelos atos de seus filhos e descendentes. Cada clã

foi preservado quanto às suas funções, através das gerações que se seguiriam. Seus membros usavam com habilidade instrumentos musicais, os três instrumentos aqui citados e os chifres (vs. 5). Eram profetas cantantes; faziam parte do pessoal do templo. Todos eles eram levitas que provinham dos três cabeças de clãs mencionados novamente no versículo presente. Este capítulo 25 mostra uma função muito elaborada, a qual foi preservada através das gerações. Havia uma *liturgia* musical. Aqueles músicos não improvisavam cada vez que apanhavam seus instrumentos, embora alguns cânticos espontâneos provavelmente também fizessem parte do ritual. O uso dos instrumentos musicais tinha de aprendido, tal como acontecia à liturgia. Havia mestre e alunos de músico, tal como havia mestres e estudantes da lei. Davi, músico e compositor habilidoso, colocou assim grande ênfase sobre a questão, pois estava consciente do poder da música para auxiliar na adoração divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais.*

25.7

O número deles... era duzentos e oitenta e oito. Este versículo fornece-nos o número do total dos profetas-músicos, isto é, 288, distribuídos entre vinte e quatro turnos, cada qual composto por doze músicos. Os versículos que se seguem continuam a repetir o número *doze*. Conforme os anos foram passando, deveria haver substituições contínuas, devidas a enfermidades e morte de membros dos turnos, além do fato de que o processo de ensino-aprendizado permitia substituições. Cada turno servia por uma ou duas semanas, conforme ocorria com os levitas auxiliares (a casta não-sacerdotal). Quando não era sua vez de servir no templo, eles tinham um ministério público e privado que envolvia a música. O templo não era o único lugar onde eles cantavam e tocavam. Havia também ministérios itinerantes (ver Êxo. 15.20; Juí. 11.34; I Sam. 18.6), e sem dúvida alguns levitas, assim como algumas mulheres, dedicavam-se a essa atividade.

25.8

Deitaram sortes. Todos os grupos, os sacerdotais (aarônicos), os não-sacerdotais (auxiliares) e os levitas músicos foram selecionados e divididos em vinte e quatro turnos, e também foram determinados os períodos de serviço por meio do lançamento de sortes. *Seleções* tiveram de ser feitas. Havia um número muito grande de levitas para que todos servissem no templo. Portanto, foi necessário definir um método para garantir a imparcialidade. Mas devemos lembrar que a *chance* era somente o instrumentos de Yahweh para cumprir um *propósito* divino, *oculto* dos homens. Já que as coisas foram entregues às mãos de Yahweh, por meio do uso das sortes, então não poderia haver queixas.

Seleção dos Turnos de Doze e Seus Tempos Determinados de Serviço (25.9-31)

25.9-31

Observações:

1. Havia vinte e quatro turnos de levitas sacerdotais cuja seleção e períodos determinados de serviço foram determinados pelo lançamento de sortes (ver I Crô. 24.1-19). Além desses, havia vinte e quatro turnos de levitas profetas e músicos que também foram selecionados e indicados para seus períodos de serviço através do lançamento de sortes (ver o capítulo 25 de I Crônicas).
2. Quanto ao uso de sortes, no tocante aos três tipos de ministério levítico, ver I Crô. 24.5 (levitas sacerdotais); 24.31 (levitas auxiliares, não-sacerdotais; 25.8 (levitas profetas e músicos).
3. Ordem de serviço dos vinte e quatro turnos dos levitas musicais.

a. Os filhos de Asafe constituíam quatro turnos: 1, 3, 5, 7 (correspondentes às indicações dos vss. 9, 10, 12, 14).
b. Os filhos de Jedutum (Etã) constituíam seis turnos: 2, 4, 8, 12, 14, 10 (correspondentes aos vss. 9, 11, 15, 21, 17).
c. Os filhos de Hemã constituíam catorze turnos: 6, 9, 11, 13, 15, 16, 18, 20, 22, 24, 17, 19, 20, 23 (correspondentes aos vss. 13, 16, 18, 20, 22, 23, 25, 27, 29, 31, 24, 36, 28, 30).

4. Nada se sabe sobre a grande maioria das pessoas nomeadas, exceto o que fica óbvio pelo próprio contexto bíblico. Ver o *Dicionário* quanto a artigos sobre cada um desses nomes, quanto ao pouco que se conhece a respeito.

Capítulo Vinte e Seis

Ellicott (*in loc.*) fornece-nos as seguintes divisões deste capítulo:

1. As classes dos porteiros (vss. 1-19).
2. Os guardadores dos tesouros do santuário (vss. 20-28).
3. Os oficiais encarregados dos negócios externos (não os do templo), principalmente escribas e juízes (vss. 29-32).

O capítulo 24 descreveu os vinte e quatro turnos dos levitas sacerdotais, cada qual servindo um tempo determinado durante o ano, isto é, uma ou duas semanas, e os vinte e quatro turnos dos levitas auxiliares (não-aarônicos, não-sacerdotais), que também serviam no templo, como ajudantes dos sacerdotes. O capítulo 25 descreveu os vinte e quatro turnos dos levitas profetas-músicos que também serviam por períodos determinados no templo. E agora, o capítulo 26 adiciona outro detalhe sobre o ministério do templo, levitas responsáveis por tarefas que não haviam sido mencionadas antes. E também descreve o trabalho dos levitas espalhados por todo o território de Israel, não relacionados ao templo.

Cf. um material similar, dado em I Crô. 9.17-27. Existem alguns quebra-cabeças insolúveis quando este capítulo é comparado àquela passagem.

Os Porteiros e os Guardas Levíticos (26.1-19)

26.1

Caracterização Geral. Havia três divisões de porteiros. A divisão de Meselemias, com seus sete filhos, que eram coatitas (vss. 1-3); a divisão de Obede-Edom, também formada por coatitas (vss. 4,5); e a subdivisão da família de Obede-Edom, que eram igualmente coatitas (vss. 6-11). Essas três divisões totalizavam oitenta pessoas (vss. 8,9). Além disso, havia a divisão dos meraritas, através de Hosa (vss. 10 e 11), composta por treze homens. Ao todo, existiam três divisões de coatitas (vss. 2, 3, 9, 4, 5, 6-8) e uma de Merari (vss. 10, 11). Os gersonitas não se faziam representar.

Aqueles que assim serviam no templo foram selecionados dentre os 4.000 homens disponíveis para o trabalho (I Crô. 23). Ao que se presume, esses homens também estavam divididos em vinte e quatro turnos, tal como ocorria com os levitas sacerdotais, auxiliares (não-sacerdotais) e profetas musicais, embora o texto não nos dê essa informação. Talvez o autor pensasse que compreenderíamos isso, ou então, por descuido, tenha deixado de dar-nos essa informação.

Cf. com o capítulo 24. Ver as minhas exposições sobre os vss. 20 e 31 quanto à omissão dos gersonitas no tocante aos levitas auxiliares (não-sacerdotais) que serviam no templo.

Coreítas. Ou seja, descendentes de Coré, que era filho de Izar, que, por sua vez, era filho de Coate, filho de Levi. Ver Êxo. 6.16,18,21 e os nomes próprios no *Dicionário.* Como é óbvio, os coreítas eram coatitas. Asafe, presumivelmente, supriu descendentes para o ministério musical e para o ofício de porteiros. Mas alguns intérpretes pensam que temos em vista aqui um homem diferente, caso em que Asafe talvez seria uma forma abreviada do nome Ebiasafe (ver I Crô. 9.19). Cf. Êxo. 6.24. Esse "Asafe" não era um gersonita e, sim, um coreíta. Notemos que *Meselemias* é chamado de *Selemias,* no vs. 14.

26.2,3

Os filhos de Meselemias. Este versículo lista os filhos de Meselemias, sete ao todo, que levavam avante a tradição de um serviço levítico especial. Cf. I Crô. 9.21 e o vs. 14, no presente capítulo. Os sete filhos vieram a representar sete guildas de porteiros que serviam no templo de Jerusalém.

26.4,5

Os filhos de Obede-Edom. Obede-Edom encabeçava a segunda divisão dos porteiros. Na casa desse homem a arca da aliança foi guardada por algum tempo, e por causa disso ele recebeu bênçãos especiais da parte de Yahweh. Ver I Crô. 13.14. Ele é chamado filho de Jedutum em I Crô. 16.38, mas esse homem não era o músico-chefe merarita de I Crô. 25.1, e, sim, um coreíta. Os nomes de seus filhos refletem testemunhos de seu agradecido reconhecimento do favor divino. Ver sobre eles no *Dicionário.* Quanto a Obede-Edom, o porteiro, ver I Crô. 16.38; 26.4,8,15. Quanto a Obede-Edom, o músico, ver I Crô. 13.14; 15.21; 16.38. Talvez esteja em foco um homem que serviu (em ocasiões diferentes) em ambas as funções (ver I Crô. 15.18,24; 16.4,5).

26.6-11

Estes seis versículos descrevem uma subdivisão da família de Obede-Edom, que constituía a *terceira divisão* dos porteiros. Seu filho, Semaías, foi o pai direto dessa divisão. Os homens dessa divisão tinham distinção militar, sendo *homens poderosos e de valor,* conforme se vê no texto. Cf. I Crô. 9.13 quanto a essa expressão. Alguns intérpretes dizem que isso se refere ao *trabalho diligente* deles no campo do culto espiritual, e não a feitos militares. Provavelmente tratava-se de bravos homens militares que, posteriormente, dedicaram seu valor ao templo. O versículo oitavo repete uma declaração similar, que também é ambígua. O original hebraico diz, literalmente, "homens de poder".

As três divisões dos coatitas (vss. 2,3; vss. 4,5 e vss. 6-8), e uma de Merari (vss. 10,11), totalizavam noventa e três homens. Os seus descendentes eram abun-

dantes, de maneira que precisaram ser feitas seleções, mas as divisões por famílias, para o trabalho, continuaram a ser observadas. O ramo de Merari veio através de Hosa, de quem seu filho, Sinri, constituía a chefia. Treze homens eram os representantes originais dessa linhagem, a quarta divisão dos porteiros. Os *gersonitas* não aparecem como colaboradores para formar o grupo dos porteiros. Ver I Crô. 24.20,31 quanto à não-participação deles no tocante aos levitas auxiliares (não-sacerdotais) e seu ministério subordinado como ajudantes dos sacerdotes.

Dentro dessa *quarta divisão,* Sinri, embora não fosse o primogênito de Hosa, era a principal personagem. Talvez o primogênito tivesse morrido, ou por alguma razão que não nos é dita estivesse desqualificado, ou talvez fosse homem de menor habilidade e não estivesse apto a encabeçar o trabalho.

26.12-19.

Observações:

1. *Vs. 12.* Quatro mil levitas pertenciam às guildas dos porteiros, mas os noventa e três homens mencionados eram os chefes originais e, ao longo do caminho, tinham de ser feitas seleções, visto que, como é óbvio, 4.000 homens não poderiam ser empregados nesse trabalho. Os chefes tinham a tarefa de supervisionar as vigílias, presumivelmente como cabeças dos vinte e quatro turnos dos porteiros, embora o cronista não mencione esse aspecto a respeito desses levitas.
2. *Vs. 13.* Foram empregadas sortes para selecionar os porteiros e determinar os períodos (uma ou duas semanas) em que cada grupo se mostraria ativo no templo e em seus recintos. Quanto ao uso das sortes, ver notas expositivas em I Crô. 24.5,6.
3. *Vários conjuntos* de turnos de *vinte e quatro* cada:
   a. Os levitas sacerdotais tinham seus vinte e quatro turnos (I Crô. 24.1-19).
   b. Outro tanto se dava no caso dos levitas auxiliares (não-sacerdotais), que ajudavam os sacerdotes (I Crô. 24.20-31).
   c. Então vinham os vinte e quatro turnos dos levitas profetas-músicos (I Crô. 25).
   d. E, presumivelmente, os porteiros também estavam divididos em vinte e quatro cursos (I Crô. 26.1-19).
4. *Vss. 14-19.* Estes versículos mencionam apenas qual portão cada grupo de porteiros deveria guardar, mencionando, individualmente, todas as quatro direções da bússola: leste (vs. 14), sul (vs. 15), oeste (vs. 16) e norte (vs. 17). Havia um total de vinte e quatro porteiros (vss. 17 e 18), mas os números dizem respeito somente aos líderes. Poderia haver outros, além dos líderes designados.
   a. *Selemias* (vs. 14) é o mesmo Meselemias do primeiro versículo. O portão *oriental* foi chamado, posteriormente, de Porta de Susã, pois a cidade desse nome estava desenhada no portão (*Mis. Middot.*, cap. 1, sec. 3).
   b. O portão do *sul,* veio a chamar-se *Hulda,* nome que significa *reunião.* Talvez nesse lugar fossem realizadas as reuniões públicas (*Misn. Middot,* cap. 2, sec. 3).
   c. Na muralha *ocidental* (vs. 16) havia quatro portões. Esse portão era chamado *Salequete,* que significa "jogar para baixo". Em Isa. 6.13 a palavra refere-se à derrubada de árvores. Mas no presente vs. 16, provavelmente refere-se ao lançamento de lixo. Alguns intérpretes vêem nisso um sentido diferente. Era desse portão que saía uma subida do palácio de Salomão para o templo. Ver I Reis 10.5 e Josefo (*Antiq.* 1.5, cap. 11, sec. 5). Essa subida era uma espécie de passadiço ladeado por carvalhos.
   d. O portão do *norte* (vs. 17) não é acompanhado por declarações embelezadoras, mas é mencionado apenas incidentalmente, quando é declarado o número de guardas que protegia cada portão.

Casa de depósitos (vss. 15 e 17). No hebraico, esse nome, *assumpim,* significa "armazéns". Algumas traduções, como a nossa versão portuguesa, traduzem o termo, mas em outras há apenas uma transliteração. Quatro guardas foram convocados para aquele lugar, dois para uma das portas, e dois para a outra. Nos *assupim* havia dois portões na muralha ocidental, de acordo com a interpretação do dr. Lightfoot. Mas a referência é vaga.

O vs. 17 dá-nos o número dos guardas empregados dos vários portões: *seis* são atribuídos ao portão oriental, visto ser ele o mais importante e mais movimentado.

5. *vss. 17,18.* Número total dos guardas:
   a. Seis guardas foram nomeados para vigiar a porta oriental.
   b. Quatro foram colocados no portão do norte.
   c. Quatro protegiam o portão do sul.
   d. Dois conjuntos de dois guardas ficavam nos *assupim* (casa de depósitos), dois para uma das portas e dois para a outra porta.
   e. No átrio do ocidente (vs. 18) havia um total de *seis* guardas, quatro no caminho e dois junto ao átrio propriamente dito. No hebraico temos a palavra *parbar,* que tem um significado incerto. Jamieson (*in loc.*) associa essa palavra a *parvar,* que significa "subúrbios", ver I Reis 23.11. Nesse caso, o portão mencionado pode ter sido o que dava para uma estrada que saía para os subúrbios circundantes de Jerusalém. Josefo falou em um portão que levava aos subúrbios (*Antiq.* 1.15, cap. 11, sec. 5) e ficava no lado ocidental da cidade.
   Portanto, havia ao todo *vinte e quatro* guardas, que ocupavam suas funções diariamente, mas seriam substituídos por outros, conforme se revezavam os vinte e quatro turnos.
6. *Vs. 19.* O autor sagrado encerra aqui a descrição dos porteiros, e doravante tratará de outra questão, a saber, a dos levitas *tesoureiros.*

Os Tesoureiros Levíticos (26.20-28)

Os capítulos 24 a 26 de I Crônicas descrevem com detalhes vários grupos específicos de levitas que estavam engajados no culto divino, de diferentes maneiras:

1. Os *levitas não-sacerdotais,* todos eles descendentes de Arão, os quais eram assistentes dos levitas sacerdotais (I Crô. 24.20-31). Foi especificamente declarado que eles estavam divididos em vinte e quatro turnos (vs. 18).
2. Os *levitas auxiliares, não-sacerdotais,* que não descendiam de Arão, mas eram ajudantes dos levitas sacerdotais (I Crô. 24.20-31). Esses, presumivelmente, também estavam divididos em vinte e quatro turnos (ver o vs. 31).
3. Os *levitas profetas musicais* (ver I Crô. 25). Quanto a esses, foi dito especificamente que estavam divididos em vinte e quatro turnos (I Crô. 25.31).
4. Os *levitas porteiros e guardas* (I Crô. 26.1-19). Presumivelmente, também estavam divididos em vinte e quatro turnos (ver o vs. 13).
5. Os *levitas tesoureiros* (I Crô. 26.20-28). Não há indício de que eles tenham sido escolhidos por meio do lançamento de sortes, ou divididos em vinte e quatro turnos, por isso não sabemos se esses levitas foram ou não divididos como os outros.
6. Os *levitas administradores* (I Crô. 26.29-32). Não há indício de que eles tenham sido selecionados pelo lançamento de sortes, ou divididos em vinte e quatro turnos, de modo que não sabemos se foram tratados da mesma maneira que os outros levitas. Entretanto, esses levitas não faziam parte do pessoal do templo, razão pela qual não se revezam. O número deles era de 4.400, o que talvez indique ter havido alguma necessidade de seleção.

26.20

O original hebraico é bastante estranho aqui: "... dos levitas, Aías... " O nome desse homem não é mencionado em nenhuma lista prévia, sendo introduzido abruptamente, sem nenhuma outra informação. A Septuaginta corrigiu (sem dúvida mediante conjectura) para "seus irmãos que tinham o encargo dos tesouros da casa de Deus". Isso solucionaria o problema, mas a maioria das traduções e intérpretes prefere ficar com o original hebraico. Os versículos que se seguem são caracterizados por certa confusão e uma "excepcional falta de confiança" (W. A. L. Elmslie, *In loc.*). Portanto, não seria admirável se o versículo primeiro tivesse dado início aos problemas. Uma fonte informativa separada pode ter sido incorporada, quebrando a harmonia dos textos anteriores.

Os *tesouros* do templo provinham de rendas de dízimos e ofertas, mas grande parte originava-se dos saques de guerra. Por certo, a imensa riqueza que Davi colocara no templo (capítulo 22) derivava-se, em sua maior parte, do saque dos oito inimigos derrotados de Israel (ver as notas expositivas em II Sam. 10.19). Além disso, havia contribuições da parte de potências estrangeiras amigáveis, como de Hirão, rei de Tiro, que provavelmente encheram mais ainda os cofres do templo. Ver os vss. 26 e 27, que adicionam detalhes ao que diz o vs. 20. Ver também Êxo. 30.11-14; Lev. 27; Número 18; I Crô. 29.7,8. O dinheiro era revertido no salário dos levitas, nas despesas com o sistema de sacrifícios e no culto religioso em geral.

26.21-22

Parte do gerenciamento dos recursos do templo ficara nas mãos dos gersonitas. Gérson era um dos filhos de Levi, através da linhagem de Ladã (ou Libni). Cf. Êxo. 6.17; I Crô. 6.17. Além desses havia a família de Jeieli, também envolvida, outro ramo dos gersonitas.

26.23

As pessoas aqui mencionadas eram descendentes dos quatro filhos de *Coate,* Amrã, Izar, Hebrom e Uziel (ver Êxo. 6.18). Eles participavam do gerenciamento financeiro do templo.

26.24

Um clã, descendente de Moisés e encabeçado por *Sebuel,* estava envolvido no trabalho do tesouro do templo. Cf. I Crô. 23.16. Jarchi e Kimchi faziam de Sebuel o *principal* dos tesoureiros. "O ofício de controlador-chefe dos tesouros era hereditário na casa desse anramita. Por isso ele foi chamado de governador ou príncipe.

26.25

Também estavam envolvidos os parentes de Sebuel, que vinham através da linhagem de Eliezer, cujos nomes são dados aqui e anotados no *Dicionário.* Este versículo mostra a descendência dos homens que tinham as funções e os ofícios descritos no vs. 26.

26.26

Os homens cujos nomes figuram neste versículo manuseavam os fundos e os tesouros que se originavam através da conquista militar, oferecidos por generosos capitães do exército de Israel (como Joabe e Abner; II Sam. 8.16; I Crô. 18.15; 27.34). Ver também Núm. 31.48-50. Pode-se chegar à conclusão de que aqueles que manipulavam o dinheiro e os frutos dos despojos eram, eles mesmos, notáveis militares. Mas o principal colaborador dos despojos de guerra foi o próprio Davi, aquele que havia derrotado os *oito inimigos* de Israel e tinha tomado uma quantidade prodigiosa de despojos. Ver II Sam. 8.11 e 10.19 quanto às vitórias universais de Davi. Os inimigos que ele não aniquilou, ele confinou.

26.27

Antes que o templo fosse construído, houve abundantes fundos para o projeto. E quando o templo teve de ser reparado, também houve fundos adequados. Seus imensos tesouros sob a forma de ouro, prata e bronze haviam sido conquistados mediante o saque. Israel não fazia outra coisa senão seguir um antigo costume. Os exércitos romanos dedicavam parte dos despojos que tomavam aos templos e cultos religiosos. Temos algumas linhas de autoria de *Virgílio* que ilustram esse ponto:

> *Irrimus ferro, et divos, ipsumque vocamus*
> *Im partem praedamque Jovem.*
>
> (Aen. iii.vs. 222)
>
> *(Com armas, nós, a presa bem acolhida invadimos.*
> *Então convidamos os deuses como convivas da festa,*
> *E o próprio Jove, o principal convidado.)*

(Traduzido para o inglês por Dryden e agora traduzido para o português.)

Ver II Reis 12.8 quanto à manutenção do templo, e cf. Nee. 3.4,7.

26.28

A *história* das coisas dedicadas, obtidas através da pilhagem ou de outras maneiras, é mencionada aqui, a começar por Samuel, o último juiz, que consagrou a monarquia. Devemos compreender que um considerável tesouro havia sido acumulado e esse tesouro precisava do cuidadoso gerenciamento dos levitas nomeados para a tarefa. O autor quis dizer que fazia parte da *prática geral* dos homens de guerra dedicar parte do que conquistavam ao culto sagrado, uma vez que os salários dos soldados tivessem sido pagos dos despojos. Cf. II Sam. 8.11 e II Reis 12.18. "A lei, de fato, ordenava a dedicação de todos os metais para o santuário (Núm. 1.22,23,50; Jos. 6.19)" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, havia grandes riquezas acumuladas, dedicadas à construção e manutenção do templo de Jerusalém. *Selomite* era o principal guardião e manipulador desses bens (vss. 26 e 28). Está aqui em pauta, um homem diferente, com o mesmo nome mencionado em I Crô. 23.18.

Os Administradores Levíticos (26.29-32)

Ver I Crô. 26.20-28 e suas notas expositivas quanto a um sumário sobre as várias funções dos levitas, onde listei *seis* diferentes espécies de guildas. Havia os sacerdotes, os auxiliares (não pertencentes à família de Arão), os profetas músicos, os porteiros, os tesoureiros e, agora, os administradores, que não trabalhavam diretamente no templo, mas fora dali, por todo o território de Israel, cumprindo uma variedade de deveres. Os administradores não estavam divididos em turnos, visto que não cumpriam deveres no templo que requeressem rotação. Eles eram em número de 4.400, sendo provável que alguma espécie de seleção tenha sido necessária, a menos que compreendamos que *todos eles,* de alguma maneira, foram postos em posição de autoridade (o que não é provável). Mas nessa seleção (se é que houve) não ocorreu nenhum lançamento de sortes, como se dava no caso das outras guildas. Ver I Crô. 24.5,6.

"Os *anramitas* estavam encarregados do tesouro (vss. 23-28), mas seus irmãos, os *izraitas,* ofereciam uma liderança externa; em outras palavras, estavam encarregados de deveres em áreas afastadas, longe do templo (vs. 29). Os descendentes de Hebrom também receberam tarefas a desempenhar em outros lugares do reino. Mil e setecentos deles estavam sob as ordens de *Hasabias.* Esses serviam nas tribos ocidentais (vs. 30). Outros 2.700 estavam sob o comando de Jerias e trabalhavam na Transjordânia (o lado oriental do país; vss. 31 e 32). Os 6.000 oficiais e juízes referidos em I Crô. 23.4 podem ser os 1.700 e os 2.700 levitas (ver I Crô. 26.30,32), além dos levitas encarregados dos tesouros do templo (vss. 20-22)" (Eugene H. Merrill, com uma boa nota de sumário).

26.29

Negócios externos. Ou seja, por todo o território de Israel, servindo fora do templo de Jerusalém. Além de posições de autoridade, como a dos juízes, havia trabalho que envolvia a agricultura, a colheita de madeira, o lavrar de pedras, tudo o que ajudava a sustentar os levitas, e algumas outras atividades que produziam contribuições para o santuário. Seis mil levitas estavam envolvidos (I Crô. 23.4), mas alguma espécie de seleção, natural ou forçada, provavelmente separava os juízes das massas que trabalhavam em certa variedade de empreendimentos físicos. Além disso, havia a questão da coleta dos dízimos e das taxas, entregues nas mãos dos levitas. A grande variedade de tarefas significa que todos os 6.000 levitas tinham algum trabalho para fazer.

26.30

Dentre o clã dos *hebronitas,* através de Hasabias, havia 1.700 homens. Eles trabalhavam no lado ocidental do rio Jordão, nas várias tribos da região. Para chegar aos 6.000 homens referidos em I Crô. 23.4, John Gill (*in loc.*) conjecturou a seguinte situação: 1.600 (vs. 29, nenhum número dado no próprio versículo); 1.700 (vs. 30); 2.700 (vs. 32) — ou seja, um total de 6.000. Ver a outra conjectura, de Eugene H. Merrill, na introdução a esta seção, anteriormente.

26.31

Quando Davi estava no último ano de seu reinado, os homens mencionados foram listados para suas tarefas. A grande área contribuinte para esse grupo (vss. 31 e 32) era a cidade de Jazer, na região de Gileade. Quanto a essa cidade, ver o *Dicionário.* E quanto ao lado ocidental do rio Jordão, cf. Jos. 5.1 e 22.7.

26.32

Mais cidades contribuíram, além de Jazer, certamente. Seja como for, na Transjordânia (lado oriental do país), 2.700 levitas trabalhavam em várias funções, incluindo juízes para as questões civis e religiosas, mas também trabalho manual, conforme sugeri nas notas sobre o vs. 29. São mencionadas as três tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés. Portanto, a porção ocidental deve apontar para o restante do território de Israel. As direções norte e sul são ignoradas nessa referência simplista à totalidade de Israel. Os levitas deveriam servir a seu rei e a seu Deus. Levi tornara-se uma casta servil, não mais sendo, em um sentido verdadeiro, uma tribo com sua própria herança sob a forma de terras.

Adam Clarke (*in loc.*) faz um apelo em favor da separação entre Igreja e Estado. Mas isso é anacrônico em relação ao texto presente. O Estado dependia pesadamente da religião em Israel ou, pelo menos, esse era o ideal. Em uma teocracia havia apenas um ideal orientador, o qual, presumivelmente, foi transferido para a monarquia: *Yahweh é tudo.* Nesse caso, o secular também é divino.

Capítulo Vinte e Sete

Administração Militar e Civil (27.1-34)

Os Doze Turnos Militares (Legiões) e Seus Capitães (27.1-15)

"O cronista, em uma atitude superlativa, informa-nos que, na pequena área de Judá e no território central de Canaã, o Davi ideal tinha à disposição nada menos de 288.000 guerreiros treinados, em rotação, 24.000 a cada mês" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

Talvez a convocação correspondesse a padrões tribais (cf. I Reis 4.7-19) e estivessem em vista mais do que Judá e o território central de Canaã. *A maioria* dos nomes que se seguem aparecem nas listas dos heróis de Davi (ver II Sam. 23.8-39 e I Crô. 11.10-47). Foi assim que Davi pôs aqueles homens para trabalhar em seu exército grandemente expandido, e então os dignificou com postos de liderança.

27.1

Caracterização Geral. "A divisão do povo era a mesma quanto a propósitos militares e civis (cf. Êxo. 18.21 e Núm. 31.14). Pelo menos, a rotação dos 24.000 homens nomeados para servir a Davi cada mês é descrita como que indicando que eles foram arranjados segundo essa antiga e familiar divisão... As legiões de 24.000 homens eram divididas em regimentos de mil homens, e esses regimentos eram divididos em companhia de cem homens, cada qual com o seu capitão. Portanto, havia vinte e quatro capitães de mil, com duzentos e quarenta centuriões" (Jamieson, *in loc.*). De acordo com o método empregado, Davi sempre tinha ao seu dispor um exército permanente de 24.000 homens, que serviam sob os custos

do Estado. Mas devemos pensar nesses homens como tropas de elite, e não como o total do exército permanente. Além disso, de acordo com esse método, em qualquer época de emergência, Davi podia convocar todos os vinte e quatro turnos para o serviço ativo, e assim disporia de 288.000 homens das tropas de elite ao seu comando. Quanto ao serviço mensal, presume-se que as tribos pagavam a conta, aliviando o governo central dessa despesa.

Os chefes das famílias. Devemos compreender aqui principais homens *militares* dos clãs paternos, e não anciãos civis. Cada grupo de 24.000 homens tinha um *general;* então um subgeneral sobre cada mil homens; e então um centurião sobre cada grupo de cem homens. Alguns estudiosos supõem que os "chefes das famílias" sejam os cabeças dos clãs, os quais providenciavam para que a organização dos turnos militares fosse devidamente obedecida. Nesse caso, a referência poderia ser, simplesmente, aos cabeças de clãs, mas o texto fala sobre militares, isto é, *generais.* Os nomes dados a esses chefes são, definitivamente, nomes de homens de guerra, a maioria deles colhidos dentre os heróis de Davi (ver II Sam. 23.8-39 e I Crô. 11.10-47).

27.2,3

Jasobeão. Ele era um desses generais. Comandava o *primeiro turno* de 24.000 homens, que servia a Davi por um mês. Foi o primeiro e chefe dos valentes de Davi. Ver I Crô. 11.11 e cf. II Sam. 23.8. Provi notas expositivas nessas referências. Quanto a um sumário acerca do que sabemos sobre esse homem, ver *no Dicionário* o artigo chamado *Jasobeão.* Como em todos os outros casos, esse homem tinha servido bem a Davi em um tempo de necessidade, quando este vagueava fugindo de Saul, e assim recebeu um lugar honroso no exército de Israel, a saber, a posição de general sobre uma das grandes vinte e quatro divisões do exército. Assim opera a lei da colheita segundo a semeadura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Jasobeão pertencia ao clã de Judá chamado *Perez,* o mesmo ao qual Davi pertencia, de maneira que houve conexões íntimas entre eles, desde o começo. Esse turno servia no *primeiro mês* (nisã, o nosso março). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Calendário Judaico.*

27.4

Dodai, o aoíta. *General* do *segundo turno* de 24.000 homens militares, Dodai, o aoíta, tinha como subgeneral *Miclote.* Pai de Eleazar, Dodai foi um poderoso homem de guerra (I Crô. 11.12), um dos trinta valentes de Davi. Mas o texto fala em *Eleazar,* e alguns críticos pensam que esse nome deve ser preferido aqui. O texto é incompleto e as versões dão diferentes traduções. Esse turno militar servia no *segundo mês* (ziv, abril).

27.5,6

Benaia. *General* do *terceiro turno* de 24.000 homens militares, tinha como subgeneral seu filho, *Amizabade.* Benaia foi um dos trinta valentes de Davi, e sua posição era de segundo homem entre os três mais valentes homens. Ver I Crô. 11.22-25. Ver também II Sam. 23.23. Ele e seus homens serviam no *terceiro mês* (sivã, maio).

27.7

Asael. *General* do *quarto turno* de 24.000 homens militares era irmão do feroz Joabe, e seu subgeneral era *Zebadias,* seu filho. Ele e suas tropas de elite serviam no *quarto mês* (tamuz, junho). Era sobrinho de Davi e um dos trinta homens valentes do rei (I Crô. 11.26).

27.8

Samute, o izraíta. *General* do *quinto turno* do exército de Israel era um dos trinta guerreiros poderosos de Davi. Ver I Crô. 11.27. Seu turno servia no *quinto mês* (ab, julho). O principal subgeneral não é mencionado por nome.

27.9

Ira. *General* do *sexto turno* de 24.000 homens. Ira era um dos trinta principais guerreiros de Davi (I Crô. 11.28), e seu turno servia no *sexto mês* (elul, agosto). Seu principal subgeneral também não é mencionado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Calendário Judaico.*

27.10

Helez, o pelonita. *General* do *sétimo turno* de 24.000 homens, ele e seus homens serviam no *sétimo mês* (tisri, setembro). Ele também pertencia ao grupo dos trinta valentes de Davi (I Crô. 11.27). Seu principal subgeneral não é mencionado.

27.11

Sibecai. *General* do *oitavo turno* de 24.000 homens em que o exército de Israel foi dividido, ele e seus homens serviam no *oitavo mês* (marchesvan, outubro). Ele foi um dos trinta valentes de Davi (ver I Crô. 11.29). Seu principal auxiliar (subgeneral) não é mencionado. Como em todos os outros casos deste capítulo, detalhes sobre os nomes podem ser encontrados em artigos separados no *Dicionário.* Os artigos dão outras referências bíblicas, incluindo as paralelas, no capítulo 21 de II Samuel.

27.12

Abiezer. *General* do *nono turno* dos doze em que Davi dividiu o exército de Israel, ele e seus homens serviam no *nono mês* (cisleu, novembro). Abiezer foi um dos trinta valentes de Davi (ver I Crô. 11.28). Seu subgeneral não é mencionado.

27.13

Maarai, o netofatita. *General* do *décimo turno* do exército de Israel, suas tropas, que consistiam em 24.000 homens serviam no *décimo mês* (tebete, dezembro). Foi também um dos trinta guerreiros poderosos de Davi (ver I Crô. 11.30). Seu subgeneral não é mencionado.

27.14

Benaia, o piratonita. *General* do *décimo primeiro turno* em que Davi dividiu o exército de Israel, suas tropas de 24.000 homens serviam no *décimo primeiro mês* (sebate, janeiro). Foi também um dos trinta valentes de Davi (I Crô. 11.31). Não deve ser confundido com outro homem de mesmo nome, que figura no vs. 5. Seu subgeneral não é mencionado.

27.15

Heldai, o netofatita. *General* do *décimo segundo turno* dos militares de Israel, ele e suas tropas de 24.000 homens serviam no *décimo segundo mês* (adar, fevereiro). Em I Crô. 11.30 seu nome aparece sob a forma de Helede, e em II Sam. 23.29, sob a forma levemente diferente de Helebe. Ambas as passagens identificam-no como um dos trinta guerreiros da elite de Davi. Seu subgeneral não é mencionado.

Os Príncipes das Tribos (27.16-24)

27.16-24

Presumivelmente, estão em foco as *doze tribos,* embora Gade e Aser sejam omitidas por razões desconhecidas. A tribo de Levi também tinha um príncipe (vs. 17), embora se tratasse, na realidade, de uma casta sacerdotal. Falando *eclesiasticamente,* estava sujeita ao sumo sacerdote, e não a um príncipe hereditário. Esta lista, porém, é de chefes hereditários ou governantes de tribos, homens contados dentre os anciãos. A maioria dos nomes dados é mencionada somente na presente passagem. Esses homens eram personagens quase militares, o que explica sua inclusão no presente capítulo. O *número ideal de doze* é, entretanto, mantido, a despeito da omissão de Gade e Aser. Isso foi conseguido mediante a inclusão do príncipe de Levi e dois da tribo de Manassés, um do lado oriental e outro do lado ocidental do rio Jordão, das duas tribos e meia de Manassés.

Observações:

1. A função desses homens era a liderança em geral, mas parece que eles eram militares, pelo menos em sua juventude. Devemos lembrar que, naqueles dias de selvageria, os líderes quase sempre tinham de ser bons matadores. Se não o fossem, sua gente cairia vítima dos inimigos.
2. A maior parte desses nomes é dada somente aqui na Bíblia. O pouco que se sabe sobre eles pode ser encontrado nos respectivos artigos do *Dicionário* intitulados, de modo que essa informação não é repetida aqui.
3. Levi tinha dois príncipes, um general e o outro uma figura eclesiástica, o sumo sacerdote (vs. 17). Essa circunstância, ao que tudo indica, permaneceu verdadeira, a despeito do fato de que a "tribo" de Levi deixou de existir e tornou-se uma casta sacerdotal.
4. Os vss. 23 e 24 mencionam o recenseamento de Davi, que ele levou a cabo motivado por seu estúpido orgulho, e por causa do qual sofreu uma punição realmente pesada. Ver no capítulo 21 de I Crônicas a triste história. Davi contou os homens de idade militar, embora soubesse que Yahweh levantaria Sua espada, em protesto. Joabe, comissionado a fazer o recenseamento, sentiu-se infeliz com a empreitada desde o começo, e a cumpriu com relutância. O censo permaneceu incompleto, e a ira de Yahweh logo espalhou a destruição. O cronista deixou consistentemente de lado os erros de Davi,

porquanto seu propósito era exaltar a dinastia davídica. E mesmo aqui ele diminui a crítica contra Davi, ao observar que, apesar de ter pecado ao fazer o censo, o rei obedeceu aos regulamentos sacerdotais que excluíam os homens de vinte anos para baixo nessa contagem. Uma das *razões* dessa numeração foi ajudar Davi em sua organização do reino de Israel, atribuindo então tarefas a assistentes corretos. Essa *razão* coaduna-se com a linhagem do conteúdo geral do presente capítulo, de modo que o autor sacro fez uma breve menção ao recenseamento.

5. *Livro da História dos Reis de Israel.* Este livro, uma das obras informativas do cronista, é mencionado em I Reis 14.19. Ver as notas nessa referência, para informações completas a respeito.

Supervisores sobre Vários Aspectos da Burocracia de Davi (27.25-34)

27.25-31

Estes versículos listam os supervisores da burocracia de Davi, de modo que temos aqui uma espécie de catálogo de oficiais e ministros do rei que serviam em todos os aspectos possíveis da vida pública.

O *crescente reino de Davi* precisava de bons homens para tomar conta das muitas operações que compunham o empreendimento. Eram necessárias pessoas que trabalhassem no templo, tomassem conta dos tesouros de Davi, supervisionassem o trabalho dos empreendimentos agrícolas, cuidassem das riquezas sob a forma de animais domésticos, cultivassem os pomares. As coisas aqui mencionadas, naturalmente, apenas representavam as muitas atividades que fazem parte de uma nação. Davi controlava a tudo e a todos. Ele era o *rei ideal*, tanto civil quanto religioso. Era propósito principal do cronista exaltar a dinastia davídica. Parte dessa exaltação foi a afirmação dos versículos da presente seção que dizem que Davi era um bom administrador e uma pessoa que sabia como delegar poder a pessoas dignas.

Doze administradores foram mencionados por nome. Eles cuidavam das propriedades e possessões de Davi. Já vimos o trabalho (espiritual) elaborado dos levitas (capítulos 23 a 26). Então, o capítulo 27 descreve os líderes do exército e, finalmente (na presente seção), os administradores das riquezas de Davi são mencionados. Note-se que o número doze continua a ser repetido. Esse era o número normal das instituições de Israel.

Observações:

1. Não fomos informados especificamente sobre como Davi adquiriu tantas riquezas, mas podemos imaginar que a maior parte veio de despojos de guerra. Parte pode ter-se derivado do confisco de civis, um ato comum entre os monarcas orientais. Além disso, Davi era um homem que trabalhava duro, acumulando, naturalmente, muitas riquezas mediante sábios investimentos e inteligente administração. Ele expandiu os territórios de Israel e transformou terras devolutas em campos férteis.
2. O *gerenciamento* das possessões particulares de Davi foi dividido nas *doze partes* tradicionais, similarmente aos negócios religiosos e públicos. As rendas totais de seus negócios privados devem ter sido muito volumosas. O autor sacro não se importa em mencionar as cifras. Mas Salomão ultrapassaria em muito a seu pai, em todas as questões de negócios.
3. Homens envolvidos:

a. Azmavete: cabeça dos tesouros do rei (vs. 25).
b. Jônatas: cabeça sobre os campos fora de Jerusalém (vs. 25).
c. Ezri: cabeça sobre os lavradores (vs. 26).
d. Simei: cabeça sobre as vinhas (vs. 27).
e. Zabdi: cabeça sobre as adegas (vs. 27).
f. Baal-Hanã: cabeça sobre as oliveiras e os sicômoros (vs. 28).
g. Joás: cabeça sobre os depósitos de azeite (vs. 28).
h. Sitrai: cabeça sobre o gado que pastava em Sarom, a parte ocidental da região montanhosa ao longo do mar Mediterrâneo (vs. 29).
i. Safate: cabeça sobre o gado nos vales (vs. 29).
j. Obil: cabeça sobre os camelos (vs. 30).
k. Jedias: cabeça sobre as jumentas (vs. 30).
l. Jaziz: cabeça sobre o gado miúdo (vs. 31).

Os Conselheiros (27.32-34)

27.32-34

Além dos obreiros responsáveis pelas possessões, havia vários conselheiros e mestres, *oficiais da corte de Davi*. O que se sabe sobre esses homens aparece nos respectivos artigos no *Dicionário*.

Jônatas foi um conselheiro, escriba e mestre. *Jeiel* ensinava os filhos do rei. *Husai* foi conselheiro e amigo pessoal do Davi. *Aitofel* foi outro notável conselheiro (vss. 33, 34), mas envolveu-se na conspiração de Absalão contra o pai (II Sam. 15). Após a morte de Aitofel, Joiada (filho de Benaia) o substituiu. *Abiatar* também foi um conselheiro e sumo sacerdote. Cf. II Sam. 15.36. Finalmente é mencionado o terrível e feroz general do exército, *Joabe*. Somente os guerreiros-heróis gregos poderiam ter feito frente a um homem como ele.

Capítulo Vinte e Oito

Despedida de Davi; Conclusão do Livro (28.1 - 29.30)

A conclusão reitera o grande tema de I Crônicas: Davi, o rei ideal. O autor sacro exaltava a dinastia davídica. Davi mostrou ser obediente aos profetas; foi um observador estrito da lei mosaica; o homem que libertou Israel de seus inimigos e impôs a paz; o homem que proveu materiais e operários para o templo, ainda que seu filho, Salomão, tenha sido quem realmente fez o trabalho. Davi foi um hábil exortador (ver I Crô. 28.1-8) e não podia deixar o trono sem dar suas palavras de sabedoria. Finalmente, aconselhou o filho a seguir seus passos e honrar Yahweh em todas as coisas, não esquecendo as tradições de Israel, que começaram com Abraão (capítulo 29).

Instruções de Davi sobre o Templo (28.1-10)

Davi reuniu uma grande multidão a com o propósito de baixar instruções. Os oficiais referidos no primeiro versículo de forma tão laboriosa, de modo que nenhuma classe fosse deixada de fora, demonstraram a preocupação do autor de que pudéssemos entender quão completa foi a obra de Davi, e como ele era um comunicador universal, um atributo do rei ideal.

As coisas ditas aqui sem dúvida refletem a essência histórica dos fatos, mas presumimos um arranjo especial do cronista que promove o tema da majestade e da autoridade da dinastia davídica. Os críticos vêem um relato mais realista no primeiro capítulo de I Reis, onde são relatadas intrigas e violência na família de Davi. "Em conclusão, o cronista sentiu-se livre para raciocinar quais deveriam ser as últimas palavras de Davi — Davi, obediente aos profetas, um rei que havia feito tudo quanto estava em seu poder para prover, de antemão, o necessário para a construção do templo, e a correta ordenação da adoração que ali se ofereceria" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

28.1

Então Davi convocou para Jerusalém. Este versículo sumaria exatamente os oficiais mencionados no capítulo 27, mas algumas classes são adicionadas. Cf. I Crô. 27.1,16,25,32-34. A mensagem foi que *todos* os cabeças de tribos, *todas* as pessoas investidas de autoridade, *todos* a quem Davi tinha dado alguma parcela de autoridade, estavam agora reunidos para ouvir o discurso final de adeus do rei. Este versículo adiciona as palavras "e de seus filhos". Salomão, o filho de Davi que Deus escolhera para sentar-se no trono de Israel (vs. 5), aparece quatro versículos adiante.

A Lista:

1. Os capitães dos turnos (27.1-15).
2. Os príncipes das tribos (27.16-22).
3. Os administradores (27.25-31).
4. Os próprios filhos de Davi, os quais, naturalmente, tinham posições de autoridade, por serem membros da dinastia davídica (não mencionados no capítulo 27).
5. Os oficiais do rei (literalmente, no hebraico, os *eunucos*), embora aqui a palavra tenha um sentido geral de *oficiais do palácio*. Cf. Gên. 27.36; I Sam. 8.15; I Reis 22.9; Jer. 38.7; 41.16. A designação é geral e não especificamente referida no capítulo 27.
6. Os homens mais valorosos e valentes, incluindo os trinta heróis de Davi (I Crô. 11.31-47 e 12), mas provavelmente outros que não pertenciam a essa classe. A Vulgata Latina diz aqui "homens de posição e de riquezas", isto é, magnatas de diferentes tipos. Cf. Luc. 1.52. Talvez qualquer pessoa que tivesse alguma reputação ou que tivesse contribuído possa estar incluída aqui.

O grande ajuntamento ocorrera em Jerusalém, e certamente todas as tribos de Israel estavam representadas. "Essa assembléia, muito mesclada, conforme aparece nos grupos convidados, era mais numerosa e inteiramente diversa daquela mencionada em I Crô. 23.2" (Jamieson, *in loc.*).

28.2

Pôs-se o rei Davi em pé, e disse. Este versículo sumaria o que já fora dito no capítulo 17, onde o desejo de Davi de edificar o templo foi tratado longamente.

Ouvi-me, irmãos meus, e povo meu. Esse era o estilo dos discursos apropriados a um rei constitucional (ver Deu. 17.20; I Sam. 30.23 e II Sam. 5.1). O *coração* de Davi derramara-se sobre a questão, o que mostra que ele *planejara* a

construção. Mas o propósito divino tinha separado o seu filho, Salomão, para essa tarefa. Davi havia trazido a paz derrotando os *oito* inimigos de Israel (ver as notas em II Sam. 10.19). Salomão, um homem de relativa paz (I Crô. 22.9), seria o servo ideal para realizar esse trabalho.

Quanto às *razões* pelas quais Davi não teve permissão de construir o templo, ver a introdução ao capítulo 17.

Uma casa de repouso para a arca da aliança. Isso porque a arca tinha vagueado e fora guardada em vários lugares. Finalmente, veio a repousar em Jerusalém. Jerusalém era o centro do culto divino, o lugar da presença divina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arca da Aliança,* em seu primeiro parágrafo, quanto às perambulações da arca.

Para o estrado dos pés do nosso Deus. O céu é o trono de Elohim, mas Ele se manifestara *abaixo,* na terra, pondo seu escabelo no templo, onde manifestava Sua presença de maneira especial. Ver Sal. 40.5; 99.1; 132.7,8.

O preparo para a edificar. Com essas palavras, o autor relembra tudo quanto Davi fez para preparar a edificação do templo (capítulo 22). Ver também I Crô. 29.2-5.

28.3,4

Não edificarás casa ao meu nome. *A Dinastia Davídica.* Um dos principais motivos da escrita dos livros de I e II Crônicas (no hebraico, esses dois livros formam um único) foi a exaltação da dinastia davídica. Davi era o *rei ideal,* o exemplo a ser seguido. Ver I Reis 15.3 quanto a notas expositivas sobre esse tema. Através de seus descendentes, a dinastia foi renovada em Israel após o cativeiro babilônico. A dinastia davídica dava legitimidade política à tribo isolada, Judá, para que continuasse a nação de *Israel.* Ver um paralelo em I Crô. 22.8, que também mostra o que impedia Davi de construir o templo: ele era homem que havia derramado muito sangue. Cf. também II Sam. 7.5. Ver I Sam. 16.11 ss. quanto à *chamada de Davi* por Yahweh, e a escolha de sua casa para tornar-se a casa real que substituiria a casa de Saul, o primeiro rei de Israel.

Tudo quanto eu nunca pude ser,
E que todos os homens ignoravam em mim,
Isso eu valia para Deus, cuja roda
O oleiro formou.

(Robert Browning)

28.5

E, de todos os meus filhos. O trecho de I Crô. 3.1-9 registra o nascimento e o nome de alguns dos muitos filhos de Davi. Os filhos são uma herança do Senhor (ver Sal. 127.5). Embora Davi tivesse no mínimo dezenove filhos (registrados na Bíblia), sem contar os filhos das concubinas, havia *um filho,* um homem especial, através de quem o plano divino para Israel haveria de operar, a saber, Salomão. Cf. I Crô. 22.5 ss. quanto à escolha e à missão de Salomão. A *escolha divina* sobrepujou os pecados e as desgraças de Davi e operou, a despeito desses defeitos, através do resultado do adultério de Davi com Bate-Seba, porque Salomão era filho *dela.* Davi não merecia o que ele obteve. A *vontade divina* era maior do que Davi. Cf. I Crô. 17.2; 22.9; II Sam. 7.12-14; 12.24,25; I Reis 1.13 quanto ao propósito divino de trabalhar através de Salomão.

No trono do reino do Senhor. Essa expressão acha-se somente aqui em todo o Antigo Testamento. Ela enfatiza o ideal da *teocracia.* Yahweh era o verdadeiro Rei de Israel. Davi e Salomão foram apenas vice-regentes. Cf. a resposta de Gideão aos que lhe ofereceram a coroa de Israel (Juí. 8.23; I Sam. 8.17 e 12.12).

28.6

O Poder Divino operaria em Salomão de modo que, desde o começo de seu reinado, Salomão foi assinalado como instrumento divino na construção do templo. Nesse edifício em Jerusalém, a nova capital, o culto religioso de Israel haveria de *centralizar-se.* Cf. II Sam. 7.13,14 e Efé. 1.3: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Ver as declarações quase idênticas em I Crô. 7.13 e 22.10, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

28.7

Se perseverar ele em cumprir os meus mandamentos. A *condição da continuação da bênção divina* era a observância da legislação mosaica, o ortodoxia da época. Nisso residia o caráter distinto de Israel, conforme lemos em Deu. 4.4-8. O rei ideal também se distinguiria desse modo (ver Deu. 17.14 ss. Cf. I Crô. 22.10). Ver também II Sam. 7.13 quanto a uma declaração bíblica quase idêntica. As iniqüidades seriam castigadas, e então o propósito divino continuaria. Naturalmente, Salomão logo caiu em intrigas familiares e chegou mesmo a assassinar um meio-irmão. Em seguida, sucumbiu a uma desgraçada idolatria (ver I Reis 1-3). Contudo, o propósito divino permaneceu, e ele foi novamente confirmado na dinastia davídica, terminado o cativeiro babilônico. Mas, na grande dispersão romana de 132 D. C. e posteriormente, a casa davídica literal se perdeu. Espiritualmente, porém, continua por meio do Rei Messias, e esse fato dá as dimensões apropriadas e eternas do plano divino. Quanto ao condicionamento da promessa feita a Salomão, ver I Reis 9.4,5. O trecho de I Reis 3.14 já havia mostrado a promessa de uma longa vida, baseada nas mesmas condições. Quanto a como a lei, uma vez obedecida, transfere *vida,* ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11.

Quando andamos com o Senhor,
Na luz de Sua Palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho.
Enquanto fizermos a Sua boa vontade,
Ele habitará conosco,
E com todos quantos Nele confiam e a Ele obedecem.

(J. H. Sammis)

28.8

Guardai todos os mandamentos do Senhor vosso Deus. *O Mandamento Relativo à Fidelidade.* Davi havia deixado o exemplo: era intrépido, jovem e bravo. A despeito de todas as suas falhas, ele nunca caiu na idolatria nem abandonou o caminho de Yahweh. Esperava-se que Salomão seguisse a tradição paterna. Havia grande número de testemunhas em redor de Salomão. Todos os olhos estavam postos sobre ele. Cumpriria ele as expectações de todos que o cercavam? Salomão poderia ser um elo com as gerações futuras. Seria ele um poder fiel no futuro? Davi apelou primeiramente a seu próprio filho, Salomão, e então a toda a nação, através de representantes que ele convocou para tomar parte da assembléia (vs. 1). Seu discurso ao povo foi similar ao de Moisés. Ver Deu. 4.26; 30.19. O céu e a terra eram testemunhas. Yahweh estava observando. Havia grandes expectações entre o povo. Salomão traria a *época áurea* de Israel.

28.9

Tu, meu filho Salomão. No versículo anterior, o apelo de Davi foi dirigido a *todo o Israel* (vs. 8), mas aqui foi feito a *Salomão,* que ficaria com a carga pesada da liderança (vs. 9). A base do apelo continuaria a ser a observância da lei mosaica, aquilo que tornava Israel, ou qualquer um de seus reis, distintivo. Ver as notas expositivas sobre o vs. 7, onde encontramos a mesma mensagem. Yahweh, o doador de todas as dádivas, está sempre consciente de todos os nossos motivos e atos. Ele conhece completamente nosso coração, nossa vontade, nossas intenções e todas as nossas idéias. Deus não pode ser enganado. Se O buscarmos, haveremos de encontrá-Lo. Mas se Ele for rejeitado e Seu culto for profanado, Ele projetará seu relâmpago contra qualquer ofensor. Ele também rejeitará e abandonará os transgressores. Quando o autor sagrado escreveu este livro de I Crônicas, tinha consciência tanto do cativeiro assírio, que pôs fim à nação do norte, como do cativeiro babilônico, que quase exterminou a nação de Judá para todo sempre. A desobediência a Yahweh foi a causa dessas calamidades. A síndrome do pecado-apostasia-julgamento operou por toda a história de Israel. Mas a bondade de Deus maior manifestação da graça divina por intermédio do Rei Messias. Cf. I Sam. 16.7; Sal. 139.1-4,23; Atos 1.24; Heb. 4.13; Gên. 6.5; 8.21. Quanto à *rejeição,* cf. Osé. 8.3,5. Esta passagem ilustra a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

28.10

Sê forte, e faze a obra. A escolha divina envolvia a *responsabilidade divina,* e ambas as coisas caíam nos ombros do jovem Salomão.

Dá de teu melhor ao Mestre;
Dá a força da tua juventude.
Lança o ardor fresco e incandescente da tua alma
Na batalha pela verdade.

(H.B.G.)

Este versículo deve ser comparado a I Crô. 22.13. Salomão recebeu uma missão especial. Ele foi o homem designado para construir o templo, um elevado privilégio e responsabilidade. A história demonstrou que ele realizou sua tarefa de maneira excelente, a despeito dos fracassos em sua vida pessoal.

Planos de Davi quanto ao Templo (I28.11-21)

Caracterização Geral. "Mediante uma notável declaração, Davi compartilhou com Salomão os planos e as especificações para o templo e seus móveis, conforme o Espírito de Deus os havia demonstrado (vss. 11.12,19). A construção seria feita por mãos humanas, mas *o plano* e *a significação* do templo vinham da parte de Deus. Isso também incluiu o ministério dos levitas (vs. 13), bem como o peso (suprimento) de ouro e de prata, dos quais metais os moveis e utensílios do templo deveriam ser feitos (vss. 14-18). Não querendo deixar coisa alguma ao acaso, Davi anotou por escrito todos os detalhes da revelação divina (vs. 19). Então encorajou Salomão a mostrar-se forte para cumprir a tarefa (cf. I Crô. 5.10). Ele deveria ser corajoso e não tímido, porquanto Deus estava *com ele* (vs. 20) e os obreiros haveriam de ajudá-lo voluntariamente (vs. 21)" (Eugene H. Merrill, com uma boa nota de sumário).

28.11

Deu Davi a Salomão, seu filho, a planta. O padrão da história, naturalmente, segue o padrão da construção do tabernáculo, para a qual instruções divinas tinham sido dadas, até os menores detalhes. O tabernáculo foi o protótipo do templo. Começou a ser fabricado no deserto. E terminou no glorioso templo de Salomão, em Jerusalém, a capital da nova nação de Israel.

Este versículo menciona os principais elementos do edifício, incluindo o Santo dos Santos, onde a arca haveria de repousar (ver o vs. 2).

Planta. No hebraico, *tabnith,* a mesma palavra usada em Êxo 25 9 quanto ao plano ou desenho para a construção do tabernáculo.

Pórtico. Ver I Reis 6.3. O siríaco diz aqui *colunata* ou *pórtico.*

As suas casas. Isto é, as várias câmaras do templo, as duas principais dependências, o Lugar Santo e o Santo dos Santos.

As suas tesourarias. O hebraico toma aqui por empréstimo uma palavra persa, *ghanj. Ghanjak* era cidade tesouro. Cf. Est. 3 9: 4.7; Esd. 7.20. Em vista, no texto presente, estão os depósitos do templo, provavelmente aqueles construídos ao longo de suas laterais, formando três pisos (ver I Reis 6.5).

Cenáculos. Lugares para os sacerdotes se reunirem e descansarem

Casa do propiciatório. Ou seja, o Santo dos Santos, onde ficava a arca da aliança e se manifestava a presença de Deus. Era o centro do templo, a razão de sua construção. Deus haveria de manifestar-se ali, trazendo revelações e espiritualidade para o Seu povo. O sistema operaria através dos sacrifícios propiciatórios, o protótipo do sangue de Cristo. O tema é elaboradamente desenvolvido no Novo Testamento. Ver o nono capítulo da Epístola aos Hebreus quanto a uma declaração detalhada.

28.12

Também a planta de tudo quanto tinha em mente. À *inspiração divina* foi dado o crédito pelo plano, tal como no caso do tabernáculo (ver o capítulo 25 de Êxodo). As tradições judaicas sugerem que instruções quanto ao templo começaram primeiramente nos dias de Samuel, que recebera informações da parte do Senhor. Essas informações foram transmitidas a Davi, sob forma ampliada, pois ele também era um profeta.

Átrios. Ou seja, o átrio externo do templo e o átrio dos sacerdotes as áreas circundantes adjacentes ao templo.

As câmaras em redor. Ver I Reis 6.5 e I Crô. 23.28. Estão em pauta os vários apartamentos dos sacerdotes.

Os tesouros das cousas consagradas. Ou seja, os depósitos onde eram guardados os bens e artigos valiosos. Ver I Crô. 26.20. Eram presentes e ofertas que tinham de ser guardados. Os dízimos do povo eram os meios que provinham salários e sustento para os levitas.

28.13

Os turnos dos sacerdotes. Envolvia não somente os sacerdotes, mas também quais levitas deveriam servir e quando, detalhes dados nos capítulos 24 a 26. Ver a introdução a I Crô 26.20-28 quanto a uma lista dos oficiais e das funções dos levitas.

Os utensílios para o serviço da casa do Senhor. Incluem-se aqui todos os instrumentos do culto divino, os móveis e utensílios do templo, os utensílios que os sacerdotes usavam pessoalmente para cozinhar, limpar e manter, e os vasos do culto, como os mencionados nos vss. 14 ss.

28.14

O peso do ouro... o peso da prata. Esses eram os metais nobres que foram usados no fabrico de instrumentos do culto divino (o versículo seguinte fornece detalhes). A inspiração divina deu instruções sobre essas questões. O edifício em geral e seus instrumentos e utensílios foram incluídos no plano divino. "Davi deu a Salomão um planejamento quanto a todos os diferentes vasos de ouro e de prata que seriam requeridos para o santuário, especificando os pesos exatos de cada um. Cf. Esd. 8.25 ss." (Ellicott, *in loc.*).

28.15

Segundo o uso de cada um. Davi deu a Salomão detalhes minuciosos, incluindo descrições e pesos de cada artigo a ser usado no templo. Cf. Êxo. 25.31 ss. Somente aqui, em todo o Antigo Testamento, são mencionados os candelabros de prata. Mas nossa versão portuguesa deixa de fora esses artigos. Contudo, os rabinos dizem-nos que eles ficavam nas câmaras dos sacerdotes, onde iluminavam. Havia apenas um candeeiro de ouro no tabernáculo, mas dez no templo. Ver I Reis 7.49.

"Esses candeeiros eram em número de dez, e cada um deles tinha sete lâmpadas... o peso de ouro no caso de cada candeeiro (de acordo com as tradições judaicas) era de 45 quilos" (John Gill, *in loc.*).

Devemos lembrar que não entrava no interior do templo nenhuma luz que viesse de fora Portanto, os candeeiros forneciam toda a luz necessária ao trabalho dos sacerdotes. Temos aqui um excelente símbolo da iluminação divina. Essa iluminação vem de Deus e brilha na alma do homem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Iluminação.*

28.16

Instruções minuciosas foram dadas quanto aos moveis do templo, como as mesas dos pães da proposição, que eram em número de *dez* no templo, embora houvesse apenas uma no tabernáculo (ver II Crô. 4.8). Havia também, segundo Jarchi, mesas de prata colocadas no átrio, onde os animais a serem sacrificados eram esfolados; ou então, segundo Kimchi, essas eram as mesas sobre as quais os sacerdotes matavam os animais e onde sua carne era deitada, conforme se pode deduzir de Eze. 40.39.

28.17

Davi recebeu instruções até mesmo quanto aos menores utensílios usados no tabernáculo, incluindo o peso e os metais a serem usados no seu fabrico. Ver Êxo. 27.3 e I Sam. 2.13,14 quanto aos garfos e as bacias. As galhetas eram usadas para as aspersões, e as taças para as libações (ver Êxo. 25.29; 37.16 e Núm. 4.7). As bacias de ouro e as taças com tampas (*kephorim*) também são mencionadas em Esd. 1.10. Esses vasos eram usados para receber e aspergir o sangue dos sacrifícios. Os metais nobres, a prata e o ouro foram usados nos instrumentos empregados no culto divino.

28.18

O altar do incenso. Esse objeto era recoberto de ouro e pesava cerca de 45 quilos. Ver sobre esse objeto no *Dicionário.* O artigo suprido dá todos os detalhes e referências à peça.

O ouro para o carro dos querubins. "As asas estendidas dos *querubins* formavam o que era figuradamente chamado de *trono de Deus;* eram retratados como que em rápido movimento, e o trono ou assento de Deus era referido como se fosse *uma carruagem* (Sal. 18.10; 99.1)" (Jamieson, *in loc.*). Cf. Êxo. 25.20 e a visão de Ezequiel, que os judeus chamavam de "a carruagem" (primeiro capítulo de Ezequiel).

28.19

Tudo isto... me foi dado por escrito. A *reivindicação* de divina inspiração do todo está contida neste versículo. Mesmo assim, alguns intérpretes supõem que tudo quanto Davi quis dizer era que ele dependera da legislação mosaica quanto ao tabernáculo, e, naturalmente, que Moisés era considerado um homem inspirado por Deus. Cf Êxo. 31 18 e 25.40 quanto ao "me foi dado por escrito por mandado do Senhor". Ver também Nee. 2.18 e Eze. 1.3. Os intérpretes judeus tinham essa informação dada através do profeta Samuel e mais tarde transmitida por Davi; mas isso não ficou subentendido no texto sagrado.

28.20

Disse Davi a Salomão seu filho. Deus comunicara esse plano a Davi, que, cumprindo sua parte, transmitira as instruções a Salomão. Salomão precisava de fé para *executar* o plano; necessitava de coragem para realizá-lo; tinha de domi-

nar seus temores e dúvidas e ser um homem de forte resolução. Se ele cumprisse a parte que lhe competia, contaria com a promessa de que Yahweh não o decepcionaria. Deus providenciaria o dinheiro, os operários, as forças físicas e mentais. E também daria a Salomão a força de vontade, sem a qual nada de valor será jamais realizado. Oh Senhor, concede-nos tal graça!

Cf. o vs. 10 que apresenta alguns dos elementos do presente versículo. O texto massorético não tem o fim deste vs. 20, e o seu final foi emprestado da Septuaginta. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah) Texto Massorético*, quanto a informações sobre aquele texto hebraico padronizado. Ver também ali o artigo denominado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*. Este vs. 20 conclui o discurso iniciado no nono versículo deste capítulo.

28.21

Eis aí os turnos dos sacerdotes e dos levitas. Provavelmente, este versículo vem do revisor que nos lembra que Davi se preparara minuciosamente para o ministério do templo, pela sua nomeação dos vários turnos. Ver a introdução a I Crô. 26.20-28 quanto aos *seis* diferentes grupos (guildas) de levitas que trabalhavam no culto divino. Salomão teria toda a ajuda necessária para o trabalho no templo e para a orientação do reino. Ele contaria com trabalhadores habilitados. Os hebreus não conheciam o bastante sobre as ciências e a arquitetura para realizar grandes projetos de construção. Mas uma ajuda estrangeira, especialmente da parte de Hirão, rei de Tiro, supriria essa deficiência. Cf. I Crô. 22.14,15. Davi não se esqueceu de um detalhe sequer. Ele foi um planejador mestre. Ver no capítulo 14 de I Crônicas como o palácio de Davi foi edificado com a ajuda de estrangeiros. Ver I Crô. 22.2,3 quanto a notas expositivas que também se aplicam aqui.

O reino inteiro, com seu intricado conjunto de autoridades e operários, estaria sob o comando e direção de Salomão; a nação toda ajudaria o jovem monarca a erguer o templo. Israel, em breve, entraria em sua *época áurea*.

Capítulo Vinte e Nove

Davi Apela quanto a Oferendas (29.1-9)

O dinheiro é como um sexto sentido,
sem o qual você não pode usar devidamente os outros cinco!

(Somerset Maugham)

Infelizmente, até o trabalho do Senhor custa dinheiro. Na verdade, quanto mais dinheiro tivermos, melhor poderemos trabalhar. É por essa razão que a Igreja está sempre pedindo dinheiro, e nunca parece haver o bastante. É verdade o que alguém já disse: "A falta de dinheiro é a raiz de todos os males".

Quando nos lançamos a um empreendimento, é bom que contemos com bastante dinheiro. Nunca haverá fim de gastos enquanto estivermos trabalhando.

Salomão Não Tinha Experiência. Ainda era imaturo. Foi preciso que Davi interviesse para levantar fundos. Então Salomão, o jovem, teria capacidade monetária para construir. Davi havia sacrificado muito de seu próprio dinheiro e labor para levar o projeto adiante. Entretanto, ele e também Salomão teriam de depender muito do auxílio da nação, porquanto estavam levando a cabo enorme causa

29.1

Disse mais o rei Davi a toda a congregação. "Esse foi o apelo e o adeus de Davi ao povo. A concepção e a construção desse discurso final é realmente admirável. Culminou na confiança que Davi demonstrou em todos os seus súditos, na expectação de sua resposta magnânima e em sua bênção... Finalmente, Davi falou ao povo. Ele tinha conquistado o *direito* de assim fazer. Proibido em seu desejo de construir a casa do Senhor, ele não tinha insensatamente dilapidado suas riquezas por construir algo para si mesmo. Ele fora capacitado a contar ao povo a magnitude de sua contribuição pessoal para a construção do templo. No entanto, enfatizou que algo incomparavelmente mais precioso do que meros presentes era requerido, a saber, a contribuição voluntária de todos" (W. A. L. Elmslie *in loc.*).

Davi já se havia comunicado com todos os líderes de Israel (capítulo 28; Ja tinha juntado materiais (capítulo 22; Agora, o fim de sua vida estava iminente. Por isso solicitou a ajuda da nação inteira para o que era preciso ser feito. Ele dera a sua contribuição. Agora esperava que eles fizessem a parte deles

O único a quem Deus escolheu, é ainda moço e inexperiente. Davi estava deixando para trás a liderança, mas Deus havia providenciado um novo líder. Salomão era homem jovem e inexperiente, mas possuía a autoridade divina. O povo de Israel tinha obrigação de ajudá-lo, pois o trabalho era *grande* e exigia um esforço de equipe para a sua concretização. Cf. I Crô. 22.5.

Palácio. Neste caso, a palavra aponta para o templo de Jerusalém. Está em pauta a casa do Senhor, e não a de Davi.

29.2

Eu, pois, com todas as minhas forças já preparei para a casa de meu Deus. Este versículo é um breve sumário do que foi dito longamente no capítulo 22. Ver especialmente o vs. 14 daquele capítulo. Alguns poucos novos itens foram mencionados por nome. Uma de minhas fontes informativas calculou o valor das contribuições de Davi e chegou à cifra de sessenta milhões de dólares; mas, na verdade, não há como julgar a exatidão de um cálculo como esse. Não obstante, é obvio que a contribuição de Davi foi realmente grande. Sendo esse o caso, ele tinha o direito de esperar que o povo também respondesse *generosamente* em favor do templo, e ajudasse Salomão, a nova autoridade civil.

As *adições* deste versículo (cf. o texto com I Crô. 22.14) são essencialmente tipos e cores de pedras preciosas que seriam usadas para ornamentar o edifício do templo. Também havia *mármore* em abundância para forrar as paredes e os pisos. Ver II Crô. 2.6 quanto a outras adições. O templo foi *ricamente* adornado. Cf. Est. 1.6 e Can. 5.15.

Josefo (*Guerras*, v. cap. 5, s. 2) informa-nos que o templo foi construído com grandes blocos de mármore branco, belamente polido, a fim de produzir a mais esplêndida aparência. A Septuaginta e a Vulgata dizem que o templo foi construído com o "mármore mais branco". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Templo de Jerusalém*.

29.3

Afora tudo quanto preparei para o santuário. Davi juntou muitas riquezas, principalmente através dos despojos de guerra. Ele se tornara um homem fabulosamente rico. Mas seu coração o orientava a *investir* o dinheiro no templo de Yahweh, e foi exatamente isso o que ele fez. Ele contava com a ajuda e a contribuição dos outros, mas não se limitava a transmitir o que os outros haviam dado. Ele mesmo fora o maior contribuidor isolado do templo, e assim dera o exemplo para que outros o seguissem. Afinal, a medida espiritual de um homem é a sua *generosidade*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Liberalidade e Generosidade*.

É fácil ser generoso com a propriedade alheia.

(Provérbio latino)

A coisa mais importante em qualquer relacionamento
pessoal não é o que você obtém, mas o que você dá.

(Eleanor Roosevelt)

Mais bem-aventurado é dar que receber.

(Atos 20.35)

Porque amo a casa de meu Deus. A generosidade de Davi repousava em seu *amor* pelo trabalho. Esse é o maior poder inspirador. Davi foi um doador inspirado.

29.4

Davi *doou* 110 toneladas de ouro e 260 toneladas de prata. O ouro era do maior produtor desse metal, *Ofir* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. I Reis 9.28; 10.11; 22.48; II Crô. 8.18; 9.10; Isa. 13.12. Ao que tudo indica, essas imensas quantidades de metais ultrapassavam o que já havia sido doado (I Crô. 22.14). Ouro e prata eram usados para fabricar utensílios (vs. 5) para o templo de Jerusalém. Mas também sabemos que o ouro foi usado para recobrir as paredes do Santo Lugar e do Santo dos Santos. As paredes das câmaras construídas em derredor do templo foram recobertas de prata. Cf. II Crô. 3.4-9.

29.5

Artífices foram convocados a trabalhar em vasos de prata e de ouro para o templo. O povo doava seu tempo, e não somente seu dinheiro. O trabalho requeria a contribuição generosa do labor voluntário. Cf. I Crô. 22.15,16, onde são dados detalhes sobre essas questões.

29.6-8

A Eficácia do Discurso de Davi. O coração dos líderes de Israel foi tocado. Este versículo pode ser comparado ao trecho de I Crô. 28.2, onde temos uma lista

mais elaborada de líderes, porém as mesmas pessoas estão em pauta. Os líderes fizeram doações e então inspiraram o povo a fazer o mesmo. Houve grande recolhimento de fundos e materiais. Voluntários apresentaram-se para ajudar na construção do templo, contribuindo com seu tempo e seus talentos.

As Contribuições:
1. Cinco mil talentos de ouro, isto é, cerca de 190 toneladas.
2. Dez mil dracmas de ouro, ou seja, cerca de 185 toneladas.
3. Dez mil talentos de prata, ou seja, cerca de 375 toneladas.
4. Dezoito mil talentos de bronze, ou seja, cerca de 675 toneladas.
5. Cem mil talentos de ferro, ou seja, cerca de 3.750 toneladas.
6. Grande quantidade e variedade de pedras preciosas (vs. 8).

O homem que supervisionou o recebimento e o uso de todo esse material foi *Jeiel*. Ele e seus filhos tinham autoridade sobre o tesouro, conforme aprendemos em I Crô. 26.21,22. Ver o artigo do *Dicionário* chamado *Pesos e Medidas* quanto ao valor dos pesos mencionados nestes versículos.

29.9

Tudo o que se fez voluntariamente. O povo era forçado, de acordo com a legislação mosaica, a doar os dízimos. Mas os recursos provenientes dessa obrigação não podiam arcar com o projeto do templo de Davi. Para tanto, seriam necessárias generosas ofertas voluntárias. E o povo contribuiu, parcialmente porque o discurso de Davi fora convincente, embora também possamos estar seguros de que isso estava no coração deles. Eles não precisaram ser *convencidos*.

> *Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vos, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos*
>
> (II Coríntios 8.9)

> *O poder da doação — dar garante o receber.*

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

Os vss. 6 e 9 enfatizam que oferendas voluntárias foram trazidas com alegria, e não a contragosto ou em tristeza. Também destacam que essas doações foram feitas de *todo o coração*, e não somente por causa dos apelos convincentes de Davi. Por igual modo, destacam que as oferendas foram trazidas a *Yahweh*. O povo não glorificou a si mesmo com suas doações. Não houve nenhuma ostentação nessa atitude. E Davi, vendo todo esse material, bem como a reação abundante do povo, ficou eufórico, e "alegrou-se com grande júbilo". Salomão seria o construtor, mas não teria mais de apelar para nenhuma outra fonte de rendas pois Davi tinha resolvido o problema do suprimento.

A fórmula vencedora foi:
ofertas dadas voluntariamente
dadas com alegria,
dadas do coração,
dadas com abundância,
dadas a Yahweh.

Considerações. O próprio evangelho nasceu em meio à generosidade: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16). A generosidade consiste no amor em ação, e o amor é a comprovação da espiritualidade (ver I João 4.7). O Espírito Santo cultiva em nós a qualidade do amor, do que resulta a generosidade (Gál. 5.22,23).

Generosidade Maciça. "O ouro, a prata e o bronze que Davi e os líderes doaram (ver I Crô. 22.14; 29.4,7) pesaram um total maciço de mais de 46.610 toneladas, sem contar os outros metais, as pedras e a madeira" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Davi estava idoso, e sua morte estava muito próxima. Mas em sua velhice ele recebeu a maior vitória da sua vida. Ele foi o principal instrumento para a edificação do templo. Sua vida turbulenta terminou em paz, abundância e alegria. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Oração e Sacrifícios de Dedicação de Davi; Bênção Divina (22.10-22a)

"Finalmente, o agradecido rei, tendo sido terminada a obra de sua vida, naquele exaltado momento, com palavras nobres (ver os vss. 11-19 deste capítulo) pronunciou a bênção divina. Por sua vez, o povo agradeceu a Deus, oferecendo uma multidão de sacrifícios e regozijando-se juntos *na presença do Senhor*, naquele dia, com imenso júbilo. Esteticamente, foi nesse ponto que o cronista terminou seu quadro do Davi ideal" (W. A. L. Elmslie, *in loc.*).

29.10

Davi louvou ao Senhor. Isso porque Yahweh era a *fonte* de toda a riqueza que havia sido acumulada e dedicada; outrossim, era a fonte da *inspiração* com vistas à construção do templo; e era também o *planejador*, tendo revelado seus planos a Davi.

> *... que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?*
>
> (I Coríntios 4.7)

As palavras de Davi não foram jactanciosas. Ele reconheceu plenamente a origem de todas as suas riquezas e de todo o seu bem-estar.

Os Nomes Divinos: Yahweh-Elohim-Pai. O Poder Superior também é nosso Pai. Ele dá a seus filhos, e dá com abundância, em amor. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre *Paternidade de Deus*. Ver também sobre *Deus, Nomes Bíblicos de*. O décimo versículo deste capítulo de fato chama Israel de "Pai", mas Deus Pai foi quem tornou isso uma verdade. Ver Êxo. 4.22 quanto a Yahweh como Pai de Israel, Seu *filho*.

De eternidade em eternidade. Note os atributos de Deus neste versículo: 1. eternidade (no nome de Yahweh); 2. poder (no nome de Elohim); 3. eternidade de bênção, uma expressão de Sua natureza. O vs. 11 adiciona glória e soberania. Ver no *Dicionário* o artigo *Atributos de Deus*.

29.11,12

A Fonte Originária. Em Si mesmo, Yahweh possui toda a grandeza e poder (onipotência) e majestade, de modo que é Aquele que obtém todas as vitórias, nos céus e na terra. Ele é o proprietário de todos e de tudo, no céu e na terra, onde quer que se congreguem seres inteligentes. Por essa razão, Ele é exaltado acima de todos. É a Fonte de todas as bênçãos e benefícios. Dá *riquezas* aos homens; honra aos que merecem ser honrados. Toma alguns homens *grandes*, e reduz outros a nada. Faz a alguns homens *fortes*, e a outros fracos. Todos os destinos estão na mão Dele. Israel era uma nação distinta das demais por causa de Deus (ver Deu. 4.4-8), e Davi foi capacitado a fazer o que fez pelo templo de Jerusalém, por causa da ação divina. O filho de Davi, Salomão, terminaria o trabalho de construção do templo, por haver sido divinamente designado para isso, e o plano divino não poderia fracassar.

> *Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança.*
>
> (Tiago 1.17)

A *providência de Deus* é suficientemente *flexível* e *grandiosa* para incluir todos os homens. Seu plano é *flexível* o bastante para destacar o que há de mais original em cada um de nós. A providência de Deus é suficientemente *vigorosa* para excluir a possibilidade de um fracasso final. O plano de Deus encerra muitos retrocessos, mas Ele jamais desiste. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Providência de Deus*.

Davi poderia ser apresentado como um dos homens que fez a si mesmo, cujo poder e prosperidade todos gostariam de ter. Pelo contrário, porém, ele se humilhou e reconheceu a Fonte Divina de toda a sua vida e de todo o seu bem-estar. Ele tinha recebido o melhor e, por conseguinte, deu o melhor de si.

29.13

Graças te damos. Uma prosperidade espiritual e material fez o idoso Davi dar graças e Deus e louvar a Yahweh.

> *Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão.*
>
> (Salmo 37.25)

> *A gratidão é o sinal das almas nobres.*
>
> (Esopo)

> *A terra não pode produzir coisa alguma pior do que um homem ingrato.*
>
> (Ausônio)

A gratidão é a menor das virtudes,
mas a ingratidão é o pior dos vícios.

(Provérbio popular)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gratidão.*

Louvamos o teu glorioso nome. "Louvar" significa magnificar, aprovar, honrar, glorificar, oferecer ações de graças, elogiar, adorar, aclamar. A maneira como uma pessoa vive pode ser uma bênção ou uma maldição para outras pessoas. Se uma bênção, então se torna um sacrifício vivo e um louvor a Deus (ver Rom. 12.1 ss.). Nossas orações devem incluir o louvor (ver Fil. 4.6). O louvor, em si mesmo, é um sacrifício que agrada a Deus (ver Heb. 13.14). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Louvor.*

O teu glorioso nome. Literalmente, o original hebraico diz aqui: "o nome da tua glória", expressão encontrada somente aqui em toda a Bíblia. Cf. Isa. 63.14 e Sal. 72.19.

29.14

Quem sou eu...? Davi nada seria, se Deus não tivesse feito dele alguma coisa. Portanto, ele, como nada, realmente nada tinha para oferecer a Yahweh. Contudo, foi divinamente ordenado que os homens dessem de sua substância e energias, e fossem abençoados por Deus por tais atos.

Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o teu nome — Aleluia!

(Alfred Lord Tennyson)

Para que pudéssemos dar voluntariamente estas cousas? Pode ter parecido grande coisa fazer oferendas *abundantes e gratuitamente,* como fez o povo de Israel (vs. 6, ver as notas expositivas a respeito). Mas esse foi apenas um dever e um privilégio, visto que ninguém tem coisa alguma que não seja dada por Deus, a Fonte Originária. Ver as notas expositivas sobre os vss. 11 e 12, onde esses sentimentos já haviam sido expressos e comentados.

Presentes de nada valem, a menos que sejam dados sem motivações ocultas e vis. O povo de Israel, ao contribuir para o templo de Jerusalém, não teve nenhum motivo vil, mas fez somente o que se poderia esperar de um povo próspero. Eles tinham recebido o melhor, e esperava-se que dessem o melhor.

"... da tua Presença chegam todas as coisas boas.
Das bênçãos das Tuas mãos,
damos de volta para Ti."

(O Talmude)

29.15

Porque somos estranhos diante de ti. Estando agora no conforto na nova capital, Jerusalém, e não vagueando pelo deserto, como seus antepassados, Israel continuava a ser um estranho perambulador nesta terra. Israel fora remido do Egito, tirado da servidão. Perambulou sem rumo no deserto por quase quarenta anos. Recebeu uma possessão na terra, e parte de Israel tornou-se *urbanizada* e próspera. Mas todos continuavam como errantes no deserto deste mundo. A terra é apenas uma sombra, e aqui coisa alguma é permanente. As implicações de tais declarações são que Israel nada tinha para oferecer a Deus e, contudo, Ele se satisfazia em receber coisas da parte desse povo, para Seu templo.

Temos uma excelente declaração de Catão na obra de Cícero (*De Snectute,* cap. 23), que ilustra o sentimento do presente versículo: "Parto desta vida como quem parte de uma estalagem, e não de uma casa. Pois a natureza nos tem dado uma estalagem para nela nos hospedarmos, e não um lugar para ali habitarmos".

Abraão.. pela fé peregrinou na terra da
promessa como em terra alheia,
habitando em tendas com Isaque e Jacó,
herdeiros com ele da mesma promessa;
porque aguardava a cidade que tem fundamentos,
da qual Deus é o arquiteto e edificador.

(Hebreus 11.9,10

"Entretanto, por mais que desejemos estabelecer-nos e permanecer nesse estado de coisas, isso é impossível, porquanto toda forma terrena passa rapidamente. Tudo está em estado de revolução e decadência, e nada existe de permanente" (Adam Clarke, que escreveu essas palavras há quase 200 anos!)

Quanto ao homem, os seus dias são como a relva;
como a flor do campo, assim ele floresce;
pois, soprando nela o vento, desaparece... "

(Salmo 103.15)

Palavras estonteantes essas, ou assim parecem ser. O fato é que o valor humano aqui perdido logo é renovado em algum outro lugar, de modo que temos uma espécie de lei espiritual da conservação da energia. Coisa alguma se perde; tudo é tão-somente transformado.

Como a sombra de um pássaro que voa pelo ar dos céus,
tais são os nossos dias à face da terra.

(O Talmude)

29.16

Senhor, nosso Deus. Somente Deus é permanente; contudo, o homem pode fazer uma contribuição eterna, devolvendo a Deus aquilo que lhe foi dado, servindo aos outros filhos de Deus; e mostrando-se *generoso.* Habitamos no amor; e no amor continuaremos para sempre.

Toda esta abundância. A referência aqui é às imensas riquezas que Davi, e depois o povo de Israel, doou para a edificação do templo de Jerusalém. Ver os vss. 8 e 9. Toda aquela imensa riqueza, afinal, pertencia a Deus. Ele a havia emprestado a Seu povo, e eles fizeram bem ao entregá-la de volta a Ele. Quando a devolveram, eles a tornaram eterna, pois se o templo perdurou somente até o cativeiro babilônico (597 A. C., aproximadamente 400 anos mais tarde), contudo, a generosidade que tornou isso possível produziu um galardão eterno. *Eternizamos* as coisas mostrando-nos generosos em nossas doações. O mesquinho já recebeu seu galardão. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Liberalidade e Generosidade* e *Abundância, Generosidade.*

A generosidade é um princípio *espiritual* geral que determina que os que pouco semeiam também pouco colhem, e que os que semeiam abundantemente também colhem com abundância (ver II Coríntios 9.6). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Cf. o vs. 14 do presente capítulo. O vs. 16 é uma espécie de declaração dos sentimentos daquele versículo

29.17

Provas os corações. Não há motivos ocultos para Yahweh. Ele sabia que Davi tinha contribuído de todo o coração; e sabia que Davi era reto e obedecia à legislação mosaica, o que o qualificava para ser um doador ao Ser divino. Davi não agia assim para glorificar-se diante do povo. Ele não tinha tempo para ostentações. Havia um trabalho espiritual por realizar. Se tirarmos toda a ostentação da Igreja cristã moderna, quanto restará?

"Tu, olhando para o meu coração, sabes que a minha oferenda foi feita sem queixas e sem hipocrisia. Meus motivos não foram os meus próprios interesses, mas a tua glória" (Ellicott, *in loc.*).

... manifesta se tornará a obra de cada um;
pois o dia a demonstrará,
porque está sendo revelada pelo fogo;
e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará.

(I Coríntios 3.13)

Algumas obras permanecerão; outras serão consumidas pelo fogo; algumas obras receberão recompensa; outras, embora espetaculares, nada receberão, pois o homem que fez suas obras de ostentação já recebeu sua recompensa ao ser louvado pelos homens.

Cf. este versículo com I Crô. 28.9, onde temos um pensamento semelhante.

29.18

Inclina-lhe o coração para contigo. *Tais propósitos e pensamentos,* de fazer as coisas da melhor maneira possível, de ser generoso a fim de promover a causa espiritual sem ostentação e hipocrisia, foram algo digno, algo que Davi implorava ao Deus dos antepassados, para que o povo cultivasse continuamente.

"Os ancestrais da nação judaica, com os quais Deus fizera Seu pacto. Deus clamou para que preparassem seu coração... inclinando e dispondo sua mente para sempre temerem ao Senhor e obedecerem à Sua vontade".

Quanto ao Deus "de Abraão, Isaque e Israel (Jacó)", cf. Êxo. 3.6,15 e Deu. 29.13. O uso desses nomes deu autoridade às declarações de Davi e uniu a nação de Israel daqueles dias com o Israel de seus antepassados. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Pactos* e *Pacto Abraâmico*. Em Gên. 15.18, ofereço notas completas sobre a questão. Davi, pois, apelou para o Deus dos pactos.

29.19

E a Salomão, meu filho. Salomão era o homem do momento, e precisava da ajuda de Yahweh acima de todas as outras pessoas. Era ele quem concretizaria o projeto da construção do templo de Jerusalém. Ele também precisava da sabedoria e da cooperação do povo e, obviamente, da ajuda *divina*.

Para fazer o que deveria ser feito, Salomão tinha de ser o que deveria ser. Para ser o que precisava ser, Salomão tinha de obedecer à legislação mosaica. Isso lhe proporcionaria um coração puro e motivos que atrairiam as bênçãos divinas. Israel distinguiu-se de outras nações mediante a obediência à lei (ver Deu. 4.4-8) e mediante a participação no *Pacto Mosaico* (comentado na introdução ao capítulo 19 de Êxodo). *Obediência* era algo requerido (ver Deu. 32.46). Quanto ao *rei ideal* e os seus deveres, ver Deu. 17.14 ss. Quanto ao *Pacto Davídico*, ver II Sam. 7.14, e, quanto a Davi como rei ideal, cujo exemplo precisava ser seguido, ver I Reis 15.3. Quanto ao fato de Salomão buscar e receber uma *sabedoria especial*, ver I Reis 3.9 ss.

Os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos. Quanto a essa tríplice designação da lei e as sutis diferenças que há nesses três termos, ver as notas expositivas sobre Deu. 6.1.

29.20

Agora louvai ao Senhor vosso Deus. Davi convidou os seus ouvintes, os representantes de Israel, a proferir uma bênção sobre o nome de Yahweh, e a inclinar a cabeça e adorar o verdadeiro Rei de Israel. Foi assim que terminou o seu discurso, e a questão inteira foi abençoada com um momento de adoração perante a Fonte de todas as bênçãos. O povo também prestou louvores ao rei, provavelmente o rei *Davi* embora alguns estudiosos pensem em Salomão, o novo rei, que teria sido o receptor das bênçãos. "... o rei, como representante terreno de Deus. Davi recebeu os mesmos sinais de reverência e homenagem (cf. I Reis 1.31)" (Ellicott, *in loc.*). "Eles reverenciaram a Deus como o Governante Supremo, e ao rei como seu *representante*" (Adam Clarke, *in loc.*).

29.21,22a

Ao outro dia. "O dia seguinte foi de orações de dedicação, confirmadas pela oferta de prodigiosa quantidade de animais sacrificados (3.000 ao todo!), cuja realização trouxe ao povo grande alegria perante o Senhor" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Os Animais Sacrificados. Foram mil novilhos, mil carneiros e mil cordeiros. Ver os *cinco animais* aceitáveis como sacrifício, os *animais nobres*, anotados em Lev. 1.14-16. Além dos sacrifícios, houve *libações* (ver Lev. 23.13 e o artigo no *Dicionário*). Houve sacrifícios pelos pecados, atos expiatórios para corrigir a situação do povo diante de Yahweh, e houve também ações de graças. Foi um dia de alegria e triunfo, naturalmente, acompanhado e consagrado por formas de adoração comuns a Israel naquele tempo.

O vs. 22 enfatiza como os sacrifícios introduziram um grande dia de festividades e celebrações. Os sacrifícios eram ocasiões solenes, mas as *festividades* sempre estiveram associadas ao sistema de sacrifícios. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Festas (Festividades) Judaicas*.

O Sucessor de Davi no Trono (29.22b-30)

"O último ato de Davi a ser registrado foi a aceitação da co-regência de Salomão como rei (cf. I Reis 1.38-40; 2.1) Por quanto tempo os dois governaram juntos não se pode saber, mas certamente foi um breve período... Com a subida de Salomão ao trono, veio o reconhecimento, por parte do povo, de que agora Salomão era o rei, em lugar de Davi. A confirmação divina sobre isso se tornou evidente através das grandes bênçãos do Senhor sobre Salomão. Deus o *exaltou* e lhe deu um *esplendor real* sem precedentes (vs. 25)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

29.22b

Pela segunda vez. Parece que o trecho de I Crô. 23.1 foi visto pelo autor sagrado como um anúncio da *primeira vez* em que o reinado de Salomão foi reconhecido e proclamado. Talvez devamos entender que I Crô. 23.1 significa que Salomão foi feito co-regente, e o presente versículo, assim sendo, diz que ele assumiu sozinho o trono. Houve a cerimônia de unção, efetuada por Zadoque, o sumo sacerdote, e com os ritos reais apropriados que o autor sacro não se incomodou em descrever.

Quanto à narrativa completa em que Salomão foi feito rei, ver I Reis 1.32-40. Quanto à questão da *unção*, ver Juí. 9.15; II Sam. 2.4 e o artigo no *Dicionário* sobre esse assunto. Visto que Zadoque, o sumo sacerdote, estava presente e atuante, sabemos que durante a monarquia foi preservado certo grau de teocracia. Ver I Reis 1.39,40 quanto a detalhes sobre a *unção* de Salomão.

29.23

Salomão assentou-se no trono do Senhor. *Salomão* (a escolha divina para o trono de Israel, o qual, embora não fosse o filho mais velho de Davi, era o primeiro na mente divina) *prosperou*. Sua *majestade* foi maior que a de qualquer outro rei de Israel, antes ou depois (vs. 25). De fato, ele trouxe a época áurea de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Salomão*, quanto a descrições completas.

"... o Senhor lhe deu o trono e o estabeleceu; ele foi o vice-rei de Davi durante sua vida e sucedeu-o por ocasião de sua morte. Ele assumiu pleno poder de governo e *prosperou*. Seu reinado foi feliz e pacífico, e *todo o Israel lhe prestou obediência*" (John Gill, *in loc.*).

29.24

Todos... prestaram homenagens ao rei Salomão. Todas as autoridades de Israel (ver a lista em I Crô. 28.1) reconheceram que Salomão era o rei, com autoridade divina, civil e militar, e assim prestaram-lhe plena lealdade e apoio. Todo o povo de Israel uniu-se sob o seu comando, mais do que sob qualquer dos demais reis de Israel, passados ou futuros. O próprio Davi precisou lutar para obter controle sobre o país inteiro. Mas Salomão subiu ao trono com poder, contando com apoio irrestrito por parte do povo e dotado de uma autoridade inquestionável.

No original hebraico, o texto diz: "puseram suas mãos sob Salomão". Isso está de acordo com o costume oriental de pôr uma mão debaixo da mão estendida do rei e beijar o dorso dessa mão (ver II Reis 10.15). Adam Clarke entende a questão de forma diferente: "Já vimos que pôr a mão sob a coxa (*super sectionem circumcisiones*) era a forma de fazer um juramento. Ver sobre Gên. 24.9".

29.25

O Senhor engrandeceu sobremaneira a Salomão. Sob Salomão, Israel atingiu sua maior extensão territorial, pois as fronteiras do norte se ampliaram até as margens do rio Eufrates. Pelo menos a sua influência chegou até lá, e, sem dúvida, ele tinha postos avançados naquelas longínquas regiões nortistas. Mas ele não estendeu a fronteira sul de Israel até o rio Nilo, no Egito, um direito que foi estabelecido no Pacto Abraâmico. Ver em Gên. 15.18 as notas sobre esse pacto, as quais incluem comentários sobre as dimensões da Terra Prometida. Salomão, pois, foi um homem de riquezas, poder e sabedoria, cabeça e ombros acima de todos os demais reis, exceto pelo fato de Ter caído na idolatria, o que maculou toda a sua ficha corrida. Então Roboão, seu filho, em sua arrogância e estúpida administração (completa com a repressão) terminou dividindo Israel em duas nações: a do norte (Israel) e a do sul (Judá). Seja como for, enquanto Salomão esteve no poder, Israel viveu seus dias mais gloriosos, sua época áurea. De fato, Salomão tornou-se um dos grandes monarcas orientais. Sua influência espalhou-se por todos os países adjacentes e sua sabedoria deixava boquiabertos a todos os homens.

Sumário do Reinado de Davi e de Sua Morte (29.26-30)

Davi Tinha Falecido; Salomão Reinava. Mas o autor sacro não podia dispensar Davi de sua história, sem nos dar este pequeno *sumário*. Afinal de contas, um dos principais propósitos do autor sagrado foi exaltar a dinastia davídica, e o velho homem não podia sair de cena sem uma palavra final da parte do autor sagrado. Em seguida, o autor se apressaria a descrever a glória de Salomão, porquanto nele continuava a dinastia davídica. Os versículos sumariam o reinado de Davi desde sua subida ao trono, em Hebrom (II Sam. 5.1-5), até o seu falecimento.

29.26

Este versículo enfatiza a universalidade do reinado de Davi. Ele reinou por sete anos em Hebrom, isto é, sobre as tribos do sul (Judá), e somente então obteve autoridade sobre todo o território de Israel. Dessa maneira, ele uniu Israel sob a monarquia que substituiu o antigo sistema dos juízes, dos quais Samuel foi o último. O propósito divino estava agindo em *outra direção*: a monarquia que promoveria a dinastia davídica, continuamente exaltada pelo autor. Ele a engrandeceu porque, terminado o cativeiro babilônico, foi essa dinastia que deu a Israel continuidade como uma nação, a despeito das grandes calamidades dos dois cativeiros, o assírio e o babilônico. O poder divino terminou triunfante, ao preser-

var *politicamente* Israel (em Judá), através da dinastia davídica, e, *espiritualmente,* através dos levitas, que conseguiram voltar da Babilônia.

II Samuel (dentre as obras bíblicas canônicas) é o livro que registra o reinado de Davi, primeiramente em sua origem, em Hebrom, e depois estendendo-se a todo o Israel.

Ver II Sam. 5.1-5; 11.1; 12.38 quanto ao reinado antecedente de Davi somente sobre Judá e, depois, sobre toda a nação de Israel.

29.27

O tempo que reinou sobre Israel foi quarenta anos. *Cronologia.* Davi governou o sul, com capital em Hebrom, por sete anos. Em seguida, reinou por trinta e três anos sobre todo o Israel, totalizando assim *quarenta anos,* uma das diversas ocorrências bíblicas do número quarenta. Esse foi um período de provas para a unificação e a derrota dos oito inimigos de Israel (ver II Sam. 10.19), a fim de que a paz pudesse ser estabelecida. A paz permitiu que Salomão desse a Israel prosperidade e glória sem precedentes. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Quarenta.* Salomão também estava destinado a reinar por *quarenta anos.* Davi atingiu a "idade bíblica" de setenta anos (Sal. 90.10) e, tendo completado sua missão turbulenta, fez a transição para o outro mundo. Então, por outros quarenta anos, Salomão faria a nação de Israel entrar em sua época áurea. Depois disso, as coisas se desintegrariam muito. Ver I Reis 2.11 quanto a um versículo quase idêntico ao presente, onde dou idéias adicionais.

29.28

Morreu em ditosa velhice. *Davi* não tinha motivo para lamentações. Ele terminou a sua missão, e seus setenta anos de vida foram adequados para isso. Triste é quando não há anos suficientes para realizarmos a tarefa. Oh, Senhor, livra-nos de tal calamidade! Embora não tenha sido tão rico e glorioso como seu filho Salomão, Davi foi exaltado muito acima dos homens comuns, porquanto Yahweh estava com ele. Ele tinha aprendido a passar mal e a viver em abundância (ver Fil. 4.12), tendo experimentado os dois lados da moeda da vida.

Nesta vida, Davi buscou e encontrou tudo de quanto tinha necessidade. Na vida futura, recebeu a vida eterna e riquezas duráveis e aquela honra e glória que não se acabam. Durante sua vida terrena, ele serviu como um grande *magneto,* unindo toda a nação de Israel e conferindo-lhe paz e centralização política e religiosa em Jerusalém, que ele transformou em sua capital. Portanto, foi apropriado que o Magneto celeste o tivesse atraído ao destino celestial.

Cheio de dias. No hebraico, a tradução literal é "satisfeito com dias". A versão siríaca diz: "Ele estava satisfeito com os dias de sua vida". É grande coisa quando um homem pode dizer: "Tive tempo suficiente para fazer o que eu deveria fazer, e vejo isso sem nenhum reparo. Estou *satisfeito* com o tempo que me foi dado".

> *Saciá-lo-ei com longevidade, e lhe mostrarei a minha salvação.*
>
> (Salmo 91.16)

O Tributo a Davi. Meus amigos, prestei um *tributo* a Davi (com várias citações), em I Reis 2.10,11. Peço que meu leitor veja as notas ali, as quais também se aplicam aqui.

> *Penso continuamente naqueles que foram*
> *realmente grandes,*
> *Que, desde o ventre, relembraram a*
> *história da alma,*
> *Através dos corredores da luz,*
> *onde as horas são sóis,*
> *Intermináveis e cantantes.*
> *Cuja amável ambição*
> *Era que seus lábios, ainda que*
> *tocados pelo fogo,*
> *Falassem do espírito, revestido em cântico,*
> *da cabeça aos pés.*
> *Aqueles que em vida lutaram pela vida,*
> *Que usaram no coração o centro do fogo.*
> *Nascidos do sol, viajaram por um pouco*
> *em direção do sol.*
> *E deixaram o ar vívido assinado com sua honra.*
>
> (Stephen Spender)

29.29

O leitor que quiser mais detalhes sobre o reinado de Davi poderá examinar vários livros que o cronista usou como fontes informativas. Ele já havia mencionado a *história do rei Davi* (27.24), que provavelmente é uma referência ao livro da História dos Reis de Israel e de Judá. Erramos ao supor que aqueles livros foram, realmente, somente seções de livros canônicos do Antigo Testamento. Ver I Reis 14.19 quanto a uma discussão do livro da história e de outros livros perdidos do período do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Livros Perdidos da Bíblia* e *Livro (Livros).*

Outros livros perdidos, fontes informativas usadas pelo cronista, foram *Crônicas de Samuel; Crônicas do Profeta Natã* e *Crônicas de Gade, o Vidente.* Se essas personagens foram mesmo autores desses livros, ou se esses livros foram atribuídos a elas, é um quebra-cabeça que não temos como resolver. Naturalmente, parte do material livros foi preservado nos livros canônicos do Antigo Testamento, mas exatamente o quanto foi empregado, é impossível de determinar. O restante desses livros caiu no esquecimento, pois o cânon do Antigo Testamento deixou-os ultrapassados. John Gill (*in loc.*) certamente labora em erro ao *identificar* nossos livros canônicos de I e II Samuel com esses livros. Mas Adam Clarke por certo mostrou-se correto ao afirmar: "Esses escritos perderam-se todos, exceto algumas particularidades, espalhadas nos livros de Samuel, Reis e Crônicas".

29.30

O cronista, usando suas obras de consulta (vs. 29) e adicionando a elas seu próprio material, deu-nos um relato do reino e do poder de Davi, mas proveu uma história relativamente abreviada, e assim convocou os leitores a consultar as obras informativas que ele mesmo havia empregado. O *impacto* de sua obra foi exaltar a dinastia davídica, porquanto foi esse poder político que permitiu a continuidade de Israel após o cativeiro babilônico (depois do qual o autor sagrado escreveu o seu livro).

Todos os acontecimentos que se deram com ele. Davi foi apanhado no fluxo de uma história divinamente dirigida, e desempenhou bem o seu papel, moldando alguns eventos a fim de adaptar-se ao propósito divino para sua própria vida e para a vida da nação de Israel. Foi assim que o poder de Deus usou o ser humano, e, em *síntese,* a vontade de Deus foi cumprida naquele período, a despeito de alguns clamorosos pecados e falhas, por parte de Davi. Apesar desses fracassos, "Davi foi crente verdadeiro, zeloso adorador de Deus, mestre de Sua lei e adoração, e inspirador de Seus louvores; glorioso exemplo e fonte perpétua e inexaurível de verdadeira piedade; herói consumado e inigualável; governante habilidoso e patriota constante; e, o que ainda é mais raro, inimigo generoso e magnânimo; verdadeiro penitente; músico divino, poeta sublime e profeta inspirado" (dr. Delaney, *in loc*).

E com todos os reinos daquelas terras. Davi derrotou *oito* dos inimigos de Israel (ver as notas em II Sam. 10.1) e assim trouxe paz e consolidou a monarquia em Israel. Ele estabeleceu algumas relações amistosas com outras nações, mormente com Hirão, rei de Tiro, que trabalhou visando a vantagem de Israel. Cf. I Crô. 14.17. A reputação de Davi como guerreiro lançou o temor no coração dos povos circunvizinhos.

A *versão siríaca* adicionou ao livro esta nota de rodapé: "... Davi fez o que era bom na presença do Senhor e não se desviou de coisa alguma que lhe havia sido ordenada, por todos os dias de sua vida".